UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA DO NORTE E NORDESTE DO BRASIL
LINHA DE PESQUISA: MEMÓRIA, CULTURA & MODERNIDADE

O SENHOR DA PEDRA:
OS USOS DA MEMÓRIA DELMIRO GOUVEIA (1940-1980)

DILTON CÂNDIDO SANTOS MAYNARD

ORIENTADORA: PROF.ª DR ª. SÍLVIA CORTEZ SILVA

RECIFE

2008

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA DO NORTE E NORDESTE DO BRASIL
LINHA DE PESQUISA: MEMÓRIA, CULTURA & MODERNIDADE

TESE DE DOUTORADO

O SENHOR DA PEDRA:
Os usos da memória de Delmiro Gouveia (1940-1980)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutor em História.

DILTON CÂNDIDO SANTOS MAYNARD

ORIENTADORA: PROF.ª DR.ª SÍLVIA CORTEZ SILVA

RECIFE

2008

Catalogação na Fonte (CIP)

MAYNARD, Dilton Cândido Santos
M422s O senhor da pedra: os usos da memória de Delmiro Gouveia (1940-1980) / Dilton Cândido Santos Maynard. – Recife, 2008.
314p.: il

Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco.

Bibliografia

Orientador (a): Profª.Drª. Sílvia Cortez Silva

1. História do Brasil – Nordeste 2. Historiografia 3. Delmiro Gouveia - Memória I -Título

Índices para catálogo sistemático:

1 – Brasil : História : Nordeste 981.34
2 – Historiografia : História do Nordeste 981.34
3 – Delmiro Gouveia : Memória 920

Todos os direitos reservados. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou processo, sem prévia autorização do autor. (Lei n. 5.988, de 14/12/73, art. 122-130 – D.O.U.-18/12/73).

Recife/PE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

ATA DA DEFESA DA TESE DO ALUNO DILTON CÂNDIDO SANTOS MAYNARD.

Às 09:00h do dia 25 (vinte e cinco) de janeiro de 2008 (dois mil e oito), no Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Tese para obtenção do grau de Doutor apresentada pelo aluno **Dilton Cândido Santos Maynard** intitulada **"O Senhor da Pedra: os usos da memória de Delmiro Gouveia (1940-1980)"**, em ato público, após argüição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito **"APROVADO COM DISTINÇÃO"**, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Sílvia Cortez Silva (orientadora), Antônio Paulo de Moraes Rezende, Antônio Jorge de Siqueira, Antônio Fernando de Araújo Sá e Francisco Carlos Teixeira da Silva. Assinam, também, a presente ata o Coordenador, Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro e a Secretária do Deptº de História, Rogéria Feitosa de Sá, para os devidos efeitos legais.

Recife, 25 de janeiro de 2008.

Profª. Drª. Sílvia Cortez Silva.

Prof. Dr. Antônio Paulo de Moraes Rezende.

Prof. Dr. Antônio Jorge de Siqueira.

Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá.

Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira da Silva.

Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro.

Rogéria Feitosa de Sá.

Para D.Conceição, minha mãe.

À minha esposa Andreza, que comigo compartilhou tormentas, vasculhou arquivos; lembrou-me de almoços, me curou doenças, reclamou ausências e dividiu com "a outra", a tese, as atenções. Sempre que ela sorria, as coisas pareciam mais fáceis.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo auxílio oferecido através de bolsa de pós-graduação.

À Profa.Dra. Sílvia Cortez Silva, agradeço por me chamar de “filho”, me tratar como tal e por lapidar com palavras de carinho as minhas inquietações.

Ao Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá, pelos produtivos debates sobre os rumos da tese e pelo incentivo freqüente. Você, como poucos, influenciou este trabalho.

Ao Prof. Dr. Antônio Paulo Rezende, por me tornar um historiador mais humano.

Na Secretaria do PPHG/UFPE sou grato a Carmem e Marta, sempre solícitas. Aluízio Medeiros, responsável por “milagres” para realização da defesa em circunstâncias especiais, terá minha eterna gratidão.

Alguns profissionais, mesmo à distância, contribuíram através de comentários e sugestões: Prof. Dr. Jaime de Almeida (UnB); Prof. Dr. Péricles Andrade (UFS); Davi Bandeira, “delmirólogo” que, de Maceió, ofereceu total apoio ao trabalho. Em Salvador, tenho dívidas com Armando Almeida, D.Eunice e Geraldo Sarno.

Aos colegas Jeannie “Jinny” Menezes, Lucas Victor (Historiador de mão cheia e *cicerone* inigualável), Natália Barros e Marcelo Figueiredo (leitor atento e grande interlocutor).

À professora Maria Cristina que, afogada em compromissos, evitou o naufrágio do texto em erros gramaticais.

Ao amigo Cristiano Gomes e família: Luciana e Vinicius, pelos momentos de descontração. A Davi agradeço pelas conversas e sugestões bibliográficas.

Ao povo de casa, em especial a Daniel Santos e Cândido Maynard, irmãos que padeceram com minhas necessidades frente a computadores indóceis; Áurea, Aldinira e Vivian Cruz, partes não tão novas da minha vida são, agora, também família.

A Hermelino Góis, amigo e irmão.

RESUMO

São muitas as memórias produzidas sobre Delmiro Gouveia. Esta pesquisa se propõe a analisar alguns destes trabalhos, observando como se constituiu a história da memória do capitalista nascido em 1863, em Ipú, Ceará, e morto a tiros em Pedra, sertão de Alagoas. Exportador de couros que ficou conhecido no Recife como o *Rei das Peles*, Delmiro foi alvo de palestras, eventos, biografias, romances, ensaios, peças de teatro e filmes. Assim sendo, investigam-se tanto a elaboração destes diferentes suportes das memórias, quanto as suas relações com os principais empreendimentos do cearense, considerando as suas apropriações, metamorfoses e permanências na concepção de um mito modernizador. Negociante de investimentos diversificados e polêmicos – como o *Mercado do Derby* (1899-1900), em Recife, a usina hidrelétrica de *Angiquinho*, em Paulo Afonso, Bahia, criada em 1913, e a Fábrica de linhas, fundada na Pedra em 1914, Delmiro foi utilizado como ícone em diferentes momentos da história do Brasil. Uma série de arranjos complexos pode ser percebida entre os anos 1940, quando as discussões sobre o aproveitamento energético do Baixo São Francisco se ampliaram – tempos em que não havia uma só obra dedicada a Delmiro –, e os anos 1980 – quando o coronel já acumulava mais de uma dezena de biografias –, época em que ele já aparece consolidado como mártir da indústria nacional contra os *trusts* estrangeiros. Para intelectuais como Assis Chateaubriand e Oliveira Lima, Gouveia foi considerado um contraponto ao atraso dos sertões; foi retratado como um disciplinador por Mário de Andrade e Graciliano Ramos, eleito exemplar da burguesia nacional desorientada por comunistas como Octávio Brandão e Pedro Motta Lima. No Recife, uma das suas casas foi escolhida por Gilberto Freyre para ser a sede do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Lapidado por pesquisadores como Mauro Mota, Paulo Dantas, Francisco Magalhães Martins, Tadeu Rocha e Adalberon Lins, o "Coronel dos coronéis" tornou-se um mito que ora foi civilizador, ora foi pioneiro e industrial. Para que isto fosse possível, as celebrações do seu centenário de nascimento ocorridas em Pernambuco e Alagoas, em 1963, foram fundamentais. Tais comemorações, que deveriam combater um pretenso "silêncio oficial" imposto aos feitos de Delmiro, influenciaram biografias e outras produções sobre o senhor da Pedra não apenas na efeméride, mas no decorrer dos anos 1960 e 1970. Através destas intervenções nas memórias, por meio de apagamentos cuidadosos de aspectos da personagem – as suas ações violentas, os seus negócios ilícitos, as suas relações com oligarquias, o rígido controle sobre o cotidiano dos seus empregados, entre outras coisas – esperava-se delimitar para Gouveia um lugar na história nacional.

PALAVRAS-CHAVES: Delmiro Gouveia – Historiografia - Memória – Modernização

ABSTRACT

A lot memories have been produced about *Delmiro Gouveia*. This research proposes analyse some of these works, observing how was established the history capitalist born in 1863, in *Ipu, Ceará* and killed by shots in *Pedra, Alagoas* backlands. Leather exporter known in Recife as the King of Pelts, Delmiro was target of conversations, events, biographies, fictions, plays and movies. This way, investigate as elaboration of these different supports of memories, like its relations with the main undertaking of *cearense*, considering its appropriations, metamorphoses and permanence in conception of a modernization myth. He was a dealer of diversificates and polemics investments - like the *Mercado do Derby* (1899-1900), in *Recife*, the hydroelectric usine of *Angiquinho* in *Paulo Afonso*, Bahia, build in 1913 and the sewing factory founded in *Pedra* in 1914, Delmiro was utilized as icon in different moments of Brazil history. A series of complex arrangement can be perceived around 1940, when discussions about the energetic utilization of *Baixo São Francisco* amplified - times there weren't only one workmanship dedicated to Delmiro, and in 1980 when the colonel already accumulated a lot of biographies -, epoch that he already appears consolidated as martyr of national industry against the foreigner trusts. For intellectual like *Assis Chateaubriand* and *Oliveira Lima*, Gouveia was considered a put against at delay of backlands: He was said as a disciplinary by *Mário de Andrade* and *Graciliano Ramos*; he was elected exemplar of national bourgeoisie lead by communist like *Octávio Brandão* and *Pedro Motta Lima*. In *Recife*, one of his houses was choose by *Gilberto Freyre* to be the headquarters of Social Research Joaquim Nabuco Institute. He was lapidated by researchers like *Mauro Mota, Paulo Dantas, Francisco Magalhães Martins, Tadeu Rocha* and *Adalberon Lins*, the "Colonel of the colonels" became a myth such a civilizer, such a pioneer and industrial. For this being possible, the celebration of his centennial born happened in *Pernambuco* and *Alagoas*, in 1963, it was basic. Such commemorations that should combat a pretentious "official silent" imposed to the workmanship's Delmiro influencered biographies and others productions about the "lord of Pedra" not only in the temporary, but along the years 1960 and 1970. Through these interventions in the memories, by careful destruction's aspects of personage his violents actions, his illicit business, his relations with *oligarquias*, the rigid control about the day by day of his employed, among other things – expected delimit to Gouveia a place in the national history.

Key Words: Delmiro Gouveia – Historiography – Memory – Modernization.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

1. Interior da Fábrica da Pedra 66
2. O Mercado do Derby 66
3. O “Ninho da Águia” 66
4. Planta da Vila Operária da Pedra 67
5. Róseo Moraes do Nascimento 67
6. Róseo e “Jacaré”, acusados do assassinato de Delmiro 67
7. Delmiro Gouveia 68
8. Escritório da Fábrica da Pedra 68
9. Delmiro recepciona caravana comandada por Manoel Borba 68
10.Residência de Gouveia na Pedra 68
11.Padre Cícero com aproximadamente 80 anos 83
12. Propaganda das linhas *Padre Cícero* - 1927 83
13. Beato José Lourenço 83
14. Tadeu Rocha Palestra no Instituo Joaquim Nabuco 129
15. Cartaz da Corrida do Fogo Simbólico no centenário de nascimento de Delmiro 129
16. Capa da biografia escrita por José Araripe 152
17. Capa da biografia escrita por Olympio Menezes 152
18. Capa da biografia escrita por Francisco Magalhães 152
19. Tadeu Rocha 152
20. Mauro Mota 152
21. Jorge Amado e Pedro Motta Lima 202
22. A escada em espiral que conduz ao “Ninho da Águia” 202
23. Uma das ruas da Vila da Pedra 202
24. Quadro de horários da Fábrica da Pedra 203
25. Propaganda da linha “Estrella” 203
26. Fachada da Fábrica da Pedra 203
27. Carretéis de linhas produzidas na Fábrica da Pedra 203
28. *Angiquinho* 256
29. Trecho do rio São Francisco 256
30. Delmiro enfrenta Zé Rodrigues 267
31. Delmiro é ovacionado pelos sertanejos 267

32. A sagração do *Coronel Delmiro Gouveia* 267
33. Delmiro Gouveia chega ao sertão com Eulina, fugindo do Recife 268
34. Delmiro e Iona 268
35. Cartaz do filme *Coronel Delmiro Gouveia* 268
36. Eulina (Sura Derditchesvski) 268
37. Coronel Ulisses Luna (Jofre Soares). 269
38. Zé Pó (José Dumont) encara a câmera 269
39. Ex-operário entrevistado por Geraldo Sarno 269
40. Zé Pó e o patrão Delmiro. 270
41. Zé Pó ajuda a destruir as máquinas da Fábrica da Pedra. 270
42. A vila da Pedra 270
43. Abertura do filme *Delmiro Gouveia (o homem e a terra)* 271
44. A cachoeira de Paulo Afonso 271
45. O biógrafo Tadeu Rocha 271
46. Ilustração do assassinato de Delmiro 271

SUMÁRIO

Introdução 13
1. Delmiro Gouveia: Histórias & Memórias 13
2. O Senhor do reino da Pedra 19
3. Notas sobre Delmiro Gouveia na historiografia brasileira 27
4. As fontes da pesquisa 34
5. Os capítulos 37
Capítulo 1
"Uma resposta a Canudos": intelectuais, reminiscências e a invenção de um mártir 40
1.1. A invenção do mártir civilizador 40
1.2. Oliveira Lima: Londres em pleno sertão 45
1.3. O "caboclo genial" e a "Chanaan Sertaneja" 53
1.4. O "Antônio Conselheiro do Trabalho" 56
1.5. Graciliano e as memórias sobre Delmiro Gouveia 65
1.6. Três apropriações 76
1.7. Alinhavando contradições 87
Capítulo 2
Os centenários do Pioneiro: as comemorações em Pernambuco e Alagoas (1963) 92
2.1. 1963 ou "Ano Delmiro Gouveia" 93
2.2. Homenagens no Congresso Nacional 99
2.4. O Instituto Joaquim Nabuco & Delmiro Gouveia 104
2.3. Delmiro e as memórias em disputa 106
2.5. A Semana Delmiro Gouveia 109
2.6. O Centenário em Alagoas 127
2.7. As comemorações e os seus significados 134

Capítulo 3
Receita para se fazer um herói: as biografias de Delmiro Gouveia (1960-1970) 139
3.1. Tráfico de memórias: as biografias e a história 141
3.2. As biografias 146
3.3. Vendedores de passado: os biógrafos 149
3.4. Água, sabão, escova de dentes e pente: queda e ascensão do mártir civilizador 158
3.5. Sob o signo das águas, as origens do herói 161
3.6. "Cherchez la femme": os biógrafos e os silêncios das mulheres 165
3.7. Entre duas cidades: Recife e Pedra 170
3.8. A primeira tragédia: a morte do homem 171
3.9. Brincando de ser Deus 184
Capítulo 4
Narrativas dos tempos da Pedra: representações literárias sobre Delmiro Gouveia 190
4.1. Em busca do tempo perdido: a Fábrica e os operários da Pedra 193
4.2. Paulo Dantas e a apologia de Gouveia 215
4.3. O Ninho da Águia: nacionalismo e redenção modernizadora 224
4.4. Um coronel, três literatos 236
Capítulo 5
O coronel vai ao cinema: memórias da modernização do sertão em duas narrativas fílmicas 241
5.1. Além do que se vê: o filme, objeto da história 242
5.2. O cinema, os anos 60 e a redescoberta do Brasil 247
5.3. A Fabricação da memória no filme Delmiro Gouveia 250
5.4. Delmiro Gouveia: o homem, a terra e o documentário 276
5.5. Delmiro entre o documentário e a reconstituição histórica 283
Conclusão 287
Bibliografia 293

INTRODUÇÃO

1. DELMIRO GOUVEIA: HISTÓRIAS & MEMÓRIAS

Noite de 10 de outubro de 1917, Pedra, sertão de Alagoas. Seguindo um velho hábito, Delmiro Gouveia sentou no alpendre do seu chalé, localizado fora do perímetro da vila operária erguida para seus empregados, lugar em que costumava receber as suas amantes, para ler os jornais. Ajeitou-se sob a lâmpada. O silêncio noturno foi quebrado pelos sons de disparos. Gouveia percebeu que foi alvejado. Não demorou e tombou. Arrastado para dentro de casa, ainda foi atendido. Em meio a sangue, perguntou pelos *cabras* que fizeram o serviço, rogou a proteção de uma santa e morreu[1]. Assim, dois tiros deram fim a uma das figuras mais polêmicas da vida nordestina. Morto Delmiro, o homem, com o passar do tempo ganhou vida o seu mito. Mito alimentado em diferentes produções culturais: biografias, filmes, ensaios, crônicas, contos, romances, artigos, exposições e monumentos.

Todavia, como lembrou Carlo Ginzburg, a "continuidade de palavras não significa necessariamente continuidade de significados"[2]. Deste modo, o objetivo desta pesquisa é investigar a elaboração das memórias produzidas sobre Delmiro Gouveia e seus principais empreendimentos. Para isto analisam-se as apropriações, metamorfoses e permanências na concepção de um "mito modernizador" entre as décadas de 1940 e 1980. Empresário cearense de investimentos diversificados e polêmicos – como o *Mercado do Derby* (1899-1900), em Recife, a usina hidrelétrica de *Angiquinho*, em Paulo Afonso (BA), criada em 1913, e a Companhia Agro-Fabril Mercantil (CAM), a Fábrica da Pedra, fundada em 1914, pioneira na produção de linhas de costura no Brasil –, Delmiro Gouveia e os feitos a ele atribuídos, como a introdução de automóveis no sertão e o aproveitamento das águas do São Francisco, se transformaram em componentes de uma espécie de "sonho trágico" para

1 LIMA JÚNIOR, Félix. **Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão alagoano**. 2ed. Maceió: Departamento Estadual de Cultura/Federação do Comércio do Estado de Alagoas, 1983. (Coleção Vidas e Memórias); ASSASSINATO covarde. **Diário da Manhã**. 12.out.1917. p.02; DELMIRO Gouvêa. **Correio de Aracaju**. 12 out.1917.p.01; DELMIRO Gouveia. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 20 out. 1917. p.18

2 GINZBURG, Carlo. Mito: distância e mentira. In: **Olhos de Madeira: nove ensaios sobre a distância**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.p.42

as narrativas sobre o Nordeste e, ao mesmo tempo, elevaram o "Coronel dos Coronéis" a um dos ícones privilegiados nas representações sobre o subdesenvolvimento brasileiro. Descrito como o modernizador que levou a civilização às caatingas, o negociante esteve presente em diferentes produções culturais desde os anos 1940, sendo que nos 1980 as idéias ali gestadas se mostram consolidadas, embora os seus efeitos não tenham sido os esperados.

Ao se propor uma história cultural das memórias de Delmiro Gouveia este trabalho se afasta de qualquer reducionismo presente na frágil idéia de que há uma identificação automática na forma como os grupos sociais e os indivíduos relembram[3]. Uma simples observação de Maurice Halbwachs (1877-1945) atenta para as dificuldades envolvendo a memória e o seu caráter fragmentário: "em realidade, nunca a imagem de um falecido se imobiliza. À medida em que recua no passado, muda, porque algumas impressões se apagam e outras se sobressaem, isto é, segundo as condições novas onde ela se encontra quando nos voltamos para ela"[4]. A princípio, parece ser o caso de Delmiro. O seu assassinato estabeleceu certo silêncio por décadas. Alagoas deu rapidamente o crime por solucionado (apesar de erros grosseiros nas investigações). Envolvido com a política local, desequilibrando o poder das tradicionais oligarquias regionais e indesejado por outros negociantes, Delmiro Gouveia não deveria ser lembrado. A venda de sua fábrica para a Machine Cotton (1929) e a destruição de parte do seu maquinário – jogado na queda d'água de Paulo Afonso em 1930 – deveriam calar conflitos e pôr uma pá de cal sobre as lembranças do coronel. Todavia, "as memórias de conflitos também são conflitos de memórias"[5]. Referências a Gouveia continuaram a aparecer nos lugares mais diferentes.

A imagem de civilizador, alimentada por narradores como Assis Chateaubriand (1892-1960), influenciou intelectuais, empresários e jornalistas. Mário de Andrade (1893-1945), inclusive, livrou o seu preguiçoso *Macunaíma* (1928) do convívio com Gouveia. A mesma característica é marcante em "Recordações de uma indústria morta", crônica de

3 Cf.BURKE, Peter. História como memória social. In: **Variedades de história cultural**. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p.67-90[.p.70].
4 HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/ Ed. Revista dos Tribunais, 1990. (Biblioteca Vértice Sociologia e Política). p.74
5 BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.p.90

Graciliano Ramos (1892-1953)[6]. A representação de Gouveia enquanto um empreendedor que promovia uma "resposta a Canudos", como afirmava Chateaubriand, ajudou a fermentar a produção de diversos trabalhos nos quais o cearense surgia como um ícone de progresso, burguês nacionalista e redentor do sertão. Por sua vez, a necessidade de discutir o potencial hidrelétrico do São Francisco e a modernização do país fomentou a retomada de Gouveia. Após décadas de silêncio, Delmiro era elevado a "antecipador" da empresa incumbida de contribuir na "arrancada de progresso e desenvolvimento" do Nordeste, a Companhia Hidroelétrica do São Francisco[7].

O surgimento da CHESF, oficializada em 03 de outubro de 1945 pelo Decreto-Lei 8. 031 e a reflexão sobre os impactos de intervenções governamentais na região do São Francisco ampliaram a sombra de Delmiro. A partir do fim do primeiro governo Vargas (1930-1945), o nome do empresário apareceu atrelado ao projeto de aproveitamento do Velho Chico. O debate em torno do potencial hidrelétrico do "rio da unidade nacional", até ali inaproveitável, tornou-se o ambiente adequado para freqüentes artigos em jornais e biografias referentes ao pioneirismo de Gouveia, legitimando o discurso sobre a viabilidade e a importância da CHESF. Exemplo disto, uma das primeiras obras elaboradas no contexto de surgimento da Companhia, dedicava um capítulo a Gouveia[8]. Nos anos 50, o cearense foi citado como exemplo nos debates sobre a Hidrelétrica de Paulo Afonso (que entrou em funcionamento em 1954 e foi inaugurada em 1955). Na mesma época, Delmiro ganhou dois significativos lugares de memória[9]. Primeiro, em 1952, a antiga Vila da Pedra foi

6. CHATEAUBRIAND, Assis. Uma resposta a Canudos. **Diário de Pernambuco**. Recife, 10 set. 1917. p.03; ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. 30 ed. Tex.Rev. Tele Porto Ancona Lopez. Belo Horizonte: Vila Rica, 1997; RAMOS, Graciliano. Recordações de uma industria morta. In**: Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste**. 7ed. Rio Grande do Sul/ São Paulo:Record/ Martins Fontes, 1977.p.113-116.

7 Ver HÁ 30 anos a CHESF iniciava arrancada pelo progresso e desenvolvimento do Nordeste. **InforChesf**. Paulo Afonso, n.04, out. 1974, p.05. Sobre a repercussão do assassinato de Gouveia ver: DELMIRO Gouveia. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 20 out. 1917, p.18; DELMIRO Gouveia: o pioneiro do sertão. **Tribuna do Sertão**. Palmeira dos Índios, AL, 01-07 jan. 2001.p.11.

8 Cf. ANDRADE, Manuel Correia de. **O Nordeste e a questão regional**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1993. (coleção princípios); ROCHA, Geraldo. **O Rio São Francisco: fator precípuo da existência no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946

9 NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Projeto História**. São Paulo, 1981.p.7-28.p.13

rebatizada, tornando-se “Delmiro Gouveia”. Pouco depois, uma canção de Luiz Gonzaga posicionava Gouveia como pioneiro de Paulo Afonso[10].

Em 1961, Delmiro foi chamado de “Champolión de Sobral”, decifrador dos “hieróglifos mágicos” de Paulo Afonso[11]. Nesta mesma época, se aprofundaram estudos sobre as suas origens. O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais estabeleceu uma série de atividades celebrativas e incentivou intelectuais a escreverem biografias do cearense. Assim, entre 1961 e 1967, diversos escritos surgiram a partir dos trabalhos empreendidos pela instituição pernambucana. Num contexto em que as explicações para o nosso subdesenvolvimento eram pensadas, o nome do cearense apareceu em diferentes ocasiões como índice modernizador no debate. E tais referências não se limitaram aos jornais e livros. Delmiro também chegou ao cinema.

Em 1971, Ruy Santos produziu o curta-metragem *Delmiro Gouveia: o homem e a terra*. Em preto e branco, o filme de Santos termina com um lamento pelo fato de um “irmão lobo”, por ignorância, ter matado aquele que “inspirado pelo santo, ia fazer o milagre da multiplicação e remir o sertão”. Pouco depois, em 1977, Geraldo Sarno e Orlando Senna produziram o longa-metragem *Coronel Delmiro Gouveia.* Na película, Gouveia luta sozinho contra uma série de forças hostis (oligarquias, trustes internacionais) que pretendem manter o sertão e o Brasil longe das benesses do mundo urbano-industrial[12]. Os filmes, assim como os demais vetores da memória de Delmiro, trazem à tona o sertão como uma categoria fundamental na compreensão das apropriações empreendidas sobre o cearense.

“O sertão está em toda parte”, escreveu Guimarães Rosa, uma das matrizes mais recorrentes quando de se trata de definir culturalmente este espaço presente na literatura em diferentes épocas. Mas como definir este lugar? Para Rosa, sertão é, entre outras coisas, “onde os pastos carecem de fechos; um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristojesus, arredado do arrocho de autoridade”[13] Esta idéia de um espaço “arredado do arrocho de autoridade” não é invenção de Rosa,

10 Cf. DANTAS, Zé; GONZAGA, Luiz. Paulo Afonso. GONZAGA, Luiz. **Paulo Afonso**. BMG, 1955. LP vinil 78 RPM. (801441a)
11 DELMIRO Gouveia, cem anos após. **Jornal do Commercio**. Recife, 15 abr.1961. p. 04.
12SANTOS, Ruy. **Delmiro Gouveia (o homem e a terra)**. Recife: FUNDAJ, 1971.P&B. 9min. Documentário; SARNO, Geraldo e SENNA, Orlando. **Coronel Delmiro Gouveia Roteiro Premiado no Festival de Brasília -1978**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1979. p.108.
13 ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.p.8

aparecendo em textos anteriores, como aquele produzido por Euclides da Cunha, que influenciou gerações inteiras na interpretação da "terra ignota", "oceano imóvel, sem vagas e sem praias" do qual rareavam "notícias exatas ou pormenorizadas"[14]. Assim, o que se tem é um espaço que, originalmente impreciso, tornou-se sinônimo de lugar afastado do litoral, marginal, desconectado do Estado e do mundo civilizado.

Esta concepção se fortalece no final do século XIX e permanece vigorosa nos novecentos, marcando o sertão como lugar no qual se percebem como elementos definidores o distanciamento do poder público e, conseqüentemente, dos projetos modernizadores do Estado. Nos trabalhos aqui analisados, o mundo sertanejo será pensado dentro da perspectiva euclidiana. Foi este tipo de olhar imposto sobre partes isoladas do país que motivou diferentes profissionais a escreverem e tentarem entender as clivagens entre as diferentes zonas nacionais, os abismos culturais e econômicos estabelecidos frente ao litoral. Euclides é a matriz para estas reflexões. A certeza por ele esboçada de que "a civilização avançará nos sertões impelida por essa implcável 'força motriz da História'" evidencia o antagonismo entre as duas zonas[15].

Conforme Antônio Fernando Sá, "ainda vemos uma associação da idéia de Sertão como metáfora do Brasil, no sentido de uma brasilidade essencial, materializada em imagens e representações diversas – seja no pensamento social, seja na música, nas artes plásticas, no cinema e na literatura"[16]. Estas associações relacionam-se a problemas levantados por Euclides em *Os Sertões* (1902). Desde os confrontos oriundos da destruição do arraial de Canudos (1893-1897), as elites e os intelectuais brasileiros passaram a se ocupar da incorporação de outros segmentos sociais na formação histórica do país. A partir de Euclides também se expandiu a oposição entre o sertão – concebido como espaço de barbárie, resistente ao moderno, afastado do poder público – e o litoral, lugar do moderno, da civilização, porém, de pouca autenticidade. É, portanto, a partir de contrastes entre estes dois lugares que a perspectiva euclidiana se constitui. E ela acompanhou uma tendência: "a

14 CUNHA, Euclides. **Os Sertões: campanha de Canudos**. 39 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1997.p.20, 62
15 Ibidem. p.8
16 SÁ, Antônio Fernando. **Filigranas da memória: história e memória nas comemorações dos centenários de Canudos (1993-1997)**. PPGH/UnB: Brasília, 2006. Tese de Doutorado. p.15

idéia de construir o sertão a partir do litoral marca o pensamento social brasileiro", observou Nísia Lima[17].

Em meio a estas discussões sobre os rumos do sertão, correntes entre os anos 1960 e 1970, época das comemorações pelo seu centenário de nascimento, a quantidade de eventos e escritos sobre Delmiro e a cidade da Pedra "atinge proporções extraordinárias"[18]. No mesmo período, a CHESF promovia pequenos filmes propagandísticos nos quais o empresário cearense era lembrado como exemplo para os "soldados do progresso na guerra contra o subdesenvolvimento". Nestes vídeos, apareciam "operários de todos os quadrantes do país", empenhados numa "missão de fé" pelo Brasil. E desenvolver o país era domar os seus sertões. Delmiro era apontado como um autêntico nacionalista, disciplinador. Intelectuais como Mauro Mota e Gilberto Freyre, em palestras oferecidas a militares e civis, apresentavam o cearense "sociologicamente pernambucano"[19].

Representado como "modernizador do Nordeste", Delmiro Gouveia recebeu epítetos antagônicos: "evangelizador dos sertões", "desvirginador", "ponteiro", "diplomata por índole", "orgulho ancestral do moço guarani", "higienizador", "dândi", "visionário com alma de cangaceiro", "Conde de Monte Cristo de Ipu", "Coronel do populacho". Recuperado, o capitalista cearense emergiu em diversas comemorações, livros, revistas, jornais e cerimônias.

Mas, o que explica o esquecimento de Delmiro? Este eclipse efetivamente ocorreu? Quais as condições que possibilitaram a retomada da sua memória? Na tentativa de responder a questões como estas, interessa aqui o período em que as referências hoje utilizadas para as representações sobre Delmiro Gouveia foram elaboradas. Isto é, o tempo de gestação, de confecção do mito, este que "é, por definição, um conto que já foi contado, um conto que já se conhece"[20]. Desta maneira, serão considerados os trabalhos envolvendo o empresário cearense no período de 1940 – quando a proposta de exploração do São

17 LIMA, NísiaTrindade. **Um sertão chamado Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ/UCAM/Editora Revan, 1999.p. 61

18 CORREIA, TeIma de Barros. **Delmiro Gouveia: a construção de um mito. Pedra: plano e cotidiano operário no Sertão. O projeto urbano de Delmiro Gouveia**. São Paulo: FAU-USP, 1995 (Tese de Doutorado).

19 Sobre isto ver a série de curtas-metragens disponibilizados pela CHESF em seu *web site* (em especial "Uma viagem pelo mundo da CHESF", feito nas comemorações dos 55 anos da Companhia). Disponível On line via <http://www.Chesf.gov.br/acompanhia_historico.shtml> Acesso em 10 set. 2004.

20 GINZBURG, Carlo. Mito: distância e mentira. In: **Olhos de Madeira: nove ensaios sobre a distância**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.p.84

Francisco ganha corpo e o nacionalismo é oficialmente utilizado como elemento unificador do país – até o início dos anos de 1980 – após o período do "milagre econômico[21]. Antes, porém, é conveniente uma breve apresentação da personagem central deste trabalho.

2. O SENHOR DO REINO DA PEDRA

Por volta de 1860, a jovem Leonila da Cruz Gouveia conheceu Delmiro Porfirio de Farias, rapaz apelidado de *Belo*. Provavelmente o encontro ocorreu em Itambé, na Paraíba[22]. Com cerca de 35 anos, casado com Francisca Mesquita de Farias, pai de 5 filhos, Belo seqüestrou Leonila. A cavalo, o casal, acompanhado por Zé do Fogo, primo de Delmiro, cruzou o sertão numa longa viagem até Ipu, no Ceará. Belo era cavalariano, ou seja, percorria o sertão vendendo animais de montaria e carga, principalmente cavalos. Filho de um coronel poderoso na região, o moço obteve abrigo na Jeramataia, no povoado cearense de Santa Quitéria, onde nasceu a primeira filha do casal, Maria Augusta. Porém, temendo que os jagunços do pai de Leonila, o comendador Ismael Cruz Gouveia, rastreassem seus passos, Belo mudou-se com a moça para a Fazenda Boa Vista, propriedade de sua família. Ali, em 5 de junho de 1863, nasceu Delmiro Augusto da Cruz Gouveia[23].

Os parentes de Leonila, influentes senhores de engenho, não demorariam a saber o paradeiro do casal. Pressionado e ameaçado de prisão, Belo não encontrou escapatória e alistou-se para lutar na Guerra do Paraguai (1864-1870). Morreu com o crânio partido, vítima de uma emboscada às margens da picada Caimbocá, nas linhas avançadas do Taji, em dezembro de 1867[24]. Esta morte, aparentemente mais uma em meio à selvageria da Guerra, foi depois tomada como uma prova de herança heróica para os biógrafos de

---

21 Cf. REZENDE FILHO, Cyro de Barros. **Economia brasileira contemporânea**. São Paulo: Contexto, 1999. (Coleção Manuais); ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & Identidade nacional**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

22 Cf. ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia:o pioneiro de Paulo Afonso**.3 ed.Rev.Aum.Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.p.24

23 LIMA JÚNIOR, Félix. **Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão alagoano**. 2ed. Maceió: Departamento Estadual de Cultura/Federação do Comércio do Estado de Alagoas, 1983. (Coleção Vidas e Memórias); ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia:o pioneiro de Paulo Afonso**.3 ed.Rev.Aum.Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.p.25

24 Cf. MARTINS, F. Magalhães. **Delmiro Gouveia: Pioneiro e Nacionalista**. 2 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. (Coleção Retratos do Brasil, v. 17). p. 25-26.

Gouveia. Com a morte de Belo, Leonila partiu da Fazenda Jerimataia, em direção a Itambé, Pernambuco. Levou consigo os dois filhos. Após passagem por Goiana, fixou-se em Recife. Na capital pernambucana, a moça trabalhou como empregada doméstica do advogado José Vicente Meira de Vasconcellos. No leito de morte, em 6 de outubro de 1877, casou-se com o patrão. Faleceu na manhã do dia seguinte.

Com a morte da mãe, segundo alguns estudiosos do assunto (daqui por diante também chamados de "delmirólogos"), Gouveia deixou a casa do padrasto e passou a realizar pequenos trabalhos. Entretanto, alguns biógrafos divergem desta hipótese e sugerem que embora ele já houvesse começado a trabalhar, ainda não havia deixado a casa do padrasto antes do falecimento de Leonila[25]. De um modo ou de outro, sabe-se que o rapaz foi tipógrafo, trabalhou na Brazilian Street Railways Company como funcionário na "maxambomba" (como os recifenses chamavam as *machine pumps*) da linha Recife-Apipucos. Na mesma empresa, tornou-se chefe da estação de Caxangá. Depois virou mascate, chegando a despachante de barcaças no Cais de Ramos. Por fim, adentrou o ramo do negócio de peles de bode, carneiro e cabra. Em 1896, criou a casa Delmiro & Cia. Nas palavras de Graciliano Ramos, "conheceu todos os segredos do oficio, adquiriu tanta habilidade que poderia, segundo afirmam os tabaréus, esfolar uma cabra viva sem que ela percebesse que estava sendo esfolada"[26].

Atacando ferozmente a concorrência, em pouco tempo Gouveia aparecia nos jornais como o "Rei das Peles". Tornou-se o único exportador de couros do Nordeste para os Estados Unidos. Os lucros trouxeram uma vida de fausto para o jovem negociante. Ele transformou a sua residência, a *Vila Anunciada* (assim batizada em homenagem à primeira esposa), num espaço para grandes festas e saraus. Mesmo sem vir de família tradicional, tornou-se Presidente da Associação Comercial de Pernambuco. Possuía pouca instrução. Um antigo aliado político afirmou que ele "assinava o nome, mal, mas não lia carta, só fazia assinar. Mandava ler para assinar. E, assim mesmo, escolhendo letra (...). Pedia a

25 MELLO, Frederico **Pernambucano de. Delmiro Gouveia: desenvolvimento com impulso de preservação ambiental**. Pref. Fernando de Mello Freyre. 2 ed. ampl. Recife: CHESF/FUNDAJ: Ed. Massangana, 1998; MOTA, Mauro. **Quem foi Delmiro Gouveia?** São Paulo: Edições Arquimedes, 1967. (coleção Para Todos, 2); MENEZES, Hildebrando. **Delmiro Gouveia: Vida e Morte**. Apresent. Paulo Cavalcanti. Recife:CEPE, 1991. (Fac-sím. Rio de Janeiro: Ed. Quipapá, 1966).
26 RAMOS. **Op.Cit.**p.113-116.

palavra para fazer um discurso e se pensava que era um bacharel"[27]. Sabia algo de francês, inglês e italiano. Ditou moda com os "colarinhos Delmiro Gouveia". Conforme um dos seus biógrafos, o dândi era "fisicamente forte, corpo cheio, notadamente o tronco, mas bem proporcionado, com a estatura de mais ou menos 1,75 metro"[28]. A fama de negociante próspero logo foi acompanhada pela de galanteador. Enviava rosas e bilhetinhos apaixonados às amantes.

Delmiro visitou a Exposição Universal de Chicago, em 1893. Voltou de lá com idéias. Uma delas provavelmente foi o Mercado do Derby. O "Derby de Delmiro" era um mercado com área de 129m de comprimento, por 28 de largura. Os seus 18 portões, 112 janelas e venezianas abrigavam 264 boxes, todos com balcões de mármore, dispostos em alas paralelas, onde se vendiam hortaliças e verduras. Dotado de restaurante, o lugar possuía um sistema de esgoto eficiente. Visitantes que desembarcavam no porto da capital podiam ser transportados pelo leito do rio Capibaribe para um hotel construído próximo ao mercado. Outra atração, talvez a maior delas, era a iluminação elétrica, inédita no Recife. Dia e noite as pessoas corriam ao Derby. O povo queria experimentar os carrosséis, divertir-se com as retretas, barracas de prendas, o teatro, as regatas, além do velódromo para ciclismo. O mercado representava mais um dos índices da modernidade experimentados pelo Recife no entardecer dos oitocentos[29].

A euforia com as novidades atingia em cheio lugares como o Derby e isto tornava Delmiro ainda mais famoso. É bom lembrar que, para muitos, o Derby foi a primeira versão de um *shopping center* no Brasil. Um lugar voltado para as vendas de produtos alimentícios e gêneros de necessidade doméstica durante o dia e que à noite acolhia festividades. De forma a viabilizar tamanho negócio, Delmiro obteve do prefeito José Coelho Cintra (1843-1939) isenção de impostos municipais e outros favores. O mercado deveria passar às mãos da Prefeitura em 25 anos. Entretanto, Gouveia dispôs pouco tempo do empreendimento[30].

Em 02 de janeiro de 1900, o Derby ardeu em chamas. Fato não muito bem esclarecido, o incêndio no mercado foi, provavelmente, uma resposta à ousadia de Delmiro.

---

27 SARNO, Geraldo. Depoimento e entrevista com o coronel José Abílio (Bom Conselho, janeiro de 1967). **Cadernos do Sertão**. Salvador: NAU, 2006.p. 50-58

28 MARTINS. **Op.Cit**.

29 REZENDE, Antônio Paulo. A chegada do século XX. In: **O Recife: histórias de uma cidade**. 2 ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2005. p.91

30 LIMA JÚNIOR.**Op.Cit.**

Ousadia em eliminar intermediários baixando os preço e ousadia de atacar, a bengaladas, o senador Francisco Rosa e Silva (1857-1929), líder político pernambucano, então vice-presidente da República, na rua do Ouvidor, Rio de Janeiro, em 17 de junho de 1899.A confusão ocorreu depois de, ameaçado nos negócios, sabendo de um matador contratado para executá-lo, o negociante ter procurado, por mais de uma vez, conversar pessoalmente com Rosa e Silva. Porém, após nova discussão, Gouveia tentou agredir o senador com a sua bengala. O político encontrou abrigo numa chapelaria. Na capital da República, os jornais deram destaque ao fato:

> O coronel Delmiro Gouveia esteve hontem em larga conferencia com o Dr. Brazil Silvado, chefe de policia. Parece que versou a conferência sobre a polêmica sustentada por aquelle coronel contra o Dr. Rosa e Silva, vice-presidente da Republica.
>
> Constou-nos que, interpellado pelo Dr. chefe de policia, o coronel Delmiro não concordou em fazer tréguas, declarando aceitar a intimação legal afim de ser responsabilizado pelo que tem escripto[31].

De volta ao Recife, após o incêndio, Delmiro foi preso acusado de ter ordenado o fogaréu para receber o seguro. Na ocasião, ao obter um *habeas corpus*, o negociante negou a autoria do incêndio e investiu contra Segismundo Gonçalves (1845-1915), na época ninguém menos que o governador de Pernambuco e aliado de Rosa e Silva: "falido está S. Excia., no conceito público. Falido está S. Excia. da própria dignidade do seu cargo.(...)Se há entre nós um falido, o falido é S.Excia. político falido de senso moral, de escrúpulo, de critério e de tudo"[32].

Livre destes problemas, Gouveia enfrentou uma séria crise conjugal. Fugindo do redemoinho, viajou para a Europa. Passou cerca de um ano longe dos negócios, que iam mal, longe do casamento com Anunciada Falcão, que desmoronara completamente. Ao retornar, o exportador enfrentou falência. Ele ainda aumentou seus problemas ao raptar a menor Carmela Eulina do Amaral Gusmão, por quem se apaixonou e com quem teria três

31 DELMIRO Gouveia. **O Paiz**. 22 de julho de 1899

32 O texto data de 04 de janeiro de 1900 e foi publicado no dia seguinte no jornal *A Província*: Cf. MENEZES, Olympio. **Itinerário de Delmiro Gouveia**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais/MEC, 1963.p.105-107.

filhos: Noêmia (1904), Noé (1905) e Maria Augusta (1907)[33]. A moça era filha do mesmo Segismundo Gonçalves. Há suspeitas de que a jovem não foi escolhida por acaso. Certos biógrafos sugerem que Eulina foi uma "vingança de saias" aplicada por Delmiro a Segismundo, pelos ataques aos seus negócios. Conforme Magalhães Martins, "Eulina repetia sempre: - 'Eu fui vendida a Delmiro', ou: - 'Delmiro me comprou à minha mãe!'"[34]. Esteja esta hipótese correta ou não, o certo é que o feito levou Delmiro a fugir.

Em Alagoas, Gouveia parou na cidade de Água Branca. Ali recebeu apoio das poderosas famílias Torres e Luna. Retomou o negócio de peles e couros. Recuperou-se dos prejuízos. A fixação na Pedra deu-se em março de 1903. Naquele ano, Delmiro comprou um sítio na vila. Bem próximo, estava a cachoeira de Paulo Afonso. Comprando cada vez mais terras na região da Cachoeira, Gouveia resolveu levar adiante o projeto de uma hidrelétrica a partir da queda d'água[35]. Para isto, associou-se a americanos. Mas, após tudo arquitetado, a idéia para eletrificar o Recife e outras cidades foi rejeitada. O governador Dantas Barreto (1850-1931) teria dito: "O Negócio que o Sr. Propõe é tão vantajoso que deve esconder alguma velhacaria!"[36]. Assim, Gouveia perdeu os parceiros norte-americanos, mas levou o plano adiante, limitando-o às suas terras.

A energia obtida moveu a Fábrica da Pedra, que prosperou auxiliada pelos tempos de Guerra (1914-1918). Com os mares transformados em campos de batalhas e a indústria britânica – dona do monopólio no fabrico de linhas – reorientada para o conflito, os carretéis ingleses passaram a sofrer uma inesperada concorrência no mercado nacional. Pela primeira vez no Brasil, uma indústria produzia linhas de costura. Deste modo, os carretéis marca "Estrela" se espalharam pelo país. Em tempos belicosos, Delmiro adotou o discurso nacionalista como recurso de propaganda: "nossa linha Estrella, artigo genuinamente nacional, é mais forte, macia e melhor confeccionada que qualquer outra marca"[37].

---

33 MENEZES, O. **Op.Cit**

34 MARTINS. **Op.Cit.**p.54

35 Antes de Delmiro, pelo menos três outros projetos foram ensaiados, mas sem sucesso. George Richard Reidy, em 1910; Francisco de Paula Ramos e Hans Hacker, em 1911, e finalmente Francisco Pinto Brandão, em 1913, envolveram-se com a proposta de fornecer energia a partir de Paulo Afonso, mas entraves burocráticos, entre outras coisas, inviabilizaram tais empreitadas. MARTINS. MARTINS, F. Magalhães. **Delmiro Gouveia: Pioneiro e Nacionalista**. 2 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. (Coleção Retratos do Brasil, v. 17).p.72-73

36 MARTINS. **Op.Cit**. p.75

37 **BIOGRAFIAS de Grandes empresários: Delmiro Gouveia**. São Paulo: Editora Três, 1994 (Coleção Dinheiro). p. 26

Expandido os negócios, no exterior Gouveia lançou a linha "Barrilejo". Não foram poucos os clientes estrangeiros: Chile, Argentina, Peru, Bolívia, Antilhas e Terra Nova[38]. Assim, em 1916 o *Almanak Laemmert* apontava como único nome na categoria "capitalista" para a cidade de Água Branca, o "coronel Delmiro Gouveia". O almanaque destacava também o único complexo fabril das proximidades - a Fábrica de Linha da Estação da Pedra[39].

No sertão alagoano a paisagem se modificou com a chegada do negociante. A vila pulou de menos de uma dezena para 258 casas. Quase cinco mil pessoas viviam ali. Bebidas alcoólicas eram proibidas. Evidentemente isto não valia para o *Rei das Peles* que, instalado em um confortável chalé, abastecido de Veuve Cliqcot, Cordon Rouge e vinhos de Bordeaux[40], tornou-se o senhor da Pedra. Seus cinco automóveis, os primeiros a cruzar aqueles sertões, assustavam os camponeses por onde passavam. Foi assim em Bom Conselho, na divisa de Pernambuco com Alagoas. Ali, o intendente Municipal juntou amigos, correligionários políticos, providenciou que o comércio fechasse as portas, "mandou formar as escolas públicas, convocou o povo e, à entrada da cidade, recebeu o pioneiro com música, foguetes e flores. Delmiro saiu de lá satisfeitíssimo"[41].

Quando o cearense cruzava Garanhuns, a cidade vivia dia de festa e "ninguém falava em outra coisa"[42]. Espanto também em Santana do Ipanema, sertão alagoano. Em Palmeira dos Índios, no agreste de Alagoas, em 1916, "a população ficou estarrecida e encantada com o automóvel, pois nunca tinha visto algo parecido"[43]. Os sertanejos, acostumados ao cavalo, ao burro, ao jumento, ao carro de boi e ao trem que, na Pedra, passava uma vez por semana como parte do roteiro que ligava Piranhas a Jatobá, se viram diante de máquinas impressionantes.

Delmiro adquiriu um FIAT, dois Austin, um NAG e um Bayard[44]. Os automóveis ajudaram a ampliar a fama do coronel, considerado por seus admiradores alguém à frente

38 MENEZES, Hildebrando. **Delmiro Gouveia: Vida e Morte**. Apr. Paulo Cavalcanti. Recife: CEPE, 1991. (Fac-sím. Rio de Janeiro: Ed. Quipapá, 1966).
39 Cf. **Almanak Laemmert. (Estados)**. Rio de Janeiro, v. 2, 1916, p. 2261.
40 MELLO, Frederico Pernambucano de. Delmiro Gouveia. Ano I.n.11, jul.2003. **Continente Documento**. Ver ainda: MELLO, Frederico Pernambucano de. **Delmiro Gouveia: desenvolvimento com impulso de preservação ambiental**. ed.ampl.Recife:CHESF/FUNDAJ:Ed.Massangana, 1998.
41 LIMA JÚNIOR. **Op.Cit.**p.171
42 ARARIPE, J.C.Alencar. **A glória de um pioneiro: a vida de Delmiro Gouveia**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.p.65
43 TORRES, Byron. Século 20 (1911-1920). In: **E assim...Nasceu Palmeira dos Índios**. Palmeira dos Índios, AL, dez. 2003. CD-ROM.
44 ARARIPE. **Op.Cit**.p.65

do seu tempo. As referências aos carros com "olhos de fogo", à velocidade dos veículos, informam sobre os efeitos das máquinas no imaginário popular. Magalhães Martins menciona o caso de um certo Honorato Avelino, homem que, pelo que se dizia, tinha "pacto com o demônio". Avelino, escreve o biógrafo, "certa feita apostou carreira com o FIAT e perdeu longe...". A conclusão a ser tirada, parece óbvia ao biógrafo que ironiza o espanto de Honorato: "Era mesmo o anticristo – Virgem! – que passava espritado, com olhos de fogo, levantando poeira nas estradas e espantando roceiros, malfeitores, retirantes e megeras..."[45].

Com a indústria, o cearense levou para Pedra máquina de gelo, telégrafo, cinema (o boletim escolar, com boas notas, era o ingresso para as crianças), carrossel, tipografia, banda de música, jornada de trabalho de oito horas e folgas aos domingos. A Fábrica trouxe também uma vila operária e lá Delmiro impôs normas rigorosas aos moradores. Separada da "Pedra Velha" (também chamada de Pedra Livre) por arames farpados, a vila possuía sete ruas nomeadas com os nomes de Rio Branco, José de Alencar, Floriano Peixoto, Ruy Barbosa, 15 de Novembro, 13 de Maio e 7 de Setembro[46]. Ali havia horário para fechar as portas, vistoria da higiene nas casas e multas para quem cuspisse no chão. Das moças, o cearense exigia vestidos abaixo dos joelhos e cabelos arrumados. Os filhos dos empregados eram obrigados a estudar. Se faltassem, os pais recebiam duras advertências. Todos deveriam andar sempre asseados. Arno Pearse, Secretário Geral da International Federation of Master Cotton Spimmers and Manchester, registrou que ao se dirigirem para o trabalho, os operários estavam "mais bem vestidos do que o europeu médio no domingo"[47].

Quando dispunha de tempo, Gouveia fiscalizava pessoalmente as coisas. Na Fábrica, o seu perfume forte era um aviso. Ao sentirem o cheiro do coronel pelas instalações, os operários cochichavam: "- Seu Delmiro tá na fábrica! Seu Delmiro tá na fábrica!". Era necessário cuidado para não cometer deslizes. Se isto ocorresse, alguém podia ir parar nos troncos das baraúnas próximas à Fábrica. Como escreveu Luiz Nunes Alves: "Afirmam que, se soubesse/De alguém fora da linha,/Sem dó e sem

45 MARTINS. **Op.Cit**.p.159
46 CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: plano e cotidiano operário no sertão**. Campinas, SP: Papirus, 1998. p.204
47 PEARSE, A. Apud. MOTA, Mauro. **Quem foi Delmiro Gouveia?** São Paulo: Edições Arquimedes, 1967. (coleção Para Todos, 2).p.21-22

compaixão,/Porque pra isso não tinha,/Botava na Baraúna,/Depois no sal de cozinha"[48]. Há relatos de empregados que "fizeram mal" a uma ou outra trabalhadora e, após um dia amarrados na árvore, aceitaram o "conselho" do coronel e findaram casando, apadrinhados pelo próprio patrão. A preocupação de Delmiro com a limpeza da cidade e da Fábrica chamava a atenção. Segundo Martins, "o recinto do prédio fabril era bem limpo, inexistindo fuligem, sujeira ou ferrugem próprias do ambiente de trabalho dos motores com caldeiras alimentadas à base de carvão ou lenha, pois os dali o eram à eletricidade"[49]. O prédio possuía ainda exaustores, além de passar por limpeza aos domingos. Daí, o *Correio de Aracaju* declarar: "antes de tudo, Delmiro Golvêa (sic) era um disciplinador"[50].

Em seu testamento, Delmiro deixava uma fortuna calculada em quatro mil contos de réis e exigia: "quero que meu corpo seja inumado em cova rasa, sendo meu enterro feito sem pompa alguma e dispenso também todos os sufrágios e quaisquer outras solenidades"[51]. E assim foi feito. A banda local acompanhou o féretro. Além disto, nada mais. Como narrou Graciliano Ramos: "fez-se o enterro, declamou-se o discurso fúnebre, expediram-se os telegramas necessários, publicou-se a notícia nos jornais, rezou-se a missa do sétimo dia, realizou-se o inventário e prenderam-se dois cabras de somenos valia"[52].

A hipótese do assassinato de Gouveia ser ordenado por José Rodrigues de Lima e José Gomes de Lima e Sá, coronéis a quem Delmiro afrontara e executado por Róseo Moraes, José Ignácio Pia (vulgo Jacaré) e Antônio Félix, que confessaram o crime sob tortura, reúne duas outras teorias para o crime levantadas anteriormente. A primeira atribuía o crime a trabalhadores demitidos da Fábrica e a segunda a uma aliança de coronéis rivais prejudicados por Delmiro. Mas isto não pôs fim ao mistério. O processo-crime, revisto anos depois, está repleto de falhas e, para alguns, é belo exemplar de erro jurídico. Segundo José Alencar Araripe, as investigações e a punição dos supostos envolvidos constituíram uma "autêntica farsa. A justiça nada fez para esclarecer. Omitiu-se quando não devia; avançou o sinal quando não era aconselhável que assim o fizesse"[53]. No ar, ficou a suspeita de que o assassinato fora encomendado pela Machine Cotton. É que os ingleses realizaram férrea

48ALVES, Luiz N. **A vida de Delmiro Gouveia em verso**. Campina Grande, PB: Ed. UFPB, 1979. p.86
49 MARTINS, **Op.Cit**. p.150
50 DELMIRO Golvêa. **Correio de Aracaju**. Aracaju, 12 out. 1917, p. 01.
51 COMO se deu o assassinato... **Jornal do Povo**. Aracaju, 19 out. 1917, p. 01
52 RAMOS, Graciliano. Recordações de uma indústria morta. In: **Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste**. 7 ed. Rio Grande do Sul/ São Paulo: Record/ Martins Fontes, 1977.p. 113-116
53 ARARIPE. **Op.Cit**.p.71

campanha para adquirir a Fábrica da Pedra e retomar o monopólio no negócio de linhas, perdido durante a I Guerra. Delmiro negou-se a vender a Companhia. Anos após a sua morte, o *trust* finalmente comprou a fábrica. Os novos donos chocaram a população da Pedra: diversas máquinas da CAM foram quebradas e jogadas no leito do rio São Francisco.

E assim, Delmiro Gouveia virou mito. O homem um dia acusado de velhacaria findou mártir da indústria nacional, vítima do "atraso" sertanejo e da pressão do capital estrangeiro. Atualmente, há mais de uma dezena de biografias sobre ele, pois, como observou Ginzburg, "a tecnologia mudou, mas a produção de mitos está, mais do que nunca, na ordem do dia"[54]. Apesar disto, como num romance policial, a sua vida possui lacunas intrigantes. Não obstante, exposições, histórias em quadrinhos, filmes, ruas, avenidas, prêmios e até a vila da Pedra, hoje uma cidade, levam seu nome. Imponente entre as rochas, Angiquinho lembra as mudanças possíveis ao sertão. Projetada sobre ela, a sombra do Coronel dos Coronéis ainda passeia impetuosa.

3. NOTAS SOBRE DELMIRO GOUVEIA NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

Delmiro Gouveia aparece em diversos ensaios, crônicas, romances históricos e trabalhos acadêmicos. Nesta seara, é possível identificar basicamente dois blocos: biógrafos e cronistas por um lado, chamados aqui apenas de memorialistas, grupo marcado por obras voltadas para a apologia de Gouveia; e acadêmicos por outro, fração ainda pequena, que procura analisar as práticas do negociante dentro das estratégias do capitalismo do seu tempo e observar os impactos de suas decisões. No entanto, os dois blocos convergem no que tange ao pioneirismo de Delmiro, ao seu estilo agressivo nos negócios e à sua relevância na historiografia sobre o Baixo São Francisco.

No primeiro grupo aparecem nomes como Geraldo Rocha e seu livro *O Rio São Francisco: fator precípuo da existência no Brasil*. Segundo este autor, o pioneirismo de Gouveia não se limitou ao uso do São Francisco. Rocha lembra a importância de Gouveia no comércio de peles caprinas. Lamenta que ele não tenha sido sequer lembrado no

54 GINZBURG, Carlo. Mito: distância e mentira. In: **Olhos de Madeira: nove ensaios sobre a distância**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.p.83

discurso de inauguração da CHESF[55], em 1955. Cabe lembrar que esta referência a Delmiro como "precursor da CHESF" será retomada por representantes de ambos os "blocos" aqui considerados. Por seu turno, Medeiros Neto realizou algumas observações sobre a ação civilizadora do cearense em Alagoas na sua *História do São Francisco*, publicada em 1941. Conforme este autor, o negociante foi um "verdadeiro sertanista do século vinte", alguém que agia "com o nobre escopo de ser útil e ao Brasil". Criticando a existência de um capital "estagnado, judaicizado", danoso ao país, o autor aponta Delmiro, "personagem invulgar, um super-homem, mourejando no sertão adusto" e sua fábrica como exemplos a serem tomados. Há no texto lamentações pelo fim de um ciclo de progresso: "Vem aqui, plantar o que, hoje, podia ser o maior centro industrial do Estado: - Pedra"[56].

Reforçando estas críticas, Mauro Mota afirmou que Delmiro e sua "revolução hidráulica" – simbolizada na hidrelétrica de Angiquinho –, permaneceram eclipsados. Para Mota, Delmiro foi um civilizador. O coronel realizou "profilaxia mental" junto ao povo indisciplinado. Gouveia foi um "agente de confraternização" entre as classes, um "antecipador das políticas públicas", "galã quarentão" que se revoltou contra a natureza[57]. Mota foi um dos primeiros a biografar o cearense, tendo influenciado mais de uma geração de estudiosos sobre o assunto.

Em *Itinerário de Delmiro Gouveia*, Olympio de Menezes apresenta diversas faces do biografado: o industrial, o educador, o comerciante, o perseguido e o "D. Juan" (no capítulo Delmiro e as mulheres). Menezes explica o aspecto trágico da morte do coronel: "tinha efetivamente de ser assassinado, ou de morrer em um grande desastre; nunca em cima de uma cama (...) de tuberculose pulmonar, de câncer (...) ou de qualquer doença crônica. Neste particular o destino fez-lhe justiça"[58]. Acompanhando esta leitura mítica, Tadeu Rocha elaborou *Delmiro Gouveia: o pioneiro de Paulo Afon*so, biografia que, repetidamente, encaminha-se ao panegírico. Trata-se de um livro bem documentado, enriquecido por ilustrações, fotografias e reproduções de registros. Tal qual *Delmiro*

55 ROCHA, Geraldo. **O Rio São Francisco: fator precípuo da existência no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946, p. 82-3

56 MEDEIROS NETO, Pe. **História do São Francisco**. Maceió: Casa Ramalho, 1941. (Tese para o concurso da cadeira de História do Brasil do Instituto de Educação). p.99-101

57 MOTA, Mauro. A "Estrela" de Pedra: Delmiro Gouveia, civilizador de terras, águas e gentes. **Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**. Recife, n. 9, 1960, p. 67.

58 MENEZES, Olympio de. **Itinerário de Delmiro Gouveia**. Recife:Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1963.il.p.18 e 150 respectivamente; ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia:o pioneiro de Paulo Afonso**.3ed.Rev.Aum.Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970. p.150; MARTINS. **Op.Cit.**

Gouveia: pioneiro e nacionalista, de Magalhães Martins, o negociante é concebido como o precursor da CHESF e "moderno sertanista"[59]. Aliás, esta leitura de Gouveia como um "bandeirante", um civilizador vindo do litoral e mergulhado nos sertões retoma idéias presentes em textos anteriores, como *A Chanaan Sertaneja da Pedra*, de Plínio Cavalcanti[60], uma das primeiras publicações de apologia ao *Rei das Peles*, escrita em 1917 e publicada uma década depois.

No que diz respeito a esta produção de memorialistas, o maior número de trabalhos apareceu entre os anos 1960 e 1970, sendo que as biografias predominaram entre as publicações. O trabalho de J.C. Alencar Araripe se destaca por, de certa forma, denunciar as tentativas de familiares de Delmiro para manipular a sua memória. O biógrafo revelou as sanções que teria sofrido ao não concordar em ter o seu trabalho vigiado por Maria Gouveia, filha do cearense. Além disto, questionou os motivos que levaram ao assassinato do *rei das peles*. Distante desta perspectiva, José de Sousa Machado escreveu uma biografia claramente influenciada pelos textos de Mauro Mota que, inclusive, prefaciou a obra. O biógrafo realizou uma apaixonada defesa de Gouveia diante dos seus inimigos: "Não foi beato nem cangaceiro, não delirou, nem oprimiu"[61]. E quem são estes inimigos? Todos aqueles que se colocaram entre o pioneiro e a execução dos seus projetos: políticos, sócios, mulheres. É assim também na inovadora *A vida de Delmiro Gouveia em verso*, de Luiz Nunes Alves, publicada pela Universidade Federal da Paraíba[62]. Nela o autor reuniu os trabalhos já conhecidos sobre o cearense para produzir "versos biográficos". E quais as razões para esta redescoberta entre os anos 1940 e sua força até, pelo menos, os fins dos anos 1970?

Para autores como Joselice Jucá, em parte isto se explica porque o aproveitamento do São Francisco tornou-se símbolo da "redenção" do Nordeste. Como Jucá, Nilson Lage atenta para a antecipação de Delmiro Gouveia em relação a governantes e demais instituições brasileiras. Justamente uma das instituições "antecipadas" pelo Coronel dos Coronéis, a CHESF, fomentou diversas publicações sobre ele. Exemplo disto é a

59 ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia:o pioneiro de Paulo Afonso**.3 ed.Rev.Aum.Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.
60 CAVALCANTI, Plínio. **A Chanaan sertaneja da Pedra: escriptos sobre a obra realisada por Delmiro Gouveia no Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro, 1927.
61 ARARIPE. **Op.Cit.**; SOUSA, J. Machado de. **Vida de Delmiro Gouveia**. Recife: Flos Carmeli, 1964.p.33
62 ALVES, Luiz N. **A vida de Delmiro Gouveia em verso**. Campina Grande, PB: Ed. UFPB, 1979.

Bibliografia Anotada de Delmiro Gouveia, de Moacir Sant'Ana. Dominando ampla documentação, Sant'Ana rastreou artigos, livros (biografias, memórias) e discursos que citam ou têm Delmiro e seus negócios como tema principal[63]. Também sob os auspícios da Companhia, Frederico Pernambucano de Mello – hoje possivelmente o pesquisador com acesso à maior quantidade de documentos sobre Delmiro – possui ao menos dois escritos a serem considerados. São eles: *Delmiro Gouveia: desenvolvimento com impulso de preservação ambiental* - livro no qual o negociante é retratado como um empresário dono de uma impressionante antecipação ecológica - e o dossiê *Delmiro Gouveia*, preparado para a revista *Continente Documento*, uma publicação comemorativa dos 140 anos de nascimento de Gouveia, que basicamente comporta uma síntese do livro publicado em 1998, sem maiores surpresas[64]. Os dois trabalhos, com certos anacronismos, exemplificam as releituras que Delmiro sofreu. Na obra de Mello, que também foi curador da exposição "Delmiro Gouveia: o modernizador do Nordeste", a história nordestina ganha um caráter fatalista, tendo o assassinato de Gouveia como a pedra fundamental desta situação. O autor sentencia que "três tiros de tocaia assassinaram um futuro melhor para o Nordeste", atrelando o desenvolvimento regional ao coronel da Pedra. Deste modo, "o Brasil, sobretudo o Brasil setentrional perdia nada menos que um dínamo. Naquela noite, em 1917, o passado matava o futuro"[65]. Leituras fatalistas como esta ecoam afirmações feitas antes por estudiosos como Olympio Menezes e Magalhães Martins. O primeiro escreveu: "até hoje o sertão nordestino espera outro gênio para colher os frutos da semente que Delmiro, respondendo ao desafio da natureza, plantou na Cachoeira de Paulo Afonso"; enquanto o último, em opúsculo publicado em 1989, afirmou que Gouveia "morreu antes do tempo", quando ainda sonhava em realizar "muitos outros planos"[66].

---

63 JUCÁ, Joselice**. CHESF: 35 anos de História**. Recife: CHESF, 1982; LAGE, Nilson. Delmiro Gouveia: seu crime foi plantar a fartura no Sertão. 10: Os Grandes Enigmas da Nossa História. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1981, p. 07; SANT' ANA, Moacir Medeiros de. **Bibliografia Anotada de Delmiro Gouveia (1917-1944)**. Recife: CHESF, 1996.

64 Cf. MELLO, Frederico Pernambucano de. **Delmiro Gouveia: desenvolvimento com impulso de preservação ambiental**.2 ed.ampl.Recife:CHESF/FUNDAJ:Ed.Massangana, 1998. **Delmiro Gouveia**. Ano I.n.11, jul.2003. Continente Documento.

65 Cf. Delmiro Gouveia. **Continente Documento**. Ano I.n.11, jul.2003.p.26-27; MELLO, Frederico Pernambucano de. **Delmiro Gouveia: desenvolvimento com impulso de preservação ambiental**. 2 ed.ampl.Recife:CHESF/FUNDAJ:Ed.Massangana, 1998. p.44.

66 MENEZES, Olympio de. **Itinerário de Delmiro Gouveia**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1963.p.158; MARTINS, Francisco Magalhães. **Delmiro Gouveia não morreu**. Delmiro Gouveia, AL: Fundação Ormeo Junqueira Botelho/Museu Delmiro Gouveia, 1989.p.10-11

Também patrocinado pela CHESF, *Delmiro Gouveia Ilustrado* narra os feitos do coronel através da história em quadrinhos, com gravuras a nanquim. João Marcos Carvalho e Ruben Wanderley Filho produziram uma obra marcadamente didática, na qual são destacados os empreendimentos do industrial. Tributário de obras como *O Ninho da Águia*, romance de Adalberon Cavalcante Lins[67] e do já citado Tadeu Rocha, o texto de Carvalho e Wanderley Filho retoma o Delmiro visionário, perseguido pelos europeus: "não assassinaram um homem: derrubaram a bala um gigante de idéias e ação"[68]. A obra dialoga com a quadrinização do filme *Coronel Delmiro Gouveia*, lançada em 1979, também em preto e branco e com uma perspectiva semelhante. Nesta primeira quadrinização as ilustrações sobre Delmiro foram feitas por Flávio Mascarenhas e a arte final ficou a cargo de Célio Kouri. A revista fundiu ilustrações inspiradas no filme com colagens de negativos da obra, oferecendo ao leitor a sensação de que ele "lê" um "filme brasileiro sobre um herói de verdade"[69]. Seguindo esta tendência de narrativas em quadrinhos, Dennes Queiroz produziu *Delmirinho e a turma que não sabia de nada*. Voltado para o público infantil, a quadrinização colorida fala de um garoto de sete anos de idade, morador da antiga Pedra, chamado Delmiro Gouveia dos Santos ou simplesmente Delmirinho. O garoto é alvo de piadas do colega chamado "Paulistinha" por ter "nome de cidade. Ainda mais uma cidade sem graça (...) que só tem seca e miséria". Para refutar tais argumentos, o livreto conta a vida e os feitos atribuídos ao fundador da cidade[70]. Entretanto, outros trabalhos conceberam uma visão menos idealizada de Gouveia.

Maria Isaura Pereira de Queiroz analisou o *Rei das Peles* enquadrando-o como um caso das derivações possíveis ao coronelismo. Segundo a autora, a riqueza fazia frente a certas tradições sertanejas, como os casamentos interparentelas que, segundo a pesquisadora, entre outras coisas, estruturavam o coronelismo. Nesta perspectiva, Gouveia seria "o exemplo mais claro (...) da ascensão mediante a aquisição de bens de fortuna no comércio". O texto de Queiroz, ao situar Delmiro em meio ao coronelismo brasileiro,

67 LINS, Adalberon Cavalcanti. **O Ninho da Águia: saga Delmiro Gouveia**. Maceió: SERGASA, 1988.
68 CARVALHO, João Marcos, WANDERLEY SILVA, Ruben. **Delmiro Gouveia ilustrado**. Maceió: CHESF/Pancron Ind. Gráfica, 1999.Il.p. 77
69 **Coronel Delmiro Gouveia: a história do homem que não vendeu o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: EBAL, 1979. (Cinemin Extra).
70 QUEIROZ, Dennes. **Delmirinho e a turma que não sabia de nada**. Ilu. Almir Lira. Maceió: EDUFAL, 1999. p.3

começa a desmontar a idéia do seu "isolamento" frente às oligarquias e aos jogos do poder[71].

Também preocupada em desmistificar Delmiro, Telma de Barros Correia estudou o coronel da Pedra. Em sua tese de doutorado, depois transformada em livro e intitulada *Pedra: plano e cotidiano operário no Sertão. O projeto urbano de Delmiro Gouveia,* a autora dedica um capítulo ao estudo dos mitos construídos em torno de Delmiro Gouveia. Correia apresenta as distintas representações feitas sobre ele: o *self-made man*, o empreendedor, o mártir dos trustes e das oligarquias "atrasadas", o civilizador, o homem refinado e o ecologista. Contrapondo-se a isto, a autora critica o ofuscamento dos privilégios obtidos por Delmiro junto à esfera pública. Argumenta que, se por um lado não há como deixar de reconhecer o arrojo empresarial de Gouveia, devem ser levados em conta outros fatores (como a violência, a sonegação de impostos e a corrupção de funcionários) para o seu sucesso. Desta maneira, Correia desconstrói entre outras idéias, a da vila da Pedra como uma comunidade pacífica e uma "ilha de civilização em meio a uma suposta barbárie sertaneja"[72].

O pequeno artigo *Delmiro Gouveia: mito e história*, de Antônio Fernando Sá aproxima-se das idéias de Telma Correia. Como aquela autora, Sá não vê Delmiro como um caso isolado e acredita que é necessário investigar a sua relação com o processo de expansão do capitalismo no Brasil. O autor lembra o compromisso de Gouveia com as oligarquias de sua época (governadores Euclides Malta e Joaquim Malta, coronéis Ulisses Luna e Manoel Rodrigues da Rocha), assim como o seu envolvimento com capitalistas norte-americanos e italianos[73]. O autor desta tese publicou o artigo *Delmiro Gouveia e as alternativas para o desenvolvimento da região do São Francisco,* no qual toma as afirmações de Correia e Sá como referência, procurando avançar no que se refere à exploração de documentos sobre o coronel da Pedra (material coletado em periódicos sergipanos, bem como relatos de moradores da antiga Vila da Pedra). A proposta reside em

71 QUEIROZ, Maria Isaura Pereida de. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: CARDOSO, Fernando Henrique et al. **O Brasil Republicano: estrutura de poder e economia (1889-1930)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,1997. p.174-175

72 CORREIA, TeIma de Barros. Delmiro Gouveia: a construção de um mito. **Pedra: plano e cotidiano operário no Sertão**. Campinas, São Paulo: Papirus Editora, 1998. (Série Ofício de Arte e Forma)

73 SÁ, Antônio F. de Araújo. Delmiro Gouveia: Mito e História. **Boletim do Grupo de Pesquisa História Popular do Nordeste da Universidade Federal de Sergipe**. São Cristóvão: UFS, n. 2/3, out. 98 mai. 1999, p. 5.

discutir as relações de Gouveia com projetos desenvolvimentistas depois iniciados no sertão, analisando como as idéias do cearense foram utilizadas e como ele foi transformado em inspirador de determinadas ações[74].

Mais recentemente, artigos publicados em revistas de grande circulação destinados à vulgarização das pesquisas acadêmicas têm revelado certa perenidade do coronel como alvo de curiosidade. Variando muito pouco nas abordagens, tais textos freqüentemente oferecem breves biografias do "industrial pioneiro". Através deles tem sido reforçada a imagem de um civilizador, de um empreendedor nacionalista e do castigo como o preço a ser pago pelo Nordeste por, na luta entre Gouveia e seus inimigos, deixar "Golias" vencer. Percebe-se ainda que, neste grupo, os historiadores não são a maioria. Jornalistas, administradores e diletantes ainda mantém a hegemonia quando o assunto é o coronel da Pedra[75].

Nos escritos sobre Gouveia, percebem-se tentativas de ressaltar um aspecto em meio às inúmeras "faces" de Delmiro, característica esta marcante nos memorialistas e textos publicados em obras comemorativas, ou de desmontar os mitos envolvendo o cearense (marca dos textos acadêmicos). Porém, o espaço que envolve a sua apropriação pela CHESF e pelos governos ainda é quase inexplorado. A construção e os usos das memórias produzidas sobre Gouveia ainda não foi pensada. Muito se escreveu a respeito de Delmiro, dos seus empreendimentos, suas aventuras e mesmo sobre como ele explorava os empregados (o trabalho de Telma Correia é um exemplo disto). Contudo, pouco se disse sobre como diferentes segmentos sociais se apropriaram do negociante. No que concerne ao recurso à história oral, os trabalhos têm se concentrado nas memórias sobre os feitos de Gouveia, ou na imagem que dele tinham outros coronéis e políticos. A publicação do primeiro exemplar dos *Cadernos do Sertão*[76], sob a coordenação de Geraldo Sarno, trouxe entrevistas com antigos empregados e aliados do "pioneiro" - como o Coronel José Abílio, de Bom Conselho; Virgínia Bezerra e Pedro Carpina, que trabalharam na residência de

74 MAYNARD, Dilton. Delmiro Gouveia e as alternativas para o desenvolvimento da região do São Francisco. In: BRASIL, Vanessa; SÁ, Antônio F. **Rio Sem História? Leituras Sobre o São Francisco**. Aracaju: FAPESE, 2005.
75 Sobre isto ver: BANDEIRA**,** Davi. Delmiro Gouveia: um capitalista no Nordeste**.** In: **Desvendando a História**. Escala Editorial. Ano 2,n.7, 2007.p.36-39; FARIAS, José Airton. O rei dos sertões. In: **Nossa História**. Ano 3, n.27, jan.2006.p.80-83; MONTEIRO, Fernando. O coronel visionário. In: **História Viva**. Ano 1, n.12, out.2004.p.70-76.
76 SARNO, Geraldo. **Cadernos do Sertão**. Salvador: NAU, 2006.

Gouveia - oferecendo uma contribuição significativa aos novos investigadores. Ainda assim, o acréscimo nas publicações não veio acompanhado proporcionalmente de análises mais apuradas. Há, portanto, uma clareira aberta. Muito já se disse sobre Delmiro, mas pouco se refletiu sobre como isto foi dito, por quem e em quais circunstâncias histórica houve necessidade de tais falas[77].

4. AS FONTES DA PESQUISA

As fontes utilizadas na pesquisa não se concentram em uma tipologia. As diferentes memórias em torno de Delmiro Gouveia exigiram o manejo de uma documentação diversificada. Sendo assim, foi necessário pensar quais os expedientes metodológicos a serem utilizados em cada capítulo da pesquisa. Afinal de contas, a análise de um livro difere em aspectos importantes daquela feita sobre um filme. Deste modo, procurou-se, capítulo a capítulo, discutir um pouco a natureza de cada um dos vestígios tomados para a análise, considerando a perspectiva proposta em cada um deles.

No Recife, a consulta ao acervo da Fundação Joaquim Nabuco possibilitou o acesso às pastas "Mauro Mota" e "Delmiro Gouveia"[78], fundamentais na articulação dos primeiros problemas levantados. O material da pasta Mota consta de resenhas, poemas, cartas, convites e palestras preparadas pelo poeta pernambucano. Já o material referente à pasta Gouveia comporta um processo enfrentado pelo negociante nos tempos em que vivia no Recife, além de outros registros. Na mesma instituição ainda apareceram algumas "memórias de encomenda"[79], textos produzidos nos anos 60 por contemporâneos do coronel que foram solicitados como forma de ajudar a lembrar Gouveia. Este material, a maior parte manuscrito, encontra-se no acervo do Centro de Documentação e de Estudos de História Brasileira Rodrigo Mello Franco de Andrade (CEHIBRA).

A FUNDAJ também forneceu parte da literatura sobre Delmiro através da Biblioteca Blanche Knoff. Algumas das biografias estudadas são deste acervo. Outras

77 ROUSSO, Henri. A memória não é mais o que era. AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords.) 7 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.p.93-102

78 Material constante no acervo "persona" do CEHIBRA. Ver códigos: MMo CEp 14 de 264; MMo PIp 36 doc. 414 a31 g2; MMo PIp 67 doc. 837 a31 g4.

79 O termo é tomado de empréstimo a GRUZINSKI, Serge. **A Colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização do México espanhol (séculos XVI-XVIII)**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.p.113-151

foram encontradas na Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco. Os estudos biográficos mais raros foram providenciados através de alguns aficionados pela vida de Gouveia que se dispuseram em ajudar. Nem todos, evidentemente. A aproximação deste círculo de pessoas nem sempre foi proveitosa. Desta maneira, quando não se pôde contar com os "delmirólogos", apelou-se para sebos. Ainda na FUNDAJ, em sua cinemateca, foi possível obter um VHS do filme *Delmiro Gouveia: o homem e a terra*. A hemeroteca da mesma instituição também contribuiu significativamente. Ali, consultaram-se os jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*, observando assim a recepção de eventos e obras sobre Delmiro. Neste aspecto, o Arquivo Público do Estado de Pernambuco também foi importante, através da sua ampla hemeroteca. Todavia, o contato com as fontes evidenciou a riqueza documental e, ao mesmo tempo, a carência interpretativa que Delmiro e os seus empreendimentos encerram.

Também foram produtivas as visitas ao Museu Delmiro Gouveia, ao complexo de Angiquinho e ao Memorial da CHESF. Nas duas primeiras instituições, em Alagoas, levantaram-se diversos documentos. No Museu, consultaram-se parte dos arquivos pessoais do biógrafo Magalhães Martins. Guardados neste importante lugar da memória do sertão alagoano, há dezenas de pastas, com recortes de jornais, anotações e reproduções de documentos. Instalado onde antes funcionava a estação de trem da Pedra, o MDG é uma grata surpresa. Ali, a visita a Angiquinho, nos dias em que o complexo foi reaberto à visitação pública, motivou reflexões sobre os usos do passado feitos pela região. Em meio às antigas máquinas da usina, discursos e homenagens ao "pioneiro" percebe-se como a memória de Delmiro Gouveia é utilizada por diferentes grupos sociais, como a sua manipulação hoje envolve questões delicadas. Do outro lado do rio, na margem baiana, em Paulo Afonso, obtiveram-se cópias de artigos e reportagens sobre Delmiro no Memorial criado pela CHESF para cristalizar a ação da Companhia no Baixo São Francisco. Ainda em Alagoas, as bibliotecas Graciliano Ramos e o Museu Xucurus, em Palmeira dos Índios, bem como a Biblioteca Pública e o Arquivo Público estadual, em Maceió, forneceram subsídios importantes. Em Salvador, entrevistou-se o cineasta Geraldo Sarno sobre o filme *Coronel Delmiro Gouveia*.

Em Sergipe, as visitas à hemeroteca e ao setor de periódicos da Biblioteca Pública Epifânio Dória produziram informações significativas. Nesta instituição, a consulta a

publicações como as revistas *O Cruzeiro, Revista da Semana, Cultura Política, Cinemais* e a jornais como *Diário da Manhã, Gazeta de Sergipe, Correio de Aracaju, A Lucta* enriqueceram a documentação da pesquisa. O Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, através do seu acervo de periódicos, possibilitou o acesso a textos clássicos sobre Delmiro, como a palestra proferida por Plínio Cavalcanti, no Rio de Janeiro, pouco tempo depois do assassinato do negociante. Nesta última instituição, descobriu-se que Gouveia era sócio benemérito do IHGS. Em tempos de penúria de recursos, os intelectuais não tiveram receio em solicitar auxílio do coronel, convidando-o a compor os seus quadros.

Em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, foi possível consultar o rico acervo da Biblioteca Central da Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos) e ali encontrar alguns escritos, até então, desconhecidos. Surpresa semelhante foi experimentada junto ao acervo da Natie Lee Benson Collection, na University of Texas at Austin. As fontes coletadas na Benson Library, em sua maioria, preencheram lacunas significativas.

Um levantamento prévio feito no *web site* do jornal *Folha de São Paulo* rendeu frutos consideráveis, como uma reportagem sobre o filme *Coronel Delmiro Gouveia*. Aliás, em tempos de apagões aéreos, a Internet supriu, em parte, as deficiências de um sistema aéreo sofrível. A consulta ao acervo eletrônico dos anais da Câmara dos Deputados deu como resultado o acesso a discursos, decretos e projetos que tramitaram tomando Delmiro Gouveia como assunto principal. O resultado foi, sem dúvida, positivo. Graças ao material coletado nos anais, há indícios de como se deram as batalhas pela memória de Gouveia no âmbito parlamentar, encontrando propostas que iam da mudança de nome da CHESF para "Delmiro Gouveia", até uma pensão providenciada para a sua filha, Maria Gouveia.

Por fim, a visita à Biblioteca Nacional forneceu subsídios importantes através de periódicos como *O Globo, Folha de São Paulo, Correio da Manhã, O Estado de São Paulo* e *O Cruzeiro*. Nesta última, por exemplo, foi possível encontrar uma carta assinada por Noel Gouveia, um dos poucos documentos conhecidos em que o herdeiro de Delmiro se manifesta em assuntos pertinentes à morte do pai, os seus assassinos e à produção biográfica sobre ele.

O material reunido acabou tomando a forma de "blocos" temáticos, feitos sem grandes pretensões, mas que acabaram funcionando no decorrer dos trabalhos. Edward Said certa vez escreveu que "a idéia ao início, o ato de começar, implica, necessariamente um

ato de delimitação pelo qual algo é 'cortado de uma grande massa de material, separado da massa e obrigado a representar, bem como a ser, um ponto de partida, um início'"[80]. Levando isto em conta e considerando o amplo leque de fontes disponíveis, a "navalha de Occam" se tornou imprescindível. Embora haja fontes que vão do início do século XX até o ano 2007 (como é o caso do recém-lançado livro infantil *Delmirinho e a turma que não sabia de nada*), delimitaram-se basicamente as discussões existentes entre os anos 1940 e os 1980. Privilegiar esta conjuntura, tempo em que emergem instituições como a CHESF e a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, SUDENE, permite reflexões sobre como Gouveia foi recuperado, como se deram as tentativas de transformá-lo em grande mito e, ao mesmo tempo, exige considerações sobre os resultados deste processo. Evidentemente, apesar deste nosso "ponto de partida", isto não significa que não foram usados registros fora deste corte cronológico. Sempre que necessário, usaram-se fontes de outras épocas, mas procurando evidenciar o contexto em que determinado assunto foi discutido.

5. OS CAPÍTULOS

Esta pesquisa possui cinco capítulos. O primeiro deles, denominado *"Uma resposta a Canudos": intelectuais brasileiros, reminiscências e a fundação de um mártir civilizador*, aborda a atuação de intelectuais como Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Oliveira Lima e Assis Chateaubriand entre outros na retomada de Delmiro enquanto uma referência nos debates sobre o sertão brasileiro. Movimentando suas penas em um período pouco posterior ao trauma de Canudos, Lima e Chateaubriand foram possivelmente os responsáveis pela elaboração de Gouveia como um herói civilizador, imagem depois explorada por Mário e Graciliano. O segundo capítulo, *Os centenários do pioneiro: as comemorações em Pernambuco e Alagoas (1963)*, analisa as celebrações do centenário de nascimento do cearense. Diante da expectativa gerada pela proximidade das comemorações, a consciência de uma "ausência de memória" sobre o homenageado motivou discursos pela elaboração de lugares da memória. Neste capítulo, aparecem alguns dos aspectos centrais na arquitetura

80 SAID, Edward W. **Orientalismo**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.p.37

mítica do "mártir civilizador" dos sertões nordestinos. Apresentam-se como, onde e quem foram os envolvidos com a retomada de narrativas sobre Delmiro, procurando ressaltar o papel do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS) e dos intelectuais que gravitavam em torno dele nos anos 1960 durante as celebrações do centenário. Em Alagoas, analisam-se as diferentes estratégias utilizadas para comemorar tal passagem e reavivar a memória de Gouveia. Esta seção apresenta as clivagens entre os dois projetos (o pernambucano e o alagoano), as adaptações que lhes foram forçadas e as tensões interpretativas existentes entre os envolvidos com a comemoração da efeméride.

O capítulo três foi chamado de *Receita para se fazer um herói: as biografias de Delmiro Gouveia (1960-1970)*. Ele possui uma relação visceral com a parte anterior. Os centenários motivam projetos biográficos, necessitam deles. O título foi tomado de empréstimo de uma canção que narra o ato de tomar alguém "feito de nada como nós" e transformá-lo em herói[81]. As biografias analisadas nesta parte do trabalho estão circunscritas a apenas uma década. Ficam de lado, portanto, trabalhos mais recentes. Ao contrário de outros casos, Delmiro não é um objeto que padeça de registros. Mas a outra face da moeda, a fartura documental, também encerra perigosas armadilhas. Preferiu-se delimitar a análise aos trabalhos contemporâneos às comemorações do centenário ou imediatamente posteriores a este evento. A relação de continuidade que se estabelece é, neste caso, proveitosa pelo fato de que é possível observar indícios das reconstruções sobre a memória de Gouveia. Por outro lado, estas biografias "fundadoras" superam, do ponto de vista empírico, as produções mais recentes que, sem exceções, se limitam em repetir os textos gestados a partir de 1963, reproduzindo as mesmas fontes e suas interpretações, sem arriscar qualquer avanço. Um último aspecto a justificar o privilégio aos escritos basicamente produzidos nos anos 60 é que os caminhos interpretativos trilhados nas demais partes da tese passam impreterivelmente por tais biografias. A preocupação com a representação literária se mantém na parte seguinte.

O capítulo quatro, *Narrativas do tempo da Pedra: representações literárias sobre Delmiro Gouveia* analisa três escritos: os romances *Fábrica da Pedra* (1962), escrito por Pedro Motta Lima, *O Ninho da Águia* (1988), de Adalberon Lins e o conto *Delmiro*

81 ESTEVES, JUNG, ESCANDURRA, VALADÃO. Receita para se fazer um herói. In: Ira! **Psicoacústica**. WEA, 1988. CD, faixa 4.

Gouveia: Aleluia em Pedra! (1975) de Paulo Dantas. Nos três textos passeiam diferentes perspectivas sobre o cearense. Nesta parte da pesquisa reflete-se sobre os diálogos possíveis entre o ofício de historiador e os testemunhos literários, considerando a sua riqueza, mas também a sua complexidade, as suas ambigüidades, suas pertinências, a capacidade que tais escritos possuem de oferecer leituras da experiência do vivido. Procurou-se acompanhar a trajetória de cada um dos autores trabalhados, esperando entender melhor estes narradores e os lugares de onde eles falam. Foi um trabalho espinhoso, sobretudo no que se refere a Motta Lima. Comunista conhecido, mas sem nenhuma biografia oficial, este autor apareceu em pedaços, em cacos encontrados em cartas e em notas de jornais. Embora as divergências entre os textos já fossem até esperadas, chama a atenção, no caso dos dois romances, os diálogos que eles mantiveram com diferentes tradições literárias. Apesar disto, os três textos se aproximam quando o assunto é a mitificação de Delmiro.

Mas, o que acontece com estes relatos quando eles se descolam das páginas dos romances, contos, jornais, biografias e surgem nas telas do cinema? Como a narrativa cinematográfica concebeu o agroindustrial? A proposta do último capítulo, *O coronel vai ao cinema: memórias da modernização do sertão em duas narrativas fílmicas* é compreender este processo. Aqui são estudados basicamente os filmes *Coronel Delmiro Gouveia* (1978), de Geraldo Sarno, e o curta-metragem *Delmiro Gouveia: o homem e a terra* (1971). Nesta parte discutem-se as relações entre o cinema e a história, indicando o itinerário percorrido pela filmografia nacional até meados do século XX. No itinerário das transformações sofridas pelos filmes nacionais, o capítulo traz à tona a experiência da Caravana Farkas. Embora seja questionada por Geraldo Sarno, que classifica a denominação como um golpe de marketing, é inegável o papel desempenhado pelas viagens de jovens cineastas ao interior do Brasil, sobretudo ao Nordeste. Tais incursões ajudaram a maturar um olhar sobre as questões em torno da nacionalidade. Os dois filmes estudados, cada um sob uma perspectiva própria, tocam tal questão e justamente por isto optou-se por analisá-los. Através deles e das outras fontes mencionadas, o Senhor da Pedra, elegante e contraditório, tornou-se personagem das explicações para o destino de um país, de uma região. Ao mesmo tempo, produzir memórias sobre Delmiro Gouveia foi um artfício de conservação do passado. Característica deste processo, a polifonia deste mito motivou a pesquisa.

Capítulo 1

"UMA RESPOSTA A CANUDOS": INTELECTUAIS, REMINISCÊNCIAS E A INVENÇÃO DE UM MÁRTIR CIVILIZADOR

"o que amamos está demasiadamente no passado"
Marcel Proust[82]

1.1 A INVENÇÃO DO MÁRTIR CIVILIZADOR

Em uma crônica intitulada "A propósito da seca", escrita nos anos 30, Graciliano Ramos (1892-1953) avaliava as possíveis relações entre as longas estiagens no Nordeste e o parco desenvolvimento da economia regional. Segundo ele, o cidadão estrangeiro que não tivesse informações sobre o Brasil, que desconhecesse o país e lesse "um dos livros que a nossa literatura referente à seca tem produzido (...) imaginaria que aquela parte da terra que vai da serra Ibiapaba a Sergipe, é deserta, uma espécie de Saara". Como outros literatos e jornalistas, o autor não disfarça o descontentamento frente às impressões negativas que a região transmitia. Atribuía isto ao trabalho dos ficcionistas do século XIX e criticava o enfoque romântico conferido à seca, em detrimento de outros fatores da penúria local: "certamente há demasiada miséria no sertão, como em toda a parte, mas não é indispensável que a chuva falte para que o camponês se desfaça dos filhos inúteis". A seca, continua Ramos, "é apenas uma das causas da fome"[83].

O mesmo desconforto demonstrado por Graciliano com a idéia do sertão como um espaço de miséria e atraso econômico provocou defesas de inúmeros letrados. Vários deles produziram escritos que ganharam um peso político significativo. Através de crônicas, contos e romances que fomentaram alguns símbolos e heróis destinados a responder

82 PROUST, Marcel. **A Fugitiva**. Trad. Carlos Drummond de Andrade. Porto Alegre, 1970.p.14
83 RAMOS, Graciliano. A propósito da seca. In: **Linhas Tortas**. 5 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record,Martins, 1977.p.132-134

afirmativamente ao chamado dos "tempos modernos", apareceram representações "positivas" para sertão, para o Nordeste e seus habitantes. O "Rei das Peles" foi um dos escolhidos. Nesta parte da pesquisa observam-se a construção e a circulação de representações sobre Delmiro Gouveia em jornais e revistas do século XX. Entram aqui também palestras e crônicas, depois publicadas em coletâneas diversas. Apesar da hibridez da documentação utilizada, pode-se dizer, retomando as palavras de Edward Said, que "a unidade do grande conjunto de textos" aqui analisada "se deve em parte ao fato de que eles freqüentemente se referem um ao outro"[84]. Ao estudar tais produções sobre Delmiro, este capítulo mapeia a gestação do mito de civilizador, localizando os dois trabalhos fundadores – escritos por Assis Chateubriand, o *Chatô*, e Manuel de Oliveira Lima. Estes dois intelectuais não produziram muitos textos sobre o cearense. Todavia, as suas interpretações serviram de referências quando ocorreu a retomada de Gouveia como um ícone regional. A partir destes escritos iniciais, evidenciam-se os "ecos" noutras produções. Para tanto, toma-se o caminho do sertão juntamente com Euclides da Cunha (1886-1909), Graciliano Ramos, Fabiano, o silencioso vaqueiro de *Vidas Secas*, e Mário de Andrade (1893-1945). De lá, espera-se sair com respostas ou, ao menos, com novos caminhos possíveis de serem trilhados.

Acompanhando a idéia de um eclipse na memória (ou "profundo esquecimento") de Gouveia, lançada não apenas por Graciliano[85], diversos intelectuais se empenharam em transformá-lo num "mártir". Nos anos de 1960, por exemplo, na esteira das comemorações pelo seu centenário de nascimento, uma série de estudos biográficos apareceu. Por meio destas obras Delmiro foi tomado para contradizer a idéia do Nordeste antiquado e de insignificância na economia nacional. Ao mesmo tempo, o cearense era citado como exemplo nos debates sobre a industrialização no sertão. É possível dizer que a emergência de Gouveia como um "disciplinador de homens" rompeu as fronteiras regionais graças, entre outras coisas, à contribuição de intelectuais.

Nesta parte da pesquisa, embora se analisem os itinerários destes autores e as ressonâncias de seus trabalhos no que se refere ao mito Gouveia, chama-se a atenção para

84 Cf. SAID, Edward W. **Orientalismo**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.p.54.
85 RAMOS, Graciliano. Recordações de uma indústria morta. **Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste**. 7 ed. Rio Grande do Sul/ São Paulo: Record/ Martins Fontes, 1977.p.113-116.[p. 116]

outras produções culturais que ajudam a pensar como a carpintaria do mito do "Coronel dos Coronéis" foi executada. Apresentam-se outras perspectivas nas quais ecoam as imagens lançadas por Oliveira Lima e Chatô. Estes dois foram estratégicos porque logo se propuseram a interpretar a obra de Gouveia, não apenas a narrá-la, como ocorre, por exemplo, com textos de cordel utilizados aqui. Mas, independente da documentação explorada, analisam-se basicamente reminiscências, "sugestões de lembrança"[86]. Afinal de contas, como explica Benjamin, que o importante, para aquele que rememora, não é o que ele viveu, "mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência. Ou seria preferível falar do trabalho de Penélope do esquecimento?"[87]. Deste modo, entre a penumbra do esquecimento e os clarões da lembrança, observa-se a urdidura das representações do mártir civilizador dos sertões e do herói caído da indústria nacional, resultantes do trabalho de diferentes mediadores culturais.

Considerando que os mediadores culturais trabalham como "filtros" entre uma produção cultural e outra, pretende-se analisar como estes últimos exerceram os seus papéis. Carlo Ginzburg situa o mediador cultural como alguém que possui "um papel ativo e não passivo, e as suas atividades podem ter efeitos diversos: ele pode atenuar reforçar ou distorcer os conteúdos culturais". Ora, crônicas de viagem, trechos de livros, cordéis, escritos políticos, um amplo leque de recursos foi usado para tecer narrativas sobre Delmiro. Evidentemente, não se trata de "conhecer como de fato foi" e, assim, escrever uma história com "pontinhos"[88]. Aqui, a pretensão é apreender "uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo"[89]. O que se espera é, através da análise destes mediadores e dos seus escritos, evidenciar as diferentes perspectivas pelas quais Delmiro Gouveia foi mitificado.

---

86 PROUST, Marcel. **A Fugitiva**. Trad. Carlos Drummond de Andrade. Porto Alegre, 1970.p.14

87 BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. **Magia e Técnica, arte e política**. 7 ed. Trad. Sérgio paulo Rouanet. Pref. J.M. Gagnebin. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p.37

88 Cf. Carlo. Os pombos abriram os olhos: conspiração popular na Itália do séc. XVII. **A micro-história e outros ensaios**. Trad. António Narino. Lisboa: Difel/ Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p.131-142; FEBVRE, L. Faces ao vento. Manifesto dos Anais Novos (1946). In: **História**. MOTA, Carlos G.(Org.). 2 ed. SP:Ática, 1992.p.173-182

89 BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. **Magia e Técnica, arte e política**. 7 ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Pref. J.M. Gagnebin. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p. 224

Mas, quais canais possibilitaram a produção e a difusão deste ícone? Considerando-se que uma das atribuições da "intellighenzia" é produzir e difundir conhecimento[90], não é inconveniente questionar a relação entre intelectuais e a construção da memória de Delmiro como um civilizador. Lembre-se que a partir do centenário, comemorado em 1963, ocorreu uma organização de narrativas dispersas, uma atualização do mito. Deste modo, então, sabe-se que o caminho para a sua gestação é anterior. Por isto, é provável que a estrada passe pelos escritos de Oliveira Lima e Chateaubriand. Intelectuais, ambos conheceram Gouveia pessoalmente. Chatô, principalmente, desfrutou da amizade do coronel. Os escritos produzidos por estes dois, ainda em 1917, foram as primeiras manifestações de intelectuais de grande porte em torno do senhor da Pedra. Depois, outros se aproximariam.

O mito civilizador, urdido entre os literatos, deve muito da sua força à escrita de Assis Chateaubriand (1892-1960). Após visitar a Pedra, em 1917, o jornalista escreveu: "-Será possível conseguir do Brasil Sertão alguma coisa de profícuo? Pedra responde affirmativamente a esta pergunta e de um modo decisivo e singular". Porém, é preciso situar a fala de Chateaubriand. O jornalista paraibano movimenta sua escrita simultaneamente dentro de um trauma ainda recente à sua época e de uma tradição literária inaugurada por Euclides da Cunha: o movimento de Canudos (1893-1897) e os sangrentos combates que se criaram em torno dele. Gouveia e seus empreendimentos – o aproveitamento hidrelétrico da cachoeira de Paulo Afonso, uma fábrica em pleno sertão, uma cidade com energia elétrica, água encanada, escola e "polícia" sempre vigilante, regulando os costumes – emergem como uma espécie de profilaxia à volta de fenômenos messiânicos. Chatô afirmou ainda: "Pedra começa a resgatar o assalto de Canudos, incorporando a cidade à civilização". Não por acaso, o texto foi batizado de "Uma resposta a Canudos". O autor elogiava a ação de Delmiro que "para combater a ignorância, o fanatismo religioso, serve-se também, de máquinas, engenhos de indústria humana, que em vez da morte e da destruição, ensinam o sertanejo e o jagunço o trabalho fecundo que educa, civiliza e aperfeiçoa"[91]. Assim, o Hércules-Quasímodo euclidiano seria, então, suplantado por um sertanejo civilizado. O artigo fez com que o negociante escrevesse carta ao jornalista, conhecido seu de longa data, agradecendo os elogios recebidos:

90 MÁXIMO, Antonio Carlos. **Os intelectuais e a educação das massas: o retrato de uma tormenta**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 76). p.18-19
91 CHATEAUBRIAND, Assis. Uma resposta a Canudos. **Diário de Pernambuco**. Recife, 10 set. 1917. p.03.

"Doutorzinho, você sabe escrever tão bonito da gente que este pobre matuto nem tem como agradecer-lhe. Aqui houve sertanejo que chorou"[92]. Todavia, vale ressaltar que, embora se referisse a Canudos, Chatô se batia com problemas contemporâneos. Afinal de contas, "outros" Canudos poderiam ser vislumbrados nos diferentes movimentos surgidos nos anos 10 e 20 pelo interior do Brasil. Se no Sul havia o "Contestado" (1912-1916), transformando as fronteiras de Santa Catarina e Paraná em palco de batalha, ao Norte do país surgiu, pouco tempo depois, o movimento de Bento Milagroso (1923), em Recife[93].

Na verdade, após a emergência de Canudos e Juazeiro como experiências que chocaram o país ainda nos oitocentos, uma série de outros movimentos políticos e religiosos apareceu no Brasil: "São Miguel" e "Monge Jesus Nazaré", em Santa Catarina (1908 e 1917); "Pau de Colher", liderado pelo beato Severino Tavares, em São Gonçalo, Bahia (1938); "Caldeirão" (1938), liderado por José Lourenço, no Crato, Ceará; "Beato Chico", em Quebrangulo, Alagoas (1938). Estes e outros movimentos ajudaram a reforçar sobre os sertões brasileiros a pátina ambígua de zona violenta e repositório da nacionalidade[94]. Deste modo, conhecer tais lugares, ver o país "por dentro" esteve entre as ambições de muitos intelectuais, sobretudo aqueles identificados com as inquietações modernistas.

A redenção sertaneja através do industrialismo apareceu em textos de outros letrados que, como Chateaubriand, visitaram a Pedra. A partir das memórias destes visitantes ilustres que Delmiro fez questão de receber, fomentou-se uma linha interpretativa classificando os empreendimentos de Gouveia como exemplos de profilaxia à barbárie representada pelo messianismo e pelo banditismo. Entre aqueles que registraram as suas impressões de Delmiro e da Pedra, estava um alto funcionário do governo brasileiro. Um homem com 50 anos, dono de um físico assustadoramente obeso, de palavras e inteligência sedutoras aos ouvintes e leitores[95]. Alguém habituado ao mundo europeu, conhecedor da realidade norte-americana. Seu nome era Manuel de Oliveira Lima.

---

92 MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.p.94-95

93 Sobre isto ver: BARROS, Souza. **Messianismo e violência de massa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1986.

94 BARROS, Souza. **Messianismo e violência de massa no Brasi**l. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1986.

95 Cf. GOMES, Ângela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.p. 51-76

1.2. OLIVEIRA LIMA: LONDRES EM PLENO SERTÃO

"O nome do coronel Delmiro Gouvêa decerto chegou ao Sul. Nos sertões do Norte é um dos poucos nomes que toda a gente conhece". Através de afirmações como estas, Oliveira Lima (1867-1928) foi um dos primeiros intelectuais a, juntamente com Chateaubriand, se manifestar ainda nos anos 10 sobre Delmiro e seus empreendimentos. Num texto de setembro de 1917, escrito na propriedade da sogra em Parnamirim (onde dizia ir para se "repernambuconizar")[96], dias após a visita que fizera à Pedra, Lima registrou suas impressões sobre Gouveia e as intervenções por ele comandadas. Suas memórias sobre a excursão, publicadas no *Diário de Pernambuco* e depois no *Estado de São Paulo*, estão recheadas de elogios ao anfitrião e de admiração pelas mudanças promovidas na paisagem sertaneja.

Elegendo o rio São Francisco a "grande artéria de penetração nos sertões" e acreditando ser a queda d'água de Paulo Afonso "um dos brasões da nossa heráldica geográfica", Oliveira Lima, então diplomata aposentado, elogia inicialmente o pioneirismo de Delmiro: "À rara iniciativa de um patrício nosso cabem a honra e o mérito de ter iniciado o aproveitamento dessa fonte excepcional de energia e progresso industrial" [97]. Conforme Lima, Gouveia agiu sozinho e sem excessos, dando mostras dos méritos da iniciativa particular.

O São Francisco e Paulo Afonso são partes de uma paisagem que, na narrativa de Oliveira Lima, oscila entre dois pólos. De um lado, há Paulo Afonso, bela, poderosa e imprevisível; por outro, há Pedra, resposta ao sertão bárbaro, organizada, industrial e disciplinada. Daí, o pernambucano argumentar que enquanto "Paulo Afonso é uma beleza inconsciente da natureza; a organização social da Pedra é porém o fruto deliberado de um plano levado a cabo com aparência de bonomia, no fundo com uma rara pertinácia". O que interessa ao embaixador é que Pedra resultava de um processo planejado, não de um acidente da natureza. A iniciativa de Delmiro, em pleno sertão, chamava atenção pelas interferências provocadas na vida cotidiana daquela gente que, para Lima, estava posta às margens dos projetos governamentais. Daí, a sua certeza: "desde a organização das missões

96 GOMES. Op. Cit.
97 LIMA, Manuel de Oliveira. Um passeio a Paulo Afonso. In: **Obra Seleta**. Org. Barbosa Lima Sobrinho. Rio de Janeiro: INL, 1971.p. 427-435 (Coleção Centenário, 3). p.427

jesuíticas não comporta o Brasil exemplo igual de disciplina e de previdência postas ao serviço de um agudo senso psicológico"[98].

Todavia, as diferenças entre as missões e a Pedra, "edifício moral" que Lima julgara impossível no sertão, logo são apresentadas. Enquanto "os índios das reduções obedeciam passivamente, quase que ininteligentemente", os operários da Pedra obedeciam "conscientemente, pode-se dizer que inteligentemente". Mas o que seria obedecer inteligentemente? Possivelmente, abrir mão de resistir a um processo civilizador. Ali, nos domínios de Gouveia, são poucos "os que lhe mostram rebeldes e não lhe fazem a abdicação voluntária das suas rebeldias"[99].

A descrição do vilarejo influenciou outros narradores da vida de Delmiro. Lima escreveu:

> Na vila operária reinam a ordem, o asseio e pode-se dizer o conforto. As casas são todas iguais para não se notar diferença nas posses dos que a ocupam. Cada quarteirão é ligado por um alpendre corrido, e cada habitação se compõe de quatro aposentos: salinha de frente, quarto de dormir, salinha de trás para as refeições e cozinha. A mobília varia segundo os haveres dos moradores. Nalgumas casas vi mobílias austríacas; noutras apenas uma mesa, escabel e baús. Em todas ou quase todas uma máquina de costura[100].

A disciplina, as preocupações com a higiene e a saúde impressionaram o embaixador. Diferente de outros lugares, ali havia um médico, um certo "Dr. Maciel", que ganhava mensalmente um conto de réis pela incumbência de "não poupar despesas para curar qualquer operário da fábrica". O espanto de Oliveira Lima continua quando ele constata a existência de um cirurgião-dentista e alfaiates: "Todo pessoal anda limpo e decente. Não vi, quer nas oficinas, quer nas ruas, um homem descalço ou de chinelos, uma mulher desgrenhada ou de dentes sujos". Tudo indica que os olhos de Oliveira Lima leram a Pedra através de um prisma europeu. E justamente por conta desta referência, ele sentencia: "Não é em todos os países da Europa, somente naqueles de proverbial asseio e

98 Ibidem. p. 430
99 idem
100 LIMA. **Op.Cit**.p. 430

boa ordem, que poderemos deparar com espetáculo igual"[101]. O ex-diplomata se mostra imerso no nacional, mas seu olhar é estrangeiro sobre a própria cultura.

Conforme o pensador pernambucano, a vila da Pedra era um cadinho de culturas manejado com maestria por Delmiro Gouveia. Tais descrições da Pedra como um "cadinho" e um edifício moral ou ainda como "um simples que é tudo" não cairam no vazio. A influência das leituras realizadas por intelectuais como Chateaubriand e Oliveira Lima pode ser percebida em escritos posteriores. Transformado em uma das referências nas descrições da Pedra, Oliveira Lima imprimiu para a vila a concepção de que, ali no sertão nordestino, mesmo em tempos de I Guerra, vigorava uma mistura harmoniosa das nacionalidades, sobretudo européias, amalgamadas nos empreendimentos de Gouveia:

> O sócio do coronel Delmiro é um italiano de Trieste; italiano é um engenheiro principal da usina elétrica, que tem sob suas ordens um chefe de máquinas alemão e um empreiteiro português; o gerente técnico da fábrica é inglês, o eletricista suíço-alemão, o mestre de tinturaria inglês que praticou na Alemanha. O espetáculo é uma miniatura do Brasil como deve de ser, tem de ser, um Brasil sem ódios de raça, nem de nacionalidade, nem de política, um Brasil cadinho de todos os povos e campo de trabalho para todas as capacidades. (...) Com seu espírito superior porque esta é uma superioridade a valer – o coronel Delmiro Gouvêa tornou impossíveis semelhantes rixas. A Pedra é um estabelecimento nacional e não um prolongamento da Europa[102].

Acompanhando a tendência dos seus dias, Oliveira Lima enxerga em Londres o centro civilizatório a ser seguido. E a vila não parece longe de atingir tal objetivo. Afinal de contas, ele escreve, na vila "os princípios de boa educação abrem brecha nos usos mais enraizados: nenhum dos empregados come com os dedos e raros são os que levam a faca à boca. Quase todos comem com o garfo, como a gente fina". O "Don Quixote Gordo" - como depois seria carinhosamente chamado[103] - não consegue esconder a empolgação ao

101 Ibidem p. 431
102 LIMA, M. **Op.Cit**. p.435
103 *D.Quixote Gordo* é homenagem de Gilberto Freyre que escreveu, entre outras coisas, ter sido Lima "na verdade, um desconhecido Don Quixote, paradoxalmente gordo" e "Como todo verdadeiro Don Quixote, Oliveira Lima teve, na vida (...) mais fracassos do que triunfos. Também nos fracassos foi plural. (...) Foi um

registrar: “É gente essa que também toma chá e talvez o prefira ao café: nos armazéns vi pilhas de latas de chá Lipton. Parece Londres em pleno sertão”[104].

Operários que tomavam chá. A força da imagem lançada pelo ex-diplomata surpreende se observarmos que ele concebeu o produto (Lipton) como um índice civilizador (e havia pilhas de chá na Pedra), afastando os sertanejos de uma bebida aparentemente mais comum ao hábito nacional - o café. Assim, através das palavras de Oliveira Lima surge a Pedra, espécie de Londres sertaneja, a se contrapor nos corredores do imaginário ao mundo de violência e messianismo predominantes nas representações sobre o sertão. Delmiro Gouveia permitia a Oliveira projetar um outro tipo de mundo sertanejo, um lugar livre do cangaço, da jagunçada e dos beatos. “Aos que só imaginam essa região povoada de jagunços e cangaceiros criminosos, ele [Delmiro] mostra que aqueles elementos de desordem podem ser aproveitados e transformados em elementos de cultura”. Para tanto, era preciso apenas que o sertanejo fosse tratado “um pouco como criança, mercê de sua ignorância, um pouco como adulto, mercê da sua natural agudeza”[105]. Uma leitura que estabelece o papel a ser exercido pelas elites intelectuais na história. A tarefa a ser desempenhada pelos mais sábios e preparados, gente como o próprio Oliveira Lima, era guiar a gente inculta, colocar a mescla de “crianças” e “adultos” nos trilhos civilizatórios.

Este empreendimento de mutação sertaneja passava inexoravelmente pela mudança dos hábitos de higiene, mas também pelo combate aos vícios mais arraigados na vida daquela gente. O controle sobre o uso de bebidas alcoólicas era ferrenho: “Aos domingos exclusivamente é facultado beber cerveja aos copos e cachaça aos cálices, entre 7 e 9 horas, no rink de dança”. Ao contrário de camponeses sujos, comendo com as mãos, descamisados e armados, como personagens capturados pelas lentes de Flávio de Barros[106], o responsável por imagens que remetem a Canudos, surgem homens que andavam “asseados: em mangas

---

singular Don Quixote: gordo por fora, magro por dentro”. FREYRE, Gilberto. **Oliveira Lima, Don Quixote Gordo**. Recife: Imprensa Universitária, 1967.p. 17 e 33.

104 LIMA, Manuel de Oliveira. Um passeio a Paulo Afonso. In: **Obra Seleta**. Org. Barbosa Lima Sobrinho. Rio de Janeiro: INL, 1971.p. 427-435 (Coleção Centenário, 3). p.431

105 Ibidem. p.437

106 Flávio de Barros produziu algumas das imagens mais utilizadas em publicações que abordam o movimento de Canudos e seus desdobramentos. Ver sobre ele: Zilly, Berthold. Flávio de Barros, o ilustre cronista anônimo da guerra de Canudos. **Estudos Avançados**, 1999, vol.13, n. 36.

de camisa, mas de camisa limpa, se em trabalho grosseiro; de uniforme de algodão azul, calças e dólmã, se noutros trabalhos"[107].

Mencionando um texto há pouco citado e escrito por Chateaubriand (*Uma resposta a Canudos*), Oliveira Lima acompanhou o raciocínio do colega paraibano e reafirmou as diferenças entre a Pedra e Canudos. Em contraste com esta última cidadela, os domínios de Gouveia não eram permeados de gente belicosa: "Os únicos homens armados dentro dos limites da propriedade [eram] os vigias da ronda, que se revezam e andam de carabina às costas servindo de polícias e fazendo respeitar o poder de autoridade". E ao contrário de Pe.Cícero e Conselheiro, Delmiro, o "Senhor da Pedra", desfrutava de respeito obtido não através de relações com o sobrenatural, algo que aparecia a muitos como costumeiro nos sertões. Ali, em lugar de fiéis devotos, o cearense promoveu o culto ao trabalho e motivou a alfabetização. Lima fala sobre escolas implantadas pelo coronel para combater o analfabetismo declarando que, tornando a freqüência escolar obrigatória, "o coronel Delmiro Gouvêa realizou o ideal democrático do ensino primário gratuito, leigo e compulsório"[108].

O combate ao analfabetismo e, conseqüentemente, a um dos principais fatores de atraso, banditismo e messianismo era também solicitado três anos após a publicação dos artigos de Oliveira Lima num dos primeiros livros preocupados em investigar "o problema de fanatismo religioso do povo-massa do interior (Nordeste)", como o classificou Souza Barros. Trata-se da obra *Beatos e Cangaceiros*, de Xavier de Oliveira, escrita em 1920:

> Que bom que o Governo da República e a Defesa Nacional incluíssem no programa do nosso Centenário da Independência a extinção do banditismo, naquela parte país! Poderiam fazê-lo: a União, o ensino primário obrigatório; fazendo a unidade da magistratura, para que os juízes encarregados da distribuição da justiça independam dos governos dos Estados; criando as Regiões Militares no interior do país, para despertar o civismo dos sertanejos; tornando um fato o voto livre e a eleição direta, desde os prefeitos dos Municípios ao Presidente da República. Então, quando isso se der, os chefes dos Sertões, ao invés de

107 LIMA, Manuel de Oliveira. Um passeio a Paulo Afonso. In: **Obra Seleta**. Org. Barbosa Lima Sobrinho. Rio de Janeiro: INL, 1971.p. 427-435 (Coleção Centenário, 3). p.432 e 431, respectivamente.
108 Ibidem. p.432

> comprarem rifles, para fazer um cangaceiro, fundarão uma escola para fazer um eleitor livre, um cidadão[109].

A observação, embora longa, é proveitosa não apenas por ecoar idéias como as de Oliveira Lima, mas também por evidenciar um esforço em retirar de movimentos messiânicos e cangaceirismos o estigma de trabalho de bárbaros, relacionando-os a problemas enfrentados pelos sertanejos. Esta preocupação em enfrentar beatos e cangaceiros com educação e medidas civilizatórias sinaliza sobre o trauma gerado por Canudos e Juazeiro[110]. Tomando os domínios de Gouveia como espaço modelo, Oliveira Lima escreveu: "O mais interessante é que esse espetáculo se nos oferece a 40 léguas de Canudos e a 70 do Juazeiro do Padre Cícero"[111]. O que explicaria, em zonas tão próximas, respostas tão dessemelhantes? Ora, para o pernambucano, Gouveia teria procedido "com um tino, um senso psicológico, um espírito de tolerância e de penetração de que infelizmente não deram prova nossos governantes ao lidarem com o caso de Canudos". O velho diplomata, que não escondia a sua simpatia pelo monarquismo, atribuiu às autoridades republicanas a responsabilidade pelas mortes no sertão baiano. Enquanto Gouveia combateu o fanatismo com trabalho, arquitetando um povoado que em certos aspectos acabava "fazendo lembrar as cidades alemãs"[112], as autoridades brasileiras "liquidaram pela brutalidade e pela crueldade" ao povo de Canudos, "quando esse

---

109 OLIVEIRA Apud BARROS, Souza. **Messianismo e violência de massa no Brasi**l. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1986. p.51-52

110 Os movimentos de Canudos (1893-1897) e Juazeiro marcam a história republicana em seus primeiros momentos. Por um lado, havia o choque provocado em Canudos, no sertão baiano, entre as forças governamentais e os camponeses liderados pelo beato Antônio Conselheiro. Por outro, a crescente influência religiosa e política de Cícero Romão Batista, o Padre Cícero, sediado em Juazeiro, na região do Cariri, Ceará. Os sertões do Nordeste despertavam a curiosidade e, ao mesmo tempo, circulavam na imprensa como palcos de barbárie. Todavia, Marco Antônio Villa esclarece que embora os problemas em Canudos tenham parecido maiores quando foi levantada a hipótese de que Padre Cícero, em desavenças com o bispo de Fortaleza desde 1896, se uniria a Antônio Conselheiro, deve-se perceber as dessemelhanças entre os dois casos: "Apesar de o padre Cícero estar em conflito com a Igreja, o mesmo não ocorria em relação ao Estado e à classe dominante da região". Villa, Marco Antônio. **Canudos: o povo da terra**. São Paulo, Ática, 1999. p.181. Rui Facó traça um perfil também dessemelhante do padre frente ao beato: "o sacerdote, apontado como milagreiro, conseguiu ser, por um longo período, ditador de almas, chefe político local, vice-governador do Estado, deputado federal eleito que recusou a assumir a cadeira para não abandonar seu aprisco, tornou-se proprietário territorial" Facó, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos.** 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.p. 124.

111 LIMA, Manuel de Oliveira. Um passeio a Paulo Afonso. **Obra Seleta**. Org. Barbosa Lima Sobrinho. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971. (Coleção Comentário, 3) p.437

112 Ibidem.p. 434

incidente de patologia social apenas requeria moderação e brandura"[113]. Desta maneira, segundo os argumentos de Lima, Pedra se aproximava da civilização (Alemanha, Europa) e fugia da barbárie (Brasil, sertão), embora ali, entre os bárbaros, houvesse o que de mais autêntico a nação possuía.

Portanto, é com otimismo que Oliveira Lima analisa a obra de Delmiro Gouveia. Os problemas que ela apresentava seriam sanados com o tempo (o próprio autor informa ter visto sobre a mesa de Gouveia uma faca, encontrada com um operário multado por isto), através de adaptações e da gradativa civilidade já aprendida nas escolas do povoado. As intervenções levadas a cabo por Gouveia promoveriam um vigoroso processo de conscientização política entre os sertanejos. Tal conscientização atingiria tanto as elites rurais quanto os camponeses. O primeiro grupo, do qual Gouveia parece ser um representante exemplar na ótica de Lima, agiria de maneira mais cordial, preocupando-se com a educação das massas. Os camponeses, adquirindo novos hábitos, se tornariam em pouco tempo cidadãos melhores, educados, civilizados. O mais importante, aos seus olhos, foi ver no interior do Brasil, nos sertões, uma cidade onde embora ainda não existisse uma Igreja, já havia banheiros exclusivos para homens e mulheres. Lá, os sertanejos tomavam cachaça em cálice.

"Na Pedra a carroça de lixo é uma instituição", celebra Lima. O mesmo fez Chatô. Em lugar da barbárie do sertão são outros aspectos que o interessam – a limpeza, a higiene, a disciplina. Ao invés de um beato vociferando contra governos e patrões, um homem para civilizar aquela gente. Foi assim que Lima concebeu Delmiro Gouveia, como "praticante e um apóstolo da religião da limpeza". Novamente encontramos a referência ao sobrenatural, ao "misticismo positivo". Se em Mário de Andrade, anos depois, o coronel seria descrito como o "Conselheiro do Trabalho", aqui ele é um apóstolo. Mas há uma âncora a impedir que tais epítetos ponham Delmiro no mesmo mar que os beatos. Observe-se que Lima logo esclareceu que o credo de Gouveia era o da higiene. Aliás, as afirmações de Andrade e Oliveira Lima são próximas também neste aspecto. Ecoando as palavras do velho intelectual, Mário depois escreveu que Delmiro tinha "a religião da higiene"[114].

113 Ibidem.p. 433
114 ANDRADE, Mário. O grande cearense. In: **Os Filhos da Candinha**. São Paulo: Martins Editora; Brasília: INL, 1976.p.43-44

Ao buscar situar a singularidade do exportador de peles, Oliveira Lima define Gouveia como um *self-made man*. Alguém que age por intuição: "Ele é legislador por instinto, como é engenheiro e jurista"[115]. Este homem, a quem o embaixador considerava também um protetor do meio ambiente[116], era comparado a Cecil Rhodes (1853-1902). Delmiro era "da mesma família moral, (...) dos conquistadores. Se se movesse na alta esfera política de uma grande potência colonial, seria um criador de nações"[117]. Da mesma forma que Rhodes, mas em menor escala, o cearense estava realizando uma obra extraordinária no alcance civilizador. Sinal disto era que Pedra não tinha "xadrez". Ao mesmo tempo, privar os camponeses da caça era combater o nomadismo. Desta maneira, cada medida de Gouveia foi posta como acertada e, por meio do personagem e da obra que descreveu, o autor imprimiu esperança no futuro do Brasil. É novamente a Europa que surge diante dos seus olhos quando ele busca referências para ilustrar a vila que conheceu com Chateubriand: "Por isso a Pedra reluz toda como a Holanda que Ramalho Ortigão desenhou com mais imaginação do que exatidão"[118]. Segundo Oliveira Lima, se acaso o país possuísse "uma porção de homens com o golpe de vista mercantil e sobretudo com a força de vontade combinada com o espírito de domínio – o que os ingleses chamam o *grasp*", isto é, se o Brasil tivesse mais homens como Gouveia, "seria uma nação manufatureira a par de agrícola, e opulenta como a sonham os que dizemos atacados de megalomania"[119].

Mas, ao contrário do que desejava Oliveira Lima, o Brasil aparecia escasso de figuras como a do negociante da Pedra. Deste modo, é possível dizer que o assassinato de Delmiro Gouveia constitui um trauma[120]? Provavelmente. Ao menos deste jeito ele foi interpretado por intelectuais logo após o acontecimento; deste jeito ele tem sido relembrado

115 Ibidem. p.436.
116 A leitura de Delmiro como um ambientalista, tese defendida por Frederico Pernambucano de Mello, é severemente criticada por Telma de Barros. A autora lembra, por exemplo, que "a preservação das Baraúnas tinha, além de suposta finalidade paisagística, fins outros, como o caso de que era usada como 'tronco', com o objetivo – bem pouco ecológico – de servir ao castigo físico de operários. A conversão do açude em receptáculo de águas – impregnadas de produtos químicos – utilizadas pela fábrica está longe de supostas finalidades de cunho ambiental". Cf.CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: plano e cotidiano operário no sertão**. Campinas, SP: Papirus, 1998. p.297. Para a apologia de Gouveia como ambientalista ver: MELLO, Frederico Pernambucano de. **Delmiro Gouveia: desenvolvimento com impulso de preservação ambiental**. Pref. Fernando de Mello Freyre. 2ed.ampl.Recife:CHESF/FUNDAJ:Ed.Massangana, 1998.
117 LIMA, M. **Op.Cit.** p.436-437
118 Ibidem.p.433-434
119 Ibidem. p.429
120 LACAPRA, Dominick. History and Memory: in the shadow of the Holocaust. In: **History and Memory after Auschwitz**. New York: Cornell University Press, 1998.p.8-42

por biógrafos. Observa-se a seguir uma destas manifestações “pós-trauma”, ocorrida pouco tempo após o crime que tirou a vida do cearense. Trata-se de uma homenagem feita a Gouveia, sendo toda ela pautada na memória do seu autor. E, considerando que “em qualquer exemplo, ao menos da língua escrita, não há nada que seja uma presença transmitida”[121], realizam-se algumas reflexões sobre a “re-presença”, a representação fornecida por esta e outras memórias.

1.3 O “CABOCLO GENIAL” E A “CHANAAN SERTANEJA”

Pouco tempo após os textos de Chatô e Lima virem a público, outro escrito posicionou Gouveia como um civilizador. Concebido como palestra para a Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), no Rio de Janeiro, “Delmiro Gouveia e sua obra” foi um ensaio escrito pelo médico Plínio Cavalcanti e lido em 19 de outubro de 1917. Na ocasião, o orador ofereceu frações das memórias da visita feita à Pedra: “Nunca mais se apagará dos meus olhos de excursionista deslumbrado, a risonha miragem d’aquella cidadesinha de Pedra (...), tão branca e limpa, que à primeira vista julguei-a um grande algodoal de capulhos alvejantes”[122]. Plínio Cavalcanti descreve a vila como uma “estranha flor de civilização” e Delmiro como “caboclo genial”. É sob o impacto do crime que o orador escolhe as suas palavras e talha a memória de seu homenageado, alguém que ele conhecera pessoalmente em 1914. Naquele ano, viajando pelo “Norte” do país, o jovem Cavalcanti percorreu aproximadamente 85 cidades, com o objetivo de escrever um livro sobre a região. Ali, nas redondezas do rio São Francisco, chegou à Pedra e tornou-se hóspede de Delmiro. O médico, então com apenas 23 anos, maravilhou-se ao presenciar “verdadeira civilização encravada na barbaria do sertão alagoano”.

A vila surgiu ao moço como algo único e, anos depois, ao proferir a palestra, ele reafirmou esta singularidade, concebendo a Pedra através de um oxímoro: tratava-se de um empreendimento tipicamente brasileiro e, ao mesmo tempo, “parece ter sido concebida à

121 SAID. **Op. Cit.** p. 52.
122 CAVALCANTI, Plínio. **A Chanaan sertaneja da Pedra: escriptos sobre a obra realisada por Delmiro Gouveia no Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro, 1927. O mesmo trabalho aparece antes nas seguintes publicações: CAVALCANTI, Plínio. A canaan sertaneja. **Saúde**. Rio de Janeiro, dez.1918; CAVALCANTI, Plínio. A Manchester sertaneja do Norte. **Revista Nacional**. Rio de Janeiro, I (I) jun. 1919 e CAVALCANTI, Plínio. A Manchester sertaneja do Norte. **Correio da Pedra**. 15 jun.1919.

feição das peças de invento, cujos moldes são quebrados pelos inventores para que ninguém mais consiga completar o seu acabamento". Isto pode ser explicado, pelo menos em parte, devido à força que a campanha pelo saneamento do país ganhou naqueles tempos. Como observam Nísia Lima e Gilberto Hochman, vivia-se uma época na qual o povo brasileiro era considerado "indolente, preguiçoso e improdutivo porque estava doente e abandonado pelas elites políticas. Redimir o Brasil seria saneá-lo, higienizá-lo, uma tarefa obrigatória dos governos"[123]. As viagens pelos sertões, crescentes no final do século XIX e nas primeiras décadas do XX, refletem uma tendência de valorização destes lugares tanto como espaços que deveriam ser incorporados ao "esforço civilizatório" das elites políticas do país quanto como referências da autenticidade nacional[124].

Retomando imagens do passado, Cavalcanti atribui a Gouveia a transformação experimentada na pequena vila. Conforme as palavras do médico, o cearense arrancou "do sertão alagoano esta Pedra bruta para lapidá-la ao crysol de sua energia e da sua astúcia maravilhosa". Deste processo, o que surge é um conjunto de práticas para reabilitar a visão que o palestrante tinha do povo brasileiro. A leitura positiva sobre o caráter nacional se ampara no próprio Gouveia que, conforme seu ex-hóspede, "poderia servir a um esculptor como modelo clássico da genuína raça nacional"[125]. Pode-se dizer que não um artista, mas o próprio Cavalcanti buscava um tipo ideal de brasileiro.

Pouco tempo depois da palestra sobre o negociante, o mesmo autor participou de outro evento celebrativo. Em fevereiro de 1918, o médico foi um dos que falaram na sessão inaugural da Liga Pró-Saneamento do Brasil[126] na qual se realizou uma homenagem ao sanitarista Osvaldo Cruz (1872-1917). Em sua intervenção, Cavalcanti falou sobre a importância de iniciativas para sanear os sertões dos "papudos e dos idiotas". Disse o Dr.Cavalcanti: "É uma campanha sociologica. É uma campanha patriótica em que todos os

123 LIMA, Nísia, HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor, SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.

124 LIMA, Nísia. **Um sertão chamado Brasil: inteletctuais e representação geográfica da identidade nacional**. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ, UCAM, 1999.p.65

125 CAVALCANTI, Plínio. **A Chanaan sertaneja da Pedra: escriptos sobre a obra realisada por Delmiro Gouveia no Nordeste do Brasil**.Rio de Janeiro, 1927.p.06 e 09.

126 A LPSB teve como dirigente Belisário Penna, tendo promovido "conferências; palestras em escolas, entidades associativas de proprietários rurais e nas Forças Armadas; distribuição de folhetos de educação sanitária, entre outras ações". Além disto, ocorreu a publicação de artigos do mesmo Penna incitando os brasileiros a participarem de uma campanha em prol do saneamento do país. Cf. LIMA & HOCHMAN.**Op.Cit**

brasileiros sem distincção de capacidades devem collaborar"[127]. A viagem que o médico fez ao interior do Brasil possivelmente estava ligada a uma ambição patrocinada pela SNA: contribuir para sanear os "vastos e enfermiços" sertões e tratar as "populações do interior dizimados por toda a casta de molestias infecciosas"[128]. Para profissionais como Cavalcanti, nada mais adequado que tomar homens como Delmiro (que até nos trajes brancos inspirava higiene) para representar suas idéias.

Era este, portanto, o sertanejo a ser estabelecido como padrão. O que ocorrera naquelas paisagens, anos antes, devido aos conflitos no arraial de Canudos e nas proximidades de Juazeiro, deveria ser superado. Era preciso então falar da missão cumprida por Delmiro, vindo de uma cidade litorânea, a erguer uma "florida chanaan de paz e trabalho para aquella gente exaltada, que como mestre-escolas só tivera Padre Cícero e Antônio Conselheiro". Aqui, aparece um traço comum nas diferentes reflexões produzidas sobre a vida do *Rei das Peles*. Para muitos, ele funcionou como uma antítese a tudo que representavam o clérigo de Juazeiro e o beato. Ao contrário destes dois personagens, Gouveia esgrimava os problemas do sertão através dos ícones modernizadores. Eletricidade e higiene, principalmente, impressionaram Plínio Cavalcanti da mesma forma que parecem ter impressionado Oliveira Lima e Chateubriand. Ao mesmo tempo, como os antecessores, o médico se esforçou em isolar o coronel frente a qualquer outro nome conhecido da região. O fato de ter agido sozinho e em lugar inóspito tornava Delmiro singular. O mesmo autor lamenta que intelectuais como Alberto Torres (1865-1917) e Euclides da Cunha não tenham alcançado Gouveia pois, segundo Cavalcanti, "se houvessem conhecido sua obra teriam motivos picturaes para um livro empolgante". Em sua exposição Cavalcanti acompanha a tendência interpretativa que, amparada em obras como *Os Sertões* (1902), criticava o abandono das populações do interior brasileiro pelas autoridades.

A devoção de Plínio Cavalcanti à causa de "sanear os sertões" acompanhava a argumentação de que era necessário intervir no interior do país, combater as endemias rurais e, deste modo, melhorar as condições físicas e sociais dos sertanejos. Em artigos

127 LIGA Pro- Saneamento do Brasil. A sua installação hontem. A glorificação da obra de Oswaldo Cruz. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, [12 fev. 1918]. http://www2.prossiga.br/Ocruz/textocompleto/imprensa_sobre/ligapro.html em 16/02/2007. Sobre os rumos que a tal liga tomou anos depois consultar: COSTA, Jurandir Freire. **História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico.** 3ed. rev. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
128 Idem

escritos para revistas especializadas e jornais, a imagem do sertão era evidentemente estereotipada[129]. Pedra quebrava este estigma e Delmiro, coronel moderno, se posicionava como uma personagem-chave para as narrativas sobre as modificações possíveis de serem empreendidas naqueles locais. Era o antídoto às moléstias infecciosas, ao sertão doente física e mentalmente. Gouveia era a resposta do mundo moderno ao atraso e o fanatismo, ambos simbolizados por Padre Cícero e principalmente pela figura de Antônio Conselheiro.

1.4. O "ANTÔNIO CONSELHEIRO DO TRABALHO"

As representações de Delmiro como um modernizador aparecem em diferentes publicações entre os anos 10 e 60, com ressonâncias até mesmo nos anos 80. Em meio a tais referências, uma pouco mencionada encontra-se no romance *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade. Após narrar as aventuras de um personagem singular, o autor não deixou o seu preguiçoso herói "pousar" na Vila da Pedra:

> Então Macunaíma não achou mais graça nesta terra**.** Capei bem nova relumeava lá na gupiara do céu. Macunaíma cismou ainda indeciso, sem saber si ia morar no céu ou na Ilha de Marajó. Um momento pensou em ir morar na cidade da Pedra com o enérgico Delmiro Gouveia, porém lhe faltou ânimo. Pra viver lá, assim como tinha vivido era impossível. Até era por causa disso mesmo que não achava mais graça na terra... Tudo o que fora a existência dele apesar de tantos casos tanta brincadeira tanta ilusão tanto sofrimento tanto heroísmo. Afinal, não fora sinão um se deixar viver: e para viver na cidade do Delmiro ou na Ilha de Marajó que são desta terra carecia de ter um sentido. E ele não tinha coragem pra uma organização. Decidiu: "-Qual o quê!...quando urubu está de caipora o de baixo caga no de cima, este mundo não tem jeito e vou pro céu[130].

129 O trabalho de médicos como Oswaldo Cruz e Belisário Penna, bem como intelectuais como Monteiro Lobato e Euclides da Cunha foi fundamental para o debate sobre os destinos da saúde da gente do sertão. A criação do serviço de profilaxia rural em 1918 é um dos desdobramentos da atuação dos sanitaristas, numa crescente participação política dos médicos nos desígnios sobre as ações instituídas no interior do país. Ver sobre isto: THIELEN, Eduardo Vilela; SANTOS, Ricardo Augusto dos. Belisário Penna: biographical photos. Hist. cienc. saude-Manguinhos , Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2002 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702002000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 Aug 2007.

130 ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. 30 ed. Tex.Rev. Tele Porto Ancona Lopez. Belo Horizonte: Vila Rica, 1997.p.123

A "cidade do Delmiro" aparece como lugar da disciplina. Longe, portanto, das representações do sertão, palco de desordem. Seria um *habitat* pouco adequado para alguém como o "herói sem nenhum caráter". O diagnóstico do personagem de que "este mundo não tem jeito" indicia sobre os contrastes entre a Pedra e a terra pela qual Macunaíma vagabundou, "brincou" com a mulherada e no qual ele se empolgou com símbolos da civilização paulista, como o revólver Smith-Wesson[131]. Pedra, seus atrativos modernizadores e as limitações impostas pela necessidade para uma "organização", lembram, como fez Berman, que ser moderno é "viver uma vida de paradoxo e contradição". Neste aspecto, enquanto personagens, os dois – Delmiro e Macunaíma – se aproximam. Cada um dele parece simultaneamente "revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura"[132].

Todavia, a apropriação de Gouveia como contraponto a Macunaíma merece reflexão. É possível entender a presença de Delmiro, menos de 10 anos após a sua morte, num clássico da Literatura Brasileira? Certamente não será como um discurso de louvor ao Nordeste ou ao Brasil. Afinal de contas, Andrade afastou de si o discurso regionalista. Em carta a Prudente de Moraes Netto, escrita em 18 de fevereiro de 1925, o escritor explicou: "este meu nacionalismo não pensem que é chauvinismo e muito menos regionalismo. É amor humano e único meio de nós brasileiros nos universalizarmos"[133]. Daí a sua afirmação de que um dos seus objetivos foi "desrespeitar lendariamente" tanto a geografia quanto a fauna e flora geográficas. Em *Macunaíma*, espaços e expressões regionalistas aparecem misturados. Numa página, o herói está próximo ao Solimões, na seguinte ele percorre "Sergipe de ponta a ponta"[134]. Deste modo, Mário escreveu que "desregionalizava o mais possível a criação ao mesmo tempo em que conseguia o mérito de conhecer literariamente o Brasil como entidade homogênea"[135].

---

131 Ibidem. p.101

132 BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Trad. Carlos Felipe Moisés Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p.12-13.

133 ANDRADE, Mário Apud VELLOSO, Mônica P. Razão e sensibilidade: o tema da amizade na escrita modernista , *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Número 6 - 2006, mis en ligne le 16 mars 2006, référence du 17 août 2007, disponible sur: http://nuevomundo.revues.org/document1919.html.

134 ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. 30 ed. Tex.Rev. Tele Porto Ancona Lopez. Belo Horizonte: Vila Rica, 1997. p.104-106

135 ANDRADE, Mário de. Prefácio escrito em dezembro de 1926. Disponível na INTERNET via http://acd.ufrj.br/pacc/macunaima.html. [on line]. Acesso em 20 jul. 2005

O próprio Macunaíma, curiosamente, dirá a seguinte frase após cogitar ir viver com Delmiro: "Não vim no mundo para ser *pedra*"[136]. Um trocadilho? Pouco provável. A expressão, que, conforme Cavalcanti Proença, seria uma espécie de "provérbio indígena" recolhido por Couto Magalhães, pode funcionar também como uma recusa do herói andradiano em moldar-se a determinados padrões, como aqueles tão elogiados em Gouveia. Porém, cabe lembrar que a referência ao termo pedra não se restringe à cidade de Delmiro, mas também ao arquiinimigo do herói – Venceslau *Pietro Pietra*. E, como aponta Severino Albuquerque, "while stone is the construction material more readily associated with resistance and durability, in *Macunaíma* it also calls to mind (...) destruction and predation"[137]. Assim, as características de inércia, aridez, esterilidade, convivem com a representação de uma outra pedra, esta fundamental na obra. É o muiraquitã, dado ao herói por *Ci*, o seu único amor. Tais relações entre construção/desconstrução, freqüentes no texto de Andrade, aparecem inclusive nas contínuas referências não somente a pedras, mas também a formigas e a preguiça.

Estas oposições que tanto parecem agradar a Mário estabelecem uma leitura conflituosa do caráter brasileiro. Assim, considerando que "pouca saúde e muita saúva os males do Brasil são", Macunaíma é o herói que a todo tempo repete: "Ai...que preguiça!". A expressão vai de encontro ao trabalho ético, à disciplina, valores que Delmiro Gouveia, chamado por Mário de "grande cearense", parecia encarnar para o intelectual paulista. Destoando das características de Macunaíma, herói destruidor e preguiçoso, o coronel recebeu menções elogiosas do escritor. Entretanto, como Mário de Andrade encontrou Delmiro Gouveia? A tentativa de resposta a esta pergunta pode ser pensada a partir dos passos do escritor para erguer o seu clássico.

Consoante a correspondência e os diferentes prefácios de Andrade para o seu livro (que findou publicado sem nenhum), *Macunaíma* foi escrito em poucos dias, entre 16 e 23 de dezembro de 1926, numa chácara em Araraquara, a "Chacra do Tio Pio", São Paulo, e depois ampliado em 1927. Câmara Cascudo explica que Macunaíma é "entidade divina para os macuxis, acavais, arecunas, taulipangues, indígenas caraíbas, a oeste do platô da

136 Em tupi, "Não vim no mundo para ser *pedra*" seria algo como "Ixá itimanhã xá icó! ce ára uirpe ita ãrãma". PROENÇA. **Op.Cit**.p.233

137 "Enquanto pedra é o material de construção mais associado com resistência e durabilidade, em *Macunaínma* ela evoca (...) destruição e depredação". Tradução livre do autor. ALBUQUERQUE, Severino. Construction and destruction in Macunaíma. **Hispania**, 70, mar 1987.p.70

serra de Roraima e Alto Rio Branco, na Guiana Brasileira". Por sua vez, Cavalcanti Proença esclarece que, tanto o nome de Macunaíma quanto o de seus irmãos se referem ao herói indígena cujo nome aparece pela primeira vez em 1868, em trabalho de W.H.Brett acerca dos silvícolas da Guiana: "Desconhecendo a verdadeira personalidade, os missionários usaram o nome Macunaíma para traduzir o de Deus, nos catecismos, conforme o testemunho de Capistrano de Abreu, Herbert Baldus e do próprio Amoroso Lima". É ainda Câmara Cascudo quem explica que, com o passar do tempo, Macunaíma foi-se tornando um "misto de astúcia, maldade instintiva e natural, de alegria zombeteira e feliz" [138]. Ciente desta polifonia, Mário afirmou no *Diário Nacional* de 20 de setembro de 1931: "Isso é o Macunaíma e esses sou eu"[139].

Pelo que se sabe, o autor conheceu a obra *Von Roraima Zum Orenoco* (De Roraima para Orenoco) do filólogo, geógrafo e historiador alemão Theodor Koch-Grünberg[140] e, segundo ele, dela se apropriou, principalmente do seu segundo volume, à maneira dos cantadores nordestinos "que compram no primeiro sebo uma gramática, uma geografia, ou um jornal do dia, e compõem com isso um desafio de sabença, ou um romance trágico de amor, vivido no Recife"[141]. Tendo sido ele mesmo, aos 39 anos, personagem de um romance conturbado na capital pernambucana, Gouveia parece ter instigado Mário de Andrade. Não é improvável que o literato, no ímpeto de "conhecer literariamente o Brasil", tenha encontrado menções a Delmiro entre cantadores e periódicos nordestinos. Sabe-se que Gouveia volta e meia freqüentava as páginas dos jornais e revistas. Afinal de contas, não é corriqueiro alguém ameaçar um vice-presidente da República de bengala em punho, em plena rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, como ele fizera com Rosa e Silva em 1899. Também não é comum que o mesmo indivíduo, pouco tempo depois, "seqüestre" uma

138 CASCUDO, L. Câmara. **Dicionário Brasileiro de Folclore**. Ver.Atua. 9 ed. São Paulo: Global Editora, 2000. Macunaíma.p.347; PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **Roteiro de Macunaíma**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília:INL, 1974, p.8.

139 ANDRADE, Mário. A Raimundo Moraes. In: **Táxi e crônicas do Diário Nacional**. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria da Culura, Ciência e Tecnologia, 1976.p.434

140 O pesquisador alemão esteve quatro vezes no Brasil. Morreu provavelmente vítima da malária na última expedição. Cf. ARANK, Erwin H. Viajar é preciso. Theodro Koch-Grünberg e a Völkerkunde alemã do século XIX. **Revista de Antropologia**. Dez.2005, v.48, n.2, p.559-584

141 ANDRADE, Mário. A Raimundo Moraes. In: **Táxi e crônicas do Diário Nacional**. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.p.434

menor de idade, ainda por cima enteada do governador de Pernambuco[142]. Porém, voltemos a Mário de Andrade.

Entre dezembro de 1928 e março de 1929, Mário realizou a sua segunda "viagem etnográfica". Na primeira, visitara a região do Amazonas e do Peru. A nova excursão abrangeu também regiões do Nordeste. Ali, através de contatos intensos com figuras como Manuel Bandeira (1886-1968), Cícero Dias (1907-2003) e Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), Mário coletou registros sonoros: músicas de feitiçaria, cocos, romances etc. No Recife, ganhou um passeio de lancha pelo rio Capibaribe. Presente de Gilberto Freyre (1900-1987). Durante esta nova expedição, Mário passou pela Ilha de Marajó que, em Macunaíma, colocou próxima à Pedra. Esta viagem foi importante para Andrade. Entre as suas memórias, ficou a de uma conversa em meio ao Atlântico, relembrada anos depois em um texto para o *Diário de São Paulo*: "um homem do Pará sucede ter convivido muito com Delmiro e conversamos sobre o grande cearense". Quais os traços deste personagem foram descritos para Andrade pelo seu amigo paraense naquele dia lembrado como "feio" e de mar indócil? Um deles certamente foi o *ethos* disciplinador de Gouveia. E Andrade parece ter se divertido com o que ouviu: "falaram que Delmiro Gouveia era perverso, era não. Meu companheiro afirma que esse Antônio Conselheiro do trabalho não mandou matar ninguém". O escritor registrou ainda: "Delmiro costumava falar que brasileiro sem sova não ia, e por sinal que sovou e mandou sovar gente sem conta, bem feito". O autor paulista amplia a sua ironia: "a arma dele era principalmente o chicote que manejava como artista de circo. E tinha birra de mulher fumante". E narra: "Uma feita, uma dessas cachimbava na porta da rua, muito cismando". O cearense, por sua vez, "seguiu no trotinho descansado uns trinta metros mais, virou o animal de sopetão, veio na galopada e com um golpe justo do chicote arrancou o cachimbo da boca da dona. Que nunca mais fumou"[143]. O sarcasmo deste trecho se encaixa no aviso de que a crônica "pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do ziguezague de uma aparente conversa fiada" [144].

Cf. MENEZES, Olympio. **Itinerário de Delmiro Gouveia**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais/MEC, 1963; MARTINS, F. Magalhães. **Delmiro Gouveia: pioneiro e nacionalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

143 ANDRADE, Mário. O grande cearense. In: **Os Filhos da Candinha**. São Paulo: Martins Editora; Brasília: INL, 1976.p.43-44

144 CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: **Para gostar de ler**. vol.V: crônicas. 14 ed. São Paulo: Àtica, 2002. p.98

A tal expedição "etnográfica" de Mário de Andrade pelo Brasil foi fundamental para alguns dos seus escritos. Ao remexer nas lembranças das viagens, o escritor paulista se reencontrou com o "Antônio Conselheiro do Trabalho"[145]. Uma pergunta a ser feita: Mário teria lido o artigo de Chateaubriand? Possivelmente. Ocorre que para dimensionar a obra de Delmiro Gouveia, Chatô retomou Canudos. Mário fez o mesmo. Os estereótipos sobre o sertão envolvendo o cangaço, o coronelismo, a seca e o messianismo foram expedientes que muitos intelectuais tomaram para discutir os rumos da região. E assim, Conselheiro e seus seguidores aparecem como uma mácula, um obstáculo a ser vencido no projeto de modernização pelo qual deveria passar aquele espaço[146].

Enredando suas reminiscências, Andrade descreve a obra de Delmiro como única e contraditória. Apesar da violência, satirizada pelo autor, o processo civilizatório lançado por Gouveia nas Alagoas chamava a atenção do intelectual. As intervenções do cearense nos hábitos dos moradores eram bem vistas, pois a cidadezinha alcançou uma "perfeição de mecanismo urbano como nunca houve igual em nossa terra". O controle sobre os hábitos da população sertaneja só atestava o *ethos* modernizador de Gouveia: "Si um menino falhava na aula, Delmiro mandava chamar o pai pra saber o por quê. Chegou a despedir os pais que roubavam os dias de estudos aos filhos, por algum servicinho". Se acaso havia meninos preguiçosos, o negociante juntava uma leva deles e "mandava um negrão chegar africanamente a palmatória na bunda dos tais"[147]. Esta passagem de Andrade insere o

145 Sobre a existência de repertórios de imagens comuns a uma determinada tradição cultural consultar: GINZBURG, Carlo. Um lapso do Papa Wotjla. GINZBURG, C. **Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Cia das Letras, 2001.p.219-228.

146 É deste jeito em *Bandoleiros das Caantigas*, um dos primeiros trabalhos editados após a morte de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, em 28 de julho de 1938. O livro, produzido sob os auspícios do regime estadonovista, resultou de reportagens feitas por Melchíades Rocha no sertão nordestino como repórter de *A Noite*. Nele Rocha apresenta as suas impressões sobre a Pedra,"próspera vila do extremo oeste alagoano, que fica a poucos quilômetros da cachoeira de Paulo Afonso". Ali, conforme o jornalista, "o gênio industrial e patriótico do saudoso Coronel Delmiro Gouveia fundara a importantíssima e única fábrica de linhas da América do Sul, obra essa de que o Brasil poderia orgulhar-se ainda hoje". Segundo o autor, "não fosse a indiferença da velha República e a criminosa falta de patriotismo dos que a entregaram, de mão beijada, aos estrangeiros, a troco, talvez, de gordas propinas", a Fábrica ainda estaria de pé. O corolário desta indiferença e da "criminosa falta de patriotismo" é apresentado: "com o desaparecimento da fábrica de linhas da Pedra, perdeu Alagoas, perdeu o Nordeste um dos mais importantes fatores do seu progresso, da sua grandeza". Não surpreende que o livro de Rocha seja dedicado a Euclides da Cunha. Como Euclides, o autor de *Bandoleiros* requisitava a integração do sertanejo ao conjunto da nação. ROCHA, Melchíades da. **Bandoleiros das caatingas**. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1940.p.71

147 Ibidem. p.42

agroindustrial numa perspectiva diferenciada entre os donos de terra tipicamente presentes em romances regionalistas. Elas destoam, por exemplo, das idéias defendidas por um dos personagens de Graciliano Ramos – Paulo Honório, o indiferente senhor das terras de *São Bernardo*:

> Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. Iniciei a pomicultura e a avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem. Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos, chamou-me patriota, citou Ford e Delmiro Gouveia[148].

A referência acima a Delmiro, ao que tudo indica, está ligada às estradas construídas pelo cearense, de modo a viabilizar o transporte entre a Pedra e outras cidades de Alagoas[149]. Embora o próprio Delmiro seja mencionado pela personagem, a distância entre eles fica evidente. Paulo Honório não quer escolas, médicos, roupas e higiene para os trabalhadores. Nada disto. E ao ironicamente situá-lo entre Delmiro e Henry Ford (1863-1947), Ramos sinaliza para uma concepção do cearense como um modernizador. Paulo Honório embora seja comparado a Gouveia e a Ford, não se preocupou com intervenções nos hábitos dos trabalhadores, em controlar a moral dos seus subordinados, em estabelecer escolas, médicos e rotinas para a gente que rodeava a sua fábrica. Ao contrário do Delmiro que policiava os passos de pais e filhos operários, Honório pouco se importa com a gente do campo, com os seus trabalhadores. O fazendeiro refere-se a um trabalhador adoentado:

> Uma doença qualquer, e é isto: adiantamentos, remédios. Vai-se o lucro todo. (...) Mas não tem dúvida: mande o que for necessário. Mande meia cuia de farinha, mande uns litros de feijão. É dinheiro perdido[150].

148 RAMOS, Graciliano**. São Bernardo**. 83 ed. Ed. Revista. Rio de Janeiro: Record, 2006. p.49

149 Segundo Nilson Lage afirma que Delmiro abriu 24 Km de estradas até Paulo Afonso, 20 Km até Água Branca, 25 Km até Mata Grande, 300 Km para Quebrangulo (passando por Santana do Ipanema e Palmeira dos Índios) e, por fim, 151 Km até Garanhuns. Também nisto, houve incentivo público. Observe-se por exemplo, o requerimento feito por Gouveia, em 1914, no qual ele requisita a indenização de 10000$000 (dez contos de réis) por abrir estrada até Santana do Ipanema. LAGE, N. Delmiro Gouveia: seu crime foi plantar a fartura no Sertão. In: **Os Grandes Enigmas da Nossa História.** Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1981. p. 47

150 Ibidem. p.111

Andrade concebeu Delmiro como "gênio da disciplina". Se Macunaíma, "herói desgeograficado" foi embora por não suportar esta terra, Gouveia foi morto porque esta terra não o suportou[151]. Para o escritor, o coronel, faroleiro quando jovem, permanecia como uma espécie de "dramático movimentador de luzes (...) dentro do noturno de caráter do Brasil". Daí o seu destino trágico: "teve o fim que merecia: assassinaram-no. Nós não podíamos suportar esse farol que feria os nossos olhos gestadores de ilusões, a cidade da Pedra nas Alagoas". Além destas menções, outra referência a Gouveia aparece na publicação *Mensagem* em julho de 1943. Ali, Mário de Andrade explica que, após perder o "muiraquitã", o amuleto que lhe dava razão de ser, o presente recebido do seu único amor puro, o artefato que lhe permitiria "se organizar, se reorganizar numa vida legítima e funcional", Macunaíma "desiste de ir viver com Delmiro Gouvêia, o grande criador". Além disto, a opção em ir para a lua remete a uma contraposição entre a figura de Delmiro e a personagem de Andrade. Entretanto, o que significa ir para a lua? Segundo Cavalcanti Proença, podemos considerar esta opção pelo "brilho inútil" da lua como uma metáfora sobre as conclusões tiradas pelo herói ao analisar a vida que teve na terra. Tomando o caminho da lua, Macunaíma "continuaria a brilhar, embora sem finalidade nem seriedade, nessa vocação para o brilho puro, sem calor, que Mário de Andrade censurou tantas vezes nos artistas brasileiros"[152]. Em 1928, o próprio Mário, numa das suas muitas cartas a Carlos Drummond de Andrade, exorta o amigo a não "viver o brilho intenso das estrelas", mas "tentar São Paulo" e escreve: "quem sabe se o contato com uma cidade de trabalho, no meio nosso dum trabalho cotidianizado e corajoso, você tem coragem pra uma organização e abandona essa solução a que Macunaíma chegou" [153].

Delmiro aparece nos escritos de Mário de Andrade como um "grande criador", um "gênio da disciplina", um "dramático movimentador de luzes", um "farol". Referências tão elogiosas ao cearense convivem com críticas ácidas de Andrade a outros intelectuais e artistas. Esta admiração por Gouveia, nascida talvez nas viagens feitas pelo Norte do Brasil, parece ter acompanhado Mário por muito tempo. Todavia, entre os epítetos que ele atribuiu

151 PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **Roteiro de Macunaíma**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília:INL, 1974, p.60
152 Ibidem.p.15
153 ANDRADE, Mário. **A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, anotadas pelo destinatário**. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1982. p.133

ao cearense, o de "Antônio Conselheiro do trabalho" merece reflexão cuidadosa. O que esta expressão pode significar? Mário reúne, em um só personagem, duas representações contraditórias. De um lado, retoma a figura messiânica de Antônio Conselheiro (1830-1897), o beato líder do arraial de Canudos, mas, por outro, a "corrige" com o acréscimo do termo trabalho, entendido como atividade normatizada, fabril, produção em série, marcas da vida urbana ausentes do mundo sertanejo. Funcionando conjuntamente, as duas palavras exemplificam as influências que a leitura euclidiana exerceu na construção de interpretações sobre o passado e as pessoas do "Norte" brasileiro. Andrade evoca a figura mítica definida por Euclides como uma síntese de "todas as crenças ingênuas, do fetichismo bárbaro às aberrações católicas, todas as tendências impulsivas das raças inferiores, livremente exercidas na indisciplina da vida sertaneja" e delineia Gouveia como uma nova espécie, uma leitura positiva da vida sertaneja[154]. Surge assim, um outro tipo de beato, um líder ligado ao mundo produtivo, ao ritmo incessante dos tempos modernos. Há, portanto, um sutil diálogo com uma tradição interpretativa inaugurada pela obra de Euclides, tomada como a fonte "mais idônea" sobre os confrontos surgidos no arraial de Canudos que, já nos tempos em que Mário escrevia, era uma obra singular como peça literária e como documento[155].

Desta forma, ao denominar Delmiro como um "Antônio Conselheiro do trabalho", Mário de Andrade estabeleceu uma ponte com as interpretações euclidianas dos problemas brasileiros. O industrial apareceu nos escritos do modernista sempre de forma breve, muito embora como figura exemplar. Nos textos aqui analisados, ele findou descrito por Mário como uma espécie de campeão da civilização – em contraposição ao paranóico "documento raro de atavismo" representado por Conselheiro n'*Os Sertões*. Assim sendo, o homem que Euclides da Cunha disse ter ido para a história da mesma forma "como poderia ter ido para o hospício", encontra contraposição no *Rei das Peles*, descrito por Mário como um homem à frente do seu tempo. Delmiro, talhado por Andrade como uma figura iluminista, contrasta com o "gnóstico bronco" que um dia dominou os sertões[156]. Se Conselheiro é mencionado por Euclides como um "evangelizador monstruoso" e alguém que procurara sempre as

154 CUNHA, Euclides. **Os Sertões: campanha de Canudos**. 39 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1997.p.166
155 GINZBURG, Carlo. Um lapso do Papa Wojtyla. In: **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Cia das Letras, 2001.p.219-228
156 CUNHA. Op.Cit.p.165-166; 168

profissões menos trabalhosas, Delmiro Gouveia, enérgico e hábil com o chicote, foi a antítese disto. O cearense era, segundo Andrade, "duma energia masculina, pré-determinada e não ocasional, como entre nós inda é costume herdado do calor solar"[157]. Era alguém que com "a religião da higiene e o ateísmo das esmolas religiosas", arrastava pessoas em nome do trabalho, de uma vida organizada e funcional, sugere Mário. Algo tão evidente, que até Macunaíma sabia disto. E, como não era tolo, o *herói* fugiu.

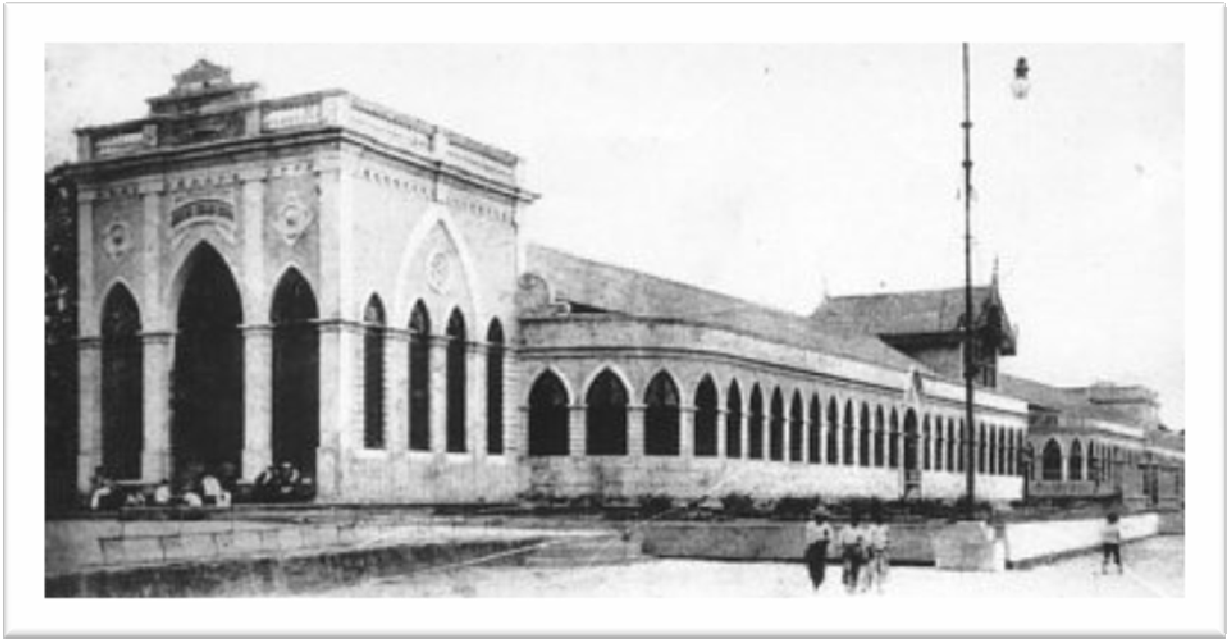
Por fim, ao posicionar Gouveia no clímax da sua rapsódia como uma das alternativas para seu anti-herói, Mário confronta o espírito aventureiro do brasileiro e uma experiência aparentemente isolada de culto à disciplina, ao trabalho. Neste aspecto, Manuel Cavalcanti Proença observa que: "esse espírito de aventura do brasileiro, contrapondo-se ao trabalho, não é invenção de Mário de Andrade, mas observação de sociólogos eruditos falando sério, mestres como Sérgio Buarque de Hollanda"[158]. Por isto, no *Diário de Notícias*, em 1939, Mário reafirmou a frustração sentida pelo destino da personagem: "Quando, depois de uma existência inútil, Macunaíma desiste de ser gente, e a lembrança de ainda poder construir como um Delmiro Gouveia, prefere ir viver o brilho inútil das estrelas meus olhos umedeceram"[159]. Como se vê, em breves e dispersas referências, nas explicações do próprio Mário de Andrade, ganhou relevo a representação do "Coronel dos Coronéis" como a antítese do herói andradiano e, de certo modo, do próprio povo brasileiro.

1.5. GRACILIANO E AS MEMÓRIAS SOBRE DELMIRO GOUVEIA

Estas relações entre a escrita euclidiana e as menções de Mário de Andrade não constituem um ponto isolado na historiografia sobre Delmiro Gouveia. Tudo indica que a perspectiva euclidiana permeia muitos outros trabalhos sobre o coronel. Há alguns parágrafos, destacaram-se as intervenções de Graciliano Ramos para apresentar Delmiro Gouveia como um mártir modernizador. Na crônica "Recordações de uma indústria morta",

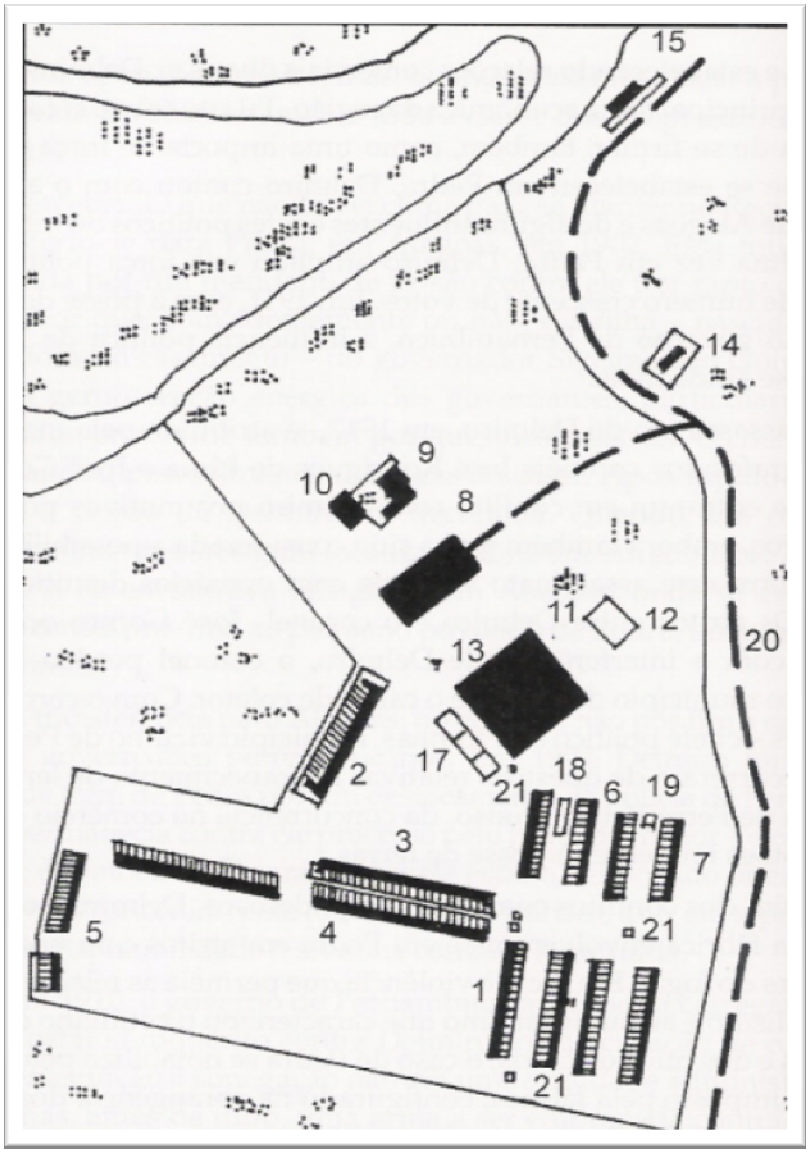
157 ANDRADE, Mário. O grande cearense. In: **Os Filhos da Candinha**. São Paulo: Martins Editora; Brasília: INL, 1976.p.42
158 PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **Roteiro de Macunaíma**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília:INL, 1974.p.12
159 ANDRADE, M. Começo de crítica. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 5 mar. 1939. In: **Vida Literária**. São Paulo: Edusp, 1993.p.12

1. Interior da Fábrica da Pedra. O asseio e a disciplina impostos por Delmiro impressionavam aos visitantes. Cf. DELMIRO Gouveia. **Continente Documento**. Ano I, n.11, jul.2003.

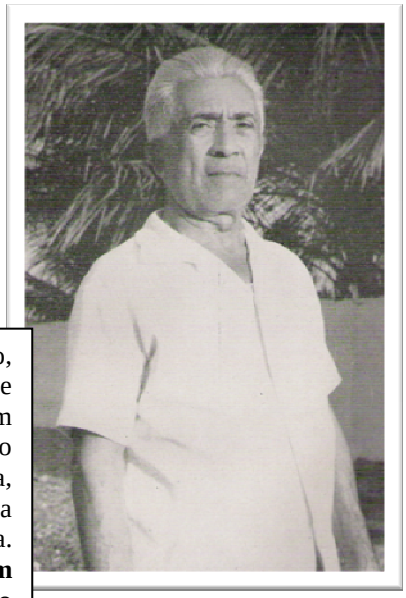


2. Mercado do Derby, no Recife. ARARIPE, J.C.Alencar. **A glória de um pioneiro: a vida de Delmiro Gouveia**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.

3. O "Ninho da Águia", o centro nervoso do complexo de Angiquinho, construído por Gouveia em 1913. SARNO, Geraldo. **Coronel Delmiro Gouveia**. Brasil: Embrafilmes/Saruê Filmes. 1977. 90 min. Color.

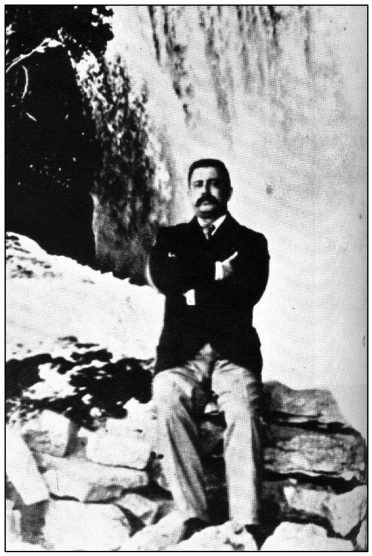


4. Planta da Vila da operária da Pedra. São indicadas as ruas Rio Branco (1), José de Alencar (2), Floriano Peixoto (3), Ruy Barbosa (4), 15 de Novembro (5), 13 de Maio (6) Depósitos da Fábrica (8), Residência de Delmiro (9), Curtume (10), "tronco" (11), *Rink* (12), Fábrica (13), Chalé de Delmiro fora do arame (14), Estação Ferroviária (15), Açude (16), Reservatórios de água (17), Cassino (18), Loja (19), Via férrea (20) e Chafariz (21). CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: plano e cotidiano operário no sertão**. Campinas, SP: Papirus, 1998.p.204

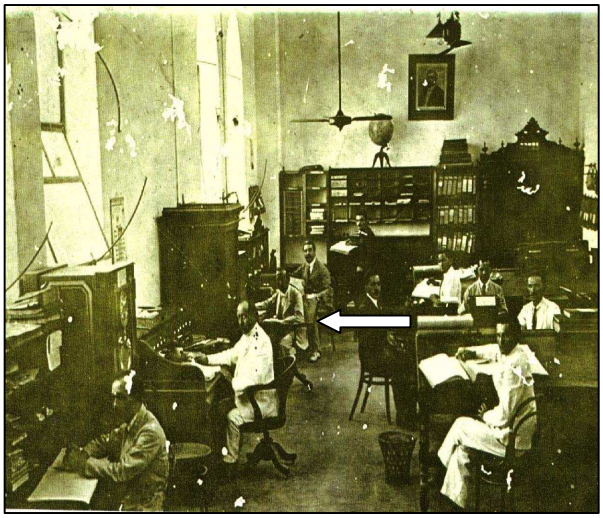


5. Róseo Moraes do Nascimento, um dos supostos assassinos de Delmiro, cumpriu pena por um crime que provavelmente não cometeu. Morreu pedindo justiça, negando o crime, mas sem ter a inocência reconhecida. J.C.Alencar. **A glória de um pioneiro: a vida de Delmiro Gouveia**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.p.127

6. Cercados por policiais Róseo, à esquerda, e Jacaré, os "cabras de somenos valia" acusados do assassinato de Delmiro Gouveia . Presos em Maruim, Sergipe, negaram a autoria mas, sob tortura, confessaram o crime. J.C.Alencar. **A glória de um pioneiro: a vida de Delmiro Gouveia**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.p.127

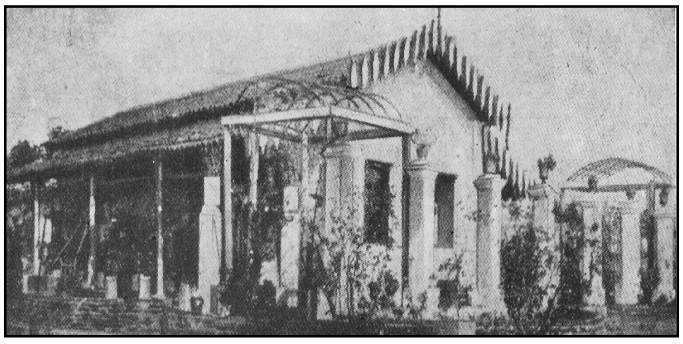


7. Delmiro Gouveia. Ao fundo, Niagara Falls. MENEZES, Olympio de. **Itinerário de Delmiro Gouveia**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1963.



8. Escritório da Fábrica da Pedra. A disciplina dos operários deveria ser a mesma dos empregados administrativos, sombreados pela imagem de Gouveia e comandados por Iona (em destaque). DELMIRO Gouveia. **Continente Documento**. Ano I, n.11, jul.2003.

9.Delmiro recepciona a caravana comandada por Manoel Borba, governador de Pernambuco.MENEZES, Olympio de. **Itinerário de Delmiro Gouveia**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1963.



10. Residência de Gouveia na Pedra. Depois, o prédio seria derrubado em um monumento construído em seu lugar. MARTINS, F. Magalhães. **Delmiro Gouveia: Pioneiro e Nacionalista**. 2 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. (Coleção Retratos do Brasil, v. 17).

originalmente publicada na revista *Cultura Política* em agosto de 1942 e presente na obra póstuma *Viventes das Alagoas* (1961), Graciliano narra que, na Pedra, Delmiro "estirava uma autoridade sem limites". A cidade foi descrita assim:

> arame farpado cercava a fábrica e a vila operária. E os agentes do Governo, funcionários da prefeitura, soldados de polícia, detinham-se nas cancelas, porque lá dentro não eram precisos. Estava tudo em ordem, ordem até excessiva, as casas abrindo-se e fechando no horário, os deveres conjugais observados com rigor, o cinema exibindo fitas piedosas, as escolas arrumando nas crianças noções convenientes.Apito de manhã, apito ao cair da noite, instrumentos e pessoas em roda viva, tudo melhorando, a procura superior à oferta[160].

Eis um quadro que destoa, e muito, daquilo que uma figura como Macunaíma poderia desejar. Na descrição acima, Pedra aparece como espaço que atestava a viabilidade do sertão, a necessidade de explorar as águas do rio São Francisco. Delmiro é um anunciador desta viabilidade, pois foi "numa cachoeira notável, mencionada sempre com respeito, admiração e inércia" que o barulho das turbinas foi "acordar alguns cavalos da manada que lá dormia o sono dos séculos". Cabe lembrar que o texto de Graciliano destinava-se a uma publicação oficial do Estado Novo[161]. *Cultura Política* deveria reunir intelectuais das mais diferentes tendências para a produção de ensaios interpretativos sobre a Nação. Anos após ter sido denunciado pelo "patriotismo alagoano", estando finalmente fora da prisão e com bocas para alimentar, Graciliano se engajou como colaborador do novo periódico e apresentou um "quadro de costumes" sobre a sua região de origem - lugar pelo qual nutria grande mágoa e para onde decidiu jamais voltar[162]. Como o próprio autor escreveria tempos depois, ao rememorar aqueles tempos: "como outros espíritos miúdos dependiam de nós, e era preciso calçá-los, vesti-los, alimentá-los (...) caímos na labuta

160 RAMOS, Graciliano. Recordações de uma indústria morta. **Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste**. 7 ed. Rio Grande do Sul/ São Paulo: Record/ Martins Fontes, 1977.p.115

161 Cf. RAMOS, Graciliano. Recordações de uma indústria morta. **Cultura Política**. Rio de Janeiro: 2 (20): 166, out. 1942.

162 Segundo Carlos Alberto dos Santos Abel, o desapontamento de Graciliano com Alagoas começou ainda nos anos 30, depois da sua prisão em 1936. Após a sua liberdade, o escritor não quis mais retornar para a terra natal. Em carta à esposa, datada de 11 de abril de 1937, afirmou que só retornaria a Alagoas "se pudesse oferecer a isto um terremoto que acabasse tudo". Cf. ABEL, Carlos Alberto dos Santos. **Graciliano Ramos: cidadão e artista**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.p.97

diária, contando linhas, fabricamos artigos, sapecamos traduções, consertamos e engulhando produtos alheios"[163]. Conforme Mário Danner, no período posterior à saída da prisão o sertão se tornou a temática central da escrita de Ramos. O seu encontro com *Cultura Política*, de certo modo, contribuiu para uma redescoberta das lembranças do escritor, para lugares da memória de um Brasil diferente daquele mundo urbano experimentado por Graciliano ao viver no Rio de Janeiro[164].

Entre *Cultura Política* e Graciliano, as diferenças ideológicas são rapidamente perceptíveis. O autor havia sido vítima daquela máquina repressiva, nem de longe via o comunismo como um mal a ser combatido. Ainda assim, Ramos e o regime varguista se aproximam quando "fazem do discurso contido em *Cultura Política* um meio de se atingir o passado". No que diz respeito à linha editorial da revista, sabe-se que a ênfase nestes tempos recaía sobre escritos referentes à "realidade nacional"; abordagens que mostrassem a falência do liberalismo; as mazelas da Primeira República, contrapondo-as aos avanços do regime oficialmente implantado em 1937. Esta busca pela "realidade nacional" na literatura alimentava a preocupação em estabelecer o olhar sociológico em diversas publicações, não somente para a *Cultura Política*[165], é bom lembrar. Os novos tempos exigiam a saída do intelectual da sua "torre de marfim" e a contribuição na arquitetura de um novo ambiente, que deveria reunir o mundo da cultura (espaço dos homens de pensamento, os intelectuais) ao mundo da política (espaço dos homens de ação, os políticos). É emblemática desta estratégia incorporadora de intelectuais ao projeto estadonovista a eleição de Getúlio Vargas para a Academia Brasileira de Letras, em 1943[166].

---

163 RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere (I)**. Rio de Janeiro: Record, 1996. p.34

164 DANNER, Mário Fernando Passos. Graciliano Ramos e a crônica. In: CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Ogs.). **História em coisas miúdas: capítulos de história social e da crônica no Brasil**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005.p.286-287

165 A *Cultura Política* esteve sob a direção de Almir Andrade, sendo publicada entre março de 1941 e outubro de 1945: "A revista é bem divulgada, achando-se à venda nas bancas de jornais do Rio de Janeiro e São Paulo. O seu corpo editorial e seus colaboradores, de modo geral, são bem remunerados, recebendo normalmente o dobro do que pagam as demais publicações". VELLOSO, Mônica. Cultura e poder político: uma configuração do campo intelectual. In: Gomes, Ângela Maria de, OLIVEIRA, Lúcia Lippi, VELLOSO, Mônica. **Estado Novo: ideologia e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p.74

166 Vargas foi eleito em 7/8/1941 para a cadeira 37, cujo patrono era Tomás Antônio Gonzaga. A posse ocorreu em 28/12/1943. VELLOSO, Mônica. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1987.p.11

Neste plano interpretativo, os ideólogos do Estado Novo elegeram Euclides da Cunha como uma espécie de patrono das letras. A sua interpretação cientifizada é tomada como exemplar. As discussões sobre as interferências no interior do Brasil e sobre a arte de narrar a história brasileira se viam envoltas na perspectiva euclidiana. Mas, ao mesmo tempo, era importante rechaçar a pátina do atraso. Neste contexto, era estratégico mostrar que os focos da mudança estavam por toda parte. Narrando as diferenças regionais, os intelectuais se esmeraram em apontar ícones de um desenvolvimento que, se não era ainda efetivo, existia potencialmente[167]. Observe-se que isto não se afasta do ideal euclidiano pautado nos conceitos de industrialismo, da ciência e do direito que, "mixados" pela evolução, possibilitariam o florescimento de uma civilização soberana[168]. Apontando os sertões do Norte como palco privilegiado onde se encontraria o cerne da nossa nacionalidade, a chave para livrar a nação do "estigma cosmopolita" acentuado pelos processos migratórios, Euclides aparece como referência habitual em diferentes escritos sobre os sertanejos e o espaço por eles habitado. Uma tradição interpretativa na qual a civilização é a meta a ser atingida.

Tanto na ótica de Mário de Andrade, quanto na de Graciliano Ramos, Delmiro é circundado pelo halo civilizatório. Apesar das divergências sobre os caminhos da escrita literária[169], os dois autores demonstram influências de Euclides. E os três escritores demonstraram um perceptível "senso de missão social"[170]. Deste modo, a memória que emergiu sobre Gouveia foi a de um arauto da mudança, herói-síntese da modernização redentora. Mas, ao contrário de Andrade, que ironizava a sociologia afirmando ser ela a "arte de salvar rapidamente o Brasil", Graciliano parece mais comprometido com uma perspectiva euclidiana ao observar um processo de ascensão e queda de um sertão industrial. Embora muitas vezes apareça de forma quase ocasional, Delmiro é

---

167 Cf. VELLOSO. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1987. p.10

168 Cf. SEVCENKO, Nicolai. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2 ed. São Paulo Companhia das Letras, 2003.p.182

169 Em 1939, Ramos criticou os ataques de Mário de Andrade a escritores que este último julgou como sendo "tostões" frente aos escritores "contos de réis" que Andrade afirmava existir. Sobre isto ver: RAMOS, Graciliano. Os tostões do Sr. Mário de Andrade. In: **Linhas Tortas**. 5 ed. Rio Janeiro: Record, São Paulo: Martins, 1977. p.189

170 VELLOSO, Mônica Pimenta. Razão e sensibilidade: o tema da amizade na escrita modernista. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, n.6 - 2006, mis en ligne le 16 mars 2006, référence du 17 août 2007, disponible sur : http://nuevomundo.revues.org/document1919.html.

freqüentemente chamado para exemplar quando as descrições se referem ao potencial do Nordeste. Daí a afirmação sobre a "malícia cabola" feitas por Graciliano. Graças a esta habilidade, o sertanejo chamado Gouveia "saiu da capoeira, estabeleceu-se na cidade, passou a infligir a criadores e intermediários as regras a que se havia sujeitado em tempos duros"[171].

Os feitos de Delmiro representaram uma experiência efêmera apagada da memória local, esquecimento que "amortalhou a indústria aparecida com audácia no sertão, entre imburanas, catingueiras, rabos-de-raposa e coroas-de-frade". Além disto, se o texto de Ramos pode ser visto como um elogio a Gouveia, ele também sugere contradições ao descrever um tempo e um lugar no qual "estava tudo em ordem, ordem até excessiva". Em dias de Estado Novo, o discreto comentário que escapa no texto sobre a "ordem excessiva" insinua uma visão menos idealizada de Gouveia e, talvez, dos próprios tempos em que vivia o autor[172]. A crônica apresenta curiosas alegorias, ao falar sobre uma manada de cavalos a ser despertada por Gouveia para a indústria. Mas ao mesmo tempo sabe-se que, apesar do despertar, há arame farpado a deter o entra-e-sai das pessoas.O tom de denúncia velada contrasta com a euforia de textos como os de Chateaubriand e Oliveira Lima mas, anos depois, todos eles foram retomados e incluídos em um grande grupo homogêneo de intelectuais legitimadores do mito Gouveia. Porém, o encontro de Ramos com Gouveia ocorreu de maneira um pouco dessemelhante.

Graciliano conviveu diversas vezes com o nome de Delmiro Gouveia. Durante anos, o escritor morou em Palmeira dos Índios, no agreste alagoano, a 190 km da Pedra. Chegou a ser prefeito da cidade (1928-1930). Palmeira era a "porta" para ligar o litoral ao sertão alagoano. Ali, nos tempos em que tentava equilibrar as finanças da *Loja Sincera*, que depois herdaria do pai, provavelmente ouviu diversas narrativas de caixeiros-viajantes e almocreves sobre Delmiro. Em agosto de 1915, morando no Rio de Janeiro, onde ganhava cento e vinte mil réis por mês como "foca" (iniciante) de jornais cariocas, Ramos se dispôs a voltar para junto dos parentes: "Não me tenta a Palmeira. Mas acredito que com o sacrificar-me não sacrificarei grande coisa". Naqueles dias, o escritor já sabia que a peste

171 RAMOS. Op.Cit.p.113
172 Cf.VELLOSO, Mônica Pimenta. A literatura como espelho da Nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n.2, 1988, p. 239-263.

bubônica, cruel na cidade alagoana, não poupara alguns dos seus parentes[173]. Havia perdido o irmão Clodoaldo: "Estou atarantado. (...) essa desgraça de que falam...Clodoaldo...Não tenho coragem de escrever". Graciliano perderia ainda mais duas irmãs e um sobrinho. Retornou e passou a ajudar o velho Sebastião Ramos (1860-1934) a tocar os negócios familiares. Talvez ele até estivesse na multidão de curiosos que assistiu aos carros comprados por Gouveia desfilarem pelas ruas apertadas de Palmeira dos Índios. Conforme Félix Lima Júnior:

> Que barulho danado! Muito foguete, a banda de música tocando com entusiasmo. O intendente Municipal e demais autoridades à frente de grande massa popular, foram cumprimentar e vitoriar Delmiro, todo de branco, satisfeito, feliz, no seu carro de fogo[174].

Depois da morte do industrial, quando assumiu como prefeito da "Princesa do Sertão" - cidade que ele preferia chamar de "princesa escavacada"-, Graciliano mencionou Delmiro no relatório enviado ao governador de Alagoas em 1930, referente ao segundo ano de sua gestão. Ao informar que tinha a intenção de que fosse construída uma estrada ligando Palmeira a Santana do Ipanema, Ramos registrou:

> Os peritos responderam que ela custaria aí uns seiscentos mil-réis ou sessenta contos. Decidi optar pela despesa avultada. Os seiscentos mil-réis ficariam perdidos entre os barrancos que enfeitam um caminho atribuído ao defunto Delmiro Gouveia e que o Estado pagou com liberalidade: os sessenta contos, caso eu os pudesse arrancar do povo, não serviriam talvez ao contribuinte que, apertado pelos cobradores, diz sempre não ter encomendado obras públicas, mas a alguém haveria de servir[175].

---

173 Na ocasião, por conta da peste bubônica, Graciliano Ramos perdeu os irmãos Otacília, Leonor e Clodoaldo, além do sobrinho Heleno. Cf. RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

174 LIMA JÚNIOR, Félix. **Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão alagoano**. 2ed. Maceió: Departamento Estadual de Cultura/Federação do Comércio do Estado de Alagoas, 1983. (Coleção Vidas e Memórias). p.173

175 RAMOS, Graciliano. 2º Relatório ao Governador do Estado de Alagoas. **Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste**. 7 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record/Martins, 1977. p.175-185.p.180

A passagem acima revela um outro tratamento conferido a Gouveia por Graciliano. O "defunto Delmiro Gouveia" não é o homem que abriu estradas perfeitas como querem os seus biógrafos. Há, no máximo, um "caminho" defeituoso e oneroso aos cofres públicos. Ainda assim, é interessante observar que Ramos marcou a sua ação aproximando-se de Delmiro, ao sugerir identificação entre os dois projetos. O de Delmiro, levado adiante por recursos próprios e o dele, limitado pela pobreza de financiamentos estatais. Nos dois casos circula a preocupação em abrir estradas, em modernizar e, desta forma, civilizar. Daí , talvez, os elogios a Paulo Honório em *São Bernardo*. E assim, a barbárie, apresentada por Euclides n'*Os Sertões*, encontra eco nos escritos de Graciliano. Um olhar sobre Fabiano, o patriarca da família de retirantes em *Vidas Secas* (1938) evidencia isto.

Fabiano é o vaqueiro com um corpo derreado, cujas "pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco"[176]. Em Euclides, encontramos a descrição do sertanejo como "desgracioso, desengonçado, torto". Alguém que anda "sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados"[177]. Incapaz até mesmo de estabelecer uma trajetória linear, caminha bamboleando[178]. O vaqueiro de Graciliano Ramos, de pé, "não se agüentava" bem e tinha como "posição natural" o andar cambaio e a cabeça inclinada[179]. Este homem sempre cansado, expressa uma "preguiça invencível em tudo", até mesmo no falar.

Em *Vidas Secas*, Fabiano e família pouco falam. O mais comum é ler passagens como esta: "-Está certo, grunhiu Fabiano" ou "Hum! Hum!". Na verdade, Fabiano não sabia falar, explica o seu criador, em certas ocasiões "largava nomes arrevesados, por embromação"[180]. Como o sertanejo euclidiano, aquele homem bruto e forte não migrará para cidade na primeira estiagem. Ele resistirá: "Seria necessário mudar-se? Apesar de saber perfeitamente que era necessário, agarrou-se a esperanças frágeis. Talvez a seca não viesse, talvez chovesse" [181].

A transformação deste "Hércules-Quasímodo" em um "cavaleiro robusto" também ocorre no romance. Ali, Fabiano reflete sobre a função de vaqueiro e a vida que levava.

176 RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 37 ed. Posf. Álvaro Lins. Rio de Janeiro: Record, 1977.p.20
177 CUNHA, Euclides. O Homem. In: **Os Sertões: campanha de Canudos**. 39 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1997.p.166
178 Ibidem.p.131
179 RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 37 ed. Posf. Álvaro Lins. Rio de Janeiro: Record, 1977.p.20
180 Ibidem. p.76,21,42 e 39.
181 Ibidem.p.119

Enquanto Euclides escreveu que "colado ao dorso deste [o cavalo], confundindo-se com ele, graças à pressão dos jarretes firmes, realiza a criação bizarra de um centauro bronco"[182], Ramos descreveu sua personagem como um ser que "montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia"[183]. Estas semelhanças entre os dois escritores sugerem a forte influência, bem como a perenidade, da interpretação de *Os Sertões*.

Graciliano Ramos se aproxima de Euclides também no olhar atento ao seu "objeto". Daí a sua resposta a certos críticos que teimavam em enquadrar alguns escritores do Nordeste como "regionalistas": "Realmente a geografia não tem nada com isso. (...) O que há é que algumas pessoas gostam de escrever sobre coisas que existem na realidade, outras preferem tratar de fatos existentes na imaginação". O autor alagoano volta a sua pena contra aqueles ansiosos por transformar a literatura nacional em dois blocos coesos "como as pastorinhas do Natal, que dançam e cantam filiadas ao cordão azul ou ao cordão vermelho". O problema com estes críticos, explica, é que os tais escritores nordestinos passaram a expor em suas obras "facas de ponta, chapéus de couro, cenas espalhafatosas, religião negra, o cangaço e o eito, coisas que existem realmente e são concebidas com satisfação pelas criaturas vivas". E amplia a ironia ao dizer: "Pois não é que o Sr. Armando Fontes foi dizer que as filhas dos operários se prostituem?"[184]

E tratando da "realidade", como Euclides, Graciliano enxerga um sertão longíquo dos benefícios da civilização. Não à toa, Fabiano enxerga o Governo como "coisa distante e perfeita", instituição que "não podia errar"[185]. Comentando um discurso de Getúlio Vargas, Ramos escreveu: "enquanto a capital se desenvolve enormemente para cima e para os lados, importando por avião e transatlântico os bens e malefícios da civilização, o campo definha, pacatamente rotineiro, longe da metrópole no espaço e no tempo"[186]. A admiração do autor por Delmiro, expressa na crônica de 1942, se ampara em fatos como o mergulho do cearense no sertão. Ao contrário da metade nórdica da empresa, composta por "um carcamano e um gringo", explica Graciliano, que "permaneceu longe, na civilização,

182 CUNHA. Op.Cit.p.131
183 RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 37 ed. Posf. Álvaro Lins. Rio de janeiro:Record, 1977.p.21
184 RAMOS, Graciliano. Norte e Sul. In: **Linhas Tortas**. 5 ed. Rio de janeiro:Record, 1977.p.135-136
185 RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 37 ed. Posf. Álvaro Lins. Rio de janeiro:Record, 1977.p.35
186 RAMOS, Graciliano. A marcha para o campo. In: **Linhas Tortas**. 5 ed. Rio de Janeiro:Record, 1977.p.128

embolsando os lucros, áspera, fechada, invisível"[187]. Explicando, como fizera Euclides em sua obra mais conhecida, que a migração é a última opção do sertanejo, Ramos afirmou que o surgimento de ofícios parasitários resulta da queda da produção no campo. A juventude de Gouveia talvez aparecesse ao escritor como um exemplo disto. Afinal de contas, a opção de tornar-se "negociante, ambulante, trocador de animais, atravessador, salteador" foi o caminho seguido por Delmiro. Utilizando-se de uma série de artifícios ele "cresceu rapidamente, engrossou demais", sendo que esta mesma habilidade propiciou a sua vitória sobre o produto *made in England.* [188]

A mutação de que nos fala Graciliano, descrevendo o carrascal vertido em jardim, reforça o poder que a região concentrava, em seus rios, na cachoeira de Paulo Afonso, "sinal da nossa grandeza", algo que foi despertado por Delmiro graças a este traço da cultura sertaneja. Para Graciliano, Gouveia soube usar as brechas deixadas pelos poderosos, pelo capital estrangeiro e, demonstrando "conhecimento de línguas" e "domínio sobre as vontades alheias", entrou violentamente num mercado que costumeiramente era cruel[189]. O atraso em que vivia o Nordeste era resultado de "processos rotineiros na agricultura, indústria precária, exploração horrível do trabalhador rural, carência de administração"[190], diagnosticou Graciliano. Ora, ao ler e ouvir falar das experiências de Gouveia, o escritor deve ter visto nelas algumas possibilidades perdidas. Não se trata de considerar Graciliano um mero êmulo de Euclides, negando as singularidades de sua escrita ou eclipsando as diferenças culturais e históricas em que os dois autores escreveram suas obras. O que relaciona um autor ao primeiro é uma tradição interpretativa, um modo de olhar o sertão e seus habitantes. Talvez por isto, Ramos tenha escrito o seu texto atribuindo a Delmiro um forte papel de civilizador.

1.6. TRÊS APROPRIAÇÕES

Este enfoque desenvolvimentista de Gouveia - ressaltado por autores de perspectivas tão díspares quanto Oliveira Lima, Mário de Andrade, Chateaubriand e

187RAMOS, Graciliano. Recordações de uma indústria morta. **Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste**. 7 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record/Martins, 1977.p.115
188Ibidem. p. 114,115,116.
189 Ibidem. p. 116 e 114.
190 RAMOS, Graciliano. A propósito da seca. In: **Linhas Tortas**. 5 ed. Rio de Janeiro:Record, 1977.p.134

Graciliano Ramos– reapareceu em diversos outros textos. Esparsas referências, presentes em notas de jornais, discursos e palestras situaram Delmiro como um verdadeiro avatar modernizador. Três escritos, de origens diferenciadas, podem exemplificar esta evocação do coronel como transformador dos sertões. Em cada um deles, é possível perceber os "ecos" das idéias lançadas pelos fundadores do mito, mas não é possível identificar onde elas começam e onde se encerram em cada um destes textos[191]. No primeiro exemplo, observa-se que as narrativas sobre mudanças trazidas pelas intervenções de Gouveia parecem ter avançado as fronteiras entre a literatura jornalística e o universo da oralidade ou a o menos mantido com ela um fértil diálogo. Delmiro Gouveia aparece até mesmo na literatura de Cordel.

O texto *História do Boi Mansinho e do Beato Zé Lourenço* é apenas um exemplo de como o nome do "Coronel dos Coronéis" circula pela cultura popular. Os versos tratam de um presente que outro cearense, o Padre Cícero Romão Batista (1844-1934) dá a Zé Lourenço, um beato. A dádiva é um boi ofertado por Delmiro. Diz o cordel:

Um dia o Padre mandou
Chamar Zé Lourenço, e disse:
José, ganhei um garrote
que eu só queria que visse:
é zebu, da melhor raça.
Quero que um favor me faça:
Trate dele, com meiguice!
-Pois, foi Delmiro Gouveia,
meu amigo, o coronel,
quem me deu esse presente
- e eu quero lhe ser fiel.
Esse boi vai ter, aqui,
Na zona do Cariri,
Um importante papel.[192]

191 Cf. BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo,RS: Editora Unisinos, 2006.p.32

192 BATISTA, Paulo Nunes. História do Boi Mansinho e do Beato Zé Lourenço. Disponível na INTERNET via http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?cod=6216&cat=Cordel.[on line]. Acesso em 27/09/03.

Note-se que a dádiva, o garrote zebu, reúne dois personagens freqüentes na cultura política nordestina – o padre e o coronel. Padre Cícero apresenta Delmiro como "meu amigo, o coronel". Fala sobre a importância do presente, do seu papel na região do Cariri. Aqui, o cearense não é lembrado pelo clérigo como industrial severo, mas como um "coronel", um aliado, alguém de sua confiança. Quando apareceu este texto? É muito difícil de localizá-lo no tempo. Conforme os versos, tudo teria ocorrido por volta de 1900, justamente quando Gouveia travava ferrenhas batalhas, por espaços na vida política e econômica pernambucana, com o grupo encabeçado por Rosa e Silva. Mesmo assim, não é possível encontrar uma data aproximada para lidar com uma produção da cultura popular[193] (por mais complicações que a utilização este termo ainda acarrete). Porém, mais importante que isto é percebê-lo circulando numa rede maior, construída nas complicadas relações entre a cultura popular e a cultura erudita. O "coronel" que aparece no cordel perde espaço em outros escritos[194].

A referência a Delmiro e à doação do animal provavelmente se deve às experiências que o cearense realizou na diversificação de seus negócios. Embora tenha experimentado a criação de caprinos, Gouveia concentrou esforços na introdução das raças zebu e holandês[195]. Daí a afirmação de Zé Lourenço: "-Vamos zelar esse boi,/Que é de subido valor/E vai nessa região,/Ser touro reprodutor"[196]. As palavras do beato fazem

193 Chartier nos lembra que a cultura popular "é uma categoria erudita", pois "os debates engajados em torno da própria definição da cultura popular foram (e são) realizados a propósito de um conceito que pretende delimitar, caracterizar, nomear práticas que não são jamais designadas por seus atores como pertencendo à 'cultura popular'". E, embora tenha havido movimentos para extirpá-la como conceito, o mesmo autor afirma que "o destino historiográfico da cultura popular é, portanto, ser sempre sufocada, expulsa, usada e, ao mesmo tempo, tal como Fênix, sempre renascer das cinzas". CHARTIER, Roger. **Formas e Sentido: cultura escrita: entre distinção e apropriação**.Trad. Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2003. (Coleção História da Leitura). p. 141,146.

194 Robert Darnton teceu considerações instigantes sobre os processos pelos quais as sociedades dão sentido a determinadas informações. Conforme este autor, cada época possuiu a sua própria "era da informação" e os trajetos de construção e reconstrução de uma informação merecem tanta atenção quanto a própria informação. Embora sua análise se fixe na Paris do Antigo Regime, trata-se de uma reflexão bastante proveitosa quando nos defrontamos com fluxos de informações diferenciadas, como é o caso das notícias sobre Delmiro Gouveia. Cf. DARNTON, Robert. The news in Paris: an early information society. In: **George Washington's false teeth: na unconventional guide to the eighteenth century**. New York: W.W. Norton, 2003.p. 25-75

195 Cf. MELLO, Frederico Pernambucano de. **Delmiro Gouveia: desenvolvimento com impulso de preservação ambiental**. ed.ampl.Recife:CHESF/FUNDAJ:Ed.Massangana, 1998.

196 BATISTA, Paulo Nunes. História do Boi Mansinho e do Beato Zé Lourenço. Disponível na INTERNET via http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?cod=6216&cat=Cordel.[on line]. Acesso em em 27/09/03.

referência ao culto surgido em torno do zebu, a quem foram atribuídos dotes milagrosos. Os versos podem ser pensados ainda como indícios do movimento liderado pelo Beato Zé Lourenço em Juazeiro, Ceará, em 1921. Anos depois, o mesmo líder fundaria a comunidade do Caldeirão que, nos anos 30, seria massacrada por tropas governamentais, através de ataques que envolveram o uso de aviões para estes fins[197].

Todavia, como pensar as possíveis relações entre Gouveia e Padre Cícero sugeridas pelo cordel? Há referências esparsas à amizade entre o negociante e o clérigo. Numa delas, lê-se que Delmiro foi hóspede de Cícero Romão, com quem mantinha "constante e cordialíssima correspondência epistolar" e a quem o coronel "prazeirosamente enviava valiosos mimos, constantes algumas vezes de reprodutores bovinos de puro sangue e espécimes cavalares também de apreciada raça"[198]. Ainda assim, se há carência de subsídios para compreender a circulação de Gouveia e Pe. Cícero no texto sobre o garrote, é sabido que a Fábrica da Pedra se apropriou da sua imagem, ilustrando as embalagens das linhas com a fotografia do sacerdote em 1927 - dez anos, portanto, após a morte de Delmiro. Complementava a propaganda o seguinte dístico: "As abençoadas linhas do nosso Padrinho Padre Cícero fabricadas pela Cia. Agro-Fabril Mercantil-estado de Alagoas trazem felicidade e rendem mais"[199]. A foto é de um homem disposto, que observa a câmera com tranqüilidade, sem demonstrar esforço algum para ficar de pé, cujos cabelos ainda não estão esbranquiçados, o pescoço ainda não parece pender indeciso sobre a cabeça, diferente daquele que morreria apenas sete anos depois, com 90 anos de idade. A imagem destoa até mesmo de um outro instantâneo, feito quando o líder religioso contava cerca de 80 anos. Assim sendo, tudo indica que ela é bem anterior ao período aparentemente oficial de sua realização e reprodução em embalagens.

Através das tais linhas *Padre Cícero*, além de apelar para o nacionalismo, a Fábrica da Pedra, mesmo após a morte do seu fundador, explorou a religiosidade como atrativo para

197 A repressão aos sertanejos em Caldeirão foi ferrenha. Companhias da Polícia Militar partiram de Juazeiro e Fortaleza, o Exército também foi enviado e, segundo Facó, o general Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra, autorizou "o auxílio necessário pelas tropas regulares sediadas em Fortaleza. Até aviões, então escassos, recebem ordem de levantar vôo para bombardear o nucleamento de Lourenço e Severino Tavares". FACÓ, R. **Cangaceiros e Fanáticos**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ed.Bertrand Brasil, 1991.p.213

198 Um certo José Cândido escreve: "Conheci pessoalmente Gouveia em 1916, em Juazeiro, apresentado que me foi pelo eminente e venerando amigo Padre Cícero, em cuja acolhedora residência estava hospedado, bem assim Delmiro". Cf. CÂNDIDO, José. Delmiro e Padre Cícero. **O Povo**. Fortaleza, 5 jun. 1963.

199 Cf. SARNO, Geraldo e SENNA, Orlando. **Coronel Delmiro Gouveia Roteiro Premiado no Festival de Brasília -1978**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1979.

seus produtos. Nos tempos em que a CAM começou a fabricar seus primeiros carretéis, o pároco cearense já era notório líder religioso, sacerdote carismático e influente entre os fiéis. Todavia, outros versos, estes publicados em 1979, sugerem a intervenção do próprio Gouveia na concepção da tal linha:

À tão cruel investida
Delmiro resiste assim:
Como tinha a linha "Estrela"
Lançou mais a "Meu Padim
Padim Ciço" pra coser
Mandapolão, chita e brim.

Como a linha "Meu Padim"
Teve boa aceitação
O truste reativou
Ainda mais a pressão
E lançou a linha "Bispo"
A preço de ocasião[200].

Portanto, o que temos no anúncio é, talvez, o resultado de uma batalha comercial iniciada uma década antes. Batalha em que a figura de Cícero Romão Batista entra como elemento simbólico relevante. Desta maneira, tendo ou não interferência do industrial na idealização das linhas *Padre Cícero*, encontramos aqui, bem como nos versos sobre o *Boi Mansinho*, uma curiosa relação entre o coronel Delmiro e os movimentos messiânicos. Há diferenças no que se refere a Chatô e Oliveira Lima, que concebem Gouveia numa ótica inversa. O "coronel" não os interessa. Este estereótipo, assim como o misticismo, a devoção dos sertanejos e os descaminhos trilhados por estes brasileiros desagradavam aos fundadores do mito Gouveia.

Um segundo exemplo de produção na qual ecoa a idéia do industrial é oferecido por Octávio Brandão (1896-1980), um conhecido nome do pensamento comunista do Brasil. Brandão encontrou Delmiro Gouveia num hotel em Maceió. Em certa ocasião, escrevendo

200 ALVES, Luiz N. **A vida de Delmiro Gouveia em verso**. Campina Grande, PB: Ed. UFPB, 1979.p.92-93

pelo que "ficou na lembrança", relatou ter ficado impressionado com aquele "caboclo queimado, dobrado e fornido". Embora não revele se manteve algum tipo de diálogo com o coronel, o autor deixa evidente a admiração que nutria pelo industrial. Afinal de contas, o tal caboclo "impulsionou a criação. E o sertão deserto começou a florescer"[201].

O que causara tamanha impressão? Possivelmente a "obra progressista" empreendida por Gouveia. Ora, o cearense havia criado "um centro industrial no sertão deserto e selvagem de Alagoas – numa região habitada outrora pelos índios Cariris e, posteriormente, por seus descendentes". Assim sendo, é deste confronto entre o desenvolvimento e o atraso, a civilização e a barbárie que se deve olhar a obra de Gouveia, conforme a ótica de Brandão. Apesar da distância (cronológica e cultural) que separa os textos do "Boi Mansinho" e o de Brandão, publicado no periódico carioca *Leitura* em 1952, é perceptível o enfoque nas mudanças positivas promovidas por Delmiro. Ao mesmo tempo, textos tão próximos e tão distantes como estes convidam à reflexão sobre as possíveis clivagens culturais dentro de uma sociedade e as relações de poder em torno de tais processos[202]. Porém, há também diferenças importantes a serem salientadas.

Brandão se esforça para afastar qualquer atribuição mítica a Delmiro. Detecta na narrativa sobre o cearense e a sua fábrica sinais da arquitetura do imperialismo inglês. O assédio sofrido por Gouveia para que vendesse a Companhia Agro-Fabril Mercantil funcionou como explicador para entender porque "uma noite, em 1917, Delmiro Gouveia tombou sob as balas de um grupo de tocaieiros!". Ao que tudo indica, para Brandão, não parece haver dúvidas de que a morte do industrial foi resultado das intervenções estrangeiras. Reforçando as suas argumentações, o líder esquerdista estabeleceu uma comparação corriqueira entre os admiradores de Delmiro, a saber: paralelos entre este último e o Barão de Mauá (1813-1889).

Conforme Brandão, Mauá[203] padeceu porque, movimentando-se no interior de um regime escravista e monarquista, não se apoiou no povo e "não compreendeu que o desenvolvimento industrial do Brasil exigia preliminar a liquidação desse regime". De

201 Todas as citações de Brandão, salvo as indicadas, são referentes ao texto: BRANDÃO, Octávio. Delmiro Gouveia na indústria nacional. **Leitura**. Rio de Janeiro, n.57, mar.1952.p.25

202 GINZBURG, Carlo. Os pombos abriram os olhos: conspiração popular na Itália do séc. XVII. **A micro-história e outros ensaios**. Trad. António Narino. Lisboa: Difel/ Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p.131-142

203 Sobre este empreendedor consultar: CALDEIRA, Jorge. **Mauá: empresário do Império**. 24 reimp. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

modo semelhante, o mesmo autor identificou as causas que julgou terem sido fundamentais para a queda de Gouveia: a não compreensão da essência do capital monopolista e financeiro e dos meios de luta contra ele; a transformação do seu centro fabril da Pedra em um espaço no qual dominavam "sobrevivências da Idade Média"[204]; limitação de Delmiro à indústria leve, deixando de investir na indústria pesada. Contudo, a derrota de Delmiro, semelhantemente ao acontecido a Mauá, cumpre uma função pedagógica na história, ao atestar a necessidade vital de união para derrotar o imperialismo, o latifúndio e, assim, assegurar a verdadeira industrialização nacional: "Hoje, mais que nunca, é imprescindível a frente única nacional do proletariado com os camponeses ou pequena-burguesia urbana e a burguesia progressista, para libertar o Brasil". A leitura etapista da história obliterou qualquer outra possibilidade interpretativa de Octávio Brandão. Escrevendo em tempos de clandestinidade - sua e do Partido Comunista -, Brandão arrasta a narrativa da luta de Delmiro para o centro de um debate sobre o imperialismo inglês. Estas e outras experiências envolvendo o "coronel" nos versos populares, na literatura de cordel e nos manifestos políticos, descrevendo-o como "modernizador dos sertões", também chamaram a atenção de Gilberto Freyre. Ele nos dará um terceiro exemplo.

"Está ainda por ser escrito o estudo biográfico que integre essa curiosa figura de 'self-made man' na época e no meio mais incisivamente alcançados pelo seu arrojo e pela sua inteligência". São estas algumas das palavras de Gilberto Freyre para referir-se a Delmiro Gouveia. Indubitavelmente, dois nomes influenciaram a trajetória do autor de *Sobrados & Mocambos* e, no que concerne a Delmiro, parecem ter sido fundamentais na consolidação da imagem deste como um civilizador, um brasileiro exemplar. Evidentemente, Gouveia não chegou a Freyre apenas assim. Porém, o que se deve observar é que através dos textos de dois autores específicos, o intelectual manteve contato com interpretações sobre o coronel cearense. Interpretações que carregaria pelo resto da vida. Mas, quais autores? O próprio Freyre anunciaria isto anos depois, nas celebrações do centenário de Delmiro, ao reclamar a ausência deles: Chateaubriand e Oliveira Lima.

204 Sobre as teses defendidas por Octávio Brandão para explicar a realidade brasileira, consultar: BRANDÃO, Octávio. **Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasi**l. 2 ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

11. Padre Cícero com mais ou menos 80 anos. Ele só morreria uma década depois.Cf.<http://www.uflib.ufl.edu/lac/Brasiliana.html> acesso em: 17 ago.2007

12. Propaganda das linhas "Padre. Cícero" – 1927.Cf. SANT' ANA, Moacir Medeiros de. **Bibliografia Anotada de Delmiro Gouveia (1917- 1944)**. Recife: CHESF, 1996.

13. Beato José Lourenço 'carregando uma cruz'. Foto: Luís Maia. Caldeirão, 10 de Maio de 1937. <http://www.uflib.ufl.edu/lac/Brasiliana.html> acesso em: 17 ago.2007

Freyre conheceu Lima quando era ainda um formando pelo Colégio Americano Gilreath, no Recife, em 1917. Em *Tempo Morto e outros tempos*, memórias que, como lembrou Pallares-Burke, "dizem muito mais sobre um Freyre maduro e famoso do que sobre a vida entre 1918 e 1930", lê-se: "Visita, ontem, a Oliveira Lima. (...) Ele me recebeu magnificamente. Fez que Dona Flora descesse para me receber também como se eu fosse pessoa importante. Ofereceram-me uns biscoitos muito finos". O jovem estudante impressionou-se com o fato de que a esposa de Oliveira Lima ter dito que "ainda hoje só reza em inglês: só sabe rezar em inglês"[205]. Por sua vez, Chateaubriand era elogiado por ter um estilo de escrita semelhante ao de Oliveira Lima. Ambos teriam o ânimo que caracterizava o verdadeiro escritor para Freyre, isto é, o fato de haver "cor, movimento, flama" em seus textos. O sociólogo de Apipucos, que logo cedo freqüentava a redação do *Diário de Pernambuco*, declarou: "é sempre um encanto para mim a leitura de um artigo de Assis Chateaubriand"[206]. Na época em que Freyre era apenas um colegial, o mesmo periódico publicava os textos do *D. Quixote*. Anos depois, o autor de *Casa Grande & Senzala* se tornaria "um sistemático leitor de Oliveira Lima"[207]. A partir destes dois, que indicava como referências, Freyre manteve contato com uma imagem mítica de Delmiro Gouveia.

A concepção de Gouveia como um "self-made man" provavelmente foi apreendida em diálogos com Oliveira Lima, de quem Freyre foi hóspede em suas viagens pelos Estados Unidos e em Portugal, além de um correspondente corriqueiro durante alguns anos[208]. Leitor do velho diplomata, Freyre parece ter nutrido semelhante admiração por Gouveia, a ponto de indicar o prédio da Vila Anunciada para primeira sede do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Nos livros *Ordem e Progresso* e *O Velho Félix e suas memórias de um Cavalcanti*, publicados pela primeira vez em 1959, Delmiro aparece rapidamente. No primeiro deles, o intelectual pernambucano aponta a Vila Anunciada como um local de destaque no Recife oitocentista. A Vila era um "palacete com banheiro quase imperial de mármore: palacete a que deu um tanto liricamente o nome da esposa". O

205 FREYRE, Gilberto. **Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930)**. 2 ed. Apr. Maria Lúcia G. Pallares-Burke. São Paulo: Global Editora, 2006.p. 13, 49
206 Ibidem, p. 38
207 GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.p.71
208 Ibidem.p.51-76

"Mestre de Apipucos" classifica Gouveia como um dos "novos ricos", "novos poderosos" que o Recife viu surgir ao final dos oitocentos. Era mais um dos desorientados sobre o que fazer com o dinheiro, o poder e a cultura adquiridos às pressas[209]. Para Freyre, embora dono de dinheiro farto, Gouveia era um novo rico desnorteado e mal educado. Um exemplar dos homens que trariam o progresso a Pernambuco, mas também representavam o fim de um mundo agrário, arcaico e mais harmônico.

Por sua vez, a obra *O Velho Félix* consiste nos registros de Félix Cavalcanti, editados pelo autor de *Casa Grande & Senzala* e por seu primo Diogo de Melo Meneses. O livro contém uma série de impressões sobre acontecimentos da vida do Recife e do Brasil. Prefaciando a obra, Freyre explicou que havia lido documentos familiares e o *Livro de Assentos* de Cavalcanti, "um vasto caderno guardado com carinho por sua filha Maria Cavalcanti de Albuquerque Melo (Iaiá)"[210]. Em suas memórias, o velho Cavalcanti demonstra indignação com o incêndio do Mercado do Derby. O mercado fora incendiado na noite de 1º de janeiro de 1900. Félix anotou: "amanheceu o dia 2 de janeiro (...) sob a mais dolorosa impressão causada pelo incêndio do Derby". E explica: "O que era o Mercado do Derby? Um monumento. Uma obra tal que me dizem que um alemão indo visitá-lo disse que o Brasil não estava em condições de possuir uma obra daquele porte". Revoltado, o velho indaga: "Qual foi o empenho do Coronel Delmiro em emprehender tão importante obra? Abrilhantar a cidade, proporcionar commodos a mais de 100 famílias, melhorar a vida do pobre"[211]. Cavalcanti se mostra indignado com o fato de que, além de ter o negócio destruído, Delmiro ainda é preso. Para tanto, conta o narrador, foi enviado um "aparato de exército" para prender o comerciante: "50 praças de polícia convenientemente municiadas às ordens do Alferes Feitosa. Feitosa até há pouco tempo ocupava-se em entregar pão das padarias: agora é alferes; isto é, progresso republicano!"[212]. Nas palavras de Cavalcanti passeiam juntos a ojeriza pela República e a simpatia por Gouveia.

As transformações atribuídas à República indignam Cavalcanti. Para ele, melhor seria se houvesse na ocasião um levante popular liderado por "um daqueles homens que

209 Cf. Freyre, Gilberto. **Ordem e Progresso**. São Paulo: Global, 2004. 2 v.p.663
210 Freyre, Gilberto. "Prefácio". In: **O Velho Félix e suas "memórias de um Cavalcanti"**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.
211 Ibidem. p. 121
212 Ibidem. p. 134.

existiram até a revolução de 48"[213]. Incomodava a Félix a idéia de que um mercado aplaudido por um europeu estava em chamas pela ação de homens como o Alferes Feitosa, que ascendera por causa do tal regime republicano. Neste aspecto, ecoa nas palavras do velho Cavalcanti o mesmo desapontamento perceptível nas palavras de Oliveira Lima. A sua indignação com a rápida ascensão de Feitosa, que pula de entregador de pães para alferes, se aproxima à descrição feita por Freyre a "Delmiro Gouveia, que de pequeno chefe da estação de estrada de ferro suburbana subiu quase da noite para o dia nos primeiros anos da República a grande industrial" [214]. Ainda assim, estes saltos do comerciante cearense entre as classes sociais – de simples funcionário da *Brazilian Street* a rico e poderoso comerciante - foram minimizados num momento em que Freyre procurava elementos para atestar a força de Pernambuco no contexto nacional. Embora ironizasse a origem e a pouca formação de Gouveia, *Sir* Freyre arrumou um lugar para Delmiro que, apesar de cearense, novo rico e desnorteado, estava entre os representantes da *pernambucanidade* que o sociólogo de Apipucos caracterizava como "um ânimo, um estilo ou um modo de ser brasileiros diferentes" [215].

A classificação feita por Freyre de Gouveia como "pernambucano" exemplifica as lutas da memória em torno de Delmiro Gouveia. Ora desprezado, ora desejado por intelectuais oriundos do Rio de Janeiro, de Pernambuco, Ceará ou das Alagoas, o negociante teve a sua faceta "coronel" eclipsada em favor da imagem de "mártir civilizador". A confecção de narrativas sobre este personagem coincidiu, em certos casos, com as discussões sobre os rumos que o país tomava. Assim, utilizar Gouveia como referência era, de certo modo, compartilhar sentimentos de nacionalismo, sugerir soluções para o banditismo e a miséria, indicar os rumos do progresso por meio das letras.

---

213 A referência feita aos "homens de 48" é uma evocação dos líderes da Revolução Praieira, ocorrida em Pernambuco. Tendo início em setembro de 1848 e se estendendo até 1850, a Praieira compreendeu "o clímax de um confronto entre grupos liberais (praieiros) e conservadores (guabirus) pelo domínio da província", como escreveu Izabel Marson. Entre os seus principais líderes estavam Peixoto de Brito, Borges da Fonseca, Pedro Ivo, Afonso Ferreira, Manuel Pereira de Moraes. O nome atribuído ao movimento deriva do Partido Nacional de Pernambuco, também chamado de Partido da Praia, que obteve apoio considerável dos eleitores primários do Recife. O movimento se tornou um símbolo da resistência liberal contra a ascensão conservadora e ganhou destaque na historiografia sobre o Império no Brasil.Cf. MARSON, Izabel A. 29 de setembro de 1848: Revolução Praieira. In: Bittencourt, Circe (Org.). **Dicionário de datas da história do Brasil**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.p. 223-228.

214 Freyre, G. **Ordem e Progresso**. 6 ed. São Paulo: Global Editora, 2004.p.663.

215 FREYRE, Gilberto. "O Estado de Pernambuco e sua expressão no poder nacional: aspectos de um assunto complexo". Recife: Imprensa Universitária, 1964. 18p. Disponível também via <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/frances/obra/opusculos/o_estado.htm.> Acesso em 12 set./2004.

1.7. ALINHAVANDO CONTRADIÇÕES

Diferente de Graciliano Ramos, que via nos truques do sertanejo Gouveia partes essenciais de um itinerário redentor, Freyre acompanhou Chateubriand e Oliveira Lima, apresentando observações mais comedidas, menos preocupadas com os custos sociais das artimanhas de Delmiro, mas com a cristalização de um tempo de progresso que Pernambuco viveu. E, assim, entre registros de figuras como o "Papai-Outro", em crônicas como os de Graciliano e Mário de Andrade, se cristalizou a memória de Delmiro Gouveia "civilizador". Todavia, é importante observar a variedade de interpretações feitas sobre a mesma personagem. Em meio a diários, cartas, textos jornalísticos, contos, o comerciante cearense sobreviveu e, ao contrário do que disse Graciliano, não foi eclipsado de forma tão eficaz. Sendo assim e considerando as fontes como *espelhos deformantes*[216], lendo-as contra a lógica por elas imposta, como entender o olhar sobre Delmiro? Como este personagem ganhou tanto espaço na produção cultural brasileira? Por quais motivos o seu nome passou a ser associado ao desenvolvimento regional e a quem interessa a construção de Gouveia como um mártir civilizador?

Antes de tudo, é conveniente uma primeira observação a respeito das limitações das iniciativas de autores como Andrade, Ramos, Chatô e Oliveira Lima. Elas devem ser pensadas mais pelos seus ecos, menos por suas melodias iniciais. Ou seja, não é a produção contemporânea a estes intelectuais que servirá a uma legitimação de Delmiro, mas a retomada destes escritos em contextos diferenciados, as suas apropriações posteriores. Os textos de Oliveira Lima, por exemplo, ficaram restritos a páginas de jornais. Mesmo tendo publicado a sua crônica em periódicos de grande circulação, como o *Diário de Pernambuco* e *O Estado de São Paulo*, as palavras endereçadas a Gouveia não o levaram a outros escritos sobre o cearense. O mesmo pode ser dito sobre Chateubriand. Por seu turno, Mário de Andrade e Graciliano Ramos não avançaram muito além das crônicas, embora ambos mencionem Delmiro em seus romances. Todavia, o que torna tais textos significativos é a sua função como fundadores. Em momentos como o centenário de nascimento de Gouveia, em 1963, eles serão apontados como atestados da importância do herói. Assim sendo, é

216 GINZBURG, Carlo. **Il formaggio e i vermi: Il cosmo di um mugnaio Del '500**. Torino: Einaudi, 1999.p.XII-XIII e XV.

como sintomas, vestígios de memórias, que eles devem ser vistos, não como retratos fiéis da realidade.

Walter Benjamin certa vez escreveu que "a verdadeira imagem do passado perpassa veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido"[217]. Assim, é a partir de estilhaços, de resquícios que temos acesso a imagens de outros tempos. Entre as pistas para se entender a mitificação de Delmiro Gouveia, Assis Chateubriand e Oliveira Lima são, sem dúvida, referências centrais. O impacto dos seus textos não deve ser menosprezado. Porém, as palavras destes dois não teriam ressonâncias tão longas se não houvesse uma rede que, por motivos díspares, repetiu a apologia a Delmiro. Plínio Cavalcanti, por exemplo, quando depois publicou a sua palestra num livro intitulado *A Chanaan sertaneja da Pedra*, em 1927, tomou um trecho do tal artigo de Oliveira Lima como epígrafe[218]. A passagem lembrava Gouveia como um homem capaz de construir um edifício moral sólido no alto sertão. Neste aspecto, Gilberto Freyre é exemplar. Pupilo de Oliveira Lima – "foi, talvez, seu grande mestre", como escreveu Antônio Paulo Rezende[219] – admirador da escrita de Chateaubriand, o sociólogo logo se apropriou de Gouveia quando isto lhe foi conveniente. A escolha da Vila Anunciada para sede do Instituto Joaquim Nabuco evidencia a astúcia. O centro de pesquisas teria como sede um lugar de memória já evocado em textos anteriores. Anos depois, no centenário do cearense, Gilberto Freyre capitaneou as celebrações (como faria quatro anos depois, no centenário de Oliveira Lima). Na ocasião ele encerrou o evento em Pernambuco fazendo questão de situar em perspectiva histórica a apologia a Delmiro Gouveia. Ao fazer isto, retomou seus antigos referenciais e estabeleceu à representação do coronel uma longevidade inesperada naqueles dias. Assim, atribuía o peso da tradição ao evento celebrativo.

---

217 BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. **Magia e Técnica, arte e política**. 7 ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Pref. J.M. Gagnebin. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p.224

218 A epígrafe em questão é a seguinte: "Nunca suppuz, e com difficuldade o acreditaria se o não tivesse visto, que no alto sertão se encontrasse o que debalde se procurarua na zona assucareira ou mesmo nas capitães destes Estados, num resultado devido simplesmente – um simplesmente que é tudo – ao empenho que um homem poz em constuir um edifício moral da solidez e do brilho que me foi dado admirar". CAVALCANTI, Plínio. **A Chanaan sertaneja da Pedra: escriptos sobre a obra realisada por Delmiro Gouveia no Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro, 1927

219 REZENDE, A. P. Freyre: as travessias de um diário e as expectativas da volta. In: GOMES, Ângela C. (Org.) GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.p.77-92.

Por outro lado, o corpo de textos aqui explorado revela a multiplicidade de interpretações possíveis em torno das memórias de Delmiro Gouveia. Pode-se dizer que intelectuais como Mário de Andrade cumpriram papel significativo no culto a Delmiro. Todavia, o que talvez os delmirólogos não tenham considerado seja a capacidade de Andrade para agir como um autêntico mediador e inverter símbolos culturais[220]. Macunaíma se opõe a Gouveia e este ao Brasil. O que isto nos diz? Parece que, para Mário, Delmiro serviu como um exemplar da contradição no caráter nacional. De certa maneira, ele não seria tão diferente de Macunaíma, na medida em que também carregava as suas complexas contradições. Como o herói andradiano, ele manejava armas, viaja de um canto ao outro, era violento e ao mesmo tempo cuidadoso com os seus. Ao falar em Delmiro, ao chamar-lhe de grande cearense, Mário de Andrade explorou largamente o seu sarcasmo. Delmiro parece ter sido, na ótica de Mário, o Anti-Macunaíma, mas também o próprio amante de *Cí*. Ainda assim, as referências epistolares ao cearense evidenciam uma inegável admiração do modernista.

Um outro aspecto a ser observado está na produção da maioria das fontes aqui utilizadas: são escritos memorialísticos. São reminiscências de viagens (Lima, Chatô, Andrade), de um trauma (Plínio Cavalcanti e Félix Cavalcanti), de um encontro casual (Brandão). São enredos que, de forma a re-apresentar Delmiro, distorcem, invertem, filtram[221]. Portanto, a riqueza destas construções de memórias está indubitavelmente em sua multiplicidade, mas também nos ecos, nos seus momentos de encontro, nas ocasiões em que elas se cruzam. E, em cada uma destas narrativas, é preciso considerar o itinerário dos autores, as suas redes de sociabilidades, para não jogarmos "a criança fora junto com a água da bacia"[222]. Ao rastrear tais marcas, não se está nem de longe acenando para uma tentativa de padronizar tais produções culturais ou coisa parecida. Ocorre que se é preciso respeitar a singularidade, é necessário também perceber que ela possui limitações. Marcel Proust certa vez escreveu que "o homem é a criatura que não pode sair de si, que só conhece os outros

220 GINZBURG, C. Os pombos abriram os olhos: conspiração ppular na Itália do séc. XVII. **A micro-história e outros ensaios**. Trad. António Narino. Lisboa: Difel/ Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p.132
221 Idem
222 GINZBURG, Carlo. **Il formaggio e i vermi: Il cosmo di um mugnaio Del '500**. Torino: Einaudi, 1999.p.XVI

em si”[223]. Cada um dos autores aqui estudados está imerso na cultura do seu tempo e classe social e disto “não se sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação”[224].

Por sua vez, Antonio Candido observa como um grande equívoco conceber a existência de um mundo autônomo do indivíduo. Em lugar disto, ele afirma que se deve considerar a dinâmica entre o indivíduo e a sociedade, dinâmica esta dona de transformações contínuas[225]. Sendo assim, talvez tais questionamentos devam ser pensados no interior da lógica construtora da identidade regional e da resposta ao descompasso do Nordeste frente ao ritmo de industrialização do Sul e Sudeste do país. Em tempos distintos, retomar a memória de Delmiro era apontar um exemplo que não foi seguido (como aparece em Mário de Andrade), o desenvolvimento latente e esporádico do sertão e o peso da vida sobre extrema disciplina, como sugere Graciliano Ramos. Porém, para Graciliano, o coronel era a possibilidade de levar as benesses do litoral ao sertão através de golpes civilizatórios. Era a chance de vencer uma contradição histórica.

No mar de escritos, é possível ainda perceber a apropriação da personagem como ícone identitário (como em Gilberto Freyre), ou como um anti-herói comunista (no caso de Brandão). As intervenções realizadas sobre a memória de Gouveia por estes intelectuais colocaram em movimento um conjunto de representações que articulavam o discurso nacionalista ao problema do desenvolvimento regional e tomavam as experiências modernizadoras do “coronel” como exemplos da viabilidade econômica do Nordeste. Os trabalhos de Chateaubriand e Oliveira Lima fundam o mito de Delmiro como um civilizador. Pautados nas memórias de uma viagem, retomam traços de Delmiro e da cidade da Pedra. Tais escritos funcionam como atestados da viabilidade da industrialização e da educação obrigatória como respostas ao mundo selvagem dos sertanejos. Entre outras leituras possíveis, Gouveia, mártir civilizador, representaria o nordestino que se contrapõe ao atraso, inicia um processo civilizatório e é morto por isto. As implicações desta representação não são poucas. Uma delas, presentes em alguns textos aqui apresentados, é a de que ao barrar Delmiro e seus projetos o Nordeste trouxe para si o atraso como castigo. Em 1963, tempos depois do surgimento destes textos, Delmiro Gouveia voltou à tona como

223 PROUST, Marcel. **A Fugitiva**. Trad. Carlos Drummond de Andrade. Porto Alegre, 1970.p.26
224 GINZBURG, Carlo. **Il formaggio e i vermi: Il cosmo di um mugnaio Del ‘500**. Torino: Einaudi, 1999.p.XX
225 CANDIDO, Antonio. O escritor e o público. In: **Literatura e Sociedade**. 7 ed. São Paulo: Nacional, 1985.p.73

mártir civilizador. Nas visitas feitas ao seu passado, as celebrações do seu centenário de nascimento cumpriram papel estratégico. O “profundo esquecimento” diagnosticado por Graciliano Ramos finalmente encontraria movimentações institucionais para superá-lo. Relembrado como um pioneiro na luta pelo desenvolvimento regional, Delmiro Gouveia teve a sua memória reconstruída e, em meio às celebrações promovidas em Alagoas e Pernambuco, firmou-se ícone.

Capítulo 2

OS CENTENÁRIOS DO PIONEIRO: DELMIRO GOUVEIA NAS COMEMORAÇÕES EM PERNAMBUCO E ALAGOAS (1963)

"Dói-me na alma um excesso de passado e de vazio".

Pedro Gouveia[226]

Este capítulo analisa as celebrações a Delmiro Gouveia. A razão para isto é relativamente simples. Há um consenso entre os estudiosos da vida do cearense de que, após sua morte, por longo tempo, ele teria sido esquecido. Esteve relegado, longe das homenagens que, na ótica destes especialistas, seriam absolutamente justas. A partir dos anos 1960, surgem eventos inteiramente dedicados a celebrar Delmiro e, assim, corrigir algo considerado um erro histórico. Portanto, o tal silêncio teria sido rompido graças ao advento do seu centenário de nascimento. Através da efeméride, os admiradores de Gouveia esperavam resgatar sua importância. Todavia, lembra Iglesias Saldaña, "la construccón social de la memoria y la producción del sentido del tiempo, en una sociedad o en una cultura, son siempre escenarios de disputa de poder"[227]. Considerando as batalhas motivadas pela manufatura da memória e embora se questione o alardeado "trust do silêncio" que teria agido sobre o cearense, analisam-se estas comemorações como promotoras de uma retomada das narrativas sobre ele. Isto ocorre porque, se por acaso há dúvidas sobre o silêncio anterior a este momento, não há evidências para negar o impulso fornecido pelas comemorações do centenário à memória do homenageado. Todavia, lembrar é muito pouco. É preciso considerar que o ato de rememorar não é apenas relembrar o passado, mas é também o desejo de "transformá-lo, de modo a acabar o que

226 Pedro Gouveia é um personagem duplo, do romance de José Eduardo Agualusa. O biógrafo Félix Ventura rebatiza-o como José Buchmann . Cf. AGUALUSA, José Eduardo. **O Vendedor de Passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.p.40

227 SALDANÃ, Margarita. Trauma social y memoria colectiva. **Historia Actual On-Line**, 6 (2005), [journal on line] Available from Internet at: <http://www.hapress.com/abst.php?a=n06a07> Acesso em: 01mar-2006.

ficou inacabado"[228]. Aqui se analisam basicamente as celebrações planejadas para Delmiro em Pernambuco e Alagoas.

Em Pernambuco, o alvo é a "Semana Delmiro Gouveia" (SDG), organizada pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS). Ali estiveram reunidos alguns dos principais estudiosos de Gouveia. À sombra de Gilberto Freyre e Mauro Mota (1911-1984), os "delmirólogos" apresentaram resultados de pesquisas, reclamaram maior espaço para o cearense nas narrativas da nação, invocaram o desenvolvimento regional, lamentaram a perda de um herói. Por outro lado, em Alagoas, observa-se como se articularam diferentes organismos para a comemoração. Na terra dos marechais houve uma apropriação da figura de Gouveia até mesmo pelo governador da época, que afirmou não somente a sua admiração por Delmiro, mas também o desejo de "ressuscitá-lo" em cada alagoano. A partir das comemorações nestes dois lugares, reflete-se sobre os caminhos tomados para lembrar o "Coronel dos Coronéis", bem como sobre as instrumentalizações e remanejamentos impostos à sua memória. Investiga-se como, a partir das festas, ocorreu a reescrita da vida de Delmiro. Tal análise sobre as comemorações se justifica porque, em tempos agitados como os anos 60, elas podem "estar representando uma tentativa de mobilização social em torno de novas idéias e grupos de prestígio e ou poder" [229]. Provavelmente depois destas análises sobre o centenário, as demais produções culturais em torno de Delmiro Gouveia podem ser pensadas com maior comodidade.

2.1. 1963 OU O "ANO DELMIRO GOUVEIA"

Após a sua morte em 1917, Delmiro Gouveia recebeu diversas homenagens. Discursos, missas, artigos de jornais lembraram o industrial pelo Brasil afora. Nos meses seguintes ao assassinato, jornalistas, intelectuais e políticos manifestaram as suas impressões sobre Gouveia e seus empreendimentos. Porém, tempos depois, em 1942, numa crônica que será citada diversas vezes nesta pesquisa, Graciliano Ramos chamava atenção

228 CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.p.21
229 MASCHIETTO, Cármem Cecília Trovatto. **A tradição euclidiana: uma ponte entre a história e a memória**. São Paulo: Arte & Ciência; São Paulo: UNIRIO, 2002.p.31

para “um profundo esquecimento” que cobriu Delmiro e “amortalhou a indústria aparecida com audácia no sertão”[230].

O início da década de 60 experimentou um esforço para afastar este eclipse. Neste período, apareceu uma série de eventos com vistas a comemorar o centenário de nascimento de Delmiro, sendo 1963 o ano-ápice destes trabalhos. A tarefa principal, para os organizadores das diferentes atividades celebrativas, consistiria em responder a críticas como as de Graciliano e mesmo à acusação feita pela filha de Gouveia que, em 1955, numa entrevista ao *Correio da Manhã*, já reclamava a exaltação das ações do seu pai. Maria Gouveia teria declarado: “Perseguido, em vida, pelo truste internacional, meu pai continua, depois de morto, perseguido pelo truste nacional do silêncio”[231]. Porém, Félix Lima Júnior, um dos biógrafos de Delmiro, respondeu à acusação de Maria escrevendo: “ao que me parece, somente em parte tem razão a distinta senhora”[232].

Afinal de contas, este “eclipse da memória” efetivamente ocorreu ou o que houve foi o esquecimento por determinados grupos e a apropriação por outros setores? Parece ser exagerada a idéia de um silêncio profundo sobre Delmiro Gouveia. O que houve, talvez, foi certa desorganização na sua memória, ou a falta da institucionalização dela. Trabalhos esparsos marcaram a história da personagem no período imediatamente posterior à sua morte, estendendo-se até os anos 1960, quando supostamente as coisas teriam sido alavancadas.

Exemplos disto foram os anos 10, quando o assassinato do agroindustrial foi noticiado na *Revista da Semana*. O periódico descreveu o falecido como “organisação mascula de Yankee”, dono de uma “energia cyclopica” e “verdadeiro emulo do (...) Visconde de Mauá”. No mesmo texto, Delmiro foi classificado como “uma das existências mais úteis e laboriosas do Brasil actual”. A revista noticiou a palestra de Plínio Cavalcanti na Sociedade Nacional de Agricultura, mencionada no capítulo anterior. O vilarejo, explicou o periódico, era fruto da “energia cyclopica” do negociante cearense e consistia “n’uma verdadeira civilisação (sic) encravada dentro da barbárie do sertão nordeste” [233].

---

230 RAMOS, Graciliano. Recordações de uma indústria morta. **Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste**. 7 ed. Rio Grande do Sul/ São Paulo: Record/ Martins Fontes, 1977. p.116

231 Cf. Paulo Afonso: não olvidemos a obra de Delmiro Gouveia. **Correio de manhã**. Janeiro de 1955.p.1

232 LIMA JÚNIOR, Félix. **Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão alagoano**. 2ed. Maceió: Departamento Estadual de Cultura/Federação do Comércio do Estado de Alagoas, 1983. p.293

233 DELMIRO Gouveia. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 20 out. 1917. p.18.

A notícia do assassinato de Gouveia circulou por vários estados brasileiros. Dia 11 de outubro de 1917, o *Diário de Pernambuco* publicou telegramas sobre a morte. De Maceió, veio o informe que "a vítima lia descuidadamente um jornal no alpendre da sua casa". De Garanhuns, chegava a notícia do crime ocorrido por volta das 21 horas, de autoria ignorada "sabendo-se apenas que são em número de três". O *Jornal de Recife*, em 12 de outubro, lamentava a perda do homem "ativo, inteligente, operoso como poucos", responsável por "importante propriedade industrial em Pedra, Estado de Alagoas"[234]. Em Sergipe, o *Correio de Aracaju* comunicava o crime e descrevia o coronel como "um homem trabalhador, de operosidade assinalável" e "dono de uma coragem e energia raras". Acima de tudo, sentenciou o periódico, Gouveia era um disciplinador. Outro folhetim sergipano, o *Diário da Manhã*, chamou Gouveia de "grande industrial", "fidalgo cavalheiro", "assaz estimado"[235.]

Pouco depois, nos anos 20, o assassinato de Gouveia foi uma das justificativas para elevar a Fábrica da Pedra à categoria de empreendimento nacional, alvo de concorrência desleal e, desta maneira, legitimar as medidas protecionistas assinadas pelo então presidente Arthur Bernardes (1875-1955)[236]. Conforme o Decreto 17.383 de 19 de julho de 1926, elevava-se a taxa de importação de linha de dois mil para dez mil réis por quilo. A mesma conjuntura de "competição desleal" fomentou ainda a promessa de um empréstimo (que não se cumpriu) de 3000000$000 para a Fábrica a partir do Banco do Brasil. Ora, se o nome e os feitos do cearense estavam sendo instrumentalizados para fins comerciais ou nacionalistas, não é acertado afirmar que ele fora esquecido. Também não é possível dizer que o ano de 1952 tenha sido de silêncio, pois nele a antiga "Vila da Pedra" tornava-se "Delmiro Gouveia" através do decreto-lei n. 1623, de 16 de junho daquele ano[237]. Temos aqui uma situação curiosa. Uma cidade nomeada por Gouveia. Esta espécie de "geopolítica da memória"[238], situa o negociante como um ícone e solicita reflexões. Observe-se que a

234 Cf. TELEGRAMAS. **Diário de Pernambuco**. 11 de outubro de 1917; **Jornal de Recife**, 12 out. 1917.
235 DELMIRO Gouvêa. **Correio de Aracaju**. 12 out.1917.p.01; ASSASSINATO covarde. **Diário da Manhã**. 12.out.1917. p.02.
236 Cf. LIMA JR. Op.Cit.276.
237 MENDONÇA JÚNIOR, A. S. de. A Hidrelétrica de Paulo Afonso. **Discursos parlamentares**. Maceió/Alagoas, s/d, p. 93-102; HISTÓRICO da cidade de Delmiro Gouveia. via <http://www.estadodealagoas.com.br/delmiroGouveia/hist.htm.> Acesso em: 08 set.1999.
238 Tomo por empréstimo este termo de Tatiana Zhurzhenko, que analisou em um artigo as estratégias de reconstrução da identidade européia nos espaços pós-soviéticos. Zhurzhenko, Tatiana.The geopolitics of memory. **Eurozine**. 10 de maio de 2007. p. 6 < www.eurozine.com>. Acesso em: 12 abr. 2007. Ver ainda:

cidade não será nomeada como "coronel Delmiro", mas apenas pelo nome do cearense. O que isto significa?

Os anos 50, envoltos em debates sobre o desenvolvimento, representam uma mudança nas propostas para os rumos da "região-problema" nacional. A criação do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), encabeçado por Celso Furtado, compreendeu um dos primeiros sinais de mudança no enfoque conferido àquele espaço[239]. O próprio Furtado explicou: "O grande debate do momento era sobre o desenvolvimento do Brasil, que estava se fazendo de verdade. O processo de industrialização 'pegara', digamos assim"[240].

Desta forma o Nordeste, elevado ao status de "fator de segurança nacional", tornou-se espaço de diversas medidas políticas. A criação de instituições como o BNB – Banco do Nordeste do Brasil[241] (1952), o primeiro órgão federal para o desenvolvimento regional sediado na região, em Fortaleza, o ETENE – Escritório de Estudos Econômicos do Nordeste (1954), CODENO – Conselho de Desenvolvimento Econômico do Nordeste (1959), além da própria SUDENE (1959) revela a importância que a região adquiriu no período Pós-Segunda Guerra. Afinal de contas, "a década de 50 apresenta um Nordeste com graves tensões que põem em jogo – pelo menos acreditava-se – a própria estrutura política vigente"[242]. Finalmente, deslocada do problema exclusivamente hidráulico, a região era considerada também pelas dificuldades em sua estrutura produtiva e passava a exigir do Governo Federal uma intervenção mais articulada, mais incisiva.

Uma das auxiliares nas mudanças das políticas para lidar com as longas estiagens foi a seca de 1958, que trouxe à tona casos de manipulação dos recursos públicos enviados para combater o problema. A "indústria da seca" ganhou as páginas dos jornais. O Governo Federal liberou verbas para socorrer estados como Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará, os

---

ZIÓLKOWSKI, Marek.Remembering and forgetting after communism – The Polish case. <www.fl.ulaval.ca/celat/histoire.memoire/histoire/cape1/ziolkowski.htm> Acesso em 28 jul. 2005

239 Segundo Amélia Cohn, "os estudos sobre o desenvolvimento industrial brasileiro normalmente só passam a incluir dados sobre o Nordeste a partir de 1950. Isto já é um fato sintomático, na medida em que é só a partir de então que a região ganha maior peso em termos de participação nesse processo". Cf. COHN, Amélia. **Crise regional e planejamento** (o processo de criação da SUDENE). 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.p.23

240 FURTADO, Celso. **Seca e poder: entrevista com Celso Furtado**. 2 ed. São Paulo: Perseu Abramo, 1998 (Ponto de Partida).

241 Conforme a Constituição de 1946, o BNB contava com 1% da receita nacional destinados ao combate à seca. Cf. COHN,A. Op.Cit.p.62

242 Ibidem. p. 64

mais atingidos; remeteu alimentos e criou frentes de trabalho através do DNOCS[243]. A estiagem deixou cerca de 520.000 flagelados (praticamente o dobro dos atingidos em 1932). Aproximadamente 13% da população nordestina foi afetada. Tal situação ampliou a sua complexidade com o avanço das idéias comunistas que, aliadas aos graves problemas sociais, colocaram o Nordeste no foco dos interesses não apenas no Brasil. Os Estados Unidos demonstraram um particular preocupação por aquela parte do país.

O *New York Times*, por exemplo, servia seus leitores com freqüentes notas sobre as atividades dos esquerdistas brasileiros, descrevendo também as dificuldades enfrentadas pelos habitantes do Nordeste: "Marxists are organizing peasants in Brazil", avisava o jornal em novembro de 1960. Em nota sobre o crescimento das "ligas camponesas", o periódico novaiorquino informava em tom de denúncia grave: "the league is led by officials of the Brazilian Socialist party who acknowledge their Marxist leanings, and by member of the Communist party". A conclusão era a de que os camponeses estavam realizando uma espécie de movimento "fidelista" fora de Cuba[244]. As palavras de Miguel Arraes (1916-2005), contrárias ao capital estrangeiro, os discursos de Francisco Julião (1915-1999) e a fome que assolava zonas do Nordeste desfrutavam de atenção cuidadosa do jornal. No *Times*, mapas ajudavam o leitor a compreender a posição estratégica da região em tempos de Guerra Fria[245].

Mantendo-se a atenção nos anos 50, percebe-se que Delmiro Gouveia era citado como exemplo nos debates sobre a Hidrelétrica de Paulo Afonso. O projeto foi anunciado pelo *NY Times* como "the greatest enterprises of its nature in South America"[246]. A criação da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) alimentou discussões exaltadas entre políticos, intelectuais, ocupou as páginas dos jornais e, em meio às saraivadas, Delmiro se

243 O DNOCS chegou a empregar 400.000 homens e o DNER, contratou 140.000 trabalhadores. Cf. COHN. Op.Cit.. p.69

244 "Marxistas estão organizando camponeses no Brasil; a liga é liderada por membros do Partido Socialista que reconhecem os ensinamentos marxistas, e por membros do Partido Comunista". Cf. SZULC, Tad. Marxists are organizing peasants in Brazil. **The New York Times**. nov. 1960

245 Cf. BRAZILIAN governor scores foreign aid. **The New York Times**. 01 Feb. 1963. Ver ainda: SZULC, Tad. Northeast Brazil Poverty breeds threat of a revolt. **The New York Times**. 31 oct. 1960.p.1,4.

246 "O maior empreendimento desta natureza na América do Sul". Tradução livre do autor. Segundo o jornal, o presidente Café Filho e comitiva seguiram para o Nordeste numa sexta-feira (14/01) e no dia seguinte estavam colocando em operação a hidroelétrica. A nota informa ainda que: "In the party was George Wilcow, vice president of the Westinghouse International Electric Company, which contracted to supply all the material used in the power plant at a cost of about $ 8.000,000". GREAT power plants is opened in Brazil. **The New York Times**. 16 jan. 1955.

ergueu e caminhou em ascensão entre as décadas de 50 e 60, transformando-se novamente num ícone não apenas para a CHESF, mas também para outros defensores do desenvolvimento nordestino. Foi deste modo que ele apareceu na voz de Luiz Gonzaga:

> "Delmiro deu a idéia/Apolônio aproveitou/Getúlio fez o decreto/ e Dutra realizou (...) vejo o Nordeste/ erguendo a Bandeira/ de Ordem e Progresso/ à nação brasileira/vejo a indústria gerando riqueza/ findando a seca/salvando a pobreza/ ouço a Usina feliz mensageira./dizendo na força da cachoeira/ O Brasil vai, o Brasil vai"[247.]

A letra de Zé Dantas colocava Gouveia como o precursor das idéias desenvolvimentistas. Lançada em 1955, a canção "Paulo Afonso" celebrava o progresso do país e a extinção das secas, dádiva obtida por uma região sombreada pela "ordem e progresso". Entre os nomes citados, o *Rei das Peles* e Getúlio eram os únicos falecidos. Entretanto, Vargas havia governado o país por mais de uma década. O seu suicídio, em agosto de 1954, era ainda algo recente. Delmiro estava morto há mais tempo. Como entender a recordação do seu nome? Levando em conta que não se lembra "de qualquer acontecimento insignificante, ou de qualquer pessoa indiferentemente"[248], é possível dizer que a idéia de modernizar os sertões e,deste modo, contribuir para o desenvolvimento regional, encontrou no cearense um mártir. Como atenta Burke, "os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos de importância para seu grupo"[249]. A canção de Dantas e Gonzaga arrolava aqueles que mereciam ser lembrados como heróis nas batalhas pelo desenvolvimento do Nordeste e, conseqüentemente, do Brasil.

Ao ser considerado aquele que "deu a idéia", Delmiro era classificado como alguém que não se podia olvidar. Ora, se não causam impressão alguma, nem pessoas, nem acontecimento conseguem ser lembrados. Impressionado por Gouveia e seus feitos, Tadeu Rocha, conhecido biógrafo do coronel, publicou longas reportagens sobre a vida do

247 DANTAS, Zé; GONZAGA, Luiz. Paulo Afonso. GONZAGA, Luiz. **Paulo Afonso**. BMG, 1955. LP vinil 78 RPM. (801441a)
248 MASCHIETTO, Cármem Cecília Trovatto. **A tradição euclidiana: uma ponte entre a história e a memória**. São Paulo: Arte & Ciência; São Paulo: UNIRIO, 2002.p.41
249 BURKE, Peter. História como memória social. **Variedades de história cultural**. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p.70.

cearense em jornais pernambucanos e cearenses[250]. Porém, mais do que estes esforços por lembrar, um fato aparentemente simples chamou a atenção da imprensa para o tal esquecimento.

Ao mencionar no longo discurso inaugural da CHESF as personalidades que, de um modo ou de outro, estiveram ligadas às lutas pelo aproveitamento das quedas de Paulo Afonso, o presidente Café Filho (1899-1970) simplesmente esqueceu ou ignorou Delmiro Gouveia. O espanto geral foi maior por questão geográfica. Afinal de contas, Café Filho era também ele nordestino. Um biógrafo observou que "se fosse com o General Dutra, Getúlio ou outro sulista, perdoaríamos"[251]. Não bastasse isto, a já mencionada entrevista de Maria Gouveia foi tomada por alguns jornalistas e intelectuais para qualificar o discurso inaugural da Companhia como um lapso, uma gafe. Delmiro fora olvidado. E a idéia do "esquecimento" serviu para argumentar que o processo de implantação da Companhia estava incompleto sem a presença de cearense. Era necessário remontar a memória do "precursor". Reacender o seu mito. Some-se a isto o fato de que a proximidade do centenário trouxe consigo a demanda por histórias sobre o negociante. Algumas instituições foram acionadas para responder tal anseio. Um destes espaços foi o parlamento nacional.

2.2. HOMENAGENS NO CONGRESSO NACIONAL

Numa sessão realizada em 5 de junho, aniversário do nascimento de Delmiro, alguns deputados se pronunciaram sobre a relevância do cearense. Não foi cerimônia grandiosa. Basicamente, houve um discurso seguido dos costumeiros apartes. Em fala aplaudida, Wilson Roriz, Deputado Federal pelo Ceará, descreveu Gouveia como símbolo de "tudo o aquilo que ainda hoje, caracteriza a luta de libertação econômica e social do Nordeste brasileiro". O negociante foi:

> representante de todas aquelas qualidades (...) que marcariam, tempos afora, a audácia, a coragem, o dinamismo, a iniciativa, o amor à aventura,

250 ROCHA, Tadeu. O homem e a técnica em Paulo Afonso. **Jornal de Alagoas**. 10, 24, 31 mai.; 5 e 19 jul. 1953; Comprovada a origem ipuense do pioneiro de Paulo Afonso. **Unitário**. 30 jul. 1961.
251 LIMA JÚNIOR, Félix. **Op.Cit**.p. 293

> amorosa ou de outra qualquer natureza, que são as características próprias da gente cearense[252].

Se Gilberto Freyre naturalizou Delmiro como pernambucano, o deputado retomou as "origens" do homenageado, num discurso em que Ceará e Nordeste são quase a mesma coisa:

> Apesar de seu pioneirismo inconteste, dominando pela primeira vez a grande cachoeira, e apesar de sua qualidade de nordestino não foi sequer citado o seu nome quando da inauguração oficial da primeira etapa das gigantescas obras da Companhia Hidrelétrica do São Francisco, muito embora também nordestino fosse o Presidente da República que presidiu àquelas solenidades[253].

As palavras do parlamentar poderiam levar à suposição de que a mencionada "gafe" de Café Filho não foi esquecida rapidamente, ao menos pela bancada nordestina. Mas não se deve ir tão longe assim. Afinal de contas, a mesma bancada pouco se ocupou de Delmiro. É mais provável que eles tenham tomado os excertos biógrafos publicados em jornais para montar os seus discursos. A homenagem, capitaneada por Wilson Roriz, demarcou Gouveia não como um político, mas como "apenas um homem de empresa e grande atividade comercial". É interessante a preocupação em "proteger" Gouveia dos políticos, feita pelos próprios deputados, algo que ganhou reforço em outras produções, sobretudo nas biografias surgidas no contexto do centenário. Chamado de "primeiro grande pioneiro" da industrialização do Nordeste e do Brasil, o cearense foi apresentado como "prova esmagadora" do que se podia fazer no Nordeste, "terra abandonada, esquecida, mas sempre lutando pela sua grandeza e pela grandeza do Brasil"[254]. Em falas como estas entram em funcionamento expedientes corriqueiros na retórica da captação de recursos para a "mais bem acabada produção regional do país", como mostrou Durval Albuquerque Jr[255].

252 CÂMARA DOS DEPUTADOS. (Brasil). Sessão de 5 Junho de 1963. *Anais*. Brasília, 1963. p. 167
253 Idem
254 Ibidem.p.172.
255 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Novos planos do olhar. In: **A Invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999. p.74

O mesmo Wilson Roriz avisou que, naqueles dias, o Nordeste continuava a "desafiar os homens e a desafiar o Governo". Outro Parlamentar, o padre Medeiros Neto, definiu Delmiro como um "varão predestinado". Segundo ele os empreendimentos de Gouveia no sertão representaram:

> o milagre da redenção do homem sertanejo, que parece encontrar-se com as dimensões largas do futuro da Pátria. Aquele parque industrial da Vila da Pedra modificou o panorama dos sertões nordestinos e cobriu de esperanças as populações pobres da faixa sertaneja. Era o ciclo da industrialização nacional, que a vontade férrea de um homem abria para a emancipação econômica da Nação[256].

Na arquitetura de lugares da memória[257], Medeiros Neto afirma ter tomado ao menos três providências para ajudar a perpetuar Delmiro através de espaços que receberam o seu nome: Diretor do Departamento de Educação e Cultura de Alagoas, em 1945, o padre ajudou a nomear um Grupo Escolar com o nome do criador de Angiquinho; Propôs a alteração do nome da Vila da Pedra para Delmiro Gouveia; Foi autor do projeto que conferiu o nome do coronel à barragem construída pela CHESF na Cachoeira de Paulo Afonso.

Medeiros também já havia dedicado espaço para Delmiro em sua *História do São Francisco* (1941). Ali o padre escreveu que o cearense (que ele acreditava ser pernambucano) foi um "verdadeiro sertanista do século XX". Duas décadas depois, o deputado repetiu a acusação de que o assassinato foi conseqüência do "conciábulo de forças ocultas, ligadas ao capitalismo e ao truste internacional da linha" [258]. O crime foi fato macabro, prenunciado, mas insuficiente para fazer com que o negociante desse passos para trás em seus projetos, pois "Delmiro Gouveia não era homem para parar, diante de obstáculos e empecilhos, caminhou para a morte". A faceta trágica atribuída ao fim de

256 CÂMARA DOS DEPUTADOS. (Brasil). Sessão de 5 Junho de 1963. *Anais*. Brasília, 1963. p. 171-172
257 NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, 10, dez. 1993.
258 MEDEIROS NETO, Pe. **História do São Francisco**. Maceió: Casa Ramalho, 1941. (Tese para o concurso da cadeira de História da Brasil do Instituto de Educação). p.174

Delmiro recebeu contribuições de Mota. O seu texto de 1961 encorpou pelo menos dois dos três discursos lidos no Congresso[259].

Na ótica de outro parlamentar, os grandes centros não atraíam Delmiro Gouveia: "Tocava-lhe a alma de certo a natureza agreste do seu Estado, batido pelos infortúnios e pelas asperezas de uma geografia inconstante e às vezes cruel, muito embora sedutora e magnética". Deste modo, o "gênio pioneiro" de Gouveia confirmava o papel de Paulo Afonso como "fator de redenção do povo nordestino"[260]. Em meio às tentativas de sintetizar o homenageado, afirmou-se que:

> Delmiro Gouveia era, pois, muito mais do que um industrial arrojado e imaginoso, tinha no seu coração e na sua mente a compreensão do verdadeiro nacionalismo, legítimo e patriótico, que busca a emancipação econômica do País, sem a demagogia dos que, procurando nos afastar de uma direção escravagista, forcejam para nos atirar numa escravidão maior[261].

A referência à chegada de uma "escravidão maior" insinua uma concepção sobre idéias alienígenas, coisas perigosas trazidas de fora. O comunismo, possivelmente, era uma destas. O parlamento, como outros setores da sociedade, respirava dúvidas sobre os rumos do país. Ou, como escreveu em 1964 um dos biógrafos de Gouveia, "num país onde os partidos políticos são organismos alheios à sociedade, e fatores de perturbação da ordem pública, embargadores do progresso e atentatórios dos direitos individuais" o surgimento de "homens não politizados senão politiqueiros à Delmiro Gouveia" se fazia necessário "para unir os brasileiros com ordem para o progresso"[262]. Portanto, o cordão de isolamento erguido em torno do homenageado, anos depois, funcionava como um legitimador para ações de homens que assumiram o controle da nação por terem a "qualidade" de, como

259 RORIZ, Wilson. Discurso. In: CÂMARA DOS DEPUTADOS. (Brasil). Sessão de 5 Junho de 1963. *Anais*. Brasília, 1963. p.175. Sobre a influência de Mauro Mota nos discursos dos parlamentares ver os discursos de Roriz (p. 168,171) e Medeiros Neto (p.175). Este último, por falta de tempo, não foi lido na sessão, mas apenas entregue para impressão.
260 GOMES, Carlos. Discurso. In: CÂMARA DOS DEPUTADOS. (Brasil). Sessão de 5 Junho de 1963. *Anais*. Brasília, 1963. p. 176.
261 CÂMARA DOS DEPUTADOS. (Brasil). Sessão de 5 Junho de 1963. *Anais*. Brasília, 1963. p.177
262 SOUSA, J. Machado de. **Vida de Delmiro Gouveia**. Recife: Flos Carmeli, 1964.

Gouveia, não serem políticos. O deputado gaúcho Britto Velho mostrou-se aparentemente comovido e ensaiou uma explicação:

> "No Rio Grande do Sul temos um afeto todo especial pelos nordestinos, e isso advém, exatamente, de nos sentirmos irmãos um tanto mais ricos, irmãos que foram, até certo ponto, privilegiados, e daí percebermos o dever de tudo empenhar, de tudo realizar para que, na família brasileira, todos os irmão possam vir a desfrutar aquela situação de quase privilégio que reina no Rio Grande do Sul"[263].

Em toda a sua intervenção, o deputado Britto Velho não tocou em momento algum no nome de Delmiro. Diferente dos colegas, não comentou a possível relevância da personagem para as questões debatidas. Limitou-se a ressaltar a penúria dos nordestinos frente aos privilegiados sulistas. As palavras do parlamentar acabam ajudando a entender o modo efêmero com que os tais "projetos" foram discutidos. Sem grandes pretensões, as homenagens (talvez sonolentas) a Gouveia no Congresso serviram basicamente para novos escritos no muro das lamentações sobre o destino infeliz dos nordestinos e para comentários sobre o nacionalismo econômico. Nenhuma resolução de impacto foi tomada. De maneira um tanto econômica, Delmiro foi apenas lembrado. Não parece, porém, ter sido enquadrado como o mártir exemplar que seus biógrafos afirmam. Tampouco a sua efeméride serviu para mudanças drásticas promovidas pelos parlamentares. Entre estes, pode-se dizer que não houve preocupação em deixar "rastros" sobre Delmiro (a exceção talvez tenha sido Medeiros Neto). Nenhum projeto efetivo foi levado adiante. Ainda assim, a estes parlamentares, lembrar Gouveia foi mais um expediente encontrado para tornar atual e crucial o debate sobre o desenvolvimento do Nordeste – que sempre desafiava o Brasil e os brasileiros. Mas não foi o único, nem o mais importante. Embora tenha recebido as homenagens do Congresso, Gouveia não encontraria ali grandes artífices para uma vulgarização da sua vida. Foram as celebrações que se deram, no mesmo período, em Pernambuco e Alagoas, que apresentaram ambições neste sentido.

263 Ibidem. p.178

2.3. O INSTITUTO JOAQUIM NABUCO & DELMIRO GOUVEIA

Um dos centros nos quais se ventilou o culto a Delmiro foi o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, sediado no Recife. De lá, Mauro Mota e Gilberto Freyre, entre outros, traçaram estratégias para recuperação da memória de Delmiro como um grande brasileiro. Os caminhos para a realização deste intento aparecem nas palavras do escritor Paulo Dantas, que literalmente convocou outros pesquisadores a romperem a "cortina de boicote e silêncio" erguida para Gouveia[264]. Dantas chegou a propor uma espécie de plano estratégico para a empreitada. Afirmando que exaltar o cearense era "um trabalho de equipe", o autor de *Delmiro Gouveia e outros sertões* escreveu ser necessário tomar o cearense e "colocar sua figura nas devidas proporções". E ditou a receita para concretizar tão ambicioso intento, afirmando ser vital a formação de um grupo "de escritores, jornalistas, artistas e políticos de boa vontade" a cerrar "fileira em torno do nome de Delmiro Gouveia, restaurando-o dentro do coração nacional com o respeito e a admiração que ele merece" [265].

O apelo de Dantas exemplifica que os lugares da memória, como escreveu Pierre Nora, resultam de ações que não são naturais. Tais lugares "nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres"[266]. O mesmo Dantas avisava que o seu apelo surtiu efeitos: "sei de escritores que já estão trabalhando neste sentido, e isso só vem honrar as tradições democráticas de uma literatura viril colocada a serviço do homem brasileiro"[267]. Eram palavras que ecoavam as idéias salmodiadas por Mauro Mota.

A propósito, Mota informou sobre outras medidas tomadas para estabelecer suportes à memória de Delmiro. Segundo ele, o IJNPS preparava um acervo referente ao negociante. A instituição havia reunido desde "peças da azulejaria portuguesa e dos mármores italianos de sua casa de Apipucos; os retratos" e até mesmo "o gramofone no qual, em alguns

264 DANTAS Apud ARARIPE, J.C.Alencar. **A glória de um pioneiro: a vida de Delmiro Gouveia**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.p.16
265 DANTAS, Paulo. O Delmiro Gouveia de Mauro Mota, o meu e o dos outros. In: MOTA, Mauro. **Quem foi Delmiro Gouveia?** São Paulo: Edições Arquimedes, 1967. (Coleção Brasil Paratodos, 2). p.60.
266 NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, 10, dez. 1993. p.13
267 DANTAS. **Op.Cit**.p.60.

domingos alagoanos, ouvia a ária do Rigoleto ao lado do amigo, o coronel Manuel Rodrigues da Rocha, em Santana do Ipanema". Todo este material estava sendo selecionado para ajudar a lembrar Gouveia. Conforme Mota, até mesmo "carretéis da linha marca *Estrela*, símbolo do seu gênio industrial, símbolo de sua vida e de sua morte[268]" foram coletados. O que justifica esta caçada por artefatos ligados a Delmiro? Talvez, seja conveniente retomar as palavras de Nora ao avisar que "se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história"[269]. E a consagração de lugares a Delmiro Gouveia, ao que tudo indica, foi intensa.

Anos antes do centenário, em 1958, através da intervenção de Gilberto Freyre, a Vila Anunciada, uma das casas de Gouveia no Recife, foi comprada e passou a servir de sede ao Centro de Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação e Cultura. Além do IJNPS, outra instituição em especial possuía interesse em estabelecer Gouveia como um precursor da industrialização: a Companhia Hidrelétrica do São Francisco. Criada nos anos 40, pelo decreto-lei 8.301 (3/10/1945), a CHESF teve primeiro uma função estratégica mais ligada ao aspecto das comunicações, dos transportes do que propriamente ao campo energético. Os tempos de Guerra, preenchendo o Atlântico de perigos, propiciaram a incursão pela bacia sanfranciscana. Contando com 1% da receita tributária da União, a sociedade de economia mista deveria desenvolver o potencial hidrelétrico de Paulo Afonso através da aplicação racional dos seus recursos[270]. Mergulhado nas águas do "rio da unidade nacional", Delmiro Gouveia apareceu como um autêntico herói nas falas dos entusiastas desenvolvimentistas. E, em certas ocasiões, como se ouvissem perfeitamente o apelo de Paulo Dantas, muitos se reuniam para a promoção de seu mito.

Tal "operação coletiva" se aproxima das observações sobre o funcionamento da memória feitas por Pollak. Se a memória compreende uma interpretação do passado, ela se integra articula e em torno de "tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos

268 MOTA, Mauro. **Quem foi Delmiro Gouveia?** São Paulo: Edições Arquimedes, 1967. (Coleção Brasil Paratodos, 2). p.7
269 NORA. **Op. Cit**.p.24
270 COHN. **Op.Cit**. p.60

diferentes"[271]. O ano de 1963, ao que parece, representou um momento em que as memórias sobre Delmiro Gouveia acirraram seus conflitos, lutaram com mais força para serem fixadas e instituídas como "oficiais". Assim, o apelo de Dantas para recolocar Delmiro entre os nomes de destaque no Panteão dos heróis nacionais, acompanha a idéia de que tomar o passado como uma referência ajuda a manter a união entre diferentes grupos e instituições sociais (de partidos políticos à Igrejas ou, até mesmo, a uma nação).

2.4. DELMIRO E AS MEMÓRIAS EM DISPUTA

Por conta destes embates, os novos arquitetos da vida do cearense, seus "atores institucionais da memória", enfrentaram o desafio de atualizar um mito. Mauro Mota, por exemplo, afirmou a sua preocupação com a retomada de Gouveia e de seus projetos como símbolos de uma época áurea para o Nordeste. Após criticar a ausência ocorrida no discurso inaugural da CHESF, Mota defendeu a necessidade de reavivar a memória em torno de Gouveia: "A articulação da vida e da cultura brasileira do Nordeste jamais poderia ser feita de costas para um passado que insiste no calendário (...) Jamais seria integral com o esquecimento de um valor humano do porte de Delmiro Gouveia"[272]. A relação entre os feitos do homenageado e a preocupação do palestrante com as minúcias das datas e horários sinaliza para uma concepção de história. Mota propõe uma história progressiva na qual os acontecimentos se inscrevem no calendário, este "órgão de um tempo que recomeça sempre". Desta maneira, o poeta situa Delmiro Gouveia e seus dias de nascimento e morte como momentos dos quais não se pode fugir, não se deve esquecer[273].

Mas por que Delmiro? Os motivos para a retomada deste personagem a partir de meados dos anos 50, culminando com a série de eventos e publicações nos anos 60 e 70, provavelmente estão relacionados aos debates que se criaram em torno do aproveitamento da bacia do rio São Francisco e do papel a ser cumprido pela CHESF e outras agências governamentais no Nordeste. Desde os anos 40 os rumos da região ganharam espaço nos debates sobre os caminhos para o desenvolvimento nacional. Como cada presente constrói

271 POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p. 3-15.
272 MOTA. **Op.Cit**. p.6-7.
273 LE GOFF, Jacques. **História e Memória. v.II: memória**. Trad. Ruy Oliveira. Lisboa: Edições 70, 2000. p.91;96-97

a sua história em função das suas próprias necessidades e lutas[274], Delmiro entrou nesta disputa como um mártir potencial. Tal qual um mito inconstante, ele parece ter sido "reativado" porque, naqueles tempos, era um herói necessário. Esta retomada, com intensidades distintas, ocorreu nos estados em que Gouveia viveu: Ceará, Pernambuco e Alagoas. No primeiro, ficou pouco anos. Do segundo, viu-se forçado a fugir e, no terceiro, foi assassinado. Ainda assim, no momento em que o "pioneiro" no aproveitamento do "Velho Chico" estava sendo relembrado, todas as casas se apressaram para abrigá-lo como filho ilustre, pois como diria Agualusa, "naquela época precisávamos de heróis como de pão para a boca"[275].

O mercado editorial refletiu este conflito pouco silencioso. Apenas em 1963, quatro biografias foram lançadas[276]. Estes trabalhos apresentavam um enfoque apologético e, ao mesmo tempo, pedagógico. São livros que mixam história e memória, são "instrumentos, por excelência, da memória em história"[277]. Não eram mais textos esparsos em periódicos, nem tampouco referências em livros. Delmiro passou a ter as suas próprias apologias. Constituíram assim tais livros, tais biografias, importantes lugares da memória acesos em tempos de efeméride.

Entre os espaços dedicados a lembrar, um deles, o ano oficial do centenário de nascimento, envolveu um farto *menu* de atividades celebrativas para Delmiro Gouveia. Após o quase fiasco de 1961, quando os estudiosos, tão apegados à simetria das datas, locais e horários, correram o risco da ridicularização por comemorarem no momento errado, dois anos depois tudo devia correr da melhor forma possível. E até que não houve grandes problemas. Dificuldade mesmo se deu quando o Papa João XXIII (1881-1963) adoeceu nas semanas anteriores ao evento e, pasmem, morreu justamente no início dos trabalhos, em 3 de junho.

Quais são os corolários disto para a Semana Delmiro Gouveia e para os intelectuais encastelados no IJNPS? Os piores possíveis. A morte do Sumo Pontífice arrastou os olhos da opinião pública para os funerais (que só tiveram fim oficialmente em 17 de junho) e

274 CATROGA. **Op.cit**.p.22
275 AGUALUSA, José Eduardo. **O Vendedor de Passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004. p.120
276 Foram estas as biografias lançadas no ano do centenário: *Delmiro Gouveia: pioneiro e nacionalista*, de F.Magalhães Martins; *Itinerário de Delmiro Gouveia*, de Olympio Menezes; *Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão alagoano*, de Félix Lima Jr (reeditado em 1983); *Delmiro Gouveia: o pioneiro de Paulo Afonso*, de Tadeu Rocha (reeditado em 1970).
277 NORA. **Op. Cit**. p.24

desatou o interesse pelo processo sucessório, iniciado através do Conclave. Um rápido olhar sobre jornais da época e veremos como o coronel foi ofuscado pelo clérigo. Eis algumas manchetes pernambucanas: “Um milhão de fiéis visitarão o corpo de João XXIII” (06/06); “Os 82 Cardeais que elegerão o sucessor do Papa João XXIII” (07/06); “Como será eleito o novo vigário de Cristo: a sucessão Papal, sua história e peculiaridades” (11/06)[278]. Em Alagoas, as lamentações se repetem: “Apagou-se a estrêla (sic) da paz: o mundo chora a morte do Papa” (04/06); “João XXIII, o Papa da paz” (04/06). Pouco restou ao coronel e aos seus admiradores.

Porém, mesmo com a maioria das notícias dedicadas ao acontecimento que poderia alterar os rumos da Igreja Católica, Delmiro angariou certo espaço. Que dizer da homenagem recebida do Conselho deliberativo da SUDENE, numa reunião capitaneada por Celso Furtado? Após alguns milhões liberados para estradas nordestinas, aprovações de projetos e de propostas para novas barragens e usinas, o Conselho “prestou homenagem ao industrial Delmiro Gouveia, precursor da luta pelo desenvolvimento do Nordeste”. Furtado lembrou o cearense como “um grande lutador” e, feito isto, “os conselheiros de pé, permaneceram em silêncio durante um minuto, numa manifestação significativa em memória do Papa João XXIII”[279]. Eis aqui finalmente uma situação em que Gouveia rivaliza com o Pontífice. Atentemos para a faceta do antigo senhor da Pedra retomada pela dita homenagem. É o “industrial” quem interessa. O “coronel” foi sutilmente deixado de lado.

Todavia, as batalhas simbólicas entre o Papa morto e o negociante da Pedra demonstram uma superioridade inquestionável do primeiro. Um dos desdobramentos aparece no eclipse sofrido pelos eventos celebrativos em torno do centenário de Delmiro. Ainda assim, isto não implica no descrédito destas atividades. Justamente pelos empecilhos encontrados, as homenagens erguidas para Gouveia merecem cuidadosa reflexão. Se os mitos formam e deformam as maneiras de pensar, se eles podem ser encontrados nos

278 Cf. UM milhão de fiéis visitarão o corpo de João XXIII. **Diário de Pernambuco**. 6 jun.1963.p.01; COMO será eleito o novo vigário de Cristo: a sucessão papal, sua história e peculiaridades. **Diário de Pernambuco**. 11 jun.1963.p.09; CÂMARA homenageou memória de João XXIII: sessão solene. **Diário de Pernambuco**. 12 jun. 1963.p.01; RITUAIS fúnebres de João XXIII iniciados ontem vão até dia 17. **Diário de Pernambuco**. 8 jun. 1963.p.01; OS 82 Cardeais que elegerão o sucessor do Papa João XXIII. **Diário de Pernambuco**. 7 jun. 1963.p.01.Ver ainda: ARQUIDIOCESE encerra hoje os atos em memória de João XXIII. **Diário de Pernambuco**. 12 jun. 1963.p.05;

279 SUDENE aprova siderúrgica e usina hidrelétrica. **Jornal do Commercio**. 6 jun. 1963.p.3

lugares mais inesperados e estranhos, como escreveu Darnton[280], é adequado observar como a Semana Delmiro Gouveia operou na atribuição de significados ao centenário daquele que "deu a idéia" para o desenvolvimento do Nordeste.

2.5. A SEMANA DELMIRO GOUVEIA

Em Pernambuco, o maior evento organizado para celebrar o centenário de nascimento do *Rei das Peles* foi a Semana Delmiro Gouveia. Contando com a participação de diversos intelectuais e coordenada por Mauro Mota, a SDG consistiria numa exposição, em um ciclo de palestras e num concurso de monografias. Além disto, Gilberto Freyre e Mota utilizaram seus respectivos prestígios para convocar intelectuais ao Instituto Joaquim Nabuco, conhecido por sua postura conservadora, para a realização de manobras objetivando manter sob controle as narrativas referentes ao ícone que, desde as movimentações para o surgimento da CHESF, retomou a sua força. O IJNPS procurou agir rápido na captura.

Consultados numa matéria retrospectiva, Mota e Freyre, novamente, instigaram o culto ao negociante. Nas palavras do poeta e geógrafo, Gouveia foi o pioneiro de Paulo Afonso,desbravador que encarnou a fase inicial do "'capitalismo heróico' brasileiro, nos últimos anos do século passado e nos primeiros do atual"[281].

Ainda segundo Mota, o cearense foi vítima de uma conspiração estrangeira. "O fato de um truste estrangeiro de linhas de coser ter adquirido a maquinaria da Pedra, logo depois do assassinato de Delmiro Gouveia", argumentou, "evidencia o seu lavar de peito em face do homicídio, a vingança nada póstuma, exercida contra os equipamentos que eram a continuidade da vida e da ação do grande nordestino". Enquanto isto, Gilberto Freyre inseriu outros componentes na sua descrição. Primeiro, ao retomar, como fez uma década antes Octávio Brandão, uma comparação freqüente nos estudos sobre Delmiro, aproximando o cearense do Barão de Mauá. Freyre declarou:

280 DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.p.179-200.p.14
281 O ÓDIO e a inveja tramaram e mataram o grande nordestino. **Jornal do Commercio**. 5 jun. 1963.p.8

> Nós do Nordeste devemos considerar Delmiro Gouveia uma figura de tanta importância no processo de industrialização do Brasil como foi antes dele o hoje justamente célebre Mauá. Podemos dizer que se tivéssemos tido, no Nordeste, no fim de século passado e no princípio do atual, não apenas um mas quatro ou cinco Delmiros, o Nordeste não tinha ficado na situação deprimente em que veio a ficar, quer com relação ao estrangeiro quer com relação a industriais colonialistas de São Paulo[282].

Tal expediente compreende uma apropriação utilizada como um recurso didático, haja vista que Delmiro não era, naqueles dias, amplamente conhecido. Ao mesmo tempo, há nas palavras desse estudioso um curioso fatalismo. O problema do Nordeste estava na rarefação de outros como Gouveia em sua história. Freyre desfere ainda um último golpe nos "estrangeiros" e nos "industriais colonialistas de São Paulo"[283]. Curiosamente, o ataque recebe endereço certo apenas no segundo grupo. Os tais "estrangeiros" não são identificados. Os problemas do Nordeste, seguindo a lógica de Freyre, resultaram principalmente da ação dos paulistas. O mesmo autor de *Ingleses no Brasil* (1942) não comentou a possível relação entre o *trust* britânico da Machine Cotton e a Fábrica da Pedra. Freyre esqueceu que até mesmo Mauá, elogiado por ele e posto como referência a Delmiro, tivera relações bastante tumultuadas com os súditos da rainha. O erudito pesquisador parece desconhecer que a violência nos negócios marcou o capitalismo inglês dos oitocentos e no nascente século XX.

A defesa de Gilberto Freyre sobre a importância de Delmiro Gouveia traz à tona um aspecto presente nas comemorações: as mutações nas perspectivas de pessoas e eventos. Ora, o nascimento de Gouveia, por exemplo, acontecimento simples, registrado de forma imprecisa nos dias em que se deu (lembre-se que até mesmo a data em que isto ocorreu gerou polêmica por anos), ganhou no futuro da personagem uma grandiosidade inesperada. O surgimento do cearense, nas terras do Ipu, passa a ser concebido como um momento de ruptura, a inauguração de um novo tempo. O nascimento é assim um acontecimento-fundador para a história do Nordeste. As imprecisões não abalaram os organizadores das festividades, porque não os interessou o acontecimento em si, mas a sua face simbólica.

282 O ÓDIO e a inveja tramaram e mataram o grande nordestino. **Jornal do Commercio**. 5 jun. 1963.p.8
283 Idem

Como lembra Nora, "a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos"[284]. E, desta forma, o passado é remontado por meio de cortes, edições.

Além das considerações seletivas de Freyre, chama a atenção nas passagens acima a afirmação de Mota sobre "um truste estrangeiro de linhas de coser ter adquirido a maquinaria da Pedra, logo depois do assassinato de Delmiro Gouveia". Para um especialista na vida do "verdadeiro nacionalista do Nordeste", o poeta não poderia estar mais equivocado. Vale lembrar que enquanto o cearense foi morto em 1917, a Fábrica só chegou às mãos inglesas em 1929. Por quais motivos Mota cometeria tamanho lapso? Uma análise cuidadosa revelará que, entre as táticas argumentativas deste intelectual, tal recurso não foi incomum.

Redigindo para o *Diário de Pernambuco* numa das colunas que possuiu, Mauro Mota preparou um texto intitulado "Batalhão Delmiro Gouveia", datado de 15 de julho de 1966. Nele, o autor se empenhou para viabilizar o nome do cearense no batismo de uma unidade militar. Mota alude a uma conversa com um coronel do exército chamado Cavalcanti Jardim, após assistir a uma palestra de Gilberto Freyre para alunos e oficiais do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Recife (C.P.O.R). O militar, homem "sempre interessado nas coisas e nas causas do Nordeste", informou sobre a existência de uma unidade, ainda sem nome, situada em Paulo Afonso[285]. O coronel divagou que talvez houvesse alguém que merecesse emprestar o nome para aquela seção militar. Mota então escreveu: "Ah, Coronel, está na cara, i.e, desculpe a expressão, quero dizer, está compreendido: Delmiro Gouveia". E, em sua coluna, seguiu defendendo o nome de Delmiro para a dita unidade. O cearense teria feito "muito mais pelo Recife e pela região do que muitos governos reunidos". Entretanto, talvez receoso em soar ofensivo, o pesquisador reescreveu a sentença assim: "Delmiro Gouveia fez muito pelo Recife e pela região". Ao final do diálogo, o poeta teria afirmado que o agroindustrial "criou a CHESF (o que veio depois é a amplitude da obra inicial)". Numa parte retirada da versão final, Mota sugeriu que diante do nome de Delmiro "nós, paisanos, estamos sendo ingratos e pulhas". Por fim,

284 NORA. **Op. Cit**. p.25

285 A referência do coronel Cavalcanti Jardim possivelmente era sobre a 1ª. Companhia de Infantaria, subordinada à 10ª. Brigada de Infataria Motorizada, sediada no Recife. Todavia, em consulta telefônica, pude confirmar que a dita Companhia jamais utilizou o nome de Gouveia.

apelando ao militar que, segundo ele, teria "ânimo e prestígio", o poeta reafirmou seu pedido[286].

Pisando cuidadosamente para não desagradar ao tal coronel, Mauro Mota tentou, a todo custo, arranjar mais um lugar para a memória de Delmiro. E, na ânsia de realizar o seu intento, dispensou o rigor cronológico, a empiria. Empurrou o cearense para a CHESF e mandou às favas outros escritos. A seu modo, quando necessário, Mota reescreveu a saga de Gouveia. Daí a sua afirmação de que Delmiro "criou Paulo Afonso e com Paulo Afonso uma civilização industrial". Assediando militares e transferindo aos "ingratos" e "pulhas" paisanos a culpa por tão grave falta, o intelectual jogou astutamente com a vaidade do tal coronel Cavalcanti Jardim. Escrevendo e apagando, remontando as memórias de Gouveia, Mauro Mota demonstra oportunismo e um trabalho vigoroso na arte da apologia[287]. E assim, ajudando a nomear lugares, a erguer monumentos, a celebrar aniversários, Mota e outros estabeleceram suportes para a memória de Delmiro, inserindo-a na história nacional.

Deste modo, atribuir a Delmiro o papel de fecundante da CHESF não deve ser considerado um lapso de Mota ou de qualquer outro dos seus estudiosos, mas um recurso retórico e, portanto, estratégico para angariar admiração em tempos nos quais se julgava que a memória do "precursor" não tinha mais força. Se, como observou o poeta Wally Salomão, "a memória é uma ilha de edição"[288], é possível compreender a necessidade do poeta em recorrer a lugares e a eventos celebrativos a fim de posicionar Gouveia como referência à história do Nordeste e do Brasil. Mota e os demais pesquisadores se esforçaram para instituir uma tradição em nome de Gouveia[289]. Ao afirmar isto, não se propõe que o projeto obteve o sucesso esperado, foi duradouro ou algo semelhante. Ao contrário, tudo indica que o centenário foi efêmero. Ainda assim, a forma como ele surgiu e se estabeleceu merece atenção[290].

---

286 A versão a que tive acesso conta na pasta Mauro Mota existente no acervo da Fundação Joaquim Nabuco. Cf. MOTA, Mauro. Agenda (Batalhão Delmiro Gouveia). Recife, 15 jul 1966. CEHIBRA/FUNDAJ.Código MMo PIp 36 doc. 414 a31 g2

287 CHARTIER, Roger. **Inscrever & Apagar: cultura escrita e literatura (séculos XVI-XVIII)**. Trad.Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Ed. Unesp, 2007.

288 SALOMÃO, WALLY. In: Intro, pt.5. O Rappa. **O silêncio que precede o esporro**. WEA, 2003.CD. faixa 11.

289 Cf. HOBSBAWM, Eric, RANGER, Terence (Orgs.) **A invenção das tradições**. 4 ed. Trad. Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. (Coleção Pensamento Crítico, v. 55).

290 HOBSBAWM. **Op.Cit**.p.9

Sinais deste trabalho de retomada da memória apareceram na inauguração de uma barragem da Companhia Hidrelétrica do São Francisco, batizada com o nome do cearense na região de Paulo Afonso, em cinco de junho, data do seu nascimento[291]. O presidente da CHESF, Apolônio Sales, considerava-a uma instituição "integrada" aos ideais de Delmiro[292]. Há sinais também no anúncio feito pelo governo de Pernambuco da inauguração de uma escola, no bairro da Imbiribeira, que levaria o nome do ilustre ex-morador do Recife. No mesmo estado, anunciava-se ainda um "concurso de monografias sobre a importância da vida e obra de Delmiro Gouveia, entre os alunos do ciclo colegial dos estabelecimentos de ensino público e privado"[293]. Mas em Pernambuco, a Semana Delmiro Gouveia foi indubitavelmente o mais expressivo entre os eventos organizados para (re) apresentar o *Rei das Peles* ao Brasil. Tudo ocorreu em junho de 1963 na antiga residência do homenageado.

O ciclo de conferências teve o seguinte programa: Virginius da Gama e Melo abordou "Os atos de Delmiro Gouveia e a civilização regional" (5/6); Tadeu Rocha chamou sua palestra de "Delmiro Gouveia, um sertanista moderno" (6/6); Raimundo Girão proferiu "Campos do Ipú e carretéis de linha da Pedra" (7/6); ambicionando uma nova perspectiva para tratar do cearense, Mauro Mota falou sobre "Delmiro Gouveia no diário de um comprador de peles em Belém do São Francisco" (10/6) e encerrando o evento Antiógenes Chaves apresentou a conferência "Delmiro Gouveia, mais que um industrial" (11/6) [294].

Nem todas as palestras foram diretamente consultadas. A publicação prometida para o fim do evento, pelo que se sabe, não vingou. Piora a situação a enchente ocorrida no Recife em 1975 responsável pela perda de material precioso do IJNPS[295]. Todavia, alguns

---

291 A notícia foi dada pelo próprio Apolônio Sales, então ministro e presidente da CHESF. BARRAGEM Delmiro Gouveia. **Diário de Pernambuco**. 8 jun. 1963.p.5

292 A CHESF é hoje o que Delmiro realizou no começo deste século. **Jornal do Commercio**. 5 jun. 1963.p.8

293 DELMIRO Gouveia é nome de um novo grupo escolar. **Diário de Pernambuco**. 8 jun. 1963.p.5 (Ontem, no Palácio); EM Paulo Afonso. **Diário de Pernambuco**. 8 jun.1963

294 Cf. IJNPS iniciou celebrações do centenário de Delmiro Gouveia: exposição e conferências. **Diário de Pernambuco**. 6 jun.1963.p5.

295 A cheia de 1975 é considerada a grande calamidade do século 20 em Pernambuco. Pelo que se sabe, "a enchente ocorreu entre os dias 17 e 18 de Julho de 1975, deixando 80% da cidade do Recife sob as águas. Outros 25 municípios da bacia do Capibaribe também foram atingidos. Morreram 107 pessoas e outras 350 mil ficaram desabrigadas". Hospitais foram inundados, o sistema elétrico do Recife sofreu um colapso e 70% da cidade ficou sem energia. Após os dois dias de caos, um boato de que a barragem de Tapacurá havia estourado e que o Recife seria inundado trouxe novamente o pânico. Cf. T<APACURÁ estourou.http://www.pe-az.com.br/especiais/tapacura_estouro.htm> Acesso em: 09 jul. 2007

dos conferencistas chegaram a reproduzir as suas falas em outras publicações. Ao mesmo tempo, uma caça paciente nos jornais pernambucanos permitiu, ainda que de forma muito complicada, delinear aspectos abordados nestes encontros de fim de tarde. As observações realizadas a seguir resultam destes trechos aos quais foi possível o acesso, resultantes de um trajeto tortuoso, de cruzamentos de referências e até mesmo de um pouco de imaginação. Mas, como diria Natalie Zemons Davis, imaginação em dose bastante parcimoniosa e regida por uma "atenta escuta das vozes do passado"[296]. As observações começam por Virginius de Gama.

2.5. 1. AS CONFERÊNCIAS

O primeiro a falar foi Virginius de Gama Mello[297] (1922-1975). Naqueles dias, o conferencista, bacharel em Direito pela Faculdade do Recife, provavelmente já assumira a cadeira de Teoria da Literatura na Universidade Federal da Paraíba. Conforme o intelectual, o evento era adequado para "verificar" os principais problemas dos anos 60 no Nordeste. A partir desta constatação, o autor ressaltou que o quadro social experimentava, naqueles dias, uma situação incomum. Graças aos problemas enfrentados pelo Nordeste "os intelectuais descem às massas e as massas elevam-se aos intelectuais. Há uma solidariedade quase de desespero em busca duma salvação urgente". Ora, neste processo circular, em que diferentes grupos sociais trocariam correspondências, o autor posicionou Delmiro como um homem "quase analfabeto, sem freqüência às escolas", mas que realizou feito único. Foi o primeiro na região a eliminar o "complexo de inferioridade" do brasileiro[298].

O que Gouveia fez para tanto? De acordo com Mello, ele agiu "plantando centro de comércio em áreas abandonadas" e "fazendo cidades no deserto"[299]. Novamente aparece a idéia de um criador solitário. Onde não havia nada, Gouveia procedeu a criação, como no Gênese: "no princípio criou Deus os céus e a terra. (...) E disse Deus: Haja luz; e houve luz.

296 DAVIS, Natalie Zemon. O **retorno de Martin Guerre**. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Oficina da História).
297 Virginius Mello contribuiu em suplementos literários do *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio* e *Correio da Paraíba*. Maiores informações biográficas sobre Virginius Mello podem ser encontradas em: MELLO, Virginius de Gama. **O romance nordestino e outros ensaios**. João Pessoa: E. UFPB, 1980.
298 MELLO, Virginius de Gama. Delmiro Gouveia: criador de riquezas coletivas. In: **O romance nordestino e outros ensaios**. João Pessoa: E. UFPB, 1980.p.125-126
299 Ibidem.p. 126

(...) produza a terra erva verde, erva que dê semente"[300]. Recursos lançados tempos atrás por outros estudiosos, as afirmações do palestrante retomaram para Delmiro o seu ofício civilizador: construir cidades, estabelecer comércios.

Na tessitura de Mello, o cearense representaria uma continuidade afirmativa da personalidade brasileira: "Nesta hora, Delmiro Gouveia é simbolicamente o destino do povo brasileiro – sua luta não é dele, mas de todos nós, não é de ontem pois esse passado é apenas uma etapa do presente"[301]. Como considerar esta alegoria? É preciso considerar que, se as comemorações apresentam-se com uma faceta de "culto nostálgico e regressivo", elas oferecem o passado "como arquétipo ao presente e ao futuro". Deste modo, o palestrante colocou em funcionamento uma espécie de "previsão ao contrário" e ensaiou confirmações, através do passado, esboçando as coordenadas para o futuro e reforçando a construção do cearense como um mito, um herói civilizador[302]. Desta maneira, as respostas para o presente (e o futuro) estavam no passado. Ou seja, em Gouveia.

Este movimento do palestrante é significativo, pois ele exemplifica como os fundadores do mito serão retomados gradativamente durante as celebrações em 1963. Embora os registros sobre o que pode ter sido a palestra sejam relativamente pobres – perderam-se as demais formas de expressão deste e dos demais palestrantes, as gesticulações, os golpes de vista, as impostações – é possível acompanhar as idéias de Robert Darnton e dizer que o conferencista "selecionou detalhes, ordenou os acontecimentos e estruturou a história de maneira a destacar o que era significativo para ele"[303]. Todavia, ao descrever Delmiro como um mártir, o redentor dos males de um Nordeste subdesenvolvido, Gama "tirou suas noções de significado de sua cultura, tão naturalmente como inspirava o ar da atmosfera em torno"[304]. E a atmosfera no início dos anos 60 carregava as tensões provenientes dos conflitos entre as Ligas Camponesas e os donos de terra, os sobressaltos provocados pelo governo efêmero de Jânio Quadros, pela política econômica de João Goulart, pela expectativa por um movimento mais brusco, mais

300*Gênese*. Cap. I Vers.1-11. **BÍBLIA do Estudante Aplicação Pessoal**. Ver. Almeida Rev. Cor. Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1995.
301 MELLO. **Op.Cit**. p.127
302 CATROGA.**Op.Cit**.p.61
303DARNTON, Robert. Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos na rua Saint-Séverin. **O Grande Massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. 5 ed. Trad. Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.p.133
304 MELLO, V. **Op.Cit**.p.127

radical, a nascer ou das esquerdas ou dos grupos mais conservadores. Assim, atrelando de modo inexorável o passado ao futuro, Mello atualizou Gouveia, transpondo para os seus dias o problema do desenvolvimento dos sertões através da industrialização comandada por uma elite econômica. Um circuito que conecta Delmiro ao Nordeste; a região à CHESF e esta tríade à redenção desenvolvimentista.

Desta maneira, haveria uma sintonia entre os tempos de Gouveia e os dias do seu centenário. E a vida relativamente curta de Delmiro "corresponde à juventude do nosso povo, mal entrado, agora, na maturidade". Virginius de Gama Mello articula uma perspectiva um tanto escatológica da história. E por esta via fatalista a vida da personagem se mistura à narrativa da nação. Segundo o palestrante, Delmiro acompanhou em vida toda a evolução do povo brasileiro. O ícone da "civilização de couro" pertenceu ao sistema econômico base da civilização brasileira: "esse couro de bode, através da ação de Delmiro Gouveia, passara a vestir, educar, calçar, garantir a manutenção de milhares de pessoas; antes condenadas ao mais rude dos empobrecimentos"[305]. Evocou-se um autêntico herói mitológico que retirou os sertanejos de uma era (a do couro) e os levou a outra (a da eletricidade). Uma sugestão não limitada às palavras de Mello, lembrou Lima Júnior:

> O vale do São Francisco, uma das mais ricas e importantes zonas do continente, continua estacionado na idade do couro, ou seja na mais recuada etapa de sub-civilização pastoril" - escreveu Wilson Lins. Delmiro tirou o sertanejo dessa idade, e fê-lo passar à dos telefones, telégrafos, cinema e refrigeração [306].

Realizando esta árdua tarefa de escrever/apagar aspectos da personalidade de Delmiro, Mello indicou que o seu homenageado reunia ousadia sem imprevidência, utilizava o elemento de fora e o local, teoria e prática, ciência e empirismo. É possível dizer que o autor acompanha Oliveira Lima, que enxergava em Gouveia a reunião de diferentes nacionalidades domadas pela iniciativa nacional. Também para o paraibano a obra de Delmiro Gouveia reunia a técnica estrangeira e a capacidade brasileira. Como outros, o

305 Ibidem.p. 131
306 LIMA JÚNIOR, Félix. **Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão alagoano**. 2 ed. Maceió: Departamento Estadual de Cultura/Federação do Comércio do Estado de Alagoas, 1983. (Coleção Vidas e Memórias).p.316

palestrante se mostrou influenciado por Mauro Mota ao defender o homenageado como "homem do povo que ascendeu a uma liderança". Assim, dialogando com os presentes, Virginius Mello conduziu a sua fala evitando polêmicas em torno do cearense.

A idéia de atraso como castigo para o povo irracional, algoz do seu próprio redentor, apareceu quando Mello referiu-se à destruição do Derby: "é no raiar do novo século que o Recife, o Nordeste caminha para trás, destruindo o que de mais moderno e civilizado possuía". Um passo para trás. Derrocada e aversão ao mundo civilizado. Como não lamentar este "retrocesso nordestino"? Parece sugerir o palestrante. Gouveia, louvado como "propugnador de civilização" e "impulsionador de progresso"[307], estabeleceu desenvolvimento, fomentou a modernização, respondeu com criatividade aos problemas da natureza. Morreu de modo injusto.

Numa proposta evolutiva da biografia de Gouveia, concepção depois predominante nos livros dedicados ao assunto, a conferência de Virginius Mello foi uma tentativa de atualizar Delmiro enquanto um mito civilizador. Inseriu o homenageado no contexto atribulado dos nascentes anos 60, arranjou para ele um lugar privilegiado nas narrativas sobre os descaminhos do Nordeste. Desta maneira, a primeira palestra da Semana Delmiro Gouveia deu o tom a ser adotado pelos conferencistas seguintes.

O segundo a falar foi Tadeu Rocha. Era 6 de junho, por volta das 16 horas e, com auditório repleto[308], o pesquisador alagoano proferiu a fala intitulada "Delmiro Gouveia, um sertanista moderno". A noite foi presidida pelo Governador em exercício, Paulo Guerra. O sociólogo Marcos Vinicius Vilaça fez a apresentação de Rocha.

Mesmo sem acesso ao conteúdo integral da palestra, pode-se dizer que é pouco provável que ela tenha fugido ao que o autor já escrevia sobre Gouveia há quase uma década em jornais como o *Diário da Manhã* e *Jornal do Comércio*. Rocha afirmou, em texto publicado antes de sua palestra, que iniciou suas pesquisas em janeiro de 1953 e vasculhou cinco estados (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba e Pernambuco) em busca de informações sobre Delmiro.

307 Ibidem. p.134-135

308 Entre os presentes Apolônio Sales, Antiógenes Chaves, Gilberto Freyre, Aderbal Jurema (Deputado Federal), Francisco Montenegro (professor), Antônio Carolino Gonçalves (estatístico) e Paulo Maciel (economista).

A conferência teve menor destaque que a anterior. Um ouvinte classificou a fala de Rocha como “um pouco extensa”. Feita no “estilo biográfico”, a palestra realçou o aspecto vanguardista de Gouveia. Segundo o palestrante, o coronel foi um homem que “há tantos anos atrás, já pensava de uma maneira moderna, em relação aos seus empregados”. É provável que Rocha tenha apenas antecipado parte do que traria no seu livro *Delmiro Gouveia: o pioneiro de Paulo Afonso*, lançado dias depois em Maceió.

Considerando as demais entrevistas, bem como os inúmeros textos produzidos para jornais pernambucanos, possivelmente Tadeu Rocha destacou o Delmiro de práticas modernizadoras no trato com seus empregados. Como fez em outros escritos, ocupou a maior parte da sua fala com a vida de Gouveia, reservou tempo para detalhar o crime e sugerir culpados. O término da fala, conforme os jornalistas de plantão, ocorreu com uma “descrição pormenorizada” daquilo que o autor sabia sobre o assassinato do homenageado, parte da biografia de Delmiro em que se movia desenvolto. A preocupação com as minúcias, uma característica de Rocha, pode ser um dos motivos para a reclamação de que a palestra teria sido longa. Provavelmente entre os presentes, nenhum teria tanta autoridade para falar sobre Delmiro. Porém, talvez tenha faltado a Rocha os recursos da oratória atribuídos a figuras como Virginius Mello e Mauro Mota.

Outro que teve pouco destaque foi Raimundo Girão, palestrante do terceiro encontro. Apesar de ser intelectual conhecido nos círculos acadêmicos do Nordeste, professor da Universidade Federal do Ceará, intelectual com publicações reconhecidas, Girão não arrancou grandes comentários sobre a sua conferência. É difícil explicar o que motivou tamanho desinteresse dos jornais em noticiar a palestra, em comentar as idéias ali contidas. Todavia, é importante lembrar que a Semana Delmiro Gouveia concorreu com eventos que mexeram com o ambiente político brasileiro, além dos já mencionados funerais papais. Chega-se assim ao penúltimo palestrante.

Como já foi observado, Mauro Mota cuidou da organização da Semana, sendo responsável também pela exposição constante no evento. Na mesma semana do centenário, ele publicou no *Jornal do Commercio* o artigo “Delmiro civilizador de terras, águas e gentes”, na verdade uma versão do seu já conhecido texto “Estrela da Pedra”, presente no Boletim do Instituto. Mas, para a sua fala na SDG, Mota procurou oferecer um enfoque diferente. O que motivaria esta mudança de perspectiva? Talvez, o fato de poucas vezes o

diretor executivo do IJNPS ter encontrado tantos rivais à altura ao falar de Delmiro. Em se tratando da vida do cearense, Tadeu Rocha era, naquele momento, um pesquisador mais habilitado. Conduzir sua palestra para um perfil biográfico seria uma estratégia infeliz. Mota não correria o risco de ser encurralado por uma pergunta de Rocha. Como se amarrado ao conselho de que "muitas vezes um pequeno feito, uma palavra, uma bagatela revelam melhor um caráter que os combates mortais"[309], Mota buscou algo que gerasse curiosidade. Esteja tal hipótese correta ou não, sabe-se que o poeta resolveu oferecer uma leitura diferenciada através de um documento, até então, inédito.

A fonte de Mota foi um manuscrito entregue ao IJNPS por um ex-negociante de courinhos. A palestra foi intitulada "Delmiro Gouveia no diário de um comprador de peles em Belém do São Francisco". Pode-se dizer que Mota exagerou. Ele não teve em mãos um diário, mas as memórias de Félix Pires de Carvalho. Trata-se da "História da vida e da morte de Delmiro Gouveia", escrito em 1962. Um manuscrito através do qual o autor imprimiu a sua versão sobre o ex-chefe[310].

Os originais da palestra não foram encontrados, portanto, não foram lidos documentos de primeira mão sobre este momento das comemorações. Mas possivelmente na sessão presidida por Luiz Delgado (das Academias Pernambucana Olindense de Letras), Mota apresentou uma versão de seu texto "Entre Piranhas e Jatobá: Delmiro Gouveia, Xanduzinho das Rosas e alguns coronéis". Trata-se de uma interpretação que o poeta fez dos manuscritos de Carvalho. Nele o pesquisador afirmou:

> No estudo de uma figura histórica, não bastam as conseqüências que a fizeram histórica, o esmiuçamento da obra que se tornou pública, a sua análise, mesmo exaustiva, entre nomes e datas. Interessam ainda toda a série de antecedentes, a mensuração da influência deles, não apenas a imediata; as veredas, ruas e becos, nem sempre um só caminho limpo e reto, percorridos pelo grande homem; o meio que ele marcou com a sua

309 PLUTARCO. **Vidas paralelas: Alexandre e César**. Apres. Voltaire Schilling. Trad. Júlia Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM, 2005. p.19

310 CARVALHO, Félix Pires de. **História da vida e da morte de Delmiro Gouveia**. Carpina, 1962. CEHIBRA. 39 fls. Manuscrito.

> presença e com seus movimentos, visto além de sua casa e de seu escritório, sem que a casa e o escritório sejam excluídos[311].

De forma a ir além das tais "conseqüências históricas", Mota buscou dar ao seu escrito o ar de ineditismo. A palestra daquela tarde consistiu numa labuta com as memórias de Félix, identificado como "antigo comprador de peles de cabra e de carneiro", trabalhador na região de Belém do São Francisco. Em texto depois publicado, através do qual analisava o documento, o poeta afirmou que o seu depoente era "ao mesmo tempo, a fonte e o historiador social"[312]. Mota destacou a relevância dos escritos de Carvalho, a sua contribuição através das "miudezas" que produziu.

Um olhar sobre o documento e será possível ter a dimensão do esforço realizado nas proximidades do centenário de Delmiro. Félix de Carvalho revela em seu "exórdio" saber que "O Instituto Joaquim Nabuco precisa de homens cultos que saibam escrever com atavios fatos ligados à vida de Delmiro Gouveia, para obras literárias que surgirão nos festejos que, no dito Instituto, se promoverão". A sua monografia resultou de um pedido de Antônio Vilaça, de quem Carvalho se considerava amigo. Ele concebia o seu trabalho como importante. Ciente da carência de "bárbaros que também saibam, em sua linguagem tosca, desataviada e inculta, dar, com precisão, para o mesmo fim, verdadeiras informações". Concluía: "eu, portanto, a estes últimos me sinto agrupado"[313].

Mota se revela animado com o que leu nas memórias de Carvalho. Ali, o ex-agenciador relembra como Delmiro praticou "desonesta traficância"; transformando em lucro um prejuízo com peles estragadas; evitou uma hecatombe na região de Chorrochó, sertão da Bahia, que poderia ocorrer por brigas entre famílias rivais. O poeta pernambucano não disfarça a empolgação: "Esses episódios inéditos, superam o episódico e fortalecem o conhecimento sobre o 'tino comercial' e o tino de paz do criador da indústria de Pedra"[314]. Todavia, embora declarasse a sua admiração pelos escritos de Carvalho, Mota não se descuidava. Logo após narrar como Delmiro subornou um dos empregados de J. Lévy para

311 MOTA, Mota. "Entre Piranhas e Jatobá: Delmiro Gouveia, Xanduzinho das Rosas e alguns coronéis". In: **Quem foi Delmiro Gouveia**? São Paulo: Edições Arquimedes, 1967. (coleção Para Todos, 2). p.26
312 MOTA, M. Op. Cit. p. 26-27
313 CARVALHO, Félix Pires de. **História da vida e da morte de Delmiro Gouveia**. CEHIBRA – Centro de Documentação de Estudos da História Brasileira "Rodrigues Mello Franco de Andrade", do IJNPS. 28 jun. 1962. 39 fls.
314 MOTA. **Op. Cit**. p 32

que este o ajudasse a ludibriar o patrão e, assim, obter um lucro impossível com peles ruins (a desonesta traficância acima mencionada), o poeta justificou a atitude do herói. Afinal de contas, os ganhos obtidos com tal manobra foram utilizados pelo cearense numa viagem ao exterior, através da qual ele descobriu forma inédita de tratar os couros e promoveu o desenvolvimento da capricultura regional. Mota concluiu, portanto, que "não se negaria remissão à 'desonesta traficância'. Ela fora antes a resistência ao monopólio ensaiado por um estrangeiro na praça do Recife"[315].

Estes deslizamentos provocados por Mauro Mota sobre a memória de Delmiro ocorrem com o sentido de resguardar o cearense de qualquer ataque possível. É importante observar a forma como o poeta leu o texto de Carvalho, selecionando cuidadosamente aquilo que entraria na sua narrativa. Evidentemente, como não foi possível acessar nenhum registro oficial da palestra do então diretor do IJNPS, não se pode afirmar que indubitavelmente o texto utilizado foi "Entre Piranhas e Jatobá". Porém provavelmente (e é nesta esfera, a das possibilidades, que a argumentação se move agora) isto ocorreu[316]. Aquele que se familiariza com os escritos de Mota sobre Delmiro Gouveia, logo identifica a repetição integral de seus textos em diferentes lugares. Assim, um mesmo artigo, com o título alterado, poderia ser publicado no *Jornal do Commercio*, num livro ou numa revista. Não há motivos para que o poeta mudasse esta estratégia apenas quando da palestra.

De um modo ou de outro, a fala de Mota foi proferida e recebida sem grande euforia: "A conferência do geógrafo Mauro Mota foi a mais breve, dentre as já realizadas IJNPS sobre Delmiro Gouveia". A apreciação da conferência reforçou a idéia de que os textos foram os mesmos. Conforme um periódico, "a figura do precursor de Paulo Afonso foi abordada, pelo prisma da opinião de um comprador de peles em Belém do São Francisco, através de um diário deixado por este" [317]. Assim, o "ângulo diferente" pelo qual Delmiro seria visto encerrou o penúltimo dia da Semana em sua homenagem.

---

315 MOTA. **Op. Cit**. p.31

316 Ginzburg, Carlo. Provas e possibilidades à margem de "Il ritorno de Martin Guerre" de Natalie Zemon Davis. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand/Difel, 1989. (Memória e Sociedade).

317 Impressões sobre a palestra de Mota podem ser encontradas em ANTIÓGENES Chaves encerra conferência sobre Delmiro Gouveia. **Diário de Pernambuco**. 11 jun. 1963.p.3. O texto "A Estrela de Pedra" é o melhor exemplo das "adaptações" executadas por Mota num único escrito que se multiplica com títulos diferentes. O ensaio apareceu pela primeira vez no Boletim do IJNPS, em 1961, mas também foi publicado no *Jornal do Commercio*, apenas com o título "Delmiro Civilizador de terras, águas e gentes" (5 de junho de 1963, p.8). O mesmo escrito apareceria depois em livro de Mauro Mota, juntamente com o artigo que,

O último a falar foi Antiógenes Chaves. Advogado e presidente do *Diário de Pernambuco*, Chaves abriu a sua palestra informando ter sido indicado para ler, antes da sua própria fala, uma reflexão escrita por Assis Chateaubriand, dono não só daquele periódico, mas de uma rede com dezenas de informativos pelo Brasil. Enfrentando sérios problemas de saúde, na época à frente da Embaixada brasileira na Inglaterra, Chatô mandou um texto intitulado "O Rei e Senhor do chifre pequeno", no qual apresentou leitura própria de Gouveia.

A interpretação de Chatô envolvia ainda elogios a outros três personagens também conhecidos por demonstrações de empreendedorismo no Nordeste: Frederico Lundgren, Tenente (Antônio Ferreira da Costa Azevedo, genro de Antiógenes e dono da Usina Catende) e Mendes Lima. Porém, observou o dono dos *Diários Associados*, "Delmiro Gouveia era tão 'manysided', que não podemos pô-lo na mesma categoria dos outros três". Ainda conforme Chateaubriand, Delmiro não parecia um cearense: "Parecia, antes, um beirão português ou um espanhol basco. Era praticamente analfabeto e levava a pensar o dia inteiro". Há aqui algo que parece faltar aos demais palestrantes (considerando-se a intromissão de Chatô sendo ela própria uma espécie de palestra), uma figura que tem carne, surge viva. Gouveia emerge mais próximo de um ser humano do que de um herói romântico. Mas, ainda assim, o embaixador "palestrante" esgrima habilidosamente suas palavras e logo os presentes ouviriam que o cearense foi uma espécie de bandeirante, "o primeiro homem a rasgar o São Francisco para uma indústria, baseada em duas matérias primas fundamentais daquele sertão: a água encachoeirada e a fibra algodoeira"[318].

De onde Chatô arrancava tanta autoridade para falar de Delmiro em meio aos especialistas na vida do negociante? O próprio jornalista lembra: "Convivemos quatro anos. Se havia uma pessoa em quem depositava confiança, era eu". E assim, com o respaldo de quem conhecera Gouveia pessoalmente, de quem convivera com ele, de quem intermediara negócios entre o comerciante e indivíduos estrangeiros, o embaixador paraibano afirmou que o principal projeto de Gouveia não residia na industrialização do sertão: "Conhecia-o dentro de dois pólos – o bode e a reforma social do jagunço". E complementou a

possivelmente, resulta da tal palestra feita na SDG. Cf. MOTA, Mauro. **Quem foi Delmiro Gouveia?** São Paulo: Edições Arquimedes, 1967. (coleção Para Todos, 2).

318 PRESIDENTE do Diário leu a mensagem: "O Rei e Senhor do chifre pequeno". **Diário de Pernambuco**. 12 jun. 1963.p.3

intromissão: “Diria melhor – os courinhos e a transformação do homem do sertão bruto, onde habitava”[319].

Chatô avisa ter servido Gouveia não apenas como intermediário. O paraibano ajudou ao negociante até mesmo a conquistar uns rabos de saias. Menciona certa atriz de nome Mlle. Levy que, com o tenor Ingar, apresentara *Madame Butterfly* pela Companhia Lírica Rotoli Biloro nos palcos do Teatro Santa Isabel, no Recife. Gouveia cortejou a moça com o auxílio do jornalista. Outro indício da proximidade entre os dois é fornecido pelo paraibano nas referências à excursão ao povoado da Pedra, mencionada no capítulo anterior, feita em setembro de 1917 com Oliveira Lima.

Novamente destoando daqueles que defendiam a tese de uma articulação inglesa para a morte de Gouveia, o embaixador prontamente refuta a idéia. “Vil exploração”, afirmou. A indústria de Gouveia era algo de porte regional, ele mesmo dizia isto, explicou. “Delmiro Gouveia era negro do chifre pequeno”. A argumentação do senhor dos *Diários Associados* orbitava o desenvolvimento promovido por Gouveia no comportamento dos sertanejos. Percebe-se aí um evidente eco a outro texto, também escrito por ele, ainda sob os impactos da tal visita feita dias antes a Gouveia. O bode e o homem, o couro e o jagunço reformado. Eram estas as mudanças projetadas por Delmiro, segundo Chateaubriand.

Mas Chatô não se contentou em enviar sua fala para intervenção. Mandou que Chaves indicasse, pelas páginas dos jornais e na própria conferência, livros que ele acreditava serem adequados à ocasião[320]. Os editores do jornal trataram de acomodar as idéias do patrão e ressaltaram:

> Quem melhor do que o “morubixaba” dos Associados poderia nas análises largas e lúcidas com que sabe apanhar os problemas nacionais e, em especial, os regionais e mostrar ao país o que foram estas figuras de legenda que ao lado de Delmiro, tanto afirmaram as virtudes fundamentais do meio e da roça, no ‘Nordeste’? (...) São homens assim, deste nível e

319 Idem

320 Dizia o telegrama: “Fineza sugerir, nas festas centenárias de Delmiro Gouveia, estes três livros financiados coletivamente por Calmon, Edmundo Monteiro, Geraldo Teixeira, Teódulo Pereira Dimas e Ernesto Correia, através fundação Pedro II: “Tenente, pioneiro da irrigação canavieira”, “A Casa Mendes Lima e o bacalhau do Nordeste” e “Frederico Lundgren e o pano de algodão no consumo nacional”. Insista se deve Lundgren tremenda expansão tecidos algodoeiros no país CHATEAUBRIAND sugere três livros nas festas de Delmiro: Tenente, Mendes Lima e Lundgren. **Diário de Pernambuco**. 12 jun. 1963.p.3

> desta altitude, que, continuando o signo de Delmiro e dando-lhe o sentido positivo e tangível, asseguram a crença nos destinos regionais[321].

Assim, após as observações de Chateaubriand, parece ter havido pouco tempo para a fala de Antiógenes Chaves. Com a palestra "Delmiro Gouveia, mais que industrial", o jornalista deslocava seus argumentos para o lado "progressista" de Gouveia. Chaves acompanhou o movimento iniciado na palestra de Gama e, deste modo, alimentou a demolição da faceta de Gouveia como um "coronel" suprimindo-a com o halo de "industrial".

Em sua fala, Chaves mostrou-se atualizado nas pesquisas sobre o cearense. Citou inclusive o livro de Francisco Magalhães Martins, lançado naquele mesmo ano pela editora Civilização Brasileira. Usou o *Diário do Exército* (2/12/1867) a partir das leituras que fez de Gustavo Barroso para falar da morte do pai de Delmiro. Definiu Gouveia como "moderno arquiteto do progresso". Para ele o agroindustrial era: "Um Dom Quixote criador, sem moinhos de vento", um idealista que se arremessava na Cachoeira de Paulo Afonso "para domá-la, para transformar o desperdício das águas revoltas e ruidosas em energia hidráulica".

Os jornais deram pouco destaque ao último encontro. O aniversário da rainha da Inglaterra e os funerais do Papa tomaram consideravelmente mais espaço. Além destes concorrentes externos, o Ministério Jango e a reforma agrária preocupavam e exigiam menções nas primeiras páginas[322]. Deste modo, as notas sobre a SDG foram reduzidas. Contudo, seguindo a praxe dos eventos organizados por Freyre no IJNPS, a semana não se encerraria sem um balanço do evento feito pelo próprio anfitrião.

Gilberto Freyre abriu os trabalhos naquela tarde, apresentando Antiógenes Chaves como "mais que industrial, além de mais que advogado". Ao comparar as virtudes de Gouveia e as do conferencista, "líder industrial não só de Pernambuco como do Nordeste, com repercussão no Brasil inteiro", Freyre acentuou a autoridade de Chaves para tratar do cearense. O palestrante era como o homenageado, um homem público: "porque Delmiro foi, no melhor sentido da expressão, homem público". Concluiu o raciocínio destacando o

321 Idem.
322 Cf. JANGO não se afastará do governo...**Diário de Pernambuco**. 6 jun. 1963.p.1; PORTO parado em Santos; prontidão da força federal. **Diário de Pernambuco**. 6 jun. 1963.p.1

arrojo de Delmiro ao construir “no Recife, e não no Sul do Brasil, hotel de um nôvo (sic) tipo, mercado de feitio moderno, parque também moderno de recreação para os recifenses; e gastando assim, no Nordeste, quando ganhou no Nordeste”. A crítica possuía um alvo: empresários nordestinos que, “tornando-se ricos industriais, se esquecem do Nordeste”. Freyre lamentou a falta de reconhecimento de Delmiro: “Que grande Prefeito o Recife perdeu em Delmiro Gouveia!”. Foi além: “Que grande Governador perdeu nêle (sic) Pernambuco! Que grande ministro de Indústria e Comércio ou de Obras Públicas perderam no extraordinário pan-nordestino os Estados nem sempre Unidos do Brasil!”.

Qual a função do centenário comemorado pelo IJNPS? Para Freyre, o evento consistia na consagração do cearense por diferentes setores sociais: “intelectuais”, “homens de estudo”, “homens de letras”, “homens de ciência”, haviam se reunido naquela instituição para corrigir uma injustiça. A efeméride, assim concebida, é momento para reler o passado? Apenas parcialmente, segundo a ótica de Freyre. Para ele, apesar do esmero com que se organizou o evento, os palestrantes olvidaram dois importantes nomes relacionados a um reconhecimento que não começava em 1963. Eram Chateaubriand e Oliveira Lima: “é de justiça salientar-se que tal consagração foi iniciada, ainda em vida de Delmiro, por dois dos maiores intelectuais brasileiros de seu tempo e do começo de nossa época: Oliveira Lima e Assis Chateaubriand”. E chamou a atenção da platéia para o absurdo daquele esquecimento:

> Não compreendo que os mais recentes pesquisadores de fatos relativos a Delmiro e colecionadores de depoimentos idôneos de contemporâneos a seu respeito, venham deixando de inteirar-se a não ser obliquamente ou de oitiva, dos testemunhos sobre a obra e a personalidade do genial organizador da comunidade da Pedra, deixados por um Oliveira Lima e por um Assis Chateaubriand[323].

Freyre exigiu a publicação dos artigos fundadores de ambos os intelectuais na coletânea de textos que o IJNPS publicaria *a posteriori*, contendo cada uma das falas do evento. Por fim, o senhor de Apipucos lamentou a ausência de estudantes e industriais

323 FREYRE, Gilberto. A Semana Delmiro Gouveia: Palavras proferidas no salão de conferências do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, ao encerrar-se a “Semana Delmiro Gouveia”, de iniciativa do mesmo instituto. **Jornal do Commercio**. 16 jun.1963.p.04.

(considerados público-alvo da Semana) no evento, e ironicamente declarou: "nossos industriais trabalham em excesso e nossos estudantes estudam demasiado. Falta-lhes tempo para comparecer a conferências". Esta reclamação de Gilberto Freyre ressoou.

A indignação do sociólogo ecoou em notas de jornais que lamentavam a pouca freqüência da classe estudantil aos encontros daquela semana. Nada justificava tamanha desfeita. O Instituto era um órgão federal, não cobrava a entrada, nem mesmo os entraves causados pelo deslocamento para Parnamirim explicavam o fato, pois as palestras começavam às 16 horas, fora dos momentos de "rush". A conclusão não era otimista. Os professores eram os culpados. O que justificava as ausências era "o desinteresse deles", os mestres, "pelo que não seja o ramerrão didático, o desinteresse deles para dar aos alunos qualquer espécie de conhecimento além dos limites dos programas de classe", cogitava o *Diário de Pernambuco* em nota publicada dias antes das reclamações de Freyre[324].

Nem mesmo o horário das conferências, que somente coincidiam com as aulas do ensino noturno, amparava a falta de estudantes e educadores nos salões do Instituto: "O programa do centenário consta também de aulas. E aulas em torno da vida e da obra de Delmiro Gouveia", rebatia uma nota de jornal. Mesmo assim, não havia a almejada presença maciça deste público entre os freqüentadores: "Centenas de pessoas já deixaram seus nomes no livro de visitantes. Menos alunos de escolas, ginásios e colégios, conduzidos por seus diretores ou professores". E embora lastimasse, ao mesmo tempo a nota em que ecoavam as palavras de Freyre, citadas acima, comemorava. O governador prometeu baixar decreto obrigando uma preleção de meia hora sobre Delmiro em todas as escolas do estado e exigindo a visitação da exposição no IJNPS [325].

Após as reclamações de Freyre e a fala de Antiógenes Chaves, houve espaço para a intervenção de um dos parentes de Delmiro. Assim, José Augusto Farias, "em nome da família de Delmiro Gouveia", mostrou-se grato pelas homenagens e destacou que as festividades serviram "para derrubar o truste nacional do silêncio erguido em torno do nome de Delmiro Gouveia". De achega ao seu argumento, Farias lembrou que o seu ancestral tornara-se famoso "sobretudo pelo fato de ter sido o pioneiro no aproveitamento das quedas de Paulo Afonso, o que forçou a criação da CHESF"[326]. As palavras do parente

324 DELMIRO Gouveia e os estudantes. **Diário de Pernambuco**. 7 de jun.1963.p.04
325 Idem
326 Cf. IJN encerrou Ciclo de conferências. **Diário de Pernambuco**. 12 jun.1963.p.03

distante de Delmiro, afirmando o ancestral como semeador legítimo da Companhia, fazem ecoar as idéias de um civilizador dos sertões e antecipador da Companhia.

O que dizem estes eventos? O que é possível retirar de uma experiência como a Semana Delmiro Gouveia? No torneio de palavras e conceitos ali envolvidos, delineia-se um processo de remanejamento da memória. Para reerguer um mito, eclipses e clarões entram em funcionamento. Aquilo que já foi chamado "the game of remembering, partial remembering and forgetting" pode ser visto de modo plural e, portanto, rico em versões[327]. É preciso considerar que tais memórias sugerem uma avaliação sentimental do passado, ao mesmo tempo em que demonstram grandes inquietações com os assuntos do presente. São esforços para ressignifações. Em Pernambuco, diferentes atores sociais gravitaram em volta das memórias do cearense, trabalharam e, em certos momentos, travaram duelos simbólicos para estabelecerem narrativas simpáticas à arquitetura do coronel como figura emblemática no processo de modernização do Nordeste. Relido nas celebrações, Delmiro não era apenas o civilizador, mas também um industrial visionário. Um civilizador industrial.

2.6. O CENTENÁRIO EM ALAGOAS

Alagoas também celebrou o centenário de Delmiro Gouveia. O governo estadual providenciou atividades festivas para lembrar o criador da Fábrica da Pedra. O governador Luiz Cavalcante, que elegera o homenageado como símbolo da sua gestão (1961-1966), deixou a cargo do Departamento Estadual de Cultura (DEC) a responsabilidade de preparar eventos para marcarem as comemorações. Não foram poucas. Embora os jornais, assim como ocorreu em Pernambuco, tenham conferido amplo destaque aos funerais papais, é perceptível a movimentação para celebrar o centenário e noticiar os eventos governamentais em torno da data. Em fins de maio o *Diário de Alagoas* avisava que um "programa vasto" estava sendo elaborado para as comemorações[328]. Foram planejados lançamentos de livros, palestras, além de atividades desportivas e comemorações na própria cidade de Delmiro Gouveia.

327"o jogo de rememorar, rememorar parcialmente e esquecimento". Tradução livre do autor. ZIÓLKOWSKI, Marek.Remembering and forgetting after communism – The Polish case. <www.fl.ulaval.ca/celat/histoire.memoire/histoire/cape1/ziolkowski.htm> Acesso em: 28 jul. 2005.

328 O centenário de Delmiro Gouvêia será comemorado em Alagoas: programa vasto. **Diário de Alagoas.** 26 mai.1963.

O *Diário Oficial de Alagoas* de 5 de junho de 1963 recebeu enxertos especiais. Entre os textos inseridos no periódico, estava um assinado pelo próprio governador, a tratar da importância de Delmiro Gouveia para aquele estado e para o Brasil. O discurso não é longo e merece ser reproduzido:

> Aos leitores
> Esta é a história de um bandeirante: o desbravador do sertão alagoano.
> José Lins do Rêgo dizia, antes de vir a CHESF e o gênio do engenheiro Marcondes Ferraz, seu construtor, que "*Paulo Afonso* estava rouca de clamar pelos engenheiros do Brasil".
> Pois bem esse apelo da cachoeira, enfurecida e rica, foi ouvida, 50 anos antes, pelo ousado e bravo pioneiro cearense.
> Devemos mais a ele, a prova provada das grandes possibilidades econômicas do nosso sertão, cuja vitalidade começou a experimentar e cujas deficiências procurou suprir com a energia elétrica, com a irrigação e com o início, vitorioso, do processo de industrialização.
> Quero ressuscitar, tanto tempo depois, em cada alagoano, a ousadia, a bravura e a visão do grande empreendedor.
> Quero, eu mesmo inspirar-me naquela confiança que Delmiro depositava na terra, no homem e no futuro de Alagoas[329].

Luiz Cavalcante discursa de forma quase previsível, em se tratando de uma fala elaborada para um momento celebrativo. A apologia reforça alguns aspectos já elencados nos eventos pernambucanos. A afirmação de que "esse apelo da cachoeira, enfurecida e rica, foi ouvida, 50 anos antes, pelo ousado e bravo pioneiro cearense" situa Delmiro como antecessor da CHESF, ligando-o intrinsecamente aos destinos daquela instituição. Em seguida, o governador alagoano contrapõe o atraso dos sertões a três fatores de desenvolvimento: energia elétrica; irrigação e industrialização.

329 DELMIRO Gouveia: símbolo do dinamismo e gênio realizador do brasileiro do Nordeste. **Diário Oficial do Estado de Alagoas**. 5 jun. 1963

14. Sombreado por intelectuais do passado, Tadeu Rocha palestra no IJNPS. Gilberto Freyre entre os assistentes da primeira fila. **Diário de Pernambuco**. 7 ju.1963.p.4

15. Propaganda da Corrida do Fogo Simbólico em homenagem ao centenário de nascimento de Delmiro Gouveia. EXPRESSIVAS solenidades em todo o Estado (4 e 5) para comemorar centenário de Delmiro Gouveia. **Diário Oficial do Estado de Alagoas**. 2 jun. 1963.p.6

Impressiona a parte final do texto, na qual o político sugere uma ressurreição de Gouveia, uma volta ao desbravador, uma retomada do seu espírito: "Quero, eu mesmo inspirar-me naquela confiança que Delmiro depositava na terra, no homem e no futuro de Alagoas". O derradeiro trecho, através do qual o próprio governante se deseja inspirado pelo homenageado, sugere um "projeto de desenvolvimento alagoano" pensado por Delmiro, uma preocupação com o progresso local que, embora não concretizada, apenas iniciada, teria continuidade nas obras e ações do próprio Cavalcante. E assim, segundo o texto, o governador retomava os sonhos de Delmiro através dos despachos no Palácio dos Martírios. Luiz Cavalcante se insinuava como um ressuscitador do espírito empreendedor, um emulador do bandeirante Gouveia, desvencilhando-se dos políticos convencionais.

Endossando esta tarefa apostólica de Luiz Cavalcante, as celebrações do centenário consistem em esforços significativos para lembrar ao povo, sobretudo aos letrados, quem foi Delmiro Gouveia. É esta a justificativa para o lançamento durante este período de dois livros dedicados ao cearense. *Delmiro Gouveia: o pioneiro de Paulo Afonso*, de Tadeu Rocha e *Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão alagoano*, escrito por Félix Lima Júnior, que representaram uns dos pontos altos das comemorações[330]. Lançados sob os auspícios do DEC em cerimônia no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, os livros foram um importante suporte didático para retomar a figura do aniversariante como um herói empreendedor, pioneiro e industrial nacionalista. Tadeu Rocha, que já estivera presente nas comemorações em Pernambuco, foi aplaudido também em Alagoas pela sua longa pesquisa em torno do negociante de couros que emprestou o nome a uma cidade daquele estado. Tanto na apreciação da primeira obra, quanto na segunda, ressaltou-se o caráter desbravador do biografado. Rocha, em "composição apreciável", se esforçaria para evidenciar a luta do cearense em prol do progresso sertanejo; enquanto Lima Júnior também trazia em detalhes a luta do "autêntico desbravador" pelo progresso das Alagoas.

Como se vê, as celebrações em Alagoas parecem ter seguido um padrão semelhante aquele adotado em Pernambuco, sendo que o IJNPS possuía, já naqueles dias, um considerável poder de difusão das suas idéias. Porém, veio de Alagoas a homenagem mais

330 ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia:o pioneiro de Paulo Afonso**.3ed.Rev.Aum.Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970; LIMA JÚNIOR, Félix. **Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão alagoano**. 2 ed. Maceió: Federação do Comércio do Estado de Alagoas, 1983.

inesperada. Foi planejada uma maratona entre Maceió e a antiga Pedra, agora Delmiro Gouveia.

O Conselho Regional de Desportos resolveu promover uma imensa corrida, estabelecendo um percurso de 329 km, do litoral ao sertão, contando para isto com militares (oriundos da Polícia Militar e do 20º Batalhão de Caçadores, unidade do Exército em Maceió) e alguns civis, como o corredor Miguel Irã Silva, especialista em provas deste tipo e recordista nordestino na modalidade. A corrida do fogo simbólico foi batizada de "Chama do Pioneiro". Era o maior evento do tipo já planejado no Nordeste e até a Petrobrás se comprometeu, oferecendo o combustível que manteria aceso o "facho do progresso", como foi batizada a tocha a ser carregada no percurso pelos corredores. Segundo a companhia, fornecer o alimento da chama era uma forma de homenagear ao empreendedor e retomar a "mensagem de fé e brasilidade que o petróleo reúne como fator de independência econômica"[331]. Uma apropriação que oscila entre diferentes setores da sociedade. Da CHESF à Petrobrás.

A "Chama do Pioneiro" ocorreria entre 4 e 5 de junho. Envolvendo pouco mais de 50 atletas, a corrida teria o seguinte cronograma: Dia 4 – saída às 3h de Maceió e chegada às 7h em Atalaia; entre13 e14h, chegada a Palmeira dos Índios. A chama chegaria a Santana do Ipanema por volta das 20h. Ali os atletas pernoitariam. No dia seguinte, retomada da prova com saída para Mata Grande às 8 horas. Já na antiga Pedra, os atletas seriam homenageados com um "lauto almoço".

O cartaz do evento trazia um atleta carregando uma tocha olímpica. O seu corpo se movia em direção ao município de Delmiro Gouveia, numa corrida executada sobre o mapa de Alagoas. As principais cidades por onde a maratona passaria eram indicadas através de pontos. Ombreando a imagem do atleta, o nome "Delmiro Gouveia" em destaque. A imagem complementa o texto. É possível nela rastrear a "enargeia", os rastros de vida, as marcas do passado. Ela não reproduz um atleta, um trajeto. Ela o idealiza. O cartaz do centenário, deste modo, se empenha em estabelecer significados para o evento. Um destes sentidos, é o da inserção dos sertões num ambiente de progresso, através não apenas da corrida, mas com a retomada dos ideais de Gouveia, das transformações a ele atribuídas, do

331 EXPRESSIVAS solenidades em todo o Estado (4 e 5) para comemorar centenário de Delmiro Gouveia. **Diário Oficial do Estado de Alagoas**. 2 jun. 1963.p.6

“fogo do progresso” por ele levado ao interior das Alagoas e naqueles dias reacendido por Luiz Cavalcanti.

Anunciava-se: “em todo percurso haverá festas em homenagens a Delmiro”. As cidades de Cacimbinhas e Mata Grande prometiam impressionar pelos festejos para celebrar a memória do “pioneiro da industrialização do Nordeste”. Ao grupo de corredores, deveriam ser incorporados representantes de outras cidades. Assim sendo, em 4 de junho, a prova teve início.

Nem mesmo a forte chuva que caiu, esfriando ainda mais a madrugada, impediu a execução do plano. Apesar de algum atraso, a corrida começou às 4:20 horas da manhã sob a torrente inesperada. O grupo de atletas deixou Maceió e por volta das 8:00 horas estava em Atalaia, tendo percorrido cerca de 46km. Ali, segundo um registro de jornal, “os atletas foram acolhidos fidalgamente pelas autoridades e pelo povo”[332]. As passagens da “Chama do Pioneiro” (também denominda de “Chama do Pioneirismo”) pelo interior de Alagoas estão marcadas por referências ao entusiamo dos populares com a festa, ao cuidado das autoridades em destacar os seus municípios dentro da progamação[333]. Em Mata Grande, por exemplo, as notícias que chegavam à capital eram de que o povo acompanhou os atletas por um trajeto de 27 quilômetros, após uma concentração na Praça da Igreja, onde a tocha ficara em exposição sob a proteção da polícia local. Depois a tocha seguiu para Delmiro Gouveia.

Além da chegada dos atletas vindos de Maceió e de outras cidades alagoanas, a antiga vila da Pedra recebeu políticos, autoridades que poucas vezes se deram ao trabalho de se deslocarem para aqueles lados do sertão. Em solenidade no cemitério da cidade, após procissão ao túmulo do “desbravador autêntico do sertão alagoano”, um discurso mereceu destaque na imprensa. Foi proferido por Natércia Serpa de Menezes: “Cultuemos a memória do lutador”[334], pediu a oradora. Abordando o trabalho de Delmiro, a representante da “mulher delmirense” observou que a obra de Gouveia “foi a árvore que deu sombra e frutificou; a sua ação gigantesca, aí está, contribuindo de maneira real e eficiente para o

332 POR onde passam os atletas que conduzem a “chama do pioneirismo” deixam um rastro de entusiamo: afirma Floriano Ivo. **Diário Oficial do Estado de Alagoas**. 5 jun. 1963.p.01

333 DELMIRO Gouveia: símbolo do dinamismo e gênio realizador do brasileiro do Nordeste. **Diário Oficial do Estado de Alagoas**. 5 jun. 1963.

334 MULHER delmirense ao túmulo do “Mauá do Sertão” falou sobre a vida e a obra do bravo pioneiro. **Diário Oficial do Estado de Alagoas**. 13 jun. 1963. p.4.

engrandecimento e a prosperidade de nossa terra"[335]. Ao mesmo tempo, Menezes encaminhou a sua fala para um determinado aspecto. Ela ressaltou a faceta empreendedora do ídolo:

> Sob vários aspectos podemos admirar a personalidade de Delmiro Gouveia, porém o que mais nos impressiona é o seu gênio empreendedor, a coragem ciclópica deste desbravador, deste pioneiro audaz que, sem auxílio oficial, realizou verdadeiro milagre, fazendo surgir no alto sertão de nosso Estado, em uma região esquecida e abandonada, uma cidade moderna, e nela introduzindo hábitos higiênicos e costumes sadios[336].

A fala de Natércia de Menezes é significativa. Pela primeira vez, em anos de discursos, escritos e palestras, pode-se ouvir uma mulher. Curiosamente, isto se dá num momento importante e estratégico das comemorações, na culminância da peregrinação ao túmulo de Delmiro. Quais as leituras possíveis para rituais como este? Como entender a corrida de fogo simbólico, as festas, a peregrinação? A chama do pioneiro – o próprio cartaz sugere – caminhava levando luz ao interior, ao sertão. E, conforme este itinerário, só se percebe a luz porque há escuridão. Deste modo, a idéia de um tempo sombrio para o Nordeste aparece em diferentes manifestações da memória, mas inicialmente não encontrou suportes impressos, tendo se apegado à oralidade, como se percebe nestes versos coletados na Pedra: "Quando o enterro de Delmiro foi pela rua passando, parece que a gente ouvia a cachoeira chorando"[337]. As diferentes celebrações em torno do centenário comportam propostas simbólicas para se entender a realidade do Nordeste, sobretudo aquele dos sertões. Porém, entre os sentidos possíveis, aparece a idéia da festividade não apenas como um recomeço, mas ainda como rememoração, uma retomada de progresso. A busca pelo tempo perdido.

---

335 Idem

336 MULHER delmirense ao túmulo do "Mauá do Sertão" falou sobre a vida e a obra do bravo pioneiro. **Diário Oficial do Estado de Alagoas**. 13 jun. 1963. p.1.

337 FASSONI, Orlando. Um sertanejo contra o poder. **Folha de São Paulo**. 18 mar. 1979. Ilustrada. 5 Caderno. 61; CHARTIER, R. **Inscrever e Apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)**. Trad. Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

2.7. AS COMEMORAÇÕES E SEUS SIGNIFICADOS

Não se trata de dizer que não há memória sobre Gouveia, mas de entender a sua dispersão. É possível observar que as memórias de Delmiro circulavam em formas diferentes, porém basicamente não-institucionalizadas. Da tradição oral à forma escrita, o coronel galopou por décadas em terreno entrecortado, luzes e sombras, sendo visto e ofuscado no correr dos anos. Mas a memória necessita das suas liturgias, ela precisa estabelecer seus traços[338]. No que se refere às memórias de Delmiro, as celebrações aglutinam as condições para a sua materialização. Através delas, ele deixou de ser alguém de quem apenas se ouviu dizer e ganhou uma memória articulada.

Em meio às celebrações, em Alagoas e Pernambuco, percebe-se um imenso esforço em não apenas retomar um mito, mas em atualizá-lo. Este último cuidado é perfeitamente compreensível, haja vista que uma das funções míticas é a de responder, com narrativas sobre heróis e feitos do passado aos anseios dos povos do presente. E escrita do presente, a vida do coronel estava sujeita a reordenamentos, ajustes. Uma imagem bastante adequada para a reflexão sobre os centenários nos é fornecida por Bédarida, ao evocar a imagem do palimpsesto. Escrita e reescrita são constantes e necessárias[339].

Por isto, a morte de Delmiro (1917) cumpriu papel importante nas comemorações, haja vista que "a rapidez com que o mito pode desenvolver-se, contanto que o herói em que ele se concentra morra no momento oportuno e em circunstâncias favoráveis é surpreendente". No caso aqui estudado, a situação na qual a morte ocorre acentuou o componente mítico. Raphael Patai escreve que se o herói morrer violentamente e "se o desenlace for cercado de circunstâncias insólitas, ou se tudo indicar que ele procurou ou aceitou a morte por amor de um ideal, a probabilidade da sua transformação em mito passa a ser considerável"[340]. A morte trágica foi, para os artífices da memória de Gouveia, um sintoma evidente da sua grandeza. Tomem-se como exemplo estas afirmações: "Delmiro

338 CATROGA. **Op.Cit**.p.23-24
339 BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos & Abusos da história oral**. 7 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005p.221
340 PATAI, Raphael. **O mito e o homem moderno**.Trad. Octavio M. Cajado. São Paulo: Cultrix,1974. p.105,109,110.

sonhou muito e muito realizou. Teria, de certo, realizado não digo tudo, mas 90% do que projetou se mão assassina não o abatesse covardemente" e "três tiros de tocaia assassinam um futuro melhor para o Nordeste" [341].

Entretanto, tal qual Prometeu[342], o coronel pagou caro pela impetuosidade. A sua morte trágica despertou comparações a outros assassinatos, alimentou ainda mais o seu mito. Deste modo, situado por seus apologetas como um herói clássico, o cearense exige atenção minuciosa dos que se aproximam dele buscando entender tanto o fascínio que a sua vida exerceu sobre diferentes intelectuais em inúmeros tempos quanto as razões para os cantos dos seus feitos. E quando se pisa num terreno tão movediço como este vale a lembrança de que "palavras não têm cor e palavras não têm culpa"[343]. É preciso cautela para aplicar o conceito de mito a "fenômenos muito distantes no tempo e no espaço". Levando em conta tal conselho, de modo a superar a limitação deste termo à idéia de "distorção do real", é necessário abordar Delmiro Gouveia enquanto um mito gestado no século XX[344]. Desta forma, o mito é entendido aqui como uma construção elaborada conforme um plano, isto é, uma narrativa legitimadora, invocando uma realidade específica. Ora santo, ora demônio, ora herói, ora trapaceiro, Delmiro Gouveia é farto em intérpretes[345].

As diferentes atividades celebrativas revelaram limitações em sua recepção. Em Pernambuco, embora freqüentada pelos letrados, a Semana Delmiro Gouveia não sensibilizou vasto público. Professores, alunos de escolas públicos ou privadas e homens de negócios não atenderam aos apelos dos intelectuais encastelados no Instituto Joaquim Nabuco a vociferar contra o esquecimento do "modernizador dos sertões". A própria medida governamental obrigando a visitação sugere o desinteresse pelo assunto e a

341 LIMA JÚNIOR, Félix. **Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão alagoano**. 2ed. Maceió: Departamento Estadual de Cultura/Federação do Comércio do Estado de Alagoas, 1983. (Coleção Vidas e Memórias).p. 309 e Cf. destaque da capa da Delmiro Gouveia. Ano I.n.11, jul.2003. Continente Documento.

342 ÉSQUILO, SÓFOCLES. **Rei Édipo. Antígone. Prometeu acorrentado**. 16 ed. Pref. Trad. J.B. Mello e Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. p.113-136.

343 BRITTO, Sérgio, FROMMER, Marcelo, Palavras. Titãs. **Õ Blesq Blom**. WEA, 1988. CD, faixa 05

344 GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História**. 2ed. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.p.42. Sobre o mito moderno ver: CASSIRER, Ernst. **O mito do Estado**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1961. (Biblioteca Universitária) CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. Brasília: UnB, 1995; CRIPPA, Adolpho. **Mito e Cultura**. São Paulo: Convívio, 1975. Dois exemplos na investigação de mitos modernos são ETIEMBLE. **Le mythe de Rimbaud. Struture du mythe**. Paris: Gallimard, 1961 e SILVA, Sílvia Cortez. **Tempos de Casa-Grande (1930-1940)**. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo, 1995. Tese de Doutorado. Mimeo.

345 PATAI, Raphael. **O mito e o homem moderno**. Trad. Octavio M. Cajado. São Paulo :Cultrix,1974.p.73

decepção com os resultados da Semana. A irritação de Gilberto Freyre conduz para o mesmo diagnóstico. O que justifica este abismo entre a intelectualidade e a gente comum? Diferente da afirmação de Virginius da Gama, a solidariedade entre os homens das letras e o povo não funcionou de maneira tão harmoniosa. As seleções executadas sobre aquilo que era considerado "memória popular" explicitam a situação.

A opção adotada por Mauro Mota ao tomar os escritos de Félix de Carvalho revela os distanciamentos. Do texto entregue ao IJNPS o poeta edita aquilo que lhe parece interessante, descrevendo o restante como pitoresco. Um halo de inocência é desenhado sobre as palavras de gente como Carvalho. Ao mesmo tempo, a requisição de que alguns contemporâneos pusessem no papel suas memórias sinaliza para as manobras objetivando materializar e articular Gouveia como um mito. Entre as facetas apresentadas, a edição de artesãos habilidosos realçou o "industrial", o "civilizador de terras, águas e gentes" e, em golpes cuidadosos, procurou pôr sobre *sfumato* o lado "coronel" de Delmiro. Por que razões isto ocorreu?

Os motivos para esta seleção devem ser procurados no esforço de atualização empreendido sobre o mito. Ora, o próprio Virginius sugere a permanência da experiência de um mundo arcaico e de mazelas sociais ainda nos anos 60. Por sua vez, Mota afirmou, por mais de uma vez, a antecipação de Gouveia frente à CHESF, chegando a ponto de colocá-lo como o inseminador da companhia. Todavia, como a recordação tende a domesticar o passado, aquilo que há de aleatório nele[346], era necessário que o "Coronel Delmiro" desse lugar ao "industrial Delmiro", de modo a viabilizar o perfil heróico traçado para o cearense naqueles dias. Em Alagoas, as coisas não foram muito diferentes.

A criação de um ícone progressista foi uma das formas pelas quais Delmiro Gouveia foi apropriado em Alagoas. A memória do cearense aparece como inspiração de políticas governamentais. As referências do governador Luiz Cavalcanti ao dinamismo de Gouveia funcionaram como estratégia para reforçar as suas próprias qualidades como gestor. Manejando as narrativas sobre o progresso levado à Pedra, retomando mito do civilizador dos sertões, Cavalcanti buscou angariar capital simbólico. A execução de uma competição como a corrida de fogo simbólico sugere empenho das autoridades em retomar o nome de Gouveia e evitar o seu esquecimento. Todavia, a recepção destes projetos encontrou uma

346 CATROGA. **Op.Cit**.p.21

resistência mole, apropriações que não eram esperadas e, sem dúvida, certa decepção. O epíteto de "coronel", por exemplo, permaneceu nos versos populares, nas narrativas da gente comum. O encontro destas duas tradições – a letrada e a popular – colocou em funcionamento outros mitos de Gouveia que não somente aquele caro aos intelectuais.

Alagoas, no entanto, realizou um trabalho mais amplo no sentido de rememorar Delmiro. A mudança no nome da cidade, ainda nos anos 50, mostrou que havia interesse em manter uma leitura idealizada do coronel da Pedra. Por outro lado, em Pernambuco a lacuna entre a Vila Anunciada e a população do Recife não possibilitou a "popularização" e a atualização do nome de Gouveia. A forma entusiasmada, o tom de desforra na nota há pouco citada sobre o decreto governamental que determinava providências para remediar os problemas enfrentados nas comemorações do centenário no IJNPS, denuncia a tendência autoritária que parecia seduzir determinados setores da intelectualidade. Aflora nas palestras e nos comentários sobre elas a contradição entre os traços modernizadores apontados em Delmiro e requisitados para o Nordeste e a postura conservadora dos intelectuais que orbitavam o Instituto Joaquim Nabuco.

As celebrações do centenário alavancaram o mito Delmiro Gouveia. A realização dos eventos possibilitou a catalogação de fontes, a criação de lugares da memória, a ampliação na proximidade entre o homenageado e as narrativas sobre a redenção do Nordeste. A memória posiciona-se como um fator-chave neste caso. Memória aqui entendida como campo de batalha de modelos explicativos do passado, isto é, não apenas um instrumento de poder, mas também um objeto de poder**.** De certo modo, Gouveia entra os anos 60 como um coronel e encerra a década como um herói da indústria nacional. Algo que nos faz lembrar as considerações de Marek Ziólkowski: "Memory recalling is always determined by contemporary interests and concerns of specifics actors. The actors of memory participate in game for memory on a given society and its appropriate use"[347]. Contudo, vale salientar, esta tessitura não teve início com os tais eventos. O próprio Freyre reconheceu isto, ao indicar Lima e Chatô como precursores deste culto. O que ocorreu antes

347 "A evocação da memória é sempre determinada por interesses contemporâneos e preocupações dos atores específicos. Os atores da memória participam do jogo pela memória em uma dada sociedade e seu uso adequado". Tradução livre do autor. ZIÓLKOWSKI, Marek. Remembering and forgetting after communism – The Polish case. www.fl.ulaval.ca/celat/histoire.memoire/histoire/cape1/ziolkowski.htm acesso em 28 jul. 2005

destes eventos é uma ausência de maior articulação entre letrados, a rarefação de trabalhos que inserissem o cearense no mundo da escrita.

A ocasião propiciou não apenas as pesquisas. Abriu espaço para a publicação de estudos biográficos. E deste modo, os anos 60 vivenciaram uma onda de livros inteiramente dedicados a Delmiro Gouveia. Após anos circulando nas conversas dos camponeses, nas cantigas de violeiros, nas colunas de jornais, reelaborado por diferentes grupos sociais, o mito Gouveia recebeu o verniz de artesãos hábeis e, deste modo, finalmente ganhou terreno nas livrarias e bibliotecas. Não foram poucos aqueles que se dispuseram a biografar o coronel da Pedra. E, como se brincassem de Deus, diversos pesquisadores mergulharam na tarefa de reconstruir a vida de um personagem pouco conhecido mas que, naqueles dias, tornou-se fundamental na discussão sobre os rumos adequados ao Nordeste e, sobretudo, aos sertões. Uma análise destes escritos, como a que se fará no próximo capítulo, ajudará a entender melhor os desdobramentos do centenário.

Capítulo 3

RECEITA PARA SE FAZER UM HERÓI: AS BIOGRAFIAS DE DELMIRO GOUVEIA (1960-1970)

"O que estou fazendo? O que todo historiador faz. Brincando de ser Deus"[348].
R.Darnton

"Não é demasiado dizer que a vida de Delmiro Gouveia, desde o começo até a morte, está sob o signo da lenda e do mistério, formando, em torno, uma espessa cortina que encobre os contornos reais da verdade"[349]. As palavras do biógrafo Francisco Magalhães Martins exemplificam a atração exercida pelo negociante cearense naqueles que se aventuravam em narrar a sua vida através de livros, jornais e revistas. De modo a aumentar um pouco mais a tal "cortina" ou imbuídos em delinear os contornos da verdade, muitos estudiosos se ocuparam investigando a trajetória do *Rei das Peles* em trabalhos que acabaram como referências a outras narrativas. Este capítulo analisa tal processo produtivo de memórias. Aqui examino algumas das inúmeras biografias sobre Delmiro Gouveia.

Tomando os escritos biográficos como "lugares da memória"[350], investigo um dos principais mecanismos pelos quais o cearense tem sido descrito, entre outras coisas, como precursor da "frustrada" modernização nordestina. Creio que a literatura biográfica contribuiu significativamente na arquitetura das memórias de Delmiro. Por meio delas, ele ocupa lugar destacado nas narrativas sobre o aproveitamento do rio São Francisco, bem como nas reflexões sobre o desenvolvimento industrial brasileiro e a modernização do

348 DARNTON, Robert. Os esqueletos no armário: como os historiadores brincam de ser Deus. In: **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.p.179-200.p.199
349 MARTINS, F. Magalhães. **Delmiro Gouveia: Pioneiro e Nacionalista**. 2 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. (Coleção Retratos do Brasil, v. 17).p. 138
350 NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Projeto História**. São Paulo, 1981.p.7-28.

sertão[351]. Tendo vivido a maior parte da vida no Recife e na Pedra, em Alagoas, Gouveia foi alvo de vários estudos biográficos. A visita a alguns destes trabalhos auxilia na observação dos lugares sociais nos quais se produziu a sua imagem heróica. Imagem esta que o descreve como um predestinado a reabilitar o sertanejo frente à pecha de indolente e incapaz[352]. Inicialmente, certos questionamentos surgem e incentivam a pesquisa. Em que circunstância emergiu a necessidade de Delmiro ser biografado? Quais os fatores auxiliaram nas releituras da sua imagem? Em lugar de se discutir as apropriações feitas da memória em torno deste personagem, também não seria válido investigar como os diferentes projetos para a memória aparecem? Quais foram os principais envolvidos na manufatura da sua memória? Quais os critérios para elaboração de narrativas sobre ele? Por que tomar estes estudos biográficos para análise?

Ora, se Delmiro Gouveia ainda hoje é descrito como um "herói brasileiro na luta contra os trustes internacionais"[353]; se seu nome apareceu constantemente ligado ao nacionalismo econômico; se a sua memória é disputada tanto por grupos ditos de esquerda, quanto por setores da direita[354], é importante lembrar que muito do que se cristalizou sobre este personagem se deve a imagens urdidas em suas biografias. Entendidas aqui como ícones, projetos de "testemunhos de uma outra era, das ilusões de eternidade"[355], as biografias são contribuições fundamentais nas representações sobre Delmiro Gouveia. Daí, o interesse em investigá-las. Antes, porém, dois lembretes.

Em primeiro lugar, o *corpus* analisado é composto por obras com maior visibilidade, isto é, aquelas biografias consideradas referências obrigatórias à vida do cearense. Em

351 Sobre Delmiro Gouveia e seus empreendimentos consultar: MAYNARD, Dilton. Delmiro Gouveia e as alternativas para o desenvolvimento da região do São Francisco. In: BRASIL, V. & SÁ, A. F. (Orgs.). **Rio sem história?Leituras sobre o São Francisco**. Aracaju: FAPESE, 2005.p.241-259

352 MENEZES, Hildebrando. **Delmiro Gouveia: Vida e Morte**. Apres. Paulo Cavalcanti. Recife:CEPE, 1991. (Fac-sím. Rio de Janeiro: Ed. Quipapá, 1966).p.55

353 BARROS, Telma Correia de. **Pedra:Plano e cotidiano operário no Sertão**. O projeto urbano de Delmiro Gouveia. FAU-USP: São Paulo, 1995. (Tese de doutorado).

354 Delmiro consegue mobilizar jornalistas ligados à esquerda, como aqueles da Coleção "Rebeldes Brasileiros", bem como militares da reserva que transitam pelo **Núcleo de Estudos Estratégicos Mathias de Albuquerque** (NEEMA), um movimento declaradamente nativista. Em **O Farol**, seu jornal eletrônico, o NEEMA publicou um artigo assinado por Gerson Fleischhauer (Capitão de Mar e Guerra reformado). Seguindo outros trabalhos, o texto compara Delmiro Gouveia ao Barão de Mauá. Assim como Mauá, Delmiro é considerado um "empresário patriota", porém imbuído de uma preocupação social que supera o empreendedor gaúcho. FLEISCHHAUER, Gerson. Delmiro Gouveia. <http://www.farolbrasil.com.br/arquivos/fi_delmiro_gouveia.htm> Acesso em: 27 set. 2003. Ver ainda: **REBELDES BRASILEIROS: homens e mulheres que desafiaram o poder – João Cândido/Delmiro Gouveia**.São Paulo, Fasc.8, s/d. (Coleções Caros Amigos).

355 NORA. **Op.Cit**.p.12-13

segundo lugar, o período tomado para investigar tais biografias foi a década de 1960. Uma opção que se deu pelo fato de que, neste período, apareceram os livros que julgo obras *fundantes* da biografia de Delmiro. O mártir que emergiu antes, aqui ganhou lares, se institucionalizou. Os trabalhos posteriores se vêem obrigados a consultar, reproduzir ou refutar estes escritos. Além disto, como visto no capítulo anterior, nesta época também ocorre uma ampla movimentação em torno da memória do cearense graças às comemorações do seu centenário de nascimento, em 1963.

3.1. TRÁFICO DE MEMÓRIAS: AS BIOGRAFIAS E A HISTÓRIA

Num texto célebre, Pierre Bourdieu (1930-2002) afirmou que "a história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico"[356]. A sentença pode facilmente iludir o leitor desavisado. E, assim, um quadro pintado durante anos findará apresentado como um instantâneo. Nada mais inadequado. As relações entre a história e as biografias envolvem discussões de longa data. Plutarco, preocupado em distinguir este tipo de narrativa, afirmou: "De fato, não escrevemos *Histórias* mas *Vidas*, e nem sempre é através das ações mais ilustres que podemos trazer à luz uma virtude ou um vício". Interessavam a Plutarco os "sinais" que revelavam a alma e deste modo, sugeria, seria possível retraçar a vida, deixando para a História "os acontecimentos grandiosos e os combates"[357]. Esta leitura da historiografia como um território diferenciado daquele preenchido pela biografia não esteve restrita ao autor das *Vidas Paralelas*. Como observa Philipe Levillain, Arnaldo Momigliano (1908-1987) há muito chamou a atenção sobre o impacto da Grécia Antiga neste debate. A distinção entre história e biografia deve muito à historiografia grega que "situava a História do lado dos acontecimentos colocava a biografia à parte, como uma análise dos fatos e gestos do indivíduo cujo sentido era sugerido pelo autor"[358].

---

356 BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERRREIRA, M. & AMADO, J. (Orgs.). **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.p.183

357 PLUTARCO. **Vidas Paralelas: Alexandre e César**. Apr. Voltaire Schilling. TRad. Júlia Rosa Simões. Porto Alegre: LP&M, 2005.p.19

358 LEVILLAIN, Philipe. Os protagonistas: a biografia. In: REMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.p. 145 e 175.

Biografar alguém, retirar um nome do mar da multidão da história, tomar e expor os "últimos segredos dos mortos" foi alvo de críticas severas em diversas ocasiões. Discutindo algumas das biografias sobre a poetisa Sylvia Plath (1932-1963), a jornalista Janet Malcolm ataca ferozmente os biógrafos e seus leitores: "Em seu trabalho, o biógrafo se assemelha a um arrombador profissional que invade uma casa, revira as gavetas que possam conter jóias ou dinheiro e finalmente foge, exibindo em triunfo o produto de sua pilhagem"[359]. A natureza transgressiva da biografia, como escreve Malcolm, tem sido motivo de pouca reflexão. Ainda assim, o que parece atrair mais num texto deste tipo é algo muito semelhante ao ato de espiar pelo buraco da fechadura. O trabalho dos biógrafos, muitas vezes, se assemelha a um irresistível bisbilhotar a vida alheia. A biografia tem sido, portanto, um sério problema para os historiadores.

Contudo, mutações significativas foram experimentadas na passagem do século XIX para o XX. Coube aos historiadores ligados ao grupo dos *Annales* ampliar e paradoxalmente reduzir o fosso entre a biografia e a história. Afinal de contas, num primeiro momento, o surgimento do movimento dos Annales, capitaneado por Lucien Febvre (1878-1956) e Marc Bloch (1886-1944), fortaleceu a posição contrária aos estudos biográficos. Para muitos *annalistes*, a biografia estava envolta em modelos tradicionais da historiografia. Atacando a história dominada pelos grandes homens, os Annales pareciam não ver com bons olhos os estudos dedicados a um só indivíduo. Entrementes, os próprios historiadores que gravitaram em torno do epicentro dos Annales ajudaram na retomada da biografia como um expediente da história. Febvre escreveu seu *Martinho Lutero*, enquanto anos depois, Jacques Le Goff escreveria *São Francisco de Assis* e Georges Duby (1919-1996) lançaria *Guilherme Marechal*. O próprio Le Goff contornaria as críticas que ele mesmo fizera algum tempo antes. Na ocasião, como Janet Malcolm, o medievalista francês

359 As observações de Malcolm, sobre os riscos da biografia apontam para as implicações em estabelecer leituras apressadas sobre as vidas de pessoas que, em muitas ocasiões, os próprios biógrafos nem chegaram a conhecer. Ted Hughes, poeta e esposo de Sylvia Plath serve como exemplo para Malcolm. Eleito pelos biógrafos como "vilão"da trama em torno de Plath, Hughes se viu "reduzido à posição de espectador enquanto biógrafos, estudiosos, críticos, articulistas e repórteres de jornais se acotovelavam para esmiuçar a ele próprio quando jovem". Segundo Malcolm, Sylvia Plath cometeu suicídio "em fevereiro de 1963, enfiando a cabeça num forno a gás enquanto os dois filhos pequenos dormiam num quarto ao lado, que ela selara para evitar as emanações do gás e onde deixara canecas de leite e num prato com fatias de pão para que encontrassem ao despertar". MALCOLM, Janet. **A mulher calada: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia**. Trad. Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.p. 15, 16.

atacava principalmente os biógrafos profissionais, alimentados tão somente pela curiosidade do público e condicionados pela sedução do mercado editorial[360].

A exigência de um verbete no *Dicionário das Ciências Históricas* coordenado por André Burguière sugere a recuperação do prestígio que a biografia experimentou após certo período de descrédito entre os historiadores. Assinado por Chaussinad-Nogaret, o verbete explica que com novos métodos, novas perguntas e, principalmente, novas preocupações os historiadores retomaram a biografia[361]. Mesmo assim, é perceptível um insistente preconceito aos estudos neste campo. A biografia, graças ao seu parentesco com o panegírico, é vista sob suspeição. Contudo, o quadro atualmente é dessemelhante e mais propício aos biógrafos se comparado ao período pujante vivido pela história quantitativa, por exemplo. Em países como a França, as editoras possuem departamentos voltados inteiramente às biografias. No Brasil, este tipo de publicação tem sido explorado com freqüência em um mercado disputado pelos historiadores e jornalistas e mantido um fértil diálogo com o cinema[362].

Como explicar este processo? Sabina Loriga afirma que "o desejo de entender o campo da história, de trazer para o primeiro plano os excluídos da memória reabriu o debate sobre o método biográfico"[363]. Carlo Ginzburg, tentando explicar as mudanças experimentadas pela historiografia italiana e o avanço dos estudos de "micro-história", apontou as tais crises como elementos fundamentais ao processo e afirmou que a insegurança nas regras dos jogos motivou as suas mutações[364]. Uma situação que não parece muito diferente de outros lugares. A biografia, antes destinada apenas aos jornalistas e à distração, volta a ser valorizada. O que explicaria tal retorno?

---

360 LEVILLAIN, Philipe. Os protagonistas: a biografia. In: REMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.p.143

361 CHAUSSINAND-NOGARET, G. Biográfica (História). In: BURGUIÈRE, André. Trad. Jayme Salomão. **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 225. Verbete.

362 Alguns exemplos brasileiros sinalizam para a predominância de jornalistas nos trabalhos biográficos: Fernando Morais é um dos mais lidos biógrafos nacionais. **Olga** (1985), **Chatô-o rei do Brasil** (1994) receberam elogios da crítica e dos leitores. Ruy Castro, autor de **Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha** (1995) e **Carmem: uma biografia** (2005). Por sua vez, Jorge Caldeira é outro exemplo de jornalista que obteve sucesso com **Mauá: empresário do Império (1995)**.

363 LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Trad.Dora Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.p.225-250.

364 GINZBURG, C. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. **A micro-história e outros ensaios**. Trad. António Narino. Lisboa: Difel/ Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p.169-178.

Projetos biográficos receberam novos impulsos a partir de crises experimentadas pelos modelos explicativos vigentes na segunda metade do século XX. O materialismo histórico, o modelo estrutural e a análise cliométrica demonstravam falta de fôlego. Os questionamentos enfrentados pelo marxismo, principalmente após 1968, o cansaço da história quantitativa e serial (três sinais geradores de "insegurança" no jogo historiográfico), bem como o desenvolvimento de publicações de diários e autobiografias evidenciavam a robustez do individualismo, abrindo assim clareira para escritos biográficos[365]. Daí, o quadro esboçado por Giovanni Levi, em artigo publicado em 1989: "Nous vivons aujourd' hui une phase intermédiaire: plus que jamais, la biographie se trouve au coer des préoccupations des historiens, mais elle accuse clairement sés ambiguïtés"[366].

Ainda assim, os historiadores têm se preocupado em refletir sobre os desdobramentos dos projetos biográficos. O questionamento de Robert Darnton, durante a confecção de uma biografia exemplifica tamanha preocupação: "estava emitindo veredictos sobre dois indivíduos que não conheci e que não poderiam nunca se defender (...) Será que essa era uma prática característica da vocação do historiador?"[367]. Esta inquietação não significou um declínio nos empreendimentos biográficos entre historiadores. Refletindo sobre a complexidade de narrar uma vida, os historiadores avançaram por este terreno e, assim, personagens como Sigmund Freud, Victor Hugo, D. Pedro II foram alvos de pesquisas. Mas não apenas as celebridades motivaram os historiadores.

O surgimento de trabalhos como *O Retorno de Martin Guerre* exemplifica que é possível realizar investigação criteriosa partindo de estudos biográficos. Em um livro que orientou um filme homônimo[368], Natalie Zamon Davis discute os limites entre a "invenção" do biógrafo e o trabalho do historiador[369]. A historiadora norte-americana encontra nos relatos sobre o caso subsídios para rediscutir as possibilidades de autonomia dos

365 LEVILLAIN. Op.Cit..p. 145 e 175.

366 LEVI, G. Les usages de la biographie. **Annales ESC**, nov-déc., 1989, n.6, p.1325

367 DARNTON, Robert. Os esqueletos no armário: como os historiadores brincam de ser Deus. In: **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.p.179-200.p.184

368 O filme Le Retour de Martin Guerre **foi dirigido por Daniel Vigne e estrelado por Gérard Deparidieu em 1982. Em 1993, ganhou um remake holywoodiano intitulado *Sommersby* (EUA, Warner, 1993. 113 min. Color) do qual participaram Richard Gere e Jodie Foster.**

369 Esta questão foi retomada por Carlo Ginzburg para acentuar o valor da obra de Davis e a relevância do conceito de "prova" para os historiadores. Cf. GINZBURG, Carlo. Provas e possibilidades: à margem de *O Retorno de Martin Guerre de Natalie Zamon Davis*. **A micro-história e outros ensaios**. Trad. António Narino. Lisboa: Difel/ Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

camponeses (e, principalmente, camponesas) na Europa do século XVI. O livro é um proveitoso encontro entre a narrativa romanceada e a pesquisa historiográfica.

Martin Guerre exemplifica uma resposta aos labirintos da história serial. Como este livro, outros aparecem com "programas biográficos". A mesma autora investigou o universo de três mulheres no século XVII, fazendo de algumas biografias a principal fonte para a empreitada[370]. Que dizer de *O Queijo e os Vermes*, obra anterior que focaliza um jogo de intrigas envolvendo um moleiro medieval? E *A Herança Imaterial*? Nestes textos, a biografia aparece como um estudo cientificamente orientado no tempo. Em todos eles, observa-se um cuidado em afastar o parentesco com o panegírico e a hagiografia[371]. Este último gênero, inclusive, influenciou muitos estudos biográficos.

Ao propor um tipo ideal de herói, vitorioso na história pela vida piedosa que levou, os estudos hagiográficos estabelecem uma proposta clara de construções exemplares aos cristãos. O modelo das *Vidas* dos Santos é observado por Georges Duby em *Guilherme Marechal*. A partir de uma canção[372] escrita em louvor do Barão e regente da Inglaterra, falecido em 1219, Duby percorre o itinerário de um cavaleiro medieval exemplar e, através desta vida, investiga a cultura cavaleiresca. O documento é um panegírico, definido pelo historiador como um texto que "exagera os méritos, é óbvio, concentrando nele toda luz, mantendo criteriosamente na sombra o que é menos glorioso, apagando mesmo o que possa deslustrar a imagem". Assim, a biografia do Marechal é explorada pelo medievalista francês que, em determinados momentos, questiona as motivações e o sentido do texto: "consideremos o elogio, simplesmente, como um elogio, não nos deixemos enganar por ele"[373].

Afinal de contas, como alertou Bourdieu, estes estudos podem ajudar a refletir sobre o que é inserir uma vida num trajeto? O que é biografar alguém? O biógrafo, este vendedor

370 DAVIS, Natalie Zamon. **Nas Margens: três mulheres do século XVII**. Trad. Hildegard Feist.São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
371 GINZBURG, Carlo**. Il formaggio e i vermi. Il cosmo di um mugnaio Del '500**. Torino: Einaudi, 1999. LEVI, Giovanni. **A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Pref.Jacques Revel. Trad. Cynthia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. DAVIS, Natalie Z. **O Retorno de Martin Guerre**. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Oficinas da História, v. 4)
372 Duby descreve o documento empolgado: "cento e vinte folhas de pergaminho – não falta uma sequer; em cada uma delas, duas colunas de trinta e oito linhas; ao todo, dezenove mil, novecentos e quatorze versos". DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou O melhor cavaleiro do mundo**. 2 ed. Trad. Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Ed.Graal, 1998. p.45
373 DUBY. **Op.Cit**. p. 53 e 54.

de passados, é como o albino Félix Ventura, personagem do escritor José Eduardo Agualusa. Ele trafica memórias. Ventura é um biógrafo angolano procurado pela nova burguesia de sua terra, gente com um futuro assegurado, mas a quem faltava "um bom passado, ancestrais ilustres, pergaminhos". Um cliente do biógrafo explica que "haviam-lhe falado num homem que traficava memórias, que vendia o passado, secretamente, como outros contrabandeiam cocaína" [374].

Trabalho de carpintaria sobre o passado, biografar é pôr uma vida em um rumo. E enquadrar uma vida em determinado *cursus* consiste numa tentação recorrente e perigosa. Ainda assim, neste capítulo, acompanho estudos como os de Malcolm, Davis, Ginzburg e Duby. Trabalhos em que o empreendimento biográfico é principalmente o meio, não o fim. Para usar as palavras de Duby: "com efeito, menos me preocupam os fatos do que a maneira pela qual eles eram recordados e mencionados. Não estou escrevendo uma história do que aconteceu; ela já existe, por sinal muito bem escrita"[375]. O que espero discutir, principalmente, é a ascensão de diferentes projetos biográficos, suas motivações e as estratégias para estabelecer a memória sobre seu protagonista. Algo que, no caso de Delmiro Gouveia, teve início com as celebrações do seu centenário. A partir destas comemorações, apareceram livros dedicados a (re) apresentar Gouveia à nação. Vamos a eles.

3.2. AS BIOGRAFIAS

Ao iniciar a sua versão da vida de Delmiro, José de Alencar Araripe discorda da teoria do silêncio defendida por Maria Gouveia, filha de Delmiro, e outros biógrafos do *Rei das Peles*. Conforme aquele escritor há muito houve demonstrações de interesse em lembrar o negociante. O problema, o "relativo olvido" para ele, era outro. Residia na falta de publicações exclusivamente dedicadas a isto. E sentenciou: "Delmiro não teve biógrafos. Muitos o exultavam. Ninguém, entretanto, se debruçava sobre a sua vida e a sua obra para a pesquisa histórica que se impunha"[376]. A ausência de trabalhos deste tipo, contudo, deveria ser sanada pelas comemorações no centenário de nascimento de Gouveia que estavam

374 AGUALUSA, José Eduardo. **O Vendedor de Passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.p. 17.
375 DUBY. **Op. Cit**. p.54.
376 ARARIPE. **Op.Cit**. 18.

sendo planejadas em Pernambuco, no Ceará e em Alagoas. Ao menos foi este o parecer de Araripe: "a proximidade do centenário de seu nascimento despertou, em boa hora, a legião dos seus admiradores e a lacuna já começou a ser sanada"[377]. Aqui são estudados os principais livros elaborados por esta "legião de admiradores", responsável pela institucionalização da memória de Gouveia.

Selecionei trabalhos produzidos entre as décadas de 1960 e 1970 inteiramente dedicados a alinhavar a memória de Delmiro. Eis as obras: *Delmiro Gouveia: pioneiro e nacionalista*, de F.Magalhães Martins (1963); *Itinerário de Delmiro Gouveia*, de Olympio Menezes (1963); *Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão alagoano*, de Félix Lima Júnior (1963, reeditado em 1983); *Vida de Delmiro Gouveia*, de J. Machado de Sousa (1964); *Delmiro Gouveia: a glória de um pioneiro*, de J.C. Araripe Jr (1965); *Delmiro Gouveia: vida e morte* (1966, 1991), de Hidelbrando Menezes; *Quem foi Delmiro Gouveia?* de Mauro Mota (1967) e *Delmiro Gouveia: o pioneiro de Paulo Afonso*, de Tadeu Rocha (1963;1970)[378].

A maioria destes livros dialoga com um texto de Mauro Mota publicado em 1961. O artigo "A 'Estrela' de Pedra: Delmiro Gouveia, civilizador de terras, águas e gentes", publicado no Boletim do IJNPS, exerceu ampla influência nos escritos posteriores talvez pelo fato de dissipar dúvidas sobre as origens de Gouveia. O autor manteve contatos com autoridades no Ceará de modo a esclarecer local, data e filiação de Delmiro. A repercussão positiva do texto explica a sua republicação em 1967, em forma de opúsculo. Chamando Gouveia de "criador de bichos e de idéias", Mauro Mota lança um conjunto de representações que se perpetuam nas demais obras dedicadas ao mesmo tema[379]. A exemplo do que fizeram nos anos 10 Oliveira Lima e Chateaubriand, Mota produziu um texto fundante sobre Delmiro.

---

377 Idem

378MARTINS, F. Magalhães. **Delmiro Gouveia: Pioneiro e Nacionalista**. 2 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. (Coleção Retratos do Brasil, v. 17); MENEZES, Olympio de. **Itinerário de Delmiro Gouveia**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1963; LIMA JÚNIOR, Félix. **Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão alagoano**. 2ed. Maceió: Departamento Estadual de Cultura/Federação do Comércio do Estado de Alagoas, 1983. (Coleção Vidas e Memórias); SOUSA, J. Machado de. **Vida de Delmiro Gouveia**. Recife: Flos Carmeli, 1964; MENEZES, Hildebrando. **Delmiro Gouveia: Vida e Morte**. Apresent. Paulo Cavalcanti. Recife:CEPE, 1991. (Fac-sím. Rio de Janeiro: Ed. Quipapá, 1966); MOTA, Mauro. **Quem foi Delmiro Gouveia?** São Paulo: Edições Arquimedes, 1967. (coleção Para Todos, 2); ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia:o pioneiro de Paulo Afonso**.3ed.Rev.Aum.Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

379 MOTA. **Op.Cit**.p.p.11

O conjunto de trabalhos aqui analisados segue de perto o itinerário proposto por trabalhos como *Quem foi Delmiro Gouveia?* A vida do protagonista é narrada na seqüência que, salvo algumas variações, compreende o nascimento (1863); a vida no Recife – a entrada no mundo do trabalho, a ascensão no negócio de peles, o Mercado do Derby; os problemas com Rosa e Silva, a fuga para Alagoas (1868-1901); a chegada à Pedra - a montagem da Usina, a montagem da Fábrica, o progresso levado ao sertão através da indústria, o assassinato, a perseguição aos assassinos, a venda da Fábrica para o capital estrangeiro (1902-1929). Ainda assim, as biografias sobre Delmiro Gouveia se aproximam muito de uma proposta a partir da qual a vida da personagem já está definida, os biógrafos parecem concordar que descrevem um predestinado, sendo somente necessária a arrumação dos feitos em ordem cronológica.

Chama a atenção o fluxo de trabalhos publicados sobre Gouveia nos anos 1960. Além de artigos em jornais e revistas, a quantidade de biografias impressiona se considerarmos o breve intervalo entre um trabalho e outro. Isto provavelmente não está relacionado apenas aos eventos em torno do centenário de Delmiro e a premiações oferecidas para a melhor biografia sobre ele[380]. É preciso considerar que desde os anos 50 o Nordeste experimentava iniciativas desenvolvimentistas. As discussões sobre os caminhos adequados para o progresso regional recuperaram figuras consideradas emblemáticas. A emergência de Gouveia como um destes ícones só foi possível a partir das releituras sobre as suas práticas comerciais, o eclipse das suas práticas coronelísticas e a atualização da sua imagem a partir das celebrações. Nesta última iniciativa, as biografias ganharam destaque.

Inicialmente considerando o ano de nascimento do negociante 1861 (e não 1863, como depois foi constatado), o governo Federal, o Estado de Alagoas e o IJNPS lançaram o desafio aos intelectuais, solicitando biografias sobre o cearense. Assim, nos anos de 1963, 65, 66, 67, houve pelo menos um trabalho editado. Após breve intervalo, em 1970, apareceu nova edição da obra de Tadeu Rocha, mais robusta, enriquecida pelas informações fornecidas por outros biógrafos. Esta sucessão de lançamentos exemplifica a demanda pela memória de Delmiro e também o diálogo intenso entre os pesquisadores dedicados a investigar a vida e os empreendimentos do cearense.

380 O **Prêmio Delmiro Gouveia do IJNPS** foi instituído em 1961. Cf. LIMA JÚNIOR, Félix. **Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão alagoano**. 2ed. Maceió: Departamento Estadual de Cultura/Federação do Comércio do Estado de Alagoas, 1983. (Coleção Vidas e Memórias).

Todas as biografias foram ilustradas com fotografias de Gouveia, amigos, esposas, bem como dos seus principais empreendimentos (Derby, Angiquinho e a Fábrica da Pedra). A exceção é a obra do Padre Machado de Sousa. Basicamente o conjunto iconográfico se limita ao acervo do IJNPS, confirmando o esforço desta instituição em controlar os suportes de memória sobre Gouveia. Dois destes trabalhos (Tadeu Rocha e Félix Lima Jr) foram publicados sob os auspícios do governo alagoano. O livro de Olympio Menezes foi editado e publicado pelo IJNPS. Os demais, embora editados fora de Pernambuco, também estão vinculados ao IJNPS. O de Mauro Mota, por exemplo, parece ter sido aproveitado para compor uma coleção que apresentava "figuras ilustres" da história em poucas páginas. Porém, a obra é fruto inegável das suas atividades naquela instituição. O próprio expediente inicial do texto aponta para isto. Ali, o autor fez alusões às suas atividades no *Instituto Joaquim Nabuco* e ao empenho desta instituição em obter informações sobre Delmiro. Vendedores de passado, estes e outros biógrafos foram os responsáveis por reapresentar o "civilizador dos sertões" ao grande público.

3.3. VENDEDORES DE PASSADO: OS BIÓGRAFOS

Entre os biógrafos de Delmiro, Mauro Mota (1911-1984) ocupa posição destacada[381]. Poeta, jornalista, advogado, professor e cientista social, membro das Academias Brasileira e Pernambucana de Letras, ele redigiu alguns dos textos mais utilizados como matrizes para as biografias de Gouveia. Falando a partir de instituições como o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, a Academia Pernambucana de Letras e do Arquivo Público Estadual "Jordão Emereciano", todas no Recife, Mota é presença constante nas bibliografias sobre o negociante cearense. Intelectual influente, o pesquisador trabalhou como uma espécie de articulador da memória de Gouveia em Pernambuco. Seu principal texto, poeticamente intitulado *A "Estrela da Pedra"* foi publicado em jornais, revistas e livros. Mota não só recebeu a incumbência de proferir conferência na "Semana Delmiro Gouveia", bem como manteve contato com estudiosos da vida de Gouveia e solicitou para o arquivo do INJPS depoimentos de contemporâneos do cearense. Embora tenha escrito pouco sobre Gouveia,

381 MOTA. **Itinerário: poesia**. Pref. Fausto Cunha. Rio de Janeiro: J.Olympio;Brasília:INL, 1975. Cf.**Antologia Didática de Poetas Pernambucanos**. Recife: Sec. Educação/DSE/DEp.Cultura, 1986. p. 233-240.

ele incentivou pesquisas, divulgou o nome do "Coronel dos Coronéis" em revistas, jornais e em conferências que realizou.

Outro biógrafo constantemente citado é Tadeu Rocha. A primeira edição do seu livro *Delmiro Gouveia: o pioneiro de Paulo Afonso* foi lançada pelo Departamento Estadual de Cultura de Alagoas e recebeu uma edição comercial pela Companhia Editora Nacional. Ao prefaciar a terceira edição da obra, lançada pela UFPE em 1970, Rocha afirmou ter tido apoio de duas pessoas importantes. A primeira delas, o engenheiro Apolônio Sales, idealizador e, naqueles tempos, presidente da CHESF, é descrita como alguém que estava "realizando o sonho delmiriano da eletrificação do Nordeste". A outra foi o empresário João Pereira dos Santos, um ex-empregado de Delmiro[382].

Alagoano de Santana do Ipanema, Rocha foi professor, jornalista e historiador. Desde 1953 publicava textos esparsos sobre Delmiro no *Diário de Pernambuco*. Conforme o autor, escrever sobre Delmiro o seduziu por muito tempo. Quando menino, na casa do pai – o coronel Manoel Rodrigues – que ele define como "comerciante e industrial esclarecido", Tadeu Rocha acompanhou conversas animadas entre aquele e Delmiro Gouveia. Adolfo Santos (gerente da Fábrica da Pedra) e Luigi Borella (engenheiro responsável pela instalação da Usina de Angiquinho) também freqüentavam a residência. Rocha conviveu com Noêmia e Maria Augusta, as filhas do *Rei das Peles*. Assim, de início, ele procura deixar clara a sua intimidade com o biografado. A sua obra, conforme o autor, é fruto de pesquisas exaustivas, mas também da sua memória, de muito do que viu e ouviu ainda criança.

É a memória dos tempos de infância que Tadeu Rocha apresenta como época áurea. Da meninice, guardou pedaços que ajudam a compor a sua narrativa: "ouvia falar, em casa, na obra do coronel Delmiro", ele escreveu. Sua mãe, D. Maria Isabel Gonçalves Rocha ou simplesmente D. Sinhá Rodrigues, após a morte do marido, administrou os negócios da família. E o que lembrar daqueles tempos? Uma das coisas, é que ele "via na loja da viúva Manoel Rodrigues da Rocha os carretéis de linha da Pedra, linha marca 'Estrela'" [383]. O autor recorreu a trechos da memória para situar a qualidade da energia elétrica obtida por Gouveia. Os meninos de Santana do Ipanema brincavam e comparavam a luz da terra natal

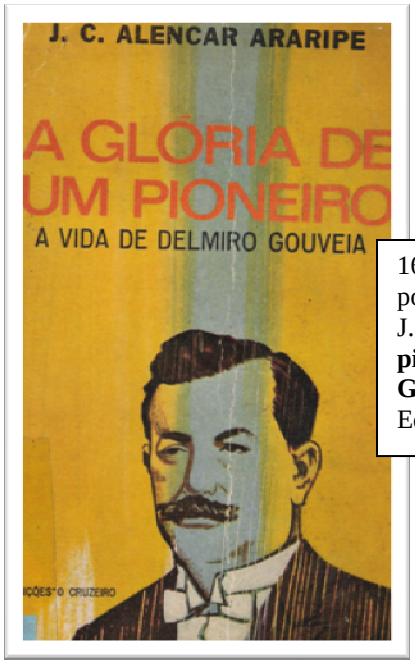
382 ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia:o pioneiro de Paulo Afonso**.3ed.Rev.Aum.Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970. p. 1-12
383 ROCHA, T.**Op.Cit**.p.14

com a existente na Pedra: “e o cabrinha João de Inácio, cujo pai conhecia todos os caminhos da ribeira do Ipanema, jurava que ‘a luz da Pedra era mesmo que o dia’”. Esta proximidade com Delmiro e seu tempo também foi apresentada pelo cearense Hildebrando Menezes.

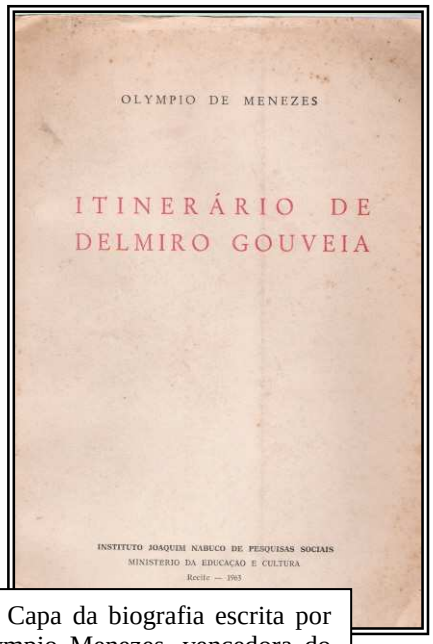
Autor de *Delmiro Gouveia: Vida e Morte*, publicado originalmente em 1966, Hildebrando trabalhou no *Correio da Pedra*. Apesar da data de publicação, é provável que a obra tenha sido produzida ainda em fins dos anos 50. De acordo com o autor, a divulgação da nova data de nascimento de Gouveia, feita em 1961, pôs em suspensão o trabalho que ele julgava pronto. Hildebrando era sobrinho e genro do Coronel Aureliano Menezes (Seu Lêro de Jatobá), amigo íntimo de Gouveia. A obra, Menezes definiu como um escrito “sem preocupação literária”. Para o autor, o objetivo básico do seu livro foi “dar testemunho sobre a vida de um homem que surpreendeu a geração do seu tempo”. No prefácio, escrito pelo sociólogo Manuel Diegues Júnior, lê-se que se trata de uma obra de alguém que conheceu Delmiro e “de quem viveu na Pedra, de quem foi testemunha daquele episódio, de quem assistiu à destruição daquela obra pioneira”[384]. Como vimos, o livro foi escrito visando participar do concurso promovido pelo IJNPS. Ao que parece, este concurso surtiu efeito no que tange à multiplicação dos escritos sobre Gouveia.

Um dos autores que também escreveu sobre o cearense foi Olympio Menezes, que publicou um ensaio em 1962 pela União Brasileira de Editores. O seu livro, *Itinerário de Delmiro Gouveia*, foi lançado no ano seguinte. A edição ocorreu por meio de um acordo entre o IJNPS e o Instituto Nacional do Livro, evidenciando que o autor foi o vencedor do concurso. Segundo Menezes, tinha “a vida cheia de pequeninos nadas que fazem o encanto das lendas”. Mas na concepção do estudioso, Mauro Mota e o seu artigo *A “Estrela de Pedra”: Delmiro Gouveia, civilizador de Terras, Águas e Gentes* desmontaram o *trust* do silêncio que Maria Gouveia afirmou ter agido sobre a memória do negociante. O texto de Mota “quebrou essa original greve e, depois dele apareceram comentaristas e biógrafos daquele grande brasileiro”[385].

384 ROCHA, T. **Op.Cit**.p.15.
385 MENEZES, Olympio de. **Itinerário de Delmiro Gouveia**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1963.p.156; p.145



16. Capa da biografia escrita por José Araripe. ARARIPE, J.C.Alencar. **A glória de um pioneiro: a vida de Delmiro Gouveia**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.



17. Capa da biografia escrita por Olympio Menezes, vencedora do concurso promovido pelo IJNPS em 1963. MENEZES, Olympio de. **Itinerário de Delmiro Gouveia**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1963.

18. Capa da biografia escrita por Francisco Magalhães Martins. MARTINS, F. Magalhães. **Delmiro Gouveia: Pioneiro e Nacionalista**. 2 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. (Coleção Retratos do Brasil, v. 17).

19. Tadeu Rocha. SANTOS, Ruy. **Delmiro Gouveia (o homem e a terra)**. Recife: FUNDAJ, 1971.

20. Mauro Mota. <www.fundaj.gov.br/docs/mauro/mauro.jpg> Acesso em: 10 nov.2007

Acompanhando um diálogo tradicional, Olympio Menezes comparou o seu biografado a Euclides da Cunha, afirmando que ele, "industrial e educador", assim como Euclides, viu "o sertanejo 'abandonado a três séculos'. Mas sentiu que aquele 'homem permanentemente fatigado' poderia ser transformado em uma força construtora capaz de soerguer a terra em que nascera". Mas Gouveia era diferente. Ele entendia os camponeses como poucos: "O sertanejo que ele conhecia como ninguém não é o que hoje nos chega meio deturpado quase lendário, não é mais o de Euclides, nem este outro deformado pela literatura de ficção, pelos cantadores sofisticados", escreveu. Na concepção de Menezes, Gouveia não foi o ateu que imaginavam, pois "observava a ascese das três Ave Marias antes de se deitar, à noite para dormir". A conclusão do autor não poderia ser outra, senão a de que o cearense foi pioneiro inquestionável e, até então, insuperável: "Até hoje o sertão nordestino espera outro gênio para colher os frutos da semente que Delmiro, respondendo ao desafio da Natureza, plantou na Cachoeira de Paulo Afonso"[386]. Além de Olympio Menezes, dois outros cearenses publicaram livros sobre Gouveia nos anos 60.

O primeiro deles foi Francisco Magalhães Martins, que produziu *Delmiro Gouveia: pioneiro e nacionalista*, obra bem documentada, editada em maio de 1963 e lançada em Alagoas uma semana após o evento pelo centenário de Gouveia. As epígrafes do livro são excertos de Mauro Mota e Gilberto Freyre. O excerto de Mota parece funcionar, no livro de Martins, como uma das coordenadas para a pesquisa biográfica sobre o negociante cearense[387]. Como Mota, Martins atribuirá às "funções humildes" exercidas na juventude por Gouveia, papel fundamental na diferenciação entre o negociante e outros "capitalistas". Após anos de pesquisa intensa (publicou seu primeiro artigo sobre Gouveia no *Jornal do Povo*, de Fortaleza, em 1960), Magalhães Martins trouxe a público uma das referências mais freqüentes sobre o negociante. Também nascido em Ipu, o autor recebeu elogios da crítica com o lançamento da biografia. Uma resenha publicada em 1977 no *Correio do Ceará*

386 Ibidem.p. 154-155, 156,158

387 O trecho em questão diz o seguinte: "Quem se dispuser a escrever uma biografia de Delmiro Gouveia, menos ascética e enumerativa, voltada para dentro do homem e não apenas para as suas reações exteriores, há de sentir que ele já utilizava o primeiro emprego, de modesto ferroviário, como um aprendizado de liderança e contacto com os problemas econômico-sociais da sua época". Mota. **Op.Cit**.p.08.

elogiou as “frases bem construídas”, o “estilo harmonioso, apurado e, por vezes, precioso” do biógrafo[388].

Pesquisador cuidadoso, Magalhães Martins coletou farto material sobre Delmiro Gouveia. Entrevistou contemporâneos do industrial, aproximou-se até mesmo de alguns parentes do seu protagonista. Nas anotações existentes no Museu Delmiro Gouveia, na antiga Estação da Pedra, é possível consultar alguns dos seus arquivos. Ali, o método deste biógrafo pode ser melhor observado. Em meio a um conjunto de anotações, há uma gama de entrevistas, devidamente anotadas, corrigidas e comparadas. Através delas, o pesquisador desenhou Delmiro. Por exemplo, uma das perguntas constantes era “como era Delmiro?”. A partir da proximidade nas respostas, Martins foi delimitando uma imagem para a personagem. Imagem que vem à tona em determinado trecho da obra. Conforme o biógrafo, Delmiro era “fisicamente forte, corpo cheio, notadamente o tronco, mas bem proporcionado, com a estatura de mais ou menos 1,75 metro, um tanto elevada, para o comum dos nortistas”[389]. Este cuidado quase obsessivo transformou Martins em referência obrigatória aos estudos sobre Gouveia.

Já o livro de José C. Alencar Araripe supõe uma negociação do autor com o seu passado. De mãe alagoana, o escritor nascido em Ipu, afirmou ter o nome de Gouveia gravado logo cedo na memória, “se bem que, só mais tarde, viesse a situá-lo no drama do Nordeste e reconhecer-lhe a significação que antes nunca lhe emprestara”. Como ocorreu com outros, o centenário alimenta o interesse pela investigação. A proximidade do evento levou o autor a “tentar” uma biografia do conterrâneo. E para isto, recorreu a todo tipo de fonte: “li tudo o que sobre ele se escreveu e que chegou ao meu conhecimento. Artigos em diários e revistas, reportagens, entrevistas e conferências” [390]. A obra de Araripe, sugestivamente chamada *A Glória de um pioneiro: a vida de Delmiro Gouveia* (1965) apresenta o texto de Mota como uma das suas referências. Com a capa em cor amarela, cortada por um feixe verde que ilumina a ilustração do rosto de Gouveia, o livro chama atenção pelo nacionalismo e pela persistência do autor em dirimir todas as possíveis dúvidas em torno do biografado.

388 Ver sobre isto: MARTINS, Magalhães F. Delmiro Gouveia. **Jornal do Povo**. Fortaleza, 12 out. 1960; LIMA, Abdias. Estante de Livros. **Correio do Ceará**. Fortaleza, 30 mar. 1977.p.6
389 MARTINS, F. Magalhães. **Delmiro Gouveia: Pioneiro e Nacionalista**. 2 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. (Coleção Retratos do Brasil, v. 17).p. 92
390 ARARIPE.**Op.Cit**.p.7-8

Neste esforço por uma biografia bem documentada, Araripe, assim como Magalhães Martins, chega a apresentar reproduções de fontes inteiras em seu trabalho. Esta concepção dos documentos falando *per si* extrapola no livro *Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão alagoano* (1963), de Félix Lima Jr. Em diversas passagens a obra, que recebeu apoio oficial do governo alagoano, simplesmente abre espaço para a transcrição de trechos inteiros de outros autores ou documentos. Deste modo, nomes como Graciliano Ramos e Eustórgio Wanderley têm textos completos reproduzidos. Por condensar tantas informações, o texto de Lima Júnior é presença freqüente em estudos sobre Delmiro.

Comparando o cearense a Mauá, Lima Júnior defende a superioridade do primeiro, levando em conta que Delmiro não se envolveu com política, nem recebeu nenhum tipo de auxílio do Estado. A época do negociante gaúcho "era melhor" que a de Delmiro, seu crédito era mais elástico e "Mauá estava na Corte, no centro do Império". Embora tenha vivido anos na "Corte do Nordeste", em Recife, o "Mauá do Sertão alagoano", entre 1903 a 1917, residiu e trabalhou num "recanto esquecido, desconhecido, quiçá, do Nordeste do país". O "matutinho de Ipu" foi "um ianque isolado e mal compreendido no sertão de Alagoas". Entrementes, um autor invariavelmente mencionado como "modelo" para estudos foi o já citado Mauro Mota[391].

. Lançado em 1967, o livro *Quem foi Delmiro Gouveia?* é a extensão de *A Estrela da Pedra*, artigo originalmente publicado em 1961 no Boletim do Instituto. Mas não é preciso ter em mãos o Boletim para ler o ensaio de Mota. O mesmo texto foi republicado várias vezes em periódicos e livros. O autor irrigou seus leitores com o dito ensaio, retomando-o em diversos instantes e tornando-o uma referência sobre Delmiro[392]. Algo que certamente contribuiu para a sua notoriedade. No mesmo livro, após o texto de Mota (todos os trabalhos aqui analisados utilizam-no como referência), há ainda o artigo *Entre Piranhas e Jatobá: Delmiro Gouveia, Xanduzinho das Rosas e alguns coronéis*, mencionado no capítulo anterior.

391 LIMA JR. **Op.Cit**.p.308;309;317

392 MOTA, Mauro. A "Estrela" de Pedra: Delmiro Gouveia, civilizador de terras, águas e gentes. **Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**. Recife, n. 9, 1960, p. 67;MOTA, Mauro. **Quem foi Delmiro Gouveia?** São Paulo: Edições Arquimedes, 1967. (coleção Para Todos, 2). O mesmo artigo "Estrela de Pedra" foi publicado separadamente no *Jornal do Commercio* (PE) a partir do dia 5 de junho de 1963 (4 partes).

Portanto, Mauro Mota não produziu um volume denso, repleto de notas e reproduções de documentos, como outros dos seus pares. Tampouco avançou na coleta de documentação ou na análise. Mas escreveu com elegância. Talvez resida nesta opção um dos motivos para a ampla circulação do seu texto. Em poucas páginas, repletas de metáforas, Mota serve o seu leitor com um herói admirável. Alguém que "viera do nada para lutar contra o nada, como um instrumento das resistências coletivas"[393]. Contudo, um aspecto que não pode ser minimizado quando se trata de entender a circulação do texto e do livro de Mota é a sua função como organizador de eventos celebrativos para Delmiro. Acrescenta-se a isto a atuação deste intelectual convocando outros a trabalharem na urdidura de elogios a Gouveia. Citado em todos os trabalhos aqui analisados, Mota influenciou trabalhos como a *Vida de Delmiro Gouveia*, do Padre João Machado de Sousa.

O prefácio da obra do Pe.Sousa ficou a cargo de Mauro Mota. O pesquisador do IJNPS escreveu que o vigário atingiu os objetivos de uma biografia integral de Delmiro. Ressaltou o trabalho de campo do autor (que esteve em Pesqueira, em Delmiro Gouveia, Arcoverde, Petrolândia, Mata Velha, Paulo Afonso, Água Branca e Belo Jardim), bem como o seu tratamento aos relatos que obteve junto à tradição oral, "às vezes deformada no trânsito e nas tabelas". Embora aponte uma exposição pessoal e "antididática" do autor, Mota adverte que a obra não é desordenada. Todavia, não esconde o desconforto com certas passagens. Mesmo assim, o então Diretor Executivo do IJNPS afirmou que a pesquisa do Padre Machado Sousa era "livro com impulso para ultrapassar o âmbito paroquial e ser lido na diocese literária"[394].

Entre todas as biografias aqui apresentadas, a do Pe.Machado Sousa é a única que não possui nenhuma fotografia. A capa branca apresenta apenas um desenho da efígie de Delmiro em tinta azul. Nas cento e trinta páginas da obra, divididas em sete capítulos, Mauro Mota e seu "Estrela da Pedra" aparecem diversas vezes. O Padre paga alto tributo ao poeta. Aparecem também as comparações mais distantes, num exercício para aproximar os empreendimentos de Gouveia da doutrina eclesiástica.

Pe. Machado Sousa recorre a diversos autores para traçar em Delmiro "modelo acabado de homem público". Em Camões, encontra a inspiração para justificar o seu livro.

393 MOTA, **Quem foi Delmiro Gouveia?** São Paulo: Edições Arquimedes, 1967. p.9
394 MOTA, Mauro**.** Delmiro Gouveia e o vigário colado.In: SOUSA, J. Machado de. **Vida de Delmiro Gouveia**. Recife: Flos Carmeli, 1964.

Como aquele, que cantou as memórias de homens que por suas obras se libertavam da lei da morte, o autor explicou que "o mesmo devo fazer como brasileiro ao historiar a vida de Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, que também se imortalizou 'por obras valorosas'"[395]. Entram em seu texto Aristóteles, Platão, Alexandre Dumas, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Pe. Antônio Vieira. Em cada um deles, o sacerdote encontra plataformas nas quais salta para pintar panegíricos a Delmiro.

A biografia é, para o vigário, a possibilidade de oferecer um "grande remédio" para o cisto social que ele enxergava no individualismo e no paternalismo. Problemas que, nos anos 60, parecem se ampliar. As greves, os conflitos entre patrões e empregados, as dificuldades do empresariado nacional são criticados pelo autor. Gouveia seria exemplo para iniciativas econômicas, industriais, sociais e comerciais. Sousa definiu "com esse objetivo, principalmente, me determinei a escrever a vida deste homem extraordinário, cujos feitos devem permanecer indeléveis na mente dos brasileiros e registrados nas páginas da História do Brasil"[396]. Como lembra Telma Correia, o biógrafo cuidou até mesmo de "resgastar" Delmiro da situação de ateu e maçom, transformando-o em católico exemplar[397].

Para confeccionar seu trabalho, Sousa afirmou seguir um método positivo, comtiano, pautado na coleta de documentação oficial sobre o protagonista da biografia. Tomando a história como "mestra da vida", o autor afirmou sua preocupação em "expurgar a maior ou menor dosagem de parcialidade, fruto da paixão humana", de tudo o que colheu. Pe. Sousa se dedicou ao que define como "vida pública de Delmiro", sendo que, para isto, buscou documentar o trabalho do modo mais rigoroso possível. Justificando, o biógrafo escreve "tenho para mim que a vida pública de um cidadão se deve provar com documentos e fatos públicos"[398].

Entre estes autores, delinearam-se múltiplas facetas atribuídas a Delmiro Gouveia. Ao escrever estas biografias, a maioria delas surgida no calor das celebrações do centenário do cearense, aparece também uma discussão sobre os rumos do Nordeste e, em certos momentos, especificamente do sertão nordestino. Através destas biografias é possível

395 SOUSA. **Op.Cit**.p. 5
396 SOUSA. Ibidem p. 7
397 CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: plano e cotidiano operário no sertão**. Campinas, SP: Papirus, 1998. p.298
398 SOUSA. Ibidem p. 8

analisar uma leitura da historiografia produzida fora das academias. A representação de Gouveia como mártir civilizador vítima dos trustes internacionais foi uma das mais freqüentes.

3.4. ÁGUA, SABÃO, ESCOVA DE DENTES E PENTE: QUEDA E ASCENSÃO DO MÁRTIR CIVILIZADOR

Além do texto de Mauro Mota, *Quem foi Delmiro Gouveia?* contém um autodenominado "apêndice curioso", escrito por Paulo Dantas e intitulado "O Delmiro Gouveia de Mauro Mota, o meu e o dos outros". Os dois trabalhos, apresentam uma das representações mais perenes de Gouveia: a do civilizador sacrificado que com as linhas da eletrificação, "fêz-se o artífice das outras linhas, pouco importa que as outras linhas tenham servido ironicamente para costurar a sua mortalha: tinham antes fiado o seu grande destino"[399]. A idéia de alguém que, como Prometeu, paga alto preço pelos benefícios que traz aos homens e pela ousadia, repete-se entre os biógrafos do *Rei das Peles*.

Magalhães Martins escreveu que "tendo perdido o pai, em defesa da pátria, por ela Delmiro sacrificou tudo: comodidades, fortuna e, pode-se dizer, a própria vida"[400]. O mito de um herói que se sacrifica por uma região, pela pátria, reaparece em outros trabalhos. O mesmo Martins se esforçou para justificar as atitudes violentas atribuídas ao seu biografado. Para o biógrafo, o contato de Gouveia com o "sertão bárbaro" tornou-o mais rígido, mais rude. Tudo isto em nome de um projeto: "Delmiro costumava dizer que à Pedra chegavam homens maus, porém ali melhoravam e se tornavam bons. Sentia prazer em mostrar verdadeiras feras humanas, submetidas à sua disciplina e transformados em anjos"[401]. A idéia do sertanejo como uma "fera humana" e Gouveia como um "domador de homens", fabricador de anjos, parece ter encontrado fácil aceitação entre seus biógrafos.

Em certa passagem do seu livro, Olympio Menezes escreveu: "a brutalidade daqueles sertanejos broncos não resistiria ao uso do calçado, da decência, do arranjo pessoal e doméstico, dos quatro elementos básicos atribuídos por ele: água, sabão, escova de dentes e pente". O mesmo plano também foi justificado por Menezes: "a sua obra

399 MOTA. **Op.Cit**. p. 39
400 MARTINS. **Op.Cit**. p. 118
401 MARTINS. Ibidem.p. 94;136-137

civilizadora começou por exigências mínimas, para atingir a um grau de civilização compatível com as necessidades". Daí, o autor concluir que Delmiro apresentava um outro tipo de sertanejo, mais autêntico, menos deturpado e lendário, "não é mais o de Euclides, nem este outro deformado pela literatura de ficção" [402].

Por sua vez, Tadeu Rocha chamou a atenção escrevendo que "se não houvesse em Delmiro Gouveia um grande espírito civilizador, somente teriam surgido junto à cachoeira instalações elétricas"[403]. Obrigando o banho diário, proibindo a cachaça, a faca de ponta, o jogo de bicho, o cearense modificava profundamente a vida na Pedra. Conseqüência disto, afirmou Magalhães Martins, "os jogadores costumazes e os bêbados inveterados, assim como os propensos ao crime e à ociosidade, viam-se forçados a evadir-se do ambiente, onde não podiam dar expansão a seus vícios e taras"[404].

Para José de Alencar Araripe, Delmiro era dono de uma "personalidade fascinante", cercada por uma "auréola romanesca, oriunda de turbulentos acontecimentos de que participou audaciosamente". O autor reforçou a leitura do cearense "rude e generoso, enérgico e compreensivo" enquanto um "espírito atilado, voltado para as conquistas da civilização, Delmiro abriu clareiras na densa selva da ignorância e da miséria" [405]. Um outro estudioso, Hildebrando Menezes, reconhece as dificuldades do biografado: "Delmiro surgiu como criador de nova riqueza, numa região em que o homem podia ter tudo, menos dinheiro"[406].

Foi a missão civilizatória que arrastou Gouveia aos sertões alagoanos. Se fosse para ganhar dinheiro apenas, dirão os biógrafos, bastaria viver em Maceió. A conclusão não tarda e a afirmação de Lima Júnior exemplifica a leitura feita sobre a mudança geográfica experimentada pelo negociante. Ao contrário do senhor de terras euclidiano, satisfeito em explorar de longe os seus domínios, herdeiro de um vício colonial, Delmiro abriu mão da

402 MENEZES, Olympio de. **Itinerário de Delmiro Gouveia**. Recife:Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1963.il p.155 e 154. Em seu capítulo "O Homem", Euclides escreve que o sertanejo é "desgracioso, desengonçado, torto". Seria "o homem permanentemente fatigado". A cavalo, é uma espécie de "centauro bronco". CUNHA.**Op.Cit**.p.130
403 MENEZES, O. **Op. Cit**.p.155; ROCHA, T. **Op.Cit**.p.170
404 MARTINS. **Op.Cit**.p.108
405 ARARIPE. **Op.Cit**.p. 8-16
406 MENEZES, Hildebrando. **Delmiro Gouveia: Vida e Morte**. Apresent. Paulo Cavalcanti. Recife:CEPE, 1991. (Fac-sím. Rio de Janeiro: Ed. Quipapá, 1966).p.17

comodidade litorânea[407]. Na capital alagoana "enriqueceria facilmente, entretanto não levaria a civilização a seus irmãos incultos, abandonados, sem escolas, vivendo numa zona em que 80% dos habitantes não conheciam o ABC". O mesmo Lima Jr escreveu ainda que Delmiro "poderia ter ficado no litoral, ganhando dinheiro com facilidade. Preferiu civilizar o sertão, vivendo sem conforto alguns anos, para realizar, como realizou, anos depois, obra que o imortalizou"[408].

Todavia, os tais "irmãos incultos" precisavam ser tratados energicamente. Embora acreditasse na redenção do seu povo, Delmiro exercia o poder "às vezes, aparentemente, com um rigor de Drácon"; noutras, com um "ridículo à D.Quixote, os ensinamentos que lhe pareceram necessários à vida social e civil do núcleo que fundara, ousadamente, naquelas brenhas incultas e esquecidas"[409]. Punições são apresentadas como necessárias pelos biógrafos. Delmiro, senhor da Pedra, e senhor da sua gente. Na vila, os hábitos citadinos eram policiados. O exemplo foi dado por Magalhães Martins ao narrar o acontecido com um certo Antônio Pinto, empregado da firma Rodrigues Cardoso, de Maceió. Empolgado com o escuro do cinema da Pedra, Pinto resolveu bolinar uma operária, foi surpreendido. Resultado: Delmiro ordenou que fosse posto no "tronco", na baraúna, às vistas dos habitantes do vilarejo. O estrangeiro recebeu o aviso de que não deveria mais voltar à Pedra. Atitudes como esta alimentaram a fama de Delmiro como autoritário, violento, cruel. Martins vem então em defesa do seu protagonista, explicando que "examinando-se o meio e o tempo em que criou aquela comuna, conclui-se que havia motivos para as medidas adotadas, até para alguns excessos[410]".

O subtítulo do comentado ensaio de Mauro Mota, "civilizador de terras, águas e gentes", reforça a idéia de Gouveia como domador de homens. Uma proposta que não foi somente aceita por outros intelectuais, mas também reproduzida e alimentada com feitos do cearense. Obedecendo a uma lógica própria do panegírico, os "excessos" cometidos por Gouveia em seu projeto foram eclipsados diante da magnitude dos resultados por ele

---

407 Euclides da Cunha escreveu que "o fazendeiro dos sertões vive longe no litoral, longe dos dilatados domínios que nunca viu, às vezes. Herdaram velho vívio histórico. Como opulentos sesmeiros da colônia usufruem, parasitariamente, as rendas das suas terras, sem divisas fixas". CUNHA, E. **Os Sertões**. 39 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1997. p. 137

408 LIMA JÚNIOR, Félix. **Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão alagoano**. 2 ed. Maceió: Federação do Comércio do Estado de Alagoas, 1983. p.103; p.318

409 MARTINS. **Op.Cit**.p.124

410 MARTINS. Ibidem.p.125

obtidos. “A verdade é que sua obra em pouco tempo prosperou, sendo um exemplo para a posteridade, e sua morte trágica foi chorada por todos que lá viviam”, escreveu Magalhães Martins. E este projeto que levou “a ordem, a limpeza, o respeito, o trabalho, a disciplina”[411] aos sertões só seria possível de compreensão após conhecidas as origens do seu executor.

3.5. SOB O SIGNO DAS ÁGUAS, AS ORIGENS DO HERÓI

O nascimento de Delmiro foi motivo de diversas investigações. Pelo que se sabe, o próprio cearense alimentou certo mistério em torno das suas origens. Gouveia não falava do pai[412]. Os amigos afirmavam que ele fazia parcos comentários sobre suas origens. Como tocava pouco no assunto, deixou em névoa os primeiros anos da sua vida como uma espécie de presente aos seus biógrafos. Nem todas as biografias analisadas seguem o modelo exemplar das *Vidas* e iniciam pela parentela do protagonista. Contudo, após a confirmação de que ele teria mesmo nascido em Ipu, começaram a aparecer tentativas de explicar os atos do negociante levando em conta dois aspectos básicos: as origens geográfica e biológica.

Ao descrever a região em que nasceu Delmiro Gouveia, não é incomum que seus biógrafos ressaltem as influências recebidas pelo meio. É assim que eles tomam a cachoeira existente na bica do Ipu como um sinal de que escrevem sobre um predestinado. Um deles explicou que “o brasileiro, que primeiro aproveitou o potencial hidrelétrico de Paulo Afonso, veio ao mundo, como alguém já salientou, sob o signo de uma queda d’água. Não seria uma predestinação?”. Possivelmente o “alguém” mencionado pelo autor é Mauro Mota.

Em seu já tão falado artigo, Mota levantou duas teses para explicar a “psicologia” de Gouveia. Primeiro, o biógrafo defendeu a idéia de que a personagem lutava contra o atraso e as injustiças sociais porque experimentou um processo de “preparação” representado pela vida difícil que teve desde o momento em que a mãe se viu obrigada a retornar para o Recife (observação que orienta a epígrafe do livro de Martins). Todas as

411 Idem.
412 O calendário da Pedra não acompanha rigorosamente o tempo que corria “depois do arame”. O carnaval era comemorado em datas diferentes, em dois domingos consecutivos, invadindo o tempo das celebrações religiosas, e o próprio Delmiro não informava a data correta do seu nascimento. Cf. CORREIA. **Op.Cit**.p.239-245

dificuldades vividas pelo cearense foram etapas da "forja" de seu espírito heróico e organizado. Os "tempos pernambucanos" de Gouveia configuram, assim, uma época de provações e ensinamentos. Uma segunda idéia defendida por Mota diz respeito ao fascínio de Delmiro por quedas d'água.

O poeta observou que, nascendo próximo à bica do Ipu, o menino Delmiro teria gravado nas retinas a imagem daquele lugar. A sua preocupação ao registrar a passagem pela Niagara Falls indiciaria isto. A cachoeira dos tempos de menino era memória de abundância em tempos de escassez. Daí, a explicação de Mauro Mota: "A visão desse desperdício, num meio de extremas penúrias, ter-se-ia gravado na retentiva do menino para ficar no homem e do homem exigir compensação". O autor apontou coincidências até mesmo na metragem dos saltos das duas cachoeiras (Ipu/Paulo Afonso). Segundo ele, isto era algo que se revolvia no inconsciente de Delmiro e indicava a ele "a meta de Paulo Afonso"[413].

É consenso entre os biógrafos que Delmiro teria ido para o Recife com não mais que quatro anos de idade. Ainda assim, Mota afirmou uma espécie de "trauma" que justificaria a preocupação de Gouveia com o aproveitamento hidrelétrico. Algo que parece não ter encontrado grande oposição. Magalhães Martins, por, exemplo, desviou a questão cronológica afirmando que "o certo é que tinha idade suficiente para conservar a memória de Sobral e da paisagem da Serra Grande, com a bica do Ipu, formada pelo riacho que dela se desprende de mais de 1000 metros, sendo avistada ao alto sertão"[414]. Apesar do pouco contato do biografado com a região, esta apareceu nas narrativas da sua vida como fundamental aos rumos seguidos. A mesma operação se realizou quando o assunto é a origem paterna da personagem.

Delmiro Porfírio, o Belo, é personagem-chave na narrativa da origem de Gouveia. Não apenas por ser o pai do biografado. Além de representar um "bom tronco" para o herói e "bom fruto" que era Delmiro, na maioria dos escritos, "Belo" ajuda a explicar um dos pontos fracos da personagem, a saber: a sua pouca fidelidade às mulheres e a instabilidade

413 MOTA. **Op.Cit**. p. 18
414 MARTINS. **Op.Cit**.p.33

nos seus relacionamentos[415]. O "ethos" efêmero que parece caracterizar a vida amorosa de Delmiro tem, na herança paterna, o seu principal fator explicativo.

O pai de Delmiro teria sido uma "figura lendária do Norte do Ceará, descendente de família há muito radicada na região"[416]. Descrito como "valente desde jovem", Belo é o responsável por dotar o futuro *Rei das Peles* de certas qualidades. Assim, a coragem, a beleza, o espírito aventureiro seriam marcas deixadas pelo pai a Delmiro Gouveia. Mais que isto, ao tomar para si uma jovem quando, por volta dos 35 anos, já era casado e pai de quatro filhos, Belo oferecia aos biógrafos o "fator paterno" para justificar um traço sempre questionável de Gouveia.

Magalhães Martins descreve Belo como "D.Juan cigano, cavaleiro andante do amor". Um homem que teve entre três e quatro esposas. Portanto, conclui-se que "fácil é ver que tal cidadão, apesar de respeitável por outros títulos, não podia legar a seus descendentes exemplo de retidão na vida conjugal amorosa". Por isto, a constatação que parecia mais óbvia ao autor: a culpa por um comportamento promíscuo não era de Delmiro. Magalhães Martins explicou que "é de crer que a tara *donjuanesca*, ele a trazia, na massa do sangue dos Farias de Ipu". A questão era assim resolvida. Volubilidade e a poligamia se justificavam por princípios biológicos. "E, se são verdadeiras as leis de Mendel, uma fatalidade biológica o predispunha a novos amores, a borboletear de coração em coração"[417], sentenciou o mesmo autor.

Do pai Delmiro teria herdado, então, a coragem, a beleza, o espírito revolucionário e inquieto, além do desregramento com as mulheres. Tadeu Rocha narra que apesar da tranqüilidade no negócio de peles, "Belo de Farias não gostava de uma vida pacata" e, ao saber da necessidade de homens para a Guerra do Paraguai, "lá se foi o homem para Fortaleza, em abril de 1865, de onde seguiu para a Corte"[418]. Tempos depois, Belo tombaria como herói na Batalha de Caimbocá. O pai de Delmiro, "homem valente e destemido", nas palavras de Pe.Sousa Machado "foi voluntariamente para a Guerra do Paraguai, onde

415 Cf. DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou O melhor cavaleiro do mundo**. 2 ed. Trad. Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Ed.Graal, 1998. p.81
416 ARARIPE.**Op.Cit**.p. 27
417 MARTINS. **Op.Cit**. p.19,22 e 49
418 ROCHA, T.**Op.Cit**. p.25

morreu lutando no posto de capitão com as honras de Major"[419]. Nem todos tiveram esta leitura da entrada de Belo para o Exército brasileiro.

Ao contrário do que escreveu Machado Sousa, Belo Farias não era de família humilde e "obscura". Os *Farias* eram influentes no Ceará. Tampouco viu na incorporação aos voluntários da Pátria a oportunidade de melhorar o padrão de vida da "esposa e filho criança" que deixara para trás. Ora, a "jovem bastante prendada", Leonila, nem sequer era a única esposa de Belo. Chama a atenção em uma obra sombreada por Mauro Mota, declaradamente preocupada com a documentação sobre o biografado, o erro crasso de apresentar Delmiro como filho único de um casal feliz (Maria Augusta, a primeira filha e Belo e Leonila, na obra de Machado Sousa aparecerá apenas na página 36. Nem sequer é nomeada)[420].

Discordando da leitura de Machado e melhor documentado, Magalhães Martins opina que o momento, nos tempos em que ocorreu a convocação, não era dos melhores. Apesar da proteção que recebia do tio, o coronel Félix da Boa Vista, ele havia raptado uma menor e já era homem casado. Como o raio de influência de seu parente era limitado, a ida para frente de batalha pareceu ser boa opção a Belo. Sobretudo por já saber de mandato judicial que exigia a sua prisão. Além dos benefícios prometidos aos voluntários, que iam de gratificações, pedaços de terra e graduação de oficiais honorários àqueles que se distinguissem por atos de bravura[421], Farias encontrava um meio de evitar a cadeia.

Todavia, mesmo que haja discordância no que se refere aos motivos que levaram o pai de Delmiro ao exército, bem como ao tratamento recebido por sua mãe quando da morte do amante, os biógrafos atribuem ao pai do cearense um peso fundamental na sua formação. Belo conferia a Delmiro uma ascendência heróica, romanesca. Da mãe, Leonila, o biografado herdou a fidalguia, o bom gosto e a educação. Pai e mãe complementavam-se nos atributos de Delmiro. Alguns biógrafos encontram traços de heroísmo também nos avós do cearense. Ele seria, portanto, a resultante do cruzamento nas linhagens de heróis

419 SOUSA.**Op.Cit**.9
420 SOUSA. Ibidem. p. 9;36
421 Constavam entre as ofertas do Império: "Uma gratificação de 300 réis diários, além dos vencimentos que percebem as praças de linha; Graduação de oficiais honorários do Exército, com soldo aos que se distinguirem por ato de bravura". Era informado ainda que "dispensa do serviço apenas [se] for declarada a paz, com a percepção de uma gratificação de 300$000 a 22.500 braças quadradas de terra, e pronto regresso às suas Províncias". Cf. MARTINS. Op.Cit.p.22

paraibanos e pernambucanos[422]. Algo que novamente lembra Agualusa, que nos apresenta uma passagem em que o biógrafo albino Félix Ventura, cujo trabalho é tornar o passado dos seus clientes um lugar agradável de visitar, propõe uma linhagem mais digna a um dos seus biografados[423].

Entretanto, nem todos se ocupam de falar na ascendência de Gouveia. É possível entender isto? Proponho duas explicações: a primeira, a grande dificuldade em dispor de fontes confiáveis sobre as "origens" do herói. A existência de dois centenários, mesmo que o primeiro tenha sido abortado, esboça a névoa em que Delmiro se encontrava no início dos anos 60. Pouco ou nada se conhecia sobre os parentes; a família no Rio de Janeiro não costumava dar entrevistas. Onde teria nascido o herói? Quais os seus pais? Respostas difíceis aos primeiros biógrafos. Por outro lado, umas das glórias de Delmiro consistia justamente em não devê-la a ninguém mais que a si próprio[424]. A sua solidão na vida e em seus empreendimentos, explica em parte o desprezo de alguns estudiosos por aspectos familiares. Gouveia teria vindo do nada.

3.6. "CHERCHEZ LA FEMME": OS BIÓGRAFOS E O SILÊNCIO DAS MULHERES

Outro aspecto marcante nas biografias sobre Gouveia é a forma como as mulheres surgem e desaparecem nas diferentes narrativas. Embora tratando de um homem descrito como profundamente interessado pelo sexo feminino, os biógrafos ocupam pouco espaço com o assunto. A explicação para isto talvez esteja no fato de que o cearense ficou conhecido por seu gosto pelas aventuras amorosas, por paixões arrebatadoras e pela pouca fidelidade conjugal. No entanto, era preciso preservar a imagem do pioneiro. Um problema que os biógrafos resolveram com algum contorcionismo.

Uma primeira estratégia, já apresentada, foi atribuir a lascívia de Delmiro à origem paterna. Félix Lima Júnior ironizou escrevendo que "Delmiro apreciava muitíssimo o belo sexo. Filho de gato é gatinho"[425]. No entanto, a aparente dedicação de alguns estudiosos às

422 Sobre as linhagens ver DUBY. **Op.Cit**.
423 AGUALUSA. **Op.Cit**.p.139-1442
424 Cf. DUBY. **Op.Cit**. p.81
425 LIMA JÚNIOR. **Op.Cit.**p.54

mulheres de Gouveia revela mais o silêncio em que elas findaram do que propriamente as suas falas. Em sua biografia, Lima Júnior elaborou uma parte batizada de "Cherchez la femme", enquanto Magalhães Martins concebeu o capítulo "Vida sentimental". Olympio Menezes produziu a seção "Delmiro e as mulheres" e J.C.Alencar Araripe elaborou "Delmiro no reino das mulheres". Apesar disto, os autores não demonstram grande empolgação em lidar com o sexo feminino. Lembram, respeitadas as devidas proporções, certos trabalhos em que mesmo as figuras femininas próximas do protagonista (parentes) só aparecem como sombras[426].

Enquanto Belo Farias foi descrito como um herói, um aventureiro que tombou bravamente numa guerra, Leonila, a mãe de Gouveia é "amável", "inocente", pouco se sabe dela. Ela é a típica mulher jovem com filhos a criar, uma "viúva bastarda", nas palavras de Tadeu Rocha. Machado Sousa descreveu-a como "moça bonita e educada". Afirmou também que ela "era de sentimentos nobres, bastante instruída"[427]. Por sua vez, Anunciada, a Iaiá, foi descrita como alguém que jamais esteve no *ritmo* de Gouveia. Aliás, nem Anunciada, nem nenhuma outra das "mulheres que o acompanharam na sua vida doméstica, até mesmo uma francesa, esteve à sua altura"[428]. A mulher com quem Delmiro casou-se em 1883 era uma dama simples, religiosa, contida nos desejos, provavelmente estéril. Era impossível que Delmiro mantivesse longa união com ela. Porque de um lado, estavam o rosário e o lar tranqüilo de Iaiá e, do outro, o comportamento "expansivo", "alegre" e "folgazão" de Gouveia. Olympio Menezes ofereceu uma descrição nada animada de Anunciada diante de um marido famoso no Recife e aplaudido pela alta sociedade: "apesar do esforço que ele fazia para associá-la a esses sucessos, ela preferia o sossego do lar. Acompanhava-o coberta de jóias e vestida pelos mais elegantes figurinos e costureiras francesas, mas indiferente àqueles êxitos"[429]. Os demais biógrafos acompanharam a leitura de Menezes.

Magalhães Martins escreveu sobre as possíveis dificuldades de Iaiá em acompanhar Delmiro. Enquanto o marido foi descrito como vaidoso e apreciador do mundanismo,

426 Georges Duby apresenta observações pertinentes sobre a imagem fugidia que as fêmeas têm na biografia de Guilherme Marechal. Pouco ou nenhum destaque é conferido às mulheres. No caso das biografias de Delmiro, a contradição está em "defender" o protagonista de uma leitura "feminista" ou "parcial" da sua relação com as amantes e mulheres. Cf. DUBY. **Op.Cit.** p.81; 56
427 SOUSA. **Op.Cit.** p.9-10
428 MENEZES, O. **Op. Cit.**p. 67
429 Ibidem.p. 36-37

homem que chegou a ditar moda com os tais "colarinhos Delmiro Gouveia", a mulher foi apresentada como de natureza discreta: "Iaiá não se sentia bem no convívio da alta roda. Não gostava dos adornos e afetação da moda, das jóias, luvas, chapéus, vestidos, rodados e incômodos espartilhos". Os adjetivos destinados a definir o seu temperamento são "paciente", "mansa", "resignada". "santa". Segundo o mesmo autor, "D.Iaiá esforçava-se ao máximo para acompanhar o marido na roda-viva do mundanismo. Para adaptar-se, fez de tudo. Procurou adquirir boas maneiras. Tinha jóias finas, guarda-roupa rico e variado"[430]. Porém, Iaiá falha não apenas por estar em descompasso com o marido. Problema maior é não ser fértil: "Não somente pela diferença de gênio, mas, sobretudo, pela ausência de filhos – o que possivelmente o teria tornado preso ao lar – começaram os desentendimentos"[431]. Os biógrafos concordam que Iaiá era ciumenta. Mas, ao mesmo tempo, incapaz de expressar seu amor por Delmiro. Incapaz de lutar por ele.

A briga que afastou o casal é descrita como um momento de fúria de Delmiro. Ao saber que Iaiá não atenderia aos seus desígnios em participar de um evento em homenagem a uma das suas amantes, Delmiro ficou incontrolável. Ele teria quebrado móveis, destruído pratos, copos de cristal, posto abaixo cortinas. Ao contrário do marido, Anunciada assistiu imóvel à explosão. Olympio Menezes escreveu que "Júpiter enfurecido, do alto do seu trono, não despejaria com tanta violência, no ímpeto, os raios de sua ira"[432]. Apesar disto, Iaiá, que ouvira Delmiro acusá-la de inútil, uma inútil que nem filhos dera ao marido, permaneceu em silêncio.

Quem era mesmo Anunciada? Uma mulher meio "biruta", conforme os biógrafos. Desatinada a ponto de não visitar o próprio marido na cadeia, quando ele esteve preso por conta dos problemas com o Derby. E não foi por falta de aviso, já que a prisão do comerciante foi noticiada pela imprensa local do Recife. Uma pessoa próxima também teria aconselhado a visita, mas, segundo Tadeu Rocha, "ela (...) não deu ouvidos ao conselho"[433]. A separação teria se dado por conta do temperamento "aristocrático" de Anunciada frente ao marido "democrático" que possuía. Para os biógrafos, contudo, o principal contribuinte para o fim do casamento foi a esterilidade de Iaiá. O Padre Machado de Sousa não se limita

430 MARTINS. **Op.Cit.**p. 38-39
431 Ibidem.p.39
432 MENEZES. **Op. Cit.**p. 37
433 ROCHA, T.**Op.Cit.**p.70

a defender o negociante. Ataca a esposa: "Delmiro Gouveia nunca tivera filho de d.Anunciada durante 17 anos de convivência conjugal. Isto para o instinto de conservação da espécie é de morte para o homem". Após recorrer à narrativa sobre Abraão e Sara, "esposa legítima estéril", Machado de Assis e seu *D.Casmurro*, o sacerdote biógrafo questiona o seu leitor: "ponderem os que me lêem a situação de Delmiro Gouveia (...) se a atitude dele ter filho de outra mulher não merece atenuação, apesar de pôr a salvo o amor à justiça e o respeito à vida conjugal?"[434]. A acusação não pára. "ela não foi virtuosa, não teve a virtuosidade que se espera de uma esposa, para com o marido no caso de infidelidade dele. Ela apurou tanto a virtude da justiça que anulou a da caridade", escreve Sousa. Afinal de contas, "o homem não pode viver sem pecar"[435]. O estudioso recorreu até ao Dr. Fritz Kahn e ao livro *A Nossa Vida Sexual* (1940). Após a consulta, o diagnóstico fulminante: "sem desconhecer seu direito conjugal violado, a achei por demais rigorosa. Em síntese, ela era uma mulher doente"[436].

A primeira edição de Tadeu Rocha não possuía dois capítulos, posteriormente adicionados na versão de 1970. Um deles era *D. Juan na chaminé*. Ali, o autor escreveu que a jovem, bela e virtuosa esposa de Gouveia, "sem dar-lhe descendentes refugiava-se no ciúme e cada vez se retraía". Outro estudioso, Magalhães Martins, numa alusão à Pesqueira, terra natal de Iaiá, no agreste pernambucano, região conhecida por sua goiabada, chama a mulher de "goiaba cheirosa, de polpa clara e apetecida, mas sem sementes". O veredicto sobre a primeira esposa de Delmiro é cruel: "e porque não tinha semente germinadora, caiu e feneceu, inútil e abandonada" [437]. A segunda mulher não teve melhor sorte.

Carmela (ou Carmélia) Eulina Amaral Gusmão tem deformidades já na ascendência. Embora descrita como moça "bem proporcionada, de cabelos ruivos e olhos verdes", Eulina apresentava o problema de ser filha de uma relação ilegítima da sua mãe, Ana Amaral Gusmão (Doninha de Sigismundo), com o governador de Pernambuco e grande inimigo de Gouveia, Sigismundo Gonçalves (1845-1915), jornalista e magistrado que governou Pernambuco (1904-1908). É para "Doninha" que Magalhães Martins endereça a culpa pela

434 SOUSA. **Op.Cit.**p. 89
435 Ibidem p.78
436 Ibidem.p. 87-88
437 ROCHA, T.**Op.Cit.**p.- MARTINS. **Op.Cit.**p.40

ausência de bons costumes maternos na moça. A senhora Gusmão "nasceu com essa triste sina de ser 'esposa das multidões' e de se comprazer com os homens nas solicitações de sexo". Para os biógrafos, parece ser certa a venda de Carmela para Delmiro. Mais um motivo para reprovar a mãe da garota que, na época, não passava de 15 anos[438].

Eulina teve três filhos de Delmiro: Noêmia (1904), Noé (1905) e Maria Augusta (1907). Todavia, à exceção da sua beleza, há poucos elogios. O negociante cearense, conforme seus biógrafos, voltou a dar azar no campo sentimental. "Apesar de sua beleza e de sua mocidade, a companheira de Delmiro não se cuidava, nem cuidava devidamente das crianças". Novas diferenças entre o ritmo de Gouveia e a companheira por ele escolhida. Vivendo na Pedra, Eulina tinha uma existência "insípida", escreveu Magalhães Martins. Era mulher queixosa e ciumenta. Delmiro não teria dado importância à decisão da moça de retornar para o Recife. Conforme o Padre Sousa, "é certo que a sua segunda companheira o abandonou porque ele vivia fora do lar, ora viajando, ora fora da casa"[439]. Os artífices da memória do cearense explicam que isto ocorreu no momento certo: "Delmiro encarou a realidade e logo percebeu que Eulina não se conformaria em permanecer no sertão, estava de cabeça mudada – a dele cheia de planos". Para Olympio Menezes, não havia dúvidas de que "nenhuma daquelas mulheres o compreendeu" [440].

Assim, o que se ouve é um quase silêncio sobre as mulheres. Nas biografias, elas pouco contribuem. Uma delas aparece rapidamente numa menção ao fato de que, separado de Eulina, o cearense necessitava de uma fêmea "para suas relações de sexo". Nada mais. O que sabemos sobre estas mulheres, "geralmente trazidas do Recife"? Não muito. O reino das narrativas sobre Delmiro Gouveia, não bastasse ser carente da escrita feminina, ainda conviveu com apreciações pouco atentas ao papel das mulheres na vida do cearense[441].

438 Conforme Magalhães Martins, "Eulina repetia sempre: - 'Eu fui vendida a Delmiro', ou: - 'Delmiro me comprou à minha mãe!'". MARTINS, F. Magalhães. **Delmiro Gouveia: pioneiro e nacionalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.p.54
439 SOUSA. **Op.Cit**.p. 19
440 ROCHA, T.**Op.Cit**.p.125; MARTINS. **Op.Cit**.p.51-52; MENEZES. **Op. Cit.**p. 71
441 MARTINS. **Op.Cit**.p.124

3.7. ENTRE DUAS CIDADES: RECIFE E PEDRA

Litoral versus Sertão. Esta intriga discreta, quase silenciosa, ecoa nas biografias de Delmiro. Em Recife, ele manteve contato com as benesses da modernização, sendo ele próprio um modernizador de hábitos e costumes. Neste aspecto, os "colarinhos Delmiro Gouveia", o Derby, as festas na Vila Anunciada, servem como prova incontestável aos biógrafos. Por outro lado, Pedra é o destino final da personagem. Ali, ele deveria cumprir uma importante missão para o desenvolvimento regional. Décadas depois, duas leituras deste trajeto foram elaboradas. A primeira, produzida principalmente por intelectuais próximos ao IJNPS, ressaltou a "pernambucanidade" de Gouveia. A segunda, pertencente aos escritores cearenses e alagoanos, esforça-se para salientar as origens da personagem e a vida em Alagoas como ápice de suas aventuras. Tadeu Rocha situou Delmiro como um inspirador para a redenção de uma região "paradoxal". Nela, segundo o autor, "coexistem a sofisticada civilização das grandes capitais e a civilização telúrica da região sertaneja"[442].

O Recife é a cidade de Delmiro. Pelo menos, para alguns dos seus biógrafos. É a *urbs* movimentada, é a vida moderna. E qual a importância da cidade para o biografado? Ora, ali ele se moldou. Aliás, Olympio Menezes teve o cuidado de eclipsar a sua origem e naturalizá-lo como pernambucano: "Com defeitos e virtudes do pernambucano, ele deve ser considerado no sentido sociológico, filho do Recife, a cidade dos seus sonhos, para a qual traçou planos de embelezamento"[443]. De certa maneira, disseram os biógrafos, Recife preparou o cearense para o seu mais alto vôo: "Em Maurícia, aprendeu a resistir, com o exemplo dos nossos maiores, aos abusos do poder, à tirania", observou Menezes[444]. Para este autor, inclusive, foi a possível ligação de Gouveia com pessoas como Joaquim Nabuco[445] (1849-1910) e suas idéias que levaram à perseguição e fuga de Delmiro. Mas justamente o fato de ser obrigado a fugir realça o pertencimento do negociante à capital pernambucana. O sertão foi uma imposição das circunstâncias.

442 ROCHA, T.**Op.Cit.**p.11-12
443 MENEZES, O. **Op. Cit.** p.28
444 Ibidem.p. 28
445 Sobre as relações de Gouveia com Nabuco, o único documento que encontrei foi um telegrama enviado por Gouveia da Europa.Datado de 13 de maio de 1901, enviado de Gênova, o telegrama cumprimenta Nabuco pela data. Todavia, nem nos biógrafos, nem em outras publicações encontrei maiores menções ao fato. Cf. GOUVEIA, Delmiro. Genova 13 de maio de 1901. FUNDAJ - CP P75 DOC 1616

Mauro Mota sentenciou sobre a saída de Gouveia rumo ao litoral, afirmando que ele fora vítima das "táticas de empresa privada" e do governo local "a serviço da vingança nutrida pela ambição, pelas oligarquias, pelos resíduos do patriarcado rural". Por sua vez, Araripe descreve a saída como um mal necessário: "melhor assim, porém. O destino reservara a Delmiro uma missão mais portentosa no interior de Alagoas". Mota foi mais contido. Vê na migração do biografado a continuidade de um trabalho iniciado em Pernambuco. Afinal de contas, escreveu um tanto desajeitado,"Alagoas também é Nordeste"[446].

Na Pedra, Delmiro respondeu ao apelo de uma população iletrada e descrente nos governos. Ao descrever a chegada do exportador à Pedra, Lima Júnior parece recitar um trecho do Gênese (1:3): "antes de Delmiro era deserto, ou, se quiserem, quase o deserto, toda a longínqua região, que constitui presentemente o município que tem o seu nome"[447]. A formação de um centro urbano no sertão é interpretada como a realização dos desejos de um só homem. A população assiste a tudo passivamente.

Com Delmiro, a pequena vila se transformou em objeto de espanto para os intelectuais: "em 1914, Pedra tem a melhor luz elétrica do Brasil", escreveu Mauro Mota. Ora, a "cidade de Delmiro" é permeada pelos signos da modernidade: telefone, telégrafo, sorveteria, água filtrada e encanada, automóveis, cinema. Porém, com uma "vantagem" frente a cidades como Recife. Não possuía "ladrões, vigaristas, desordeiros nem prostitutas"[448]. Pedra foi concebida assim como o sertão redimido. Espaço da barbárie retomado à civilização por um só homem. A sua morte a balas, segundo os biógrafos, representou não uma, mas duas tragédias que intervieram negativamente nos destinos do Nordeste.

3.8. A PRIMEIRA TRAGÉDIA: A MORTE DO HOMEM

Nas biografias, a morte de Gouveia é representada em dois momentos. O primeiro é o assassinato, narrado por seus biógrafos como ápice de uma vida de aventuras. O segundo é a morte dos projetos da personagem. Para os biógrafos, a interrupção da sua ação

446 ARARIPE.**Op.Cit**.p. 49; MOTA.**Op.Cit.**p.16-17
447 LIMA JÚNIOR, Félix. **Op.Cit.**p.109
448 MOTA. **Op.Cit.** p.21

modernizadora no Nordeste e principalmente no sertão é motivo de lamentos: "caso não fosse Delmiro assassinado, tão cedo, a região de Paulo Afonso seria hoje uma potência industrial"[449]. Os rastros deste argumento levam à seguinte conclusão: como um autêntico herói, Delmiro encontra a morte de maneira trágica. Possivelmente outra diretriz nas biografias de Gouveia é este seu aspecto funesto.

É a tragédia que justifica os feitos da personagem. Como Édipo[450], desde o berço, ele carregou consigo as marcas sinistras: "Delmiro não viu a prossecução de sua obra. Morreria como seu pai e seu avô: assassinado", escreveu Olympio Menezes[451]. Seu surgimento foi visto como sinal de nova tragédia, mas também de novos feitos. O autor apresentou o personagem como um "jovem inteligente, mas quase analfabeto; insinuante, de coragem e audácia invulgares; de uma afoiteza junta ao máximo de altivez; sem nome e sem dinheiro, sem apoio material ou moral". O enredo apresentado pelo biógrafo para a narrativa de alguém "sem complexos, apegado à vida, para vivê-la a seu modo" se encerra com a morte do herói "depois da luta intensa e áspera". Delmiro encontrou, conforme o autor, "duas senhoras de maus hábitos e costumes, mas de braços dados, para liquidá-lo"[452]. As "senhoras" em questão eram a política e a inveja, às quais o autor creditou a fuga de Gouveia para Alagoas.

Foi ainda Olympio Menezes quem classificou a morte violenta do seu biografado como um aspecto adequado a uma personagem grandiosa. Ao biografado, a morte adequada seria por assassinato ou "um grande desastre; nunca em cima de uma cama (...) de tuberculose pulmonar, de câncer (...) ou de qualquer doença crônica. Neste particular o destino fez-lhe justiça"[453]. A morte de Gouveia é, assim, o auge de uma saga. Este fim trágico determinou parte da força do mito erguido após ela. A interrupção dos projetos de Delmiro motivou uma série de especulações retomadas pelos biógrafos. De acordo com Hildebrando Menezes, o negociante preparava grandes projetos para o sertão. Mas, "foi quando iniciava a sua execução que a fatalidade privou Alagoas e o Brasil de um opulento

449 MARTINS. **Op.Cit.**p.190
450 ÉSQUILO, SÓFOCLES. **Rei Édipo/Antígone/Prometeu Acorrentado**. Trad. J. B. Mello e Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
451 MENEZES, O. **Op. Cit**.p. 150
452 Ibidem.p. 18
453 Ibidem p.150

parque industrial, encravado numa região que, por falta disto, continua na mesma situação de pobreza"[454].

Mauro Mota afirmou que matar Delmiro Gouveia foi uma forma de deter um "dínamo" que modificava a realidade de subdesenvolvimento regional. A "primeira tragédia", como chamou o autor, fora produzida por capangas que, "ironicamente rastejando entre as roseiras", mataram Delmiro. Todavia, nem todos os estudiosos se limitaram ao crime. Com exceção do trabalho de Mota, os demais aqui observados se ocuparam de apontar os culpados. Neste aspecto, inclusive, o livro de J.C.Alencar Araripe resulta mais consistente que o de Mota.

Obra que, em certas passagens, descamba para o nacionalismo exacerbado, o livro de Araripe apresenta uma surpreendente defesa dos ditos "assassinos" de Gouveia. Ao contrário de outros estudiosos, o biógrafo resolveu ouvir Róseo Nascimento que, juntamente com José Ignácio Pia (vulgo Jacaré) e Antônio Félix, foi acusado de atirar no cearense. A contragosto dos familiares de Gouveia, Araripe investigou outras possíveis leituras para a morte de Delmiro. O resultado não agradou a muitos biógrafos.

Em lugar de um herói morto por lutar em defesa da indústria nacional, Araripe levanta a hipótese de um assassinato alimentado pela chibatada que Delmiro teria dado, em plena cidade de Água Branca, no negociante Herculano Vilela e por um suposto estupro de Argentina Rodrigues, filha de Firmino Rodrigues – vizinho e a última pessoa a falar com Delmiro na noite do crime.

O esforço de Araripe contrasta com o desconforto do biógrafo ao resolver questionar um fato já cristalizado na trajetória do seu protagonista. Aqui, como lembrou Janet Malcolm, o biógrafo arrisca ser deixado de lado por seus leitores. Porque não é agradável quando o próprio autor põe em dúvida aquilo que narra, o herói que apresenta. O quadro que Araripe insinua, em nome de um projeto crítico, é o de um Delmiro de posturas questionáveis. Um herói de atitudes pouco honrosas. A sua tese foi refutada com veemência por biógrafos como Magalhães Martins e Tadeu Rocha. Este último, inclusive, fez questão de encontrar e entrevistar a possível "vítima" do estupro e publicar matéria afastando a possibilidade de tal fato ter motivado o assassinato. Porém, a reedição da obra de Hildebrando Menezes, em 1990, trouxe consigo um texto inédito, uma apresentação

454 MENEZES, H. **Op.Cit**.p.83

assinada por Paulo Cavalcanti e sugestivamente batizada “Delmiro Gouveia, pró e contra”[455].

O texto de Cavalcanti funciona como uma espécie de tributo à memória. Não a de Delmiro, mas a do pai do autor, João Cavalcanti. Enviado para o sertão pernambucano com a missão de fiscalizar os negócios de sonegadores, Cavalcanti, o pai, possuía a incumbência especial de policiar as “artimanhas” comerciais de Delmiro. “Tratava-se de um servidor zeloso e cumpridor de seus deveres, além de intransigente em funções públicas”, escreveu Cavalcanti, o filho, que demonstrou esta idealização da figura paterna em outro documento, escrito bem antes da introdução ao livro de Menezes.

Em 1956, os comunistas pernambucanos receberam um duro golpe. No dia 6 de janeiro, policiais invadiram o Comitê Regional do Partido (C.R), pouco depois, em 4 de maio, um novo CR provisório e doze “Comitês Distritais e de Zonas” foram atacados e fechados. O saldo destas operações animou aos responsáveis pela repressão ao comunismo em Pernambuco: “Apreendemos todo o arquivo do Partido, inclusive mais de três centenas de autobiografias e documentos da mais alta valia (...) obtivemos, com aqueles arquivos, as mais valiosas informações para investidas futuras”[456], escreveram alguns dos responsáveis pela análise do que foi capturado. Em meio às autobiografias encontradas, que certamente merecem uma análise detalhada e vagarosa, estava a de Paulo Cavalcanti, também conhecido pelos companheiros como “Santos”.

Em seu texto, Cavalcanti revela que foi membro da Ação Integralista Brasileira (AIB), trabalhou na Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca (IFOCS) e que seu pai fora funcionário público por mais de 40 anos, tendo morrido em 1950, deixando nada menos que 10 filhos. “Santos” observa que “perseguido funcionário público”, o homem que um dia teve a ousadia de multar Delmiro Gouveia, “lutou ao lado de Rosa e Silva, contra Dantas Barreto”. Cavalcanti/Santos escreve cuidadosamente. Ao relatar a postura política

455 CAVALCANTI, Paulo. Delmiro Gouveia, pró e contra. In: MENEZES, Hildebrando. **Delmiro Gouveia: Vida e Morte**. Apresent. Paulo Cavalcanti. Recife:CEPE, 1991. (Fac-sím. Rio de Janeiro: Ed. Quipapá, 1966).p.I-VIII.

456 Sabe-se que no “Aparelho” localizado na avenida 17 de agosto, n. 428, em Casa Forte, funcionava não só o C.R, mas também uma Escola de Capacitação Política. Ali, foram apreendidas “arquivos, biblioteca, farto material de propaganda, farmácia, mais de três centenas de autobiografias, uma viatura, máquinas de escrever, mimeógrafo, móveis, petardos de granadas etc.”. LIMA, Álvaro Gonçalves da Costa, LIMA, Francisco de Assis, SAMICO, Armando Hermes R. **Aspectos da atividade do comunismo em Pernambuco**. Recife: Secretaria da Segurança Pública/Delegacia Auxiliar, 1958.p.26

do velho coletor de impostos, o jovem comunista ressaltou que ele "ficou indiferente ao movimento armado de 1930, dadas as suas relações de amizade com alguns chefes políticos da situação". Evitando ser relacionado a uma postura conservadora, "Santos" esclarece que o pai "não procurava influir nem conter as inclinações políticas dos filhos"[457].

Décadas depois, a estratégia de livrar o pai de possíveis deméritos reaparece. No "pró e contra" de Paulo Cavalcanti, o que se lê é uma descrição de práticas de contrabando utilizadas por aquele que será biografado. "Célebre contrabandista", sim, mas ainda contrabandista. Em seu texto, Cavalcanti executou uma vingança tardia sobre Gouveia, a quem afirmou admirar (tanto que fez questão de escrever a apresentação da biografia a ser reeditada). Vingança contra aquele que, surpreendido em atos ilegais, ferindo as finanças públicas, viu-se processado através do empenho de um funcionário da Fazenda de Pernambuco que não só instaurou inquérito, bem como desqualificou os argumentos do recurso feito pelo cearense. Após a ascensão de Dantas Barreto, aliado de Delmiro, este último obteve o castigo que esperava para o fiscal intruso: "O coletor Cavalcanti, depois de removido de Floresta, é sumariamente demitido do seu cargo, apesar de 10 anos de serviço público". O Delmiro Gouveia que aparece nesta narrativa, enxertada em uma obra comemorativa, não é digno de elogios. Distante décadas das palavras de Araripe, a "apresentação" de Paulo Cavalcanti, em lugar de um herói, nos dá um contrabandista, um cidadão de negócios escusos. Magoado, seu relato é fruto da memória de alguém que nasceu "com pai desempregado por haver envolvido Delmiro num contrabando de peles"[458].

Todavia, o texto de Cavalcanti serve como um aviso aos biógrafos. O que se narra é a vida de um homem. Alguém falho, portanto. Cavalcanti não retirou os méritos que acredita existirem em Gouveia. Como comunista, via na morte do cearense a perseguição do *trust* internacional aos empreendimentos nacionais. Ele não se distanciou das interpretações feitas anos antes por Octávio Brandão. Todavia, isto não apagou dele a imagem do pai lamentando o ocorrido. Delmiro, possivelmente, foi o vilão da vida de Paulo Cavalcanti. A sua tentativa de desforra consistiu em, no momento oportuno, remexer na memória de Gouveia e torná-lo mais humano, transformar um mito em um contrabandista.

457 Ibidem. p.139
458 CAVALCANTI, Paulo. Delmiro Gouveia, pró e contra. In: MENEZES, Hildebrando. **Delmiro Gouveia: Vida e Morte**. Recife: CEPE, 1991. (Fac-sím. Rio de Janeiro: Ed. Quipapá, 1966).p.VII-VIII.

Porém, mesmo aqueles que se esforçaram para desconstruir a imagem idealizada de Delmiro Gouveia se renderam aos efeitos dos seus projetos, seja para o Recife, seja para a Pedra. Morte maior, para os biógrafos, tragédia de maior impacto, parece ser a dos projetos de Gouveia. A segunda tragédia, portanto, diz respeito à destruição dos planos de industrialização para o sertão, ao fim de uma era vista como áurea para certa parte do Nordeste. Narrando o término desta experiência, os biógrafos contribuem para a interpretação de que as condições de miséria e violência experimentadas por estados como Alagoas e Pernambuco resultaram, em muito, da morte de Gouveia. Se não houvessem matado o pioneiro, nada disto teria ocorrido, argumentaram os vendedores do passado de Gouveia.

3.8.1 A SEGUNDA TRAGÉDIA: A MORTE DOS PROJETOS

"As balas que atingiram o seu vigoroso corpo também alcançaram o próprio coração do Nordeste, onde Delmiro Augusto da Cruz Gouveia fizera brotar no meio das caatingas, em terras semi-áridas, a nova civilização industrial"[459]. Tadeu Rocha urdiu em seus escritos análises que beiravam profecias. Para ele, a morte de Gouveia representa o fim de uma era, a interrupção de um processo de melhorias para o sertão. Para o biógrafo, a região, ao deixar matarem o mártir, atrai para si o "atraso" como castigo. Ele escreveu: "A triste realidade é que as balas homicidas (...) contra Delmiro Gouveia, não interromperam apenas o curso da existência de um extraordinário pioneiro. Também retardaram, por quarenta anos, a marcha do progresso em terras do Nordeste". O mesmo autor afirmou ainda: "Ao som do toque de finados do ano de 1929, no centro industrial de Pasley, ficou selado o destino da nossa indústria de linhas (...) A pena de morte, decretada num Dia de Finados, contra a *linha da Pedra* fora finalmente executada"[460].(grifos meus). Mas, a idéia de um impacto negativo para o sertão nordestino com a morte de Gouveia não foi exclusividade de Tadeu Rocha.

J.Alencar Araripe criticou Gilberto Freyre por seu silêncio diante dos ataques ingleses aos interesses do Brasil. A destruição de parte do maquinário da Fábrica da Pedra,

459 ROCHA, T.**Op.Cit**.p.16
460Ibidem. p.153 e 168

o despejo das peças no leito do São Francisco possuiria um único objetivo, segundo aquele biógrafo. Era uma espécie de desejo, um capricho alimentado por "destruir pela raiz um empreendimento brasileiro, que tivera o topete de enfrentar um truste internacional até mesmo em terras estrangeiras". Ora, conforme Araripe, o *mestre de Apipucos* não mencionou em seu *Ingleses no Brasil* aquilo que o biógrafo classificou como "ato vandálico que conspurcou a memória de um patriota autêntico e feriu os brios nacionais"[461].

A morte de Gouveia foi, assim, descrita como uma catástrofe para o Nordeste. Um dos entraves para o seu desenvolvimento. Apontando os coronéis José Rodrigues e José Gomes como mandantes do assassinato de Delmiro, Tadeu Rocha escreveu que "o mal que esses dois parentes fizeram ao Nordeste, mandando eliminar o pioneiro de Paulo Afonso, ligou-se para sempre a um momento trágico de sua evolução social" [462]. Por outro lado, a venda da Fábrica para o capital estrangeiro suscitou as hipóteses mais diversas. As narrativas alimentavam desconfiança. O nacionalismo econômico, personificado em Delmiro, não encontra um êmulo entre os novos administradores da Cia Agro-Fabril Mercantil. O primeiro alvo de alguns biógrafos foi Iona, o sócio italiano de Gouveia.

Lionelo Iona entrou em algumas narrativas como um elemento suspeito. Um dos mais desconfiados pareceu ser Magalhães Martins, que afirmou estar o italiano riquíssimo ao se desligar da Fábrica da Pedra, em 1925. O biógrafo informa que o ex-sócio de Gouveia, aquele que imediatamente assumiu a direção da Companhia após a morte do cearense, "tinha todas as suas grandes e suspeitíssimas economias depositadas num banco estrangeiro, no montante de 13 mil contos de réis". Após ser afastado pelos herdeiros de Gouveia, Iona voltou para a Europa: "o judeu triestino foi-se então embora para o exterior, já viúvo e sem filhos, com uma fortuna (...) cuja origem esconde talvez um mistério..."[463]. O mesmo autor descreve Iona ainda como alguém de "ar tímido, mesquinho, usurário, vivia ali com o rabo entre as pernas, sem ter o que fazer e nada que mandar". Conforme Martins, à certa altura Delmiro teria passado a desconfiar de Iona. Os motivos da tal desconfiança não são esclarecidos. O que se sabe é que o italiano possuiria "espírito meticuloso e tímido". Após citar uma passagem do romance *Fábrica da Pedra*, de Pedro Mota Lima, em que os dois velhos amigos, após uma discussão, se abraçam em sinal de fraternidade,

461 ARARIPE.**Op.Cit**.p. 106
462 ROCHA, T. **Op.Cit**.p. 152
463 MARTINS. **Op.Cit**.p. 133

Magalhães Martins declara a sua pouca confiança em Iona: "O pioneiro não percebeu (...) que bem poderia ser uma abraço de tamanduá aquele que lhe deu o judeu triestino, astuto, ganancioso e que iria mais tarde ocupar-lhe a vaga, tendo atuação suspeitíssima"[464]. Aparentemente, Martins não considerou problemáticas as modulações possíveis entre um texto ficcional, a sua biografia e a grave acusação que realizou.

Entretanto, a concepção de Iona como um traidor talvez não resista a um exame mais detalhado. Biógrafos como Hildebrando Menezes evitaram tal polêmica. Em lugar de caracterizar o administrador veneziano como "ganancioso", o autor se limitou a destacar a habilidade do europeu na condução dos negócios. Porém, enquanto afirmou que Delmiro não conhecia limites para a obtenção dos seus intentos, Menezes informou que Iona era diferente: "muito tímido, preferia os lucros modestos, mas sem riscos, os mais avantajados, em que fosse necessário jogar confiando na sorte". Outros estudiosos se afastaram de Iona. Tadeu Rocha apontou avanços na Companhia mesmo após a morte de Gouveia, atribuindo a isto a permanência da equipe que trabalhava com o cearense. Equipe liderada por Iona: "não faltavam ao novo orientador da empresa experiência industrial e capacidade administrativa". A construção da capela de Nossa Senhora do Rosário, a continuação dos trabalhos na Furna dos Morcegos e a fundação do *Correio da Pedra*, periódico lançado em outubro de 1918, ocorrem sob a direção do antigo parceiro comercial de Delmiro.

Além disto, é difícil aceitar a idéia de uma desconfiança de Delmiro em relação ao sócio. Até antes da sua morte, Iona assina nas Assembléias da Companhia. Por ele e por Delmiro[465]. Durante anos, o italiano acompanhou Delmiro em suas empreitadas. Era o sobrenome dele, não o de Gouveia, que aparecia na constituição da IONA & Cia. Ao fazer seu testamento, em maio de 1917, Delmiro nomeou três testamenteiros. Um deles foi Iona[466]. O mesmo homem que seguiu sócio de Delmiro após este passar meses fora do país e deixar seus negócios naufragarem. Em lugar de culpar Lionelo, biógrafos do porte de Hildebrando Menezes (que dirigiu o *Correio da Pedra* até 1930) e Tadeu Rocha preferem atribuir a outros fatores, sendo um deles a saída forçada do italiano da direção da fábrica, as

464 MARTINS. Ibidem.p. 200 e 196

465 O livro de atas da Companhia pode ser encontrado na exposição permanente do Museu Delmiro Gouveia, em Alagoas.

466 Gouveia determinou o seguinte: "Nomeio meus testamenteiros os meus sócios, Lionello Iona e Guido Ferrário e o meu sobrinho Oswaldo de Gouveia Carvalho, os quais deverão agir conjuntamente; e se algum houver falecido antes de mim, agirão os outros dois". Cf. ARARIPE.**Op.Cit.**p.76

razões para a decadência do núcleo industrial[467]. Porém, todos concordaram que a memória de Delmiro, seus projetos, representados pela Fábrica da Pedra, sofreram ferrenha perseguição. Como Prometeu, o negociante cearense foi punido por levar aos homens sertanejos algo que lhes parecia proibido. Como a personagem grega, o industrial foi severamente castigado.

Esta construção de Delmiro como uma espécie de "Prometeu sertanejo" é recorrente no trabalho de Mauro Mota que, ao contrário de Assis Chateaubriand, não afasta Delmiro de outras figuras míticas do Nordeste. Pelo contrário. Mota usa ícones regionais para ressaltar a singularidade do seu biografado. Daí, a sua concordância com o dito popular de que no sertão não se forma quadra para versos sobre heróis. Três seriam suficientes: "Lampião, na valentia, Padre Cícero na oração e Delmiro no trabalho". Conclui o pesquisador pernambucano: "a síntese é maravilhosa. Através dela está expresso todo o inconsciente coletivo de um povo, de uma região. Delmiro Gouveia é cultuado como uma espécie de "Santo das máquinas", de "profeta das realizações positivas"[468]. Mas é interessante observar que o próprio Mota compartilhou do tal "inconsciente coletivo" sobre o qual narra. Em certa passagem de *Quem foi Delmiro Gouveia?,* ele descreveu o personagem cearense como um mago: "no comando das baterias dos motores da fiação, há uma espécie de mágico que transfigura as coisas, que converte bode e algodão em força elétrica e nos pilares do seu gênio e do seu edifício industrial"[469]. Nesta inspiração hagiográfica, Mauro Mota foi além, ao comparar Delmiro com alguns santos: "como São Francisco de Assis falava aos pássaros e Santo Antônio aos peixes, ele fala aos bichos que haviam transportado, nas pranchas com rodas, os equipamentos da primeira usina hidrelétrica". Complementou a leitura hagiográfica da seguinte forma: "Compõe uma cena patética quando grita aos bois e burros: ´Estão todos aposentados. São também meus operários e meus irmãos!´ E manda soltá-los para comer e dormir durante o resto da vida"[470]. Ao comentar a passagem de Mota, o Padre Machado de Sousa não escondeu a

467 Cf. ROCHA, Tadeu. **Op.Cit.** p.163-168; MENEZES, H. **Op.Cit**.
468 MOTA, Mauro. **Quem foi Delmiro Gouveia?** São Paulo: Edições Arquimedes, 1967. (coleção Para Todos, 2). p. 55
469 Ibidem. p.20
470 MOTA, Mauro. A "Estrela" de Pedra: Delmiro Gouveia, civilizador de terras, águas e gentes. **Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**. Recife, n. 9, 1960, p. 67.

satisfação e escreveu: “como estas palavras nos comovem o coração? Como nos tocam à sensibilidade!”[471]. Mas, neste aspecto, nem todos concordam com Mota.

Nomes como Olympio Menezes procuraram manter o biografado longe de representações ligadas ao “atraso” nordestino. Assim, em lugar de uma “síntese maravilhosa”, Menezes ressalta diferenças fundamentais entre Padre Cícero, Lampião e Gouveia. Afirmando a confiança do *Rei das Peles* na capacidade do sertanejo nordestino e nos empreendimentos que conduzia, o biógrafo lembrou aos seus leitores que Delmiro não era o “fanático de Canudos ou de Juazeiro. Nem o de Padre Cícero, nem o de Antônio Conselheiro. Qualquer deles, porém, capaz de ser transformado, envolvido pela civilização e tornado elemento útil” [472].

Enquanto descreveu Delmiro Gouveia como um “segundo Colombo” e um “Salomão em miniatura”, comparando-o ainda ao Rei Davi, classificando seu biografado como aquele que estabeleceu uma República nos moldes definidos por Platão, o Padre Machado de Sousa definiu Antônio Conselheiro como “beato delirante” e “déspota” ao mesmo tempo[473]. Padre Cícero também não se poderia igualar ao negociante cearense. Conforme Sousa, aquele clérigo “apesar de não fundar nem organizar comunidade, todavia, com seu espírito beato, criara o fanatismo no povo, e nada mais lhe faltou na vida que levou em receber esmolas e a dar esmolas”[474].

Magalhães Martins usa estratégia semelhante. Na perspectiva do biógrafo cearense, Delmiro é o oposto de tudo que simbolizaram Pe.Cícero, Lampião e Conselheiro. Estes homens representavam a anormalidade que acometia os “homens válidos” dos sertões. Problema que trazia consigo anarquia, violência, rebeldia. Por sua vez, Gouveia exemplificava uma outra via para o Sertão. Martins afirmou que “entre Canudos do Conselheiro e Juazeiro do Pe.Cícero surgiu uma nova força, diferente... Estava escrito que entre os dois cearenses – o beato e o sacerdote – apareceria por coincidência o terceiro”, o coronel Delmiro Gouveia[475]. Mas o título de “coronel” é apresentado com certo cuidado. Delmiro não poderia ser atrelado ao atraso, à política, à violência e ao mandonismo que,

471 SOUSA. **Op.Cit.**p.37
472 MENEZES, O. **Op. Cit.**p.153
473 Machado de Sousa escreveu: “eu digo que a República de Platão, República ideal, se realizara com Delmiro Gouveia”.SOUSA.**Op.Cit.**p.114
474 SOUSA.**Op.Cit.**p.34
475 MARTINS. **Op.Cit.**p.155

para o autor, a figura do coronel representava. Ao contrário de outros, "aquele coronel veio dar trabalho e pão, sem mandar matar ninguém". A influência das palavras de Mário de Andrade é perceptível aqui. Ao mesmo tempo, nas palavras de Machado de Sousa, o biografado era um "coronel sem letras e sem diploma de espécie alguma". Era alguém que abria escolas e estradas na caatinga. Com seu carro, define o autor, espantava cangaceiros, jagunços, beatos e párias[476].

Automóveis contra jagunços, beatos e cangaceiros. O que isto nos diz? Afirmações deste tipo sinalizam sobre os debates em torno dos rumos ideais para o sertão. A modernização e seus ícones seriam os principais responsáveis pela redenção do Nordeste. Algo que passaria inexoravelmente pela inserção regional em um ambiente industrializado. Contudo, esta tese encontrou opositores que afirmaram a possibilidade das "velhas" práticas conviverem juntos às novas. Lampião usando caminhões serve como exemplo disto. A existência, na própria vila da Pedra, da famosa baraúna em que Delmiro volta e meia mandava amarrar um trabalhador rebelde ou mesmo um estranho deselegante e desavisado, é outra demonstração de que a presença dos ícones modernizadores não afastou do sertão nordestino certas práticas julgadas pelos biógrafos como atrasadas[477]. Ao analisar estas contradições que os biógrafos tentaram apagar, Telma de Barros Correia desmonta a imagem da Pedra como lugar de harmonia e modernizado:

> Em Pedra, no entanto, tais equipamentos não correspondiam a suas formas e funções usuais: no cassino, não havia jogos, apenas bailes, cinema e aulas, e o espaço denominado praça era, na realidade, um grande pátio descampado, ocupado por algumas poucas árvores e pela plataforma de cimento utilizada para patinação. Essa imensa área estava muito longe

476 Ibidem.p. 155; SOUSA. **Op.Cit.**p. 6

477 Rui Facó afirmou que "ainda hoje muitos acreditam que foram simplesmente as estradas, o caminhão, que acabaram com o cangaço. Esquecem que (...) que Lampião viajou com seu bando em caminhões e ocupou cidades servidas pelo telégrafo". Durval de Albuquerque Jr observou: "No início da década de quarenta, é anunciado com estardalhaço o fim do cangaço. Corisco seria o símbolo de sua derrota. A explicação para o fim deste fenômeno quase sempre se prende ao maior poder de polícia presente na região, além de mudanças nas relações de produção. Na verdade, mais do que isso, o Estado Novo pôs a funcionar toda uma maquinaria de esquecimento do cangaço. A grande imprensa é intimada a silenciar sobre os seus feitos; a gritar, em grandes manchetes, o seu fim". FACÓ, R. **Cangaceiros e Fanáticos**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ed.Bertrand Brasil, 1991.p.4.; ABUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. Territórios da revolta. In: **A Invenção do Nordeste e outras artes.** Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999. p.204.

> da imagem que se faz de uma praça – espaço que se abre na malha urbana[478].

Mas as observações de Correia somente vieram nos anos 90. Quando o mito ganhou espaços institucionais, entre os anos 50 e 60, a interpretação de Pedra como uma "ilha de civilização" criada por Delmiro diante dos sertões bárbaros foi predominante. Talhado como modernizador, civilizador e "gênio industrial" Gouveia, em textos de diversos intelectuais, foi exemplo de uma práxis extirpada por ser incômoda ao "projeto" de atraso (ora atribuído aos concorrentes ingleses, ora tributado às oligarquias locais). Magalhães Martins argumentou que Delmiro, um "fazedor de oásis", pode ter sido morto por conta da sua inquietude em produzir idéias grandiosas[479]. Eis aí outra marca nas biografias: a antecipação de Gouveia.

3.8.3 A ANTECIPAÇÃO DE GOUVEIA, O PRECURSOR DA CHESF

"Delmiro deu água, luz, boas estradas e conforto ao sertão, enquanto se sucediam presidentes da República e Ministérios"[480]. É assim que Magalhães Martins demarca o biografado: alguém à frente do seu tempo. O precursor da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. Solitário empreendedor que venceu a barbárie do Sertão. Esta representação do *Rei das Peles* como um antecipador caminha juntamente com o ideal de modernização do Nordeste manifestado por muitos intelectuais. Os biógrafos de Delmiro não ficaram ausentes deste debate. Para Olympio Menezes, por exemplo, o cearense "realizou em ponto pequeno o que a CHESF, com os mais modernos maquinismos pode conseguir levar ao fim, maravilhando a quem visita Paulo Afonso e que foi plano de Delmiro"[481]. Nas diferentes biografias, constantemente se encontram passagens relacionando-o a um "passado" da CHESF.

A inserção de Gouveia como um modernizador de homens fluiu vigorosa em meio outras imagens possíveis. Mauro Mota anunciou o cearense como alguém que "ocupação e

478CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: plano e cotidiano operário no sertão**. Campinas, SP: Papirus, 1998.p.221-223
479 MARTINS. **Op.Cit.**p. 191
480 LIMA JÚNIOR. **Op.Cit.**p. 161
481 MENEZES, O. **Op. Cit.**p. 137

dignidade de viver a milhares de pessoas. Liberta famílias inteiras da desolação dos carrascais e dispõe-se a libertar tantos da lama e da indulgência urbana". Traz consigo a compaixão, pois "tira o couro das cabras, mas respeita o da pessoa humana"[482].

Tadeu Rocha, ao descrever as mudanças na vida dos sertanejos empregados por Gouveia, concluiu que "o uso do sabão e do pente mudou por completo o aspecto da população da Pedra, que usava roupas sempre limpas e exibia cabelos bem penteados"[483]. Mas, como interpretar esta tessitura de Gouveia enquanto mártir "modernizador" e "pioneiro"? Como entender a construção do "civilizador do sertão"? O que explica esta retomada de Gouveia? Por quais motivos ele se tornou alvo de tantos escritos? Provavelmente, as respostas não estarão depositadas num único aspecto. Entender a fértil produção biográfica sobre Gouveia exige pensar múltiplas linhas de explicação. Um dos fatores contribuintes foi o impacto da instalação da CHESF.

A chegada da empresa e a inauguração da usina hidrelétrica de Paulo Afonso, em 1954, são eventos lembrados nos escritos sobre Delmiro. Para autores como Joselice Jucá, em parte isto se explica porque o aproveitamento do São Francisco tornou-se símbolo da "redenção" do Nordeste. Tadeu Rocha reforça a relação entre o cearense e a CHESF, classificando esta última como uma reafirmação da obra de Gouveia[484]. O trabalho de implantação da primeira usina hidrelétrica na cachoeira de Paulo Afonso foi descrito por Magalhães Martins como um movimento consciente para salvar a região: "esse homem, em que a maledicência só vê o devasso e mulherengo, mergulha de corpo e alma no seu grande sonho, de fundar uma indústria redentora do Nordeste, de fazer um oásis no deserto"[485].

Os autores que escreveram sobre Delmiro conceberam a criação de Angiquinho como um "evento antecipador" da CHESF. J. Araripe lembrou que o biografado "sonhou (...) com a industrialização do Nordeste". Aliás, o autor foi além e sentenciou: "Com franqueza, Paulo Afonso já veio tarde!". Contudo, diferente da iniciativa governamental, Delmiro agiu sozinho, quase meio século antes. No processo de criação da CHESF o

482 MOTA, Mauro. A "Estrela" de Pedra: Delmiro Gouveia, civilizador de terras, águas e gentes. **Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**. Recife, n. 9, 1960, p. 61
483 ROCHA, T. **Op.Cit.**p.140
484 "Se a obra de Delmiro Gouveia enriqueceu, há meio século, o prestígio do nome de Paulo Afonso, recentemente vieram reforçá-lo os grandes empreendimentos da Companhia Hidroelétrica do São Francisco que transformou o desconhecido lugar no maior centro produtor de energia do Nordeste e Norte do Brasil". ROCHA, Tadeu. Delmiro. **Op.Cit.** p.175
485 MARTINS. **Op.Cit.**p. 76-77

Nordeste era outro, explica Araripe. Era agora, inclusive, lugar mais seguro para viver. Ao contrário disto, nos tempos de Gouveia a região constituía "o paraíso do fanatismo e do cangaço. As ferrovias pouco se haviam expandido. O transporte pelo interior, na dependência de alimárias, fazia-se de maneira extremamente lenta" [486]. A construção de Araripe é um exagero.

Embora tenha aberto estradas ligando Pedra a cidades como Garanhuns e Santana do Ipanema, Gouveia não o fez solitariamente. O governo alagoano contribuiu e o negociante cearense cobrou formalmente ao Estado. Araripe, assim como outros biógrafos, preocupou-se antes em demarcar a antecipação de Gouveia frente aos órgãos criados para fomentar o desenvolvimento do Nordeste. Em lugar de aprofundar reflexões sobre as relações do cearense com o governo de Alagoas, interessava muito mais ressaltar o tributo quase compulsório devido pelos envolvidos com os projetos desenvolvimentistas do Vale do São Francisco à memória de Delmiro. Era o caso da CHESF.

Mauro Mota não só ocupou-se em imprimir esta dívida da CHESF com Delmiro. Ele também apontou naquela instituição e "seu aperfeiçoamento técnico, sua ampliação, suas valorosas equipes" e nos benefícios por ela levados à região, a continuidade de uma saga iniciada pelo cearense. Assim, nas palavras do poeta, "a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (...) significa a continuação do trabalho de Delmiro Gouveia". Uma diferença foi, contudo, ressaltada por Mota. Ao contrário da aventura de Angiquinho, surgia uma instituição muito mais sólida que era "dirigida, não por um indivíduo, mas por uma Nação; custeada, não pelos recursos pessoais de um fazendeiro e exportador de peles de cabra, mas pelo investimento do Governo e de uma sociedade de economia mista"[487].

3.9. BRINCANDO DE SER DEUS

A representação acima de um "fazendeiro e exportador de peles de cabra" merece reflexão. Primeiro, porque imprimiu uma imagem de Gouveia sutilmente distante daquela vinculada ao coronelismo. Aqui, Mota, que o comparou a Lampião e Pe.Cícero, parece se aproximar da leitura de Magalhães Martins e seu "coronel" modernizador. Como Martins,

486 ARARIPE. **Op.Cit.**p. 16 e 11
487 MOTA. **Op.Cit.** p. 19

Mauro Mota situou Delmiro como um precursor da CHESF e dos benefícios por ela trazidos ao Nordeste (ou simplesmente "Norte", como às vezes os próprios autores escrevem). Esta relação entre o *Rei das Peles* e a CHESF foi ressaltada pela maioria dos seus biógrafos. Tadeu Rocha, por exemplo, dedicou diversos capítulos à apresentação da região de Paulo Afonso e da Companhia ao seu leitor[488].

Um segundo aspecto merecedor de análise é a concepção de que o cearense estabeleceu um projeto modernizador levado adiante unicamente por ele, independente de iniciativas ou subsídios públicos. O que representa esta "solidão" de Gouveia nos investimentos? Inicialmente, como já mencionado, isto amplia as qualificações do mito. A autonomia de Gouveia ressalta as virtudes de um empresário brasileiro frente à concorrência injusta. Mais que isto. Delineia a imagem do nordestino obstinado. As suas biografias foram concebidas como se a sua vida "fosse continuum, cuja coerência existencial unifica os buracos negros da caminhada", isto é, como se, desde as suas origens sob as bênçãos da Cachoeira do Ipu, ele "transportasse em si o cumprimento de uma vocação específica"[489].

Delmiro foi narrado como um herói que, embora descrito como astuto, paradoxalmente confia em gente que planeja contra ele **(**Iona foi, talvez, o exemplo mais freqüente). Assim, descrever Gouveia "nas devidas proporções" significava inserir um ícone regional na batalha simbólica em torno da CHESF e dos recursos trazidos por esta instituição.

É sintomático que tanto o interesse em entrevistar Maria Gouveia, quanto a movimentação para retomar a memória do cearense ganhem força no contexto de surgimento da Companhia. Contudo, a filha do cearense não assistiu passivamente aos biógrafos. Maria exerceu influência nas narrativas sobre o pai. A sua sentença sobre o "trust do silêncio" provocou ecos consideráveis e muitos biógrafos utilizam-na como um jargão. Aliás, a influência da herdeira de Gouveia provavelmente foi além de entrevistas.

Maria Augusta Gouveia se ocupou o quanto pode da memória de Delmiro. Policiou biógrafos e incitou jornalistas. Assediou políticos. Jogou como pôde para restituir ao pai a

488 ROCHA, Tadeu. Região de Paulo Afonso (capítulos IX a XIV). **Delmiro Gouveia:o pioneiro de Paulo Afonso**.3 ed.Rev.Aum.Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970. Il.p.83-122. Ver também o capítulo XXII (p. 175).
489 CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.p.21

fama que teve em vida. O biógrafo J.C. Alencar Araripe não teve uma boa experiência com a moça. Durante a elaboração do seu livro, procurou manter contato com a "filha do pioneiro". Todavia, para ceder fotografias ou qualquer outra contribuição ao estudo de Araripe, Maria exigia ler primeiro o esboço do trabalho. Como o autor não aceitou as condições, ficou sem auxílio. Daí, o seu parecer: "os filhos de Delmiro desejam bitolar o pensamento de quem quer que se disponha a focalizar a figura do 'rei dos sertões'. E assim não se faz história". Através desta decepção, Araripe justifica o pouco espaço destinado a tratar dos herdeiros e sobre Carmela Eulina. Melhor sucesso obteve Francisco Magalhães Martins que, com Noêmia internada em um sanatório e Noé conhecido como pouco acessível, encontrou em Maria uma auxiliar. O biógrafo esclarece que "D.Maria, forneceu-nos valiosos elementos para a presente obra (...) como contribuição para divulgar-lhe a vida extraordinária, mas quase desconhecida, por ocasião do centenário de seu nascimento"[490]. Sombreando os artífices da memória de seu pai, Maria Gouveia aproveitou como pode a oportunidade oferecida pelo centenário.

Entretanto, a ação de Maria Augusta foi além de estabelecer exigências a biógrafos. Ainda em 1955, mesmo ano em que concedeu a polêmica entrevista, ela manteve contato com pelo menos um político. Em março daquele ano, o Deputado Federal por Alagoas Medeiros Netto recebeu como presente uma foto de Delmiro Gouveia, enviada por Maria. Na dedicatória, ela agradecia antecipadamente ao parlamentar "por tudo o quanto fez e fará" por Delmiro. No ano seguinte, Medeiros Netto conseguiu aprovar o nome de Delmiro Gouveia para a primeira barragem em Paulo Afonso[491]. Assim, ao bradar para a imprensa a perseguição e o silêncio em torno de seu pai, Maria ajudou a alimentar a idéia de que era preciso corrigir uma injustiça histórica. O assédio da filha de Gouveia deu resultados inesperados. Em 1974, o Congresso Nacional concedeu a ela uma pensão especial[492].

Retomar a figura de Delmiro, exigir a "reparação da injustiça", foi também arranjar importância para a história dos nordestinos, concebida pelos biógrafos de Gouveia numa ótica tão trágica quanto a sua vida. A tragédia - simbolizada pelo assassinato do cearense -

490 MARTINS. **Op. Cit.**p.132-133
491 ARARIPE. **Op.Cit.**p.97-98. Encontrei a dita fotografia no Arquivo Público de Palmeira dos Índios, AL. Ela foi uma das imagens constantes na exposição em homenagem a Medeiros Netto. A minha visita àquele arquivo se deu em 31 de maio de 2006.
492 Em 7 de junho de 1974, a proposição para uma pensão especial e vitalícia foi finalmente aprovada por unanimidade. Cf. Lei 6038 74. **Diário Oficial da União**. 08 jun.1974.p.5237.

era também tragédia à indústria nacional. Permeou a maioria das biografias a concepção de que "até as coisas negativas que os grandes cometeram podem servir para nos corrigir"[493].

A habilidade para superar as contradições nos atos de Gouveia, para arrumá-las na extensa fila de heróis já existentes, é uma das marcas dos seus biógrafos. Exemplo disto é feito quando o envolvimento de Delmiro com suas diversas amantes vem à tona. Nos tempos em que vivia nas Alagoas, por exemplo, o Gouveia que proibia a prostituição na Vila da Pedra, exigindo relacionamentos normatizados, não era o mesmo ao romper as divisas do vilarejo operário: "Lá na Pedra, ele residia, então, num chalé, fora da cerca de arame do seu núcleo industrial – a fábrica e a vila operária – pelo fato de ter uma amásia em sua companhia: uma mulher do Recife, ainda moça, alva e de modos educados". Porém, a presença da concubina fora dos limites da vila operária não foi lida como contradição por seus biógrafos. Foi antes mais um motivo de louvor: "Delmiro não permitia nem a si mesmo infringir sua proibição da permanência de qualquer família irregularmente constituída, dentro do arame, isto é nos terrenos da Fábrica da Pedra"[494]. Nada aparece para desviar o herói da sua trajetória. Nada deve ser narrado de modo a macular a sua honra. As descrições seguem um esquema progressivo costurado por atos de bravura e astúcia somente realizáveis por aquele personagem[495].

Deste modo, nas biografias aqui analisadas, a vida de Delmiro parece seguir unilinear. E, desde o berço, seu destino está traçado. Machado de Sousa escreveu que "Delmiro Gouveia nasceu politizado". Predestinado, o negociante foi comparado ao Conde de Monte Cristo, porque, como aquele, "Delmiro ocupou de tal sorte o meio e a época em que viveu, lutou e venceu, que se tornou uma figura quase lendária (...), pelo brilho, pela opulência e pelas extravagâncias"[496]. Nenhum dos biógrafos parece ter vivido uma crise ao enquadrar a vida de Delmiro em narrativa. Nada semelhante ao que experimentou Robert Darnton, a poucos passos de fechar a biografia do líder girondino Jacques-Pierre Brissot: "falando cruamente, a biografia de Brissot parece um rosário de mentiras, bem o oposto da linha narrativa desenvolvida em suas memórias e adotada por todos os seus biógrafos,

493 SCHILLING, Voltaire. PLUTARCO. **Vidas Paralelas: Alexandre e César**. Apr. Voltaire Schilling. TRad. Júlia Rosa Simões. Porto Alegre: LP&M, 2005. p 11
494 ROCHA, T. **Op.Cit.** p.149
495 Sobre este traço comum às biografias consultar: BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERRREIRA, M. & AMADO, J. (Orgs.). **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.p. 183-191
496 MENEZES, O. **Op. Cit.** p.26

exceto eu". Ao contrário do "protótipo de idealismo em ação", Darnton encontrou um homem presunçoso, espião de polícia, constantemente preocupado em autopromover-se[497].

Longe das crises de Darnton, os diferentes biógrafos de Gouveia apresentaram-no como alguém que usava da força apenas quando provocado. O seu caráter destemido atendeu antes a um objetivo maior. Delmiro rompeu as barreiras entre as diferentes camadas sociais. É novamente Mauro Mota um dos mais hábeis para descrever Gouveia como um pacifista que pretendia "ser agente da confraternização entre os grupos sociais, manejando um martelo polido diante da parede que os separa". Este projeto de confraternização se realizaria através do rio São Francisco: "as águas seriam convocadas para uma missão de paz, labor e nacionalismo" [498].

A operação realizada sobre a memória de Gouveia envolveu artífices diferentes. No entanto, algumas características são comuns aos trabalhos. As biografias aqui analisadas apresentam correspondências significativas na forma de apresentar a trajetória de vida de Delmiro. O apagamento ou a suavização da figura do "coronel" em favor do empresário, negociante de peles ou industrial; o deslocamento da representação do patrão severo para a de "civilizador"; a ordenação da biografia de Delmiro dentro de um padrão concatenado, unilinear; a opção por um modelo narrativo fortemente influenciado por narrativas míticas (a personagem carrega consigo as marcas da glória e tragédia); as críticas ao pouco destaque de Gouveia na historiografia regional; a pretensão de "corrigir uma injustiça" euclidiana. A narrativa de *Os Sertões*, em diversos momentos, é retomada para, por meio do exemplo de Delmiro, apresentar um contraponto a suas imagens. Merece referência ainda o concerto masculino na narrativa da vida de Delmiro. As mulheres que estiveram em sua trajetória parecem importar muito pouco aos biógrafos.

Há nestes trabalhos, uma perceptível preocupação em apresentar a vida de Gouveia em perspectiva progressiva, cronológica, aliando esta imagem a uma concepção trágica para a narrativa biográfica da personagem. Tragédia que a CHESF ajudaria a resolver. Mas, cabe lembrar que, embora se percebam ressonâncias e similitudes entre as obras aqui estudadas, seria uma atitude inocente atribuir a elas um único sentido ou lugar social de produção. Ao mesmo tempo, é interessante observar que na época em que estes trabalhos estão sendo

497 DARNTON. **Op.Cit.** p. 197 e 185.
498 MOTA. **Op.Cit.** p. 44 e 18

escritos, há um intenso debate em torno da identidade nacional[499]. As biografias aqui analisadas sugerem uma cuidadosa negociação com o passado. Talvez valha à pena refletir sobre isto.

Alguns biógrafos, ao escreverem sobre Delmiro acenam também para o próprio passado. Tadeu Rocha e Hildebrando Menezes, por exemplo, não escondem a ligação com o biografado. Francisco Magalhães Martins demonstrou proximidade com a família de Delmiro, sobretudo com Maria Gouveia e os netos do negociante. Boa parte do acervo do hoje "Museu Delmiro Gouveia" consiste em doações feitas pelo escritor. Mauro Mota, por sua vez, parece ter tomado Gouveia para apresentar um herói civilizador, "pernambucano", alguém que merecia ser rememorado. Ele, sempre que solicitado, falava sobre o *Rei das Peles*. Muitas vezes, a mesma palestra. Através do trabalho destes vendedores de passado, artífices cearenses, pernambucanos e alagoanos da memória de Delmiro, o "Coronel dos Coronéis" voltou a circular na historiografia brasileira. No trabalho de inserção de Gouveia como um mártir, as biografias tiveram ainda o apoio de obras romanceadas inspiradas na vida do rei das peles. O próximo capítulo analisa as relações entre a historiografia, as representações literárias e as diferentes perspectivas interpretativas impostas a Delmiro e seus negócios.

499 Renato Ortiz escreve que "identidade nacional e cultura popular se associam ainda em movimentos políticos e intelectuais nos anos 50 e 60, que se propõem redefinir a problemática brasileira em termos de oposição ao colonialismo". ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & identidade nacional**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.128

Capítulo 4

NARRATIVAS DOS TEMPOS DA PEDRA: REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS SOBRE DELMIRO GOUVEIA

"Clio se aproxima de Calíope, sem com ela se confundir".
Sandra Jatahy Pesavento[500]

Nesta parte da pesquisa analisam-se dois romances que tiveram Delmiro Gouveia como inspirador. Distantes cronologicamente (1942 e 1988), *Fábrica da Pedra*, de Pedro Motta Lima e *O Ninho da Águia*, de Adalberon Lins encerram diferentes leituras sobre o coronel. Mais que isto, são documentos sobre como diferentes épocas recepcionaram as iniciativas do cearense e, simultaneamente, indiciam sobre os embates travados em torno desta figura. Entre as análises destes dois textos, inclui-se ainda um outro. O conto *Aleluia em Pedra* (1974), escrito por Paulo Dantas, que oferece uma versão quase hagiográfica sobre Delmiro, ao mesmo tempo em que reforça determinados estereótipos sobre os sertões. Embora se busque evidenciar as dessemelhanças entre os três escritos, é inegável o esforço que os seus autores[501] realizam para "atualizar" Delmiro Gouveia como uma referência a projetos de suas épocas. Considerando-se, como fez Rezende, que "o presente é um território síntese, que produz diálogos com outras faces do tempo"[502], é das conexões entre os momentos de tessitura das narrativas e as representações nelas circulantes que esta seção se ergue.

---

500 PESAVENTO, Sandra J. História & literatura: uma *velha-nova* história , ***Nuevo Mundo Mundos Nuevos***, Número 6 - 2006, mis en ligne le 28 janvier 2006, référence du 17 août 2007, disponible sur : <http://nuevomundo.revues.org/document1560.html>. Acesso em: 17 out. 2007.

501 LIMA, Pedro Motta. **Fábrica da Pedra**. São Paulo: Vitória, 1962; LINS, Adalberon Cavalcanti. **O Ninho da Águia: saga Delmiro Gouveia**. Maceió: SERGASA, 1988; DANTAS, Paulo. **Delmiro Gouveia e outros sertões**. 2 ed. São Paulo: Edições Populares, 1978.

502 REZENDE, A. P. Freyre: as travessias de um diário e as expectativas da volta. In: GOMES, Ângela C. (Org.) GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.p.77-92.

Deste modo, o cearense atravessa a galope os debates sobre a penetração do comunismo no Brasil, os perigos em afastar os sertões dos projetos de desenvolvimento nacional e chega, com certo vigor, em tempos de discussão sobre o papel do Estado na economia. Ao buscar os diálogos possíveis entre tais projetos literários e a historiografia, não se ambiciona usar estes textos como mais uma "ilustração do contexto em estudo, como um dado a mais, para compor uma paisagem dada". A idéia é tomar estes trabalhos como "porta de entrada às sensibilidades de um outro tempo", fazer de tais testemunhos literários um objeto pelo qual seja possível "acessar elementos do passado que outros documentos não proporcionam"[503].

Os três escritos aqui observados dialogam com suas épocas e ecoam em outras produções sobre Delmiro. Entretanto, curiosamente, são pouco mencionados nos trabalhos sobre o cearense. As razões para isto? Há múltiplas possibilidades. Uma delas talvez seja a própria rarefação das obras. Algumas tiveram pouquíssimos exemplares e nenhuma foi *best-seller*. Some-se a isto o fato de que a recepção do público envolve fatores outros que fogem ao escopo deste capítulo: divulgação, qualidades literárias etc. Portanto, o caminho seguido é feito um pouco às apalpadelas, tal qual "o luthier que bate delicadamente com os dedos, na madeira do violino" [504]. Mesmo assim, espera-se produzir uma interpretação que traga novos olhares sobre estes textos.

Portanto, a seção não pretende discutir as diferentes visões sobre Gouveia, dissipá-las e apontar ao leitor um "verdadeiro" Delmiro. Aqui, a preocupação é a de que, ao observar as relações entre diferentes culturas literárias, seja possível contribuir para os debates em torno da importância de se ler literatura como história. E, através desta leitura, pretende-se observar o mito civilizador explorado através de projetos literários, refletindo assim como determinadas épocas e setores da sociedade recepcionaram idéias gestadas ainda no início do século XX. Colocar em *close-up* estas três produções possibilita perceber as atualizações e as permanências que Delmiro Gouveia sofreu enquanto um ícone. A perspectiva a partir da qual objetiva-se ler e discutir estes trabalhos é a de que "a criação literária revela todo o seu potencial como documento" não somente ao mencionar episódios históricos ou nas análises da construção formal, mas sim "como instância complexa", recheada de

503 PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.113
504 GINZBURG. Introdução. **Relações de Força: história, retórica, prova**. Trad,. João B. Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.p.12

significações, como uma produção que "incorpora a história em todos os seus aspectos, específicos ou gerais, formais ou temáticos, reprodutivos ou criativos, de consumo ou produção" [505]. Aqui, os romances não são tomados como uma floresta, a partir da qual se abre uma clareira e se chega à realidade. Espera-se utilizá-los como objetos através dos quais se possam reconstruir leituras do passado através dos "restos, indícios, semeia". E assim, novamente recorrendo a Ginzburg, lembra-se que através desta abordagem "os historiadores se movem no âmbito do extremamente verossímil, nunca do certo – mesmo que, nos seus textos, a distinção entre 'extremamente verossímil' e 'certo' tenda a se desvanecer"[506]. Sabemos assim que o historiador produz narrativas verossímeis, não verídicas. Para Sandra Pesavento, "o verossímil não é a verdade, mas algo que com ela se aparenta. O verossímil é o provável, o que poderia ter sido e que é tomado como tal. Passível de aceitação, portanto"[507].

A partir do momento em que consideram-se estes textos literários como "testemunhos históricos", não é de grande valia alimentar circunlóquios sobre a concepção de tais obras como ficção. Afinal de contas, são escritos em que os autores já declaram a sua ficcionalidade, muito embora esperem com eles intervir na realidade. Assim, analisam-se textos literários, narrativas de um "não-acontecido" que visam recuperar o que aconteceu. Por outro lado, o termo "ficção" pode sugerir leituras dessemelhantes, a depender da ótica assumida. Na perspectiva que interessa a este trabalho, ficção aproxima-se do sentido utilizado no século XVI e depois recuperado pelos historiadores do século XX, como Natalie Z. Davis. Por conseguinte, o termo não é visto como referência a uma "invenção absoluta dos dados do real", mas sim como "aquilo que é trabalhado, construído ou criado a partir do que existe"[508]. E, desta maneira, considera-se mais interessante, "destrinchar" a especificidade de cada um destes escritos enquanto testemunhos, proceder as interrogações adequadas[509]. Busca-se valorizar a percepção das diferentes sensibilidades,

505 SEVCENKO, Nicolai. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2 ed. São Paulo Companhia das Letras, 2003.p.299
506 GINZBURG, Carlo. Sobre Aristóteles e a história, mais uma vez. **Relações de Força: história, retórica, prova**. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.p.58
507 PESAVENTO, Sandra J. História & literatura: uma *velha-nova* história , ***Nuevo Mundo Mundos Nuevos***, Número 6 - 2006, mis en ligne le 28 janvier 2006, référence du 17 août 2007, disponible sur : http://nuevomundo.revues.org/document1560.html
508 Cf. PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.53
509 CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Orgs.). **A história contada: capítulos de história social da literatura**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.7-8

sem ter a caça pelo realmente acontecido como problema central do capítulo, pois como escreveu Pesavento, a "sintonia fina de uma época, fornecendo uma leitura do presente da escrita, pode ser encontrada em um Balzac ou em um Machado"[510], sem que nos preocupemos com o fato de personagens como Capitu, Tio Goriot, Eugène de Rastignac haverem existido ou não: "Existiram enquanto possibilidades, como perfis que retraçam sensibilidades. Foram reais na 'verdade do simbólico' que expressam, não no acontecer da vida". Tais personagens são, assim, "dotados de realidade porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida"[511].

Através destes três diferentes projetos, observa-se como Delmiro foi arrancado das narrativas da cultura popular, da oralidade e, a partir dos anos 40, posto no mundo da escrita literária. Isto começou com uma obra pouco conhecida, escrita por um jornalista panfletário e idealista. Terry Eagleton escreveu que "a 'literatura' pode ser tanto uma questão daquilo que as pessoas fazem com a escrita, como daquilo que a escrita faz com as pessoas"[512]. Em *Fábrica da Pedra*, do alagoano Pedro Motta Lima, tal dialética é fortemente evidenciada.

4.1. EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO: FÁBRICA E OS OPERÁRIOS DA PEDRA

O romance *Fábrica da Pedra* foi uma das primeiras obras a aparecer nos anos precedentes às comemorações do centenário de Gouveia. Pioneira no âmbito ficcional inspirou alguns dos biógrafos de Delmiro, principalmente a Francisco Magalhães Martins, que fez uso de diversas passagens da obra, atribuindo a ela o mesmo peso dos documentos oficiais. Já na época de lançamento do livro, o autor era conhecido por sua militância no Partido Comunista Brasileiro (PCB). A obra foi escrita entre 1942 e 1955, mas apenas em 1962 veio a público. O autor dividiu a sua confecção com outros compromissos, como a

510 PESAVENTO, Sandra J. História & literatura: uma *velha-nova* história, ***Nuevo Mundo Mundos Nuevos***, Número 6 - 2006, mis en ligne le 28 janvier 2006, référence du 17 août 2007, disponible sur : <http://nuevomundo.revues.org/document1560.html.> Acesso em 17 out. 2007.
511 Idem
512 EAGLETON, Terry. Introdução: o que é literatura? In: **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.p 9

editoração de jornais e o ativismo político. Motta Lima foi um dos jornalistas responsáveis pela edição da *Tribuna Popular* (depois, a partir de 1953, *Imprensa Popular*), jornal com uma tiragem que chegou a 50 mil exemplares reproduzindo notícias de agências comunistas internacionais. Além disto, a *Tribuna* "dava substancial espaço para o entretenimento, visto como um importante instrumento de educação política das massas"[513]. O escritor também esteve envolvido com *O Globo Expedicionário*, motivo pelo qual recebeu uma homenagem do jornal após a sua morte: "Nós sempre o soubemos comunista, mesmo porque ele disso jamais fez segredo. Sabíamos, porém, e principalmente, que Pedro Mota Lima era acima de tudo um cidadão digno e um companheiro de extraordinária lealdade"[514].

Portanto, o tempo para a confecção do romance não foi de calmaria. Lima viveu dias tumultuados com a perseguição freqüente ao Partido Comunista, tendo sido um dos muitos intelectuais que apareciam nas fileiras daquela organização em 1945, quando sua clandestinidade foi suspensa. Assim como ele, Jorge Amado (1912-2001), Graciliano Ramos, Oscar Niemeyer (1907), Mário Lago (1911-2002), Dorival Caymmi (1914) e Cândido Portinari (1903-1962) pertenciam aos quadros do partido[515]. Entre 1942, ano em que provavelmente começou a obra e 1962, quando finalmente a publicou, Pedro Motta Lima enfrentou diversos desafios. O término do livro não significou uma situação mais harmônica[516]. Anos antes, em 1951, o *New York Times* informou que o "editor vermelho" fora sentenciado a dois anos de prisão por ter publicado um texto que causou atrito entre o Brasil e os Estados Unidos: "Pedro Motta Lima, the defendant, published a letter purportedly written by a United States Army Officer, criticizing the Brazilian Army"[517]. Em 24 de novembro de 1966, ele morreu vítima de um acidente aéreo na Tchecoslováquia[518].

513GUIMARÃES, Valéria. <http://academiadosamba.com.br/memoriasamba/artigos/artigo-017.htm> Acesso em: 6 jan.2007.

514 O Globo Expedicionário e a morte de Pedro Mota Lima. **O Globo**. 29 nov. 1966.p.6

515 Sobre as atividades do Partido Comunista no Brasil ver:DULLES, John W.F. **O comunismo no Brasil (1935-1945)**. 2 ed. Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

516 Cf. PENA de 14 anos para Prestes. **Folha de São Paulo**. 7 jun. 1966.p.1

517 "Pedro Motta Lima, o réu, publicou uma carta pretensamente escrita por um Oficial do Exército dos Estados Unidos, criticando o Exército brasileiro". Tradução livre do autor. Cf.RED editor in Brazil sentenced. **New York Times**. 14 nov. 1951

518 Em 25 de novembro de 1966 *O Globo* noticiou a queda de um avião Ilyushin-18 "nos montes Cárpatos, perto da Bratislávia, matando seus 76 passageiros e os oito membros da tripulação". Dias depois, o mesmo jornal informou que a morte de Motta Lima havia sido anunciada pelas agências européias "apenas como o

Ao escrever sobre Delmiro Gouveia o jornalista objetivou, possivelmente, apresentar mais um caso de intervenção do imperialismo inglês na economia brasileira. Porém, diferente de outros que discutiram semelhante episódio, Motta Lima aproveitou para expor as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores sertanejos diante das transformações trazidas pelo sistema de produção em massa. Gouveia deixa de ser o mártir e aparece antes como um legítimo capitão da indústria, senhor da vida de milhares de pessoas. Voltado para tais aspectos, o autor não se ocupará de toda a vida de Delmiro, como fizeram outros estudiosos, mas basicamente da sua aventura no ramo das linhas de coser.

Como o próprio título sugere, *Fábrica da Pedra* concentra sua narrativa no período final da vida de Delmiro. Na verdade, a trama aborda a existência de um grupo de personagens que gravitam em torno do empreendimento fabril. A usina de Angiquinho e a fabriqueta de linhas formam o pano de fundo para uma trama sobre retirantes transformados em operários e sobre os rumos da vida de jovens que têm suas trajetórias transformadas a partir da vida industrial.

Além de Delmiro Gouveia, protagonista que aparece muitas vezes através das vozes dos operários, inimigos e aliados, os principais personagens da trama são a família encabeçada por Manuel Poncidônio do Amaral Timbé, chamado na maioria das vezes de Manuel Timbé ou simplesmente Mané Timbé, um ex-fazendeiro, proprietário da Fazenda Jericó, no Assaré, sul do Ceará. Em certa ocasião, o homem chegou a dar abrigo a Delmiro. Mas, ao contrário do *Rei das Peles*, Timbé entrou em decadência depois que teve as terras atacadas por secas intensas e enchentes. Tentou a sorte no Acre e, com o dinheiro ali obtido, esperava revitalizar sua fazenda. Não deu certo. Vendeu o que pôde e rumou com a família para a Pedra, na esperança de ter o favor retribuído por Gouveia, de quem se considerava íntimo. Entretanto, as coisas não saíram como o esperado. O coronel não lembrava mais de Timbé, embora tenha lhe arranjado emprego. Mesmo afirmando que sempre foi "proprietário" e "de profissão, criador e agricultor"[519], Timbé se tornou um dos vigias noturnos da Fábrica. Decepcionado com o "amigo", o velho escondeu da família a sua nova ocupação. Ainda assim, nutria uma admiração quase incondicional por Gouveia.

---

desaparecimento de um chefe comunista". Cf. AVIÃO cai e mata 84 em Bratislávia.**O Globo**, 25 nov.1966.p.9; O Globo Expedicionário e a morte de Pedro Mota Lima. **O Globo**. 29 nov. 1966.p.6

519 LIMA, Pedro Motta. **Fábrica da Pedra**. São Paulo: Vitória, 1962. p.32

Acompanham Timbé: Filomena, a esposa; Soledade, a filha que depois casará com Vicente, líder comunista, e Cláudio, o filho que se tornará mecânico e leitor de obras socialistas. Há ainda personagens como Aristóbulo, o responsável pela estação ferroviária; Horácio, Vicente, Chico Nazaré (Compadre Nazaré), Tertuliano, Iona, Adolfo Santos entre outros. A trama, contudo, é centralizada nos rumos da família Timbé após a sua chegada à Vila da Pedra e a inserção de seus membros no cotidiano fabril.

A obra apresenta traços do realismo socialista. Mais que a saga de Delmiro, o autor se interessou por uma narrativa sobre "la verdad de la vida, expresada en imagenes artísticas"[520] abordando os desdobramentos da industrialização, a experiência fabril no sertão alagoano e os impasses do Nordeste. Desta forma o autor espera revelar os traços perversos da sociedade capitalista. Cabe lembrar que a tese de que "o escritor deve educar o povo e amá-lo ideologicamente" campeava entre uma parcela dos ideólogos soviéticos[521]. A proposta do realismo socialista, refutada por muitos intelectuais, não parece ter incomodado Motta Lima. Colocando o ideal estético do partido acima das pretensões literárias, o jornalista acompanha um grupo de intelectuais que se deixou seduzir por aquilo que Hobsbawm classificou como "mitologia sentimental edificante"[522], esquecendo os excessos cometidos pelo Partido.

É possível explicar isto? Motta Lima, editor de jornais como *Esquerda*, ativista do Partido Comunista, não teria notícias de que nem tudo estava bem na U.R.S.S? Ora, quando redigiu a sua obra, já não eram poucos os intelectuais que denunciavam a intolerância e o autoritarismo do PC, tampouco aqueles que assumiam a sua decepção com os rumos que a Revolução de 1917 havia tomado. Boris Schnaiderman menciona o aparecimento de "denúncias partidas não só dos que lutaram contra ele na guerra civil, mas também dos que a ele aderiram e logo ficaram chocados com a violência e opressão que viram instaurar-se na Rússia"[523] já nos primeiros anos do regime.

---

520 **DICIONÁRIO DE FILOSOFIA**. Editorial Progreso: Moscú, 1984.p.364. Realismo Socialista.

521 As palavras são de Andrei Zhadanov. Cf. ZHADANOV Apud BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. O marxismo e a questão cultural. In: TROTSKI, Leon. **Literatura e Revolução**. Trad. Luiz A. Moniz Bandeira. Apres. William Keach. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.p.28

522 Hobsbawm classifica como de pouca expressividade da produção cultural russa neste período: "A U.R.S.S continuou culturalmente estéril, pelo menos em comparação com suas glórias pré-1917 e mesmo com a fermentação da década de 1920, com exceção talvez da poesia". HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.p.486-487.

523 SCHNAIDERMAN, Boris. Duas vozes diferentes em Memórias do Cárcere? **Estudos Avançados**, 9, 23, 1995.p.332-337.p.334

No Brasil, contudo, Motta Lima acompanhava os desígnios do partido para a internacionalização de um estilo. Antes dele, Jorge Amado esboçou a mesma preocupação em alguns dos seus romances. Em *Cacau* (1933), por exemplo, o escritor baiano inseriu uma nota através da qual informava ter tentado contar "com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia". E questionou: "Será um romance proletário?". Como se respondesse à própria pergunta, Amado realizou freqüentes críticas aos patrões e senhores de terras. Assim, o coronel Manuel Misael de Sousa Teles, também chamado Mané Frajelo, dono da Fazenda Fraternidade, é chamado pelos empregados de "Mané Miserável Saquei Tudo" e "Merda Mexida Sem Tempero"[524]. Trabalhos como estes, declaradamente preocupados com denúncias, fazem parte de uma das tendências que passa a vigorar com o surgimento das massas trabalhadoras. Conforme observou Antonio Candido, entre as mudanças experimentadas no século XX está o surgimento de um "sentimento de missão social" entre literatos: "romancistas, poetas e ensaístas, que não raro escrevem como quem fala para convencer ou comover"[525].

Entre os envolvidos com a divulgação de idéias comunistas, não foram poucos os que discordaram dos projetos culturais irradiados de Moscou. Mário Lago e Graciliano Ramos são exemplos disto. Enquanto o primeiro criticou o modelo radiofônico comunista, Ramos não conseguia ver sentido em literatura que lembrasse a Bíblia: "impossível descobrir alguma vantagem no livro bem espesso, construído, científico em demasia. As personagens, terrivelmente sábias, expunham temas difíceis, causavam-me dor de cabeça"[526]. Apesar do seu apreço por Stálin, Graciliano não parecia empolgado com a literatura produzida na Rússia nos primeiros tempos do século XX. Diferente de Motta Lima, o autor de *São Bernardo* afastou o quanto pôde os princípios do realismo socialista. Numa carta escrita à irmã Marilí, em 23 de novembro de 1949, Graciliano criticava duramente o afastamento dela, autora de um conto que ele ajudara a publicar, de situações que desconhecesse:

524 AMADO, Jorge. **Cacau: romance**. 42 ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.p.11
525 CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 7 ed. São Paulo: Nacional, 1985.p.88
526SCHNAIDERMAN, Boris. Duas vozes diferentes em Memórias do Cárcere? **Estudos Avançados**, 9, 23, 1995.p.332-337.p.335-336.

> Só conseguimos deitar no papel os nossos sentimentos, a nossa vida. Arte é sangue, é carne. Além disso, não há nada. As nossas personagens são pedaços de nós mesmos, só podemos expor o que somos. E você não é Mariana, não é da classe dela. Fique na sua classe, apresente-se como é, nua, sem ocultar nada. Arte é isso. A técnica é necessária, é claro. Mas se lhe faltar técnica, seja ao menos sincera[527].

"Arte é sangue, é carne". A passagem evidencia o distanciamento de Ramos do realismo socialista. Não por acaso poucas obras do autor foram traduzidas para o russo naqueles dias. Nesta mesma época, intelectuais como André Gide[528] (1869-1951) já haviam lançado relatos autobiográficos - como é o caso de *Retour de l'URSS*, escrito em 1936, por Gide -, nos quais narravam suas ilusões e desencantos com o comunismo. Num destes trabalhos, cuja edição inicial é de 1950, Gide revelou o seu descontentamento com o policiamento cultural exercido na União soviética:

> With artists it is still more sinister than with the ordinary citizen. I believe that the real revolutionary force, or more exactly – for I am not foolish enough to credit the Left alone with intellectual and artistic powers – in his quality of opposition. A great artist is of necessity a 'nonconformist' and He must swim against the current of his day. But what will eventually happen in Soviet Union when the transformed state has removed from artist all need for opposition? What will happen to the artist when there will be no longer any possibility even opposition?[529]

---

527 RAMOS, Graciliano. Carta a Marili Ramos. Rio de Janeiro, 23 nov.1949. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 1980.p.197-198

528 É curioso observar que apesar da sua postura crítica diante do comunismo, em 1952 o Vaticano inseriu as obras de Gide no Index. Conforme *A Ilustração Brasileira*: "O Osservatore Romano órgão do Vaticano, publica que as obras de André Gide foram totalmente condenadas pela Igreja Católica, devido à sua imoralidade". ANDRÉ Gide no "Index" da Igreja. **A Ilustração Brasileira**, jul. 1952.p.19

529 "Com os artistas é ainda mais sinistro do que com o cidadão comum. Eu acredito que a verdadeira força revolucionária, ou mais exatamente – por eu não ser idiota para creditar à esquerda sozinha poderes intelectuais e artísticos – em sua qualidade de oposição. Um grande artista é necessariamente um 'não-conformista' e ele deve nadar contra a corrente dos seus dias. Mas o que irá eventualmente acontecer na União Soviética quando o estado transformado tiver retirado do artista toda necessidade de oposição? O que acontecerá ao artista quando aquele não desejar nenhuma possibilidade de oposição?". Tradução livre do autor. GIDE, André. In: FISCHER, Louis Et alli. **The God that failed**. New York: Bantam Books, 1965.p.169

Numa outra passagem da mesma obra, Gide apontou os perigos que o regime stalinista impôs à arte: “Now that the Revolution is triumphant, art runs grave risk – as grave as any under the most calamitous opressions – the danger of becoming and orthodoxy”. E concluiu contundentemente: “What triumphant revolution needs to grant, above all else, to the artist, is freedom. Without complete freedom, art loses all its significance and worth”[530]. Antes disto, Leon Trotski (1879-1940) já criticava incisivamente a tentativa de se transpor para a arte os desígnios partidários, afirmando que “a arte deve abrir por si mesma seu próprio caminho. Os métodos do marxismo não são os mesmos da arte”. O autor observou ainda: “a arte não é um domínio que se chame o partido a comandar[531]. Mesmo considerando que *Literatura e Revolução*, clássico em que Trotski criticava esta tutela partidária do universo artístico, só ganhou uma tradução brasileira em 1968 (Editora Zahar), é difícil que alguém envolvido com as discussões sobre o comunismo não tivesse acesso a textos traduzidos e não publicados, nem dominasse outros idiomas. Ainda assim, Motta Lima optou por uma coerência extrema aos seus ideais e, diferente daqueles que preferiram manter a arte longe dos programas partidários, mergulhou de cabeça num projeto que julgava esclarecedor.

O seu livro ambiciona ser provocador e didático. Sua trama é repleta de *flashbacks*, os personagens são postos num ciclo produtivo cansativo e contínuo, submetidos a castigos por Delmiro ou por seus auxiliares, não conseguem se livrar dele, se confundem com as peças da fábrica. A trama propõe que tudo isto pode mudar se o operário tiver acesso à verdade sobre a sua situação de explorado e o seu papel revolucionário na história. Entretanto, o que é a verdade?

Em *Fábrica da Pedra* a verdade consiste em desmontar a imagem cristalizada de Delmiro Gouveia como um “protetor do povo” e da relação harmônica entre as classes sociais no sertão. Os trabalhadores, ao menos parte deles, são mostrados na obra imersos em um processo de transformação da consciência. Deste modo, o trabalhador que inicia o livro como retirante, encerra a obra como militante comunista.

---

530 “Agora que a revolução é triunfante, a arte corre um grave risco – tão grave quanto quaisquer sobre a mais calamitosa opressão – o perigo de ser ortodoxa”. E concluiu contundentemente: “O que a revolução triunfante necessita garantir, acima de tudo, para o artista, é liberdade. Sem completa liberdade, a arte perde todo o seu significado e valor”. Tradução livre do autor. Ibidem.p.174

531 TROTSKI, Leon. **Literatura e Revolução**. Trad. Luiz A. Moniz Bandeira. Apres. William Keach. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.p.73

O sertão de Motta Lima assume uma coloração distinta entre os escritos sobre Delmiro. Isto ocorre principalmente graças ao deslocamento promovido pelo autor diante das demais narrativas inspiradas no coronel da Pedra. A perspectiva incide em pequenos personagens que ganham força no decorrer do livro. A vila, ao contrário de outras localidades sertanejas, é um lugar quase modernizado. Não se trata de um espaço apenas do arcaico. Há ali jornais, panfletos, livros e discussões acaloradas sobre os rumos do capitalismo, da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) que assolava o mundo e das suas conseqüências para o trabalhador. Tudo isto gira em torno da Companhia Agro-Fabril Mercantil (CAM), a Fábrica da Pedra.

Conforme o próprio autor, o romance começou a tomar forma na metade de 1942, portanto, na mesma época em que apareceu na revista *Cultura Política* a crônica "Recordações de uma indústria morta" de Graciliano Ramos. O texto, já mencionado noutras partes desta pesquisa, apresentava a aventura industrial de Delmiro e suas intervenções "no lugar mais triste do mundo, ermo que só dava cascalho e espinho"[532]. Considerando que o texto de Graciliano tenha sido publicado em agosto e os trabalhos de Lima são datados como iniciados em julho, é possível pensar em diálogos entre os dois autores.

A propósito, as relações entre os dois escritores acima iam além do campo literário. Pedro ou "Doca" como era chamado por amigos como Graciliano, era um dos irmãos de Joaquim Pinto da Mota Lima Filho, o "Pinto", amigo íntimo do autor de *Caetés*. As leituras comunistas, feitas em grupos pelos garotos, assustando mais a uns que a outros, ganharam espaço até mesmo nas correspondências entre Ramos e Pinto, que depois embarcariam juntos para tentar a sorte no Rio de Janeiro. Numas das cartas enviadas ao colega, em abril de 1930, Graciliano relata uma visita de Pedro acompanhado pela esposa, Priscila: "Doca esteve em Palmeira dos Índios e falou sobre as tuas extravagâncias, sobre a revolução, sobre jornais e sobre Pedro Mutuca". Mais adiante Graciliano relata que Doca "aludia aos horrores do sítio, ao finado Rui Barbosa, à prisão, ao calvário, e outros perigos, e falava na esperança que tinha de ver os filhos". Ao que tudo indica, o jornalista já havia conhecido a cadeia antes de 1930 e a experiência, evidentemente, não foi agradável. Porém, seria

532 RAMOS, G. Recordações de uma indústria morta. In: **Viventes da Alagoas** . 7 ed. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Martins Fontes, 1977.p. 114.

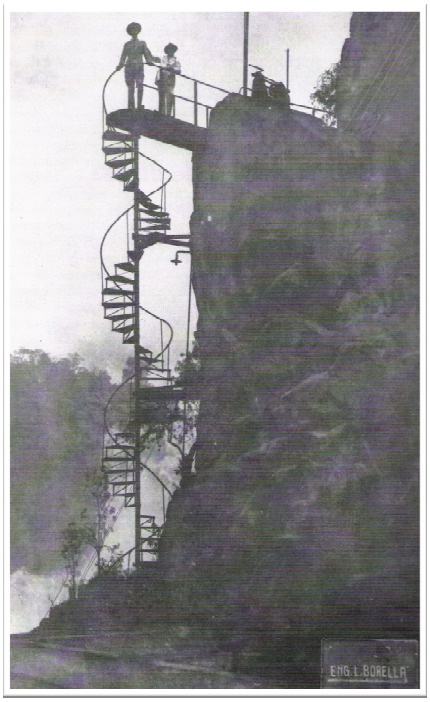
interessante atentar para uma observação feita por Ramos sobre as andanças do amigo de juventude. Graciliano informa que ele "teve por estes sertões uma chusma de aventuras: fez conferências e discursos, viajou de automóvel, viu a Cachoeira de Paulo Afonso e perdeu um par de chinelos. Leva assunto para um livro de memórias" [533].

Deste modo sabe-se, via Graciliano, de discursos e conferências feitas por Motta Lima e da sua idéia para um "livro de memórias". Seria possível que as idéias socialistas fossem tema destas falas? Provavelmente. Por outro lado, o projeto das memórias teria sido trocado pelo romance? Talvez. É provável que, a curto prazo, Motta Lima tenha visto no romance uma peça de propaganda mais eficiente. Somem-se a isto os depoentes dispostos a contar os feitos, os jornais que alardearam os progressos da vila, a Fábrica a colocar em movimento a vida de milhares de pessoas. Estes aspectos merecem ser considerados para se entender a empolgação do jovem comunista que, ao passar pelos sertões, visitou a Cachoeira e resolveu escrever memórias. Ainda assim, nada garante que o trajeto tenha sido mesmo este. A idéia para o livro pode ter surgido depois, embora isto não anule a experiência do seu autor ao conhecer a localidade, conversar com as pessoas. Por outro lado, como ele próprio data o início da sua escrita em 1942, não parece absurdo pensar nos ecos de Graciliano Ramos sobre o projeto de Motta Lima.

Aliás, a influência de Graciliano pode ser percebida já no início da narrativa. Enquanto este autor escreveu que as turbinas instaladas por Gouveia "foram acordar alguns cavalos da manada que lá dormia o sono dos séculos"[534], Lima afirmou que Delmiro "iria responder ao bramido milenar, desafio à dominação do homem"[535]. Nas páginas iniciais do livro, o coronel tem consciência do aspecto modernizador do seu empreendimento nas quedas de Paulo Afonso: "- Chegou a vez do sertanejo. Vamos recuperar por nós mesmos tanto tempo perdido"[536]. Além de Graciliano Ramos, Karl Marx (1818-1883), Friedrich Engels (1820-1895), Lênin (1870-1924) e Stálin (1878-1953), outro que parece ter

533 RAMOS, Graciliano. A J. Pinto da Mota Lima Filho. Carta em 2 abril de 1930. In: **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 1980.p.105
534 RAMOS, Graciliano. Recordações de uma indústria morta. In: **Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste**. 7 ed. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Martins,1977, p.114
535 LIMA, P. **Op. Cit**. p.11
536 RAMOS. Op.Cit.p. 114; LIMA, P**.** Op.Cit. p.11;p.15

21. Jorge Amado e Pedro Motta Lima (de branco, com a pasta). DULLES, John W.F. **O comunismo no Brasil (1935-1945)**. 2 ed. Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.



22. A escada em espiral que conduz ao "Ninho da Águia". No alto, Delmiro Gouveia posa ao lado alguém não identificado. ARARIPE, J.C.Alencar. **A glória de um pioneiro: a vida de Delmiro Gouveia**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.

23. Uma das ruas da Vila Operária da Pedra. J.C.Alencar. **A glória de um pioneiro: a vida de Delmiro Gouveia**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.

QUADRO DE HORARIO

HORARIOS

ESCRITORIO: TURMA UNICA

Das 7 as 11 horas. Das 13 as 17 horas.

FABRICA:

TURMA UNICA

Das 6 as 10 horas. Das 11 as 15 horas.

TURMA REVEZANTE

Primeira Turma:

Das 6 as 10 horas Das 14 as 18 horas.

Segunda Turma:

Das 10 as 14 horas. Das 18 as 22 horas.

Terceira Turma:

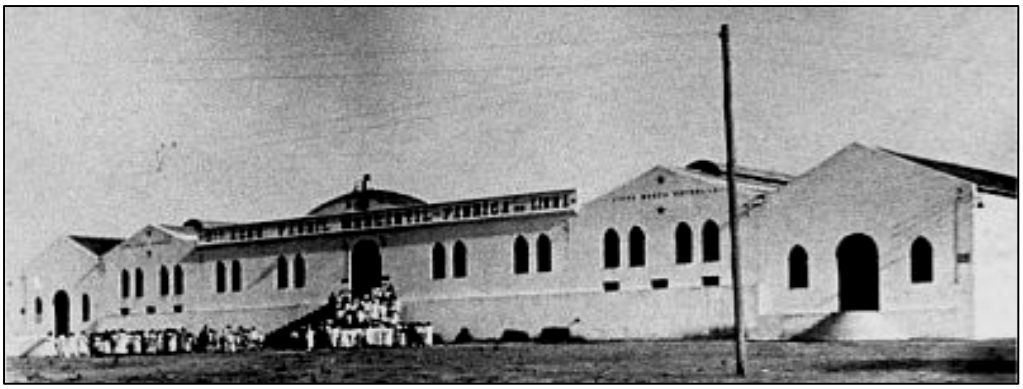
Das 22 a 1 hora. Das 2 as 6 horas.

Uma hora de intervalo para cafe.

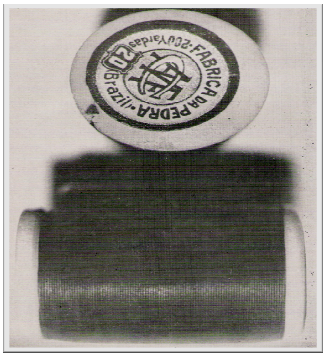
Descanso Semanal: DOMINGO

24. Quadro de horários da Fábrica da Pedra. ARARIPE, J.C.Alencar. **A glória de um pioneiro: a vida de Delmiro Gouveia**. Rio de Janeiro: Edicões O Cruzeiro, 1965.

25. Propaganda da linha “Estrella”. SANT' ANA, Moacir Medeiros de. **Bibliografia Anotada de Delmiro Gouveia (1917- 1944)**. Recife: CHESF, 1996.



26. Fachada da Companhia Agro-Fabril Mercantil (CAM), a Fábrica da Pedra. MARTINS, F. Magalhães. **Delmiro Gouveia: Pioneiro e Nacionalista**. 2 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. (Coleção Retratos do Brasil, v. 17).



27. Carretéis de linhas produzidas na Fábrica da Pedra. ARARIPE, J.C.Alencar. **A glória de um pioneiro: a vida de Delmiro Gouveia**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.

influenciado significativamente o texto de Motta Lima foi Máximo Gorki (1868-1936), sobretudo com o romance *A Mãe*[537], obra considerada um clássico do realismo socialista.

Escrito em tempos de exílio, em Capri, o livro de Gorki data de 1907 e é um relato da luta revolucionária através da perspectiva familiar. Pavel Vlassov e Pelagueia Nilovna (personagens inspirados respectivamente no operário Piotr Zalomov e sua mãe Kirilona Zalomov) mergulham no sonho socialista e sacrificam suas vidas e seus sentimentos em torno de uma causa. Pondo as idéias em movimento e migrando os sonhos socialistas para o sertão alagoano, Motta Lima estabeleceu um romance que, seguindo o estético do Partido Comunista, estabelecido nos programas de Andrei Zhdanov (1896-1948), pretendeu "tomar consciência del sentido história de los fenomenos que presenta y reflejar verazmente en la arte no solo el presente y el pasado, sino también las tendências del desarollo social"[538].

Tomando textos como *A Mãe* para referenciar sua labuta, Motta Lima escreveu da cidade sobre o mundo rural. Traçou, com clichês jornalísticos e recursos cinematográficos, as mudanças levadas ao sertão por um coronel negociante. Narrou um tempo em que através das intervenções de Delmiro "o bárbaro sertão adaptava-se às exigências da vida diplomática"[539]. Concebendo uma obra que deveria ser "un poderoso instrumento de educación comunista de los hombres", como logo se definiram muitas produções de artistas socialistas. O autor misturou nacionalismo, preocupação humanista e certa dose de otimismo no devir histórico através das suas personagens. A sua obra é, guardadas as devidas proporções, como *O Romance de Péron*. Ali, o velho general, ao refletir sobre as suas memórias afirmará que elas eram a ferramenta que faltava para a "doutrinar o vulgo"[540]. *Fábrica da Pedra* caminha numa direção próxima, pois ambiciona ser mais do que um romance. Quer intervir na memória e assim guiar a interpretação da história. A obra traz alegorias através de seus personagens. Dois deles são aqui destacados como referências à militância política e à transformação da consciência experimentada pelos sertanejos. O primeiro deles se chamava Aristóbulo.

537 GORKI, Máximo. **A Mãe**. 3 ed. Ver. Maria Fernanda de Almeida Prado Campos, Ana Corbisier, Geraldo Martins de Azevedo Filho. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
538 **DICIONÁRIO DE FILOSOFIA**. Editorial Progreso: Moscú, 1984.p.364. Realismo Socialista.
539 LIMA, P. **Op. Cit.**p.62
540 MARTÍNEZ, Tomás Eloy. **O romance de Péron**. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p.51

4.2. ARISTÓBULO, O NARRADOR.

Parte da narrativa é vista sob a ótica de Aristóbulo, telegrafista que se desdobrava nas funções de chefe, bilheteiro e despachante da Estação Ferroviária da Pedra. Classificando-se como "telegrafista numa biboca, ferroviário de estrada sem futuro", o moço estava ali por perseguição política, mas mantinha-se ligado ao mundo por jornais que recebia e pelos livros que lia, chegados do Rio de Janeiro, do Recife, de São Paulo, de Madri, Lisboa e Paris. Letrado, passara a observar os passos do fundador da Vila da Pedra. Nas lendas sobre o enriquecimento espantoso de Delmiro o rapaz identificava falcatruas e contrabando. Mantinha em silêncio uma desconfiança em relação ao negociante. Embora permanecesse calado, "entretinha-se anotando essas coisas em cadernos guardados cautelosamente no fundo das gavetas". Todavia, o que levava Aristóbulo a escrever era a consciência de que presenciava acontecimentos importantes por meio dos quais o marasmo da Estação teria fim. Assim, aceitando o "dever do cronista", o funcionário ia-se aos poucos "deixando apaixonar pela obra do coronel Delmiro. As prevenções, as reservas com que o considerava antes eram vencidas pela grandiosidade daquele plano". Para Aristóbulo, que vivera no Recife nos tempos áureos do Mercado do Derby, o cearense era "um bárbaro empenhado em fundar grande indústria"[541].

A consciência demonstrada por Aristóbulo de seu papel como cronista lembra, em parte, as considerações de Walter Benjamin: "o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história"[542]. E, deste modo, pelo fato de ser das letras, Aristóbulo se torna uma figura importante no romance, nas conversas da trama. Foi dele a idéia de escrever sobre Delmiro, justamente após a sua morte. Certo de que conhecia os mandantes do assassinato do coronel – "não tinha a menor dúvida a respeito (...) Não eram sertanejos e nem no Brasil residiam. Lá do estrangeiro tramavam tudo" –, o telegrafista pensou em escrever um artigo denunciando tudo. Porém, como publicar tal idéia sem enfrentar represálias ou, pior, publicar num jornal de pouca

541 LIMA, P. **Op. Cit.**p.23, 26,25

542 BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. Pref. Jeanne Marie Gagnebin. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1).p.222-232.p.223

visibilidade? A solução encontrada foi escrever uma apologia ao coronel industrial, símbolo do burguês nacional. Aristóbulo escreveria "um ensaio sobre a figura de Delmiro Gouveia, sua obra civilizadora, sua grande experiência de pioneiro da eletrificação, impulsionador da indústria brasileira". O rapaz ponderou que o seu escrito colocando o negociante "em plano mais alto, seria bem acolhido na imprensa da capital. Repercutiria, valeria como protesto indireto – pelo menos isso – contra aquela selvageria levada a cabo por instrumentos de conhecido truste internacional". Amarrar o destino dos operários ao elogio do patrão era a alternativa mais adequada para Aristóbulo. Sozinho, o trabalhador nacional não poderia levar a revolução adiante. Por isto, o telegrafista se consola: "Ao desgosto íntimo de não poder pegar o touro pelos chifres, opunha aquela saída. 'O corpo cede, às vezes prostitui-se, até. Mas que se salve a alma"[543].

E como uma prostituta, Aristóbulo vende um amor que não tem. Querendo atacar aos ingleses, de quem o Brasil era aliado em tempos de Guerra, resta ao cronista da Pedra arquitetar um mártir civilizador tomando a vida de Delmiro como matéria-prima. A idéia, a única escapatória que restara ao telegrafista, funciona no romance como uma explicação para as apologias que o coronel recebera após a sua morte. Tal visão provavelmente fincava suas bases numa leitura etapista da história sugerida pelo PC. A conscientização sobre o papel histórico a ser desempenhado pelo proletariado só seria possível com a inserção do país no capitalismo pleno. As indústrias pariam os operários e eram estes os destinados a fazer a revolução. Delmiro nasce assim, através da pena de Aristóbulo, como um herói mitológico, um mártir necessário, destinado a cumprir papel maldito nos combates ao capital estrangeiro. A Fábrica da Pedra, definida como "potência erigida em cimento, ossatura de aço respirando pelos pulmões da usina de Paulo Afonso", tendo o seu maquinário destruído por seus novos proprietários, seria o "coração" de Gouveia. Era ela que mantinha de pé o herói já morto. O imperialismo inglês, "antítese da solidariedade humana", marretou sem dó a obra gigantesca encravada no sertão: "É feroz o monopolista quando tem de abrir caminho à sua expansão. Destrói, devasta, arruína povos, saqueia nações, tripudia sobre tudo quanto signifique nobreza e escrúpulo"[544]. Em torno do cronista gravitava um grupo de jovens, amigos desde a adolescência, crescendo *com* e *na* Fábrica da

543 LIMA, P. **Op. Cit.** p.184
544 LIMA, P. **Op. Cit.**p. 215

Pedra, descobrindo as artimanhas do “inimigo”, do “flagelo do mundo”. Entre estes rapazes circulavam livros, panfletos e jornais divulgadores das idéias socialistas. Os moços eram Horácio, Vicente e Cláudio Timbé. Este último, pelas metamorfoses que experimentou na obra, pode ser visto como uma alegoria do despertar da consciência operária.

4.3. CLÁUDIO, SERTANEJO OPERÁRIO

Cláudio, filho do velho Mané Timbé é possivelmente a personagem que experimenta uma das maiores transformações. Ainda menino, foi trabalhar na Fábrica como ajudante na seção de encarretelamento e, lá, viu “as máquinas surgindo do chão”. O pequeno sertanejo “nunca tinha visto aquela forma de trabalhar, os homens fazendo sempre alguma coisa, sem perder um minuto, sem conversar, obedecendo às ordens gritadas pelo mestre”[545]. Com o tempo, as coisas mudaram. Rapaz, Cláudio vivenciou modificações significativas na forma de ver o mundo. Inserindo seu personagem num lento processo de transformação, o romancista indaga se o que moço experimentava “era apenas a mudança da inocência, já tão distante, no tino do homem que se formava lentamente, com o aparecimento de pêlos no rosto e o engrossar da voz?” Ou, quem sabe, “surgia outra vontade, um conhecimento novo, uma pessoa diferente no operário mecânico da Companhia Agro-Fabril Mercantil?”.

Cláudio é um “mujique”, o camponês mencionado por Gorki e Trotski, que se torna operário. A mutação é acompanhada do contato com os livros emprestados por Aristóbulo. Mesmo tendo pouco estudo – “contando bem, não cursara dois anos de escola, no Assaré e na Pedra”, escreve Lima[546] – ele avança nas leituras. Ao ler as primeiras páginas de *A Mãe*, Cláudio começou, quase mecanicamente, a comparar a vida das personagens russas e a que levava nos domínios de Gouveia. Entre um povo e outro, a mesma tristeza, a mesma opressão – e aqui aflora outro traço do realismo socialista, o seu caráter internacionalista –, a mesma modorra, um sentimento comum entre os dois povos, sentimento este que solapava tudo: “a fábrica, a vila operária, o arruado da Pedra, misturava-se em seu pensamento aos becos frios e sujos de uma fábrica, não sabia em que recanto sombrio e

545 Ibidem. p.47
546 Ibidem. p.108

triste de um país desconhecido". Depois de ler o livro em apenas uma noite, Cláudio passou a admirar a coragem de Gorki e a força dos seus personagens: "Que poder, o daquele homem! Soltara os seus personagens pelo mundo afora. Chegavam até ao sertão brasileiro, até ali à Fábrica da Pedra, sem temer o coronel Delmiro". Pavel, a mãe e seus camaradas "estavam sofrendo e lutando, ensinando a verdade, abrindo os olhos mais pesados de cansaço. Pondo a funcionar o motor de arranque da consciência dos trabalhadores"[547].

Cláudio compartilha sentimentos com o seu criador. A admiração e os elogios dirigidos a Gorki refletem traços das perspectivas de Motta Lima. A passagem citada é uma pista sobre como o autor concebeu o papel dos livros no trabalho de propaganda comunista. Era isto o que a sua própria escrita almejava: despertar, provocar, inquietar. Uma preocupação amparada pela postura do Partido diante da arte. Imerso na perspectiva que punha o escritor socialista sob atenta vigilância[548], Pedro Motta Lima esperava colocar em ação um sentimento que ele julgava existir de modo latente nos excluídos do campo e da cidade. Era esta a missão da sua peça literária, era isto a que deviam servir os heróis do seu romance.

De certo modo, Cláudio é como seu criador. Um leitor. Motta Lima leu e se apaixonou pelo texto de Gorki. Quis dividi-lo com seus leitores. E, como Ginzburg certa vez escreveu, "o modo como um ser humano reelabora os livros que lê é muitas vezes imprevisível"[549]. Por sua vez, numa tentativa de situar a perenidade e a diversidade interpretativa da obra literária, Terry Eagleton explicou que:

> O fato de sempre interpretarmos as obras literárias, até certo ponto, à luz de nossos interesses – e o fato de, na verdade, sermos incapazes de, num certo sentido, interpretá-las de outra maneira – poderia ser uma das razões pelas quais certas obras literárias parecem conservar seu valor através dos séculos[550].

547 Ibidem.120
548 BENJAMIN, Walter. Nova literatura na Rússia. In: **Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos**. Sel. Apr. Willi Bolle. Trad. Celeste H.M. Ribeiro et. al. São Paulo: Editora Cultrix Editora da Universidade de São Paulo, 1986.p.97
549 GINZBURG. Introdução. In: **Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa**. Trad. Samuel Titan Jr. Companhia das Letras, 2004. p.14
550 EAGLETON, Terry. Introdução: o que é literatura? In: **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.p.17

Desta maneira, como entender as transposições feitas pelo autor? O poder de um livro como *A Mãe* encontra justificativa nas próprias limitações históricas e culturais dos leitores. O exercício de adaptar situações de obras comunistas européias aos sertões exigiu criatividade e astúcia. Os diálogos que permeiam o seu livro, os ecos de Marx, Engels, Gorki, Tolstoi são perceptíveis, mas sutis.

Cláudio, como Pavel, se torna um apaixonado pelos livros. Em certo momento do romance, o rapaz cogita faltar ao trabalho na fábrica, mesmo sabendo da punição certa. Deste modo, ele "aproveitaria para avançar na leitura que o apaixonava", onde estava encontrando "os protestos guardados em silêncio dentro de seu peito"[551]. Depois de ler Gorki, Cláudio passou a ter Pavel como uma espécie de companheiro fantasma. A trajetória corajosa do operário russo motivou o sertanejo. Deste modo, após a demissão de Horácio, devido à publicação de um jornal operário, Cláudio parou diante do muro da Fábrica. Ouvia palavras que exigiam ação:

> Quem falava? Um ser fantástico, operário também como ele. Operário que vivia muito longe, em terras de que estavam tendo justamente naqueles dias vagas notícias, a respeito de uma revolução que pusera abaixo o monarca mais odiado. O operário contra quem os soldados atiravam, e no entanto continuaria vivo para sempre. Era Pavel[552].

Tal como a personagem russa, Cláudio queria "descobrir a verdade". Daí é possível entender porque o sertanejo "leu e releu" o trecho no qual Gorki afirmava que "a vida do operário era em toda parte a mesma coisa". Tal certeza era possivelmente compartilhada por Motta Lima, que adotou em seu romance alguns procedimentos utilizados por Gorki. É possível, inclusive, indicar diversos episódios presentes no texto russo também perceptíveis no livro do brasileiro. Eis alguns deles.

551 LIMA, P. **Op. Cit.** p.161
552 Ibidem.p.147

4.4. “EM TODA PARTE A MESMA COISA”: PARALELOS & RESSONÂNCIAS

Em *A Mãe*, os operários decidem fundar um jornal. Pavel declara nas primeiras páginas: “-Precisamos de um jornal!”. Por sua vez, cabe a Horácio a fundação na Pedra de um “jornalzinho composto e impresso na tipografia da fábrica”, denominado *O Arauto*. No periódico de duas páginas, o mesmo Horácio saudava a Revolução Russa. Aliás, deve ter soado instigante ao escritor o fato de que Delmiro morreu no ano e mês em que a Revolução Russa se consolidou com a chegada dos bolcheviques ao poder. Entrementes, também na frenética atividade editorial os autores voltam a se aproximar. Se Motta Lima foi editor de alguns periódicos, Gorki (na verdade Aleksj Maximovic Peskov) ajudou a organizar o primeiro jornal legal dos bolcheviques.

Em outra passagem, é possível ler que “os homens viam-se durante o trabalho, cada qual preocupado com o seu que-fazer, pago por tarefa. Tocando para adiante sem parar, que nem peça de máquina”. Tais homens, segundo Motta Lima, “saíam juntos, as ruas calçadas de grandes lajes enchiam-se de rumor, só assim quebrando o silêncio imposto desde as oito da noite pelo toque para os adultos, uma hora apenas do recolhimento imposto para as crianças”[553]. No livro de Gorki sabe-se que de casas pequenas, como as da vila da Pedra, “saíam apressados, como baratas assustadas, homens de ar aborrecido e músculos ainda cansados”. Trata-se de homens que, conforme o russo, “quando se encontravam, conversavam sobre a Fábrica, as máquinas, falavam mal dos contramestres. Não havia palavra, pensamento que não dissesse respeito ao trabalho”[554]. No texto brasileiro, com o tempo, “o que antes se chamava extraordinário passava a ser rotina”. E os operários, desumanizados feito as “baratas” de Gorki, deixavam o trabalho apenas por uma hora para o almoço e “voltavam assim que o apito dava um sinal rápido. E tudo recomeçava. Presos àquela vida como insetos em teia de aranha”[555].

Em *A Mãe*, Uma operária revela: “os filhos vêm ao mundo, não temos tempo de vê-los crescer, por causa do trabalho que nem sequer dá pão”. E acrescenta: “-Tive dois. Um, tinha dois anos, queimou-se com água fervendo; outro nasceu morto, antes do tempo, por

553 LIMA, P. **Op. Cit.** p.119
554 GORKI. **Op. Cit.** p.12
555 LIMA, P. **Op. Cit.** p.118

causa do maldito trabalho!"[556]. Já no texto de Motta Lima, quem morre é Amelinha, filha de Sinhá Luzia, amiga dos Timbé. A menina "embora sempre doentinha, com aqueles resfriados, não queria deixar de trabalhar", pois "conhecia as necessidades que havia em casa". Falece também o bebê da família Timbé que "devia chamar-se Maria das Dores. Morreu de espasmo aos sete dias de nascida e os olhos de Filomena, como de tantas outras vezes, não tiveram lágrimas para chorá-la"[557].

Da mesma forma que ocorre com a protagonista de *A Mãe*, Cláudio aprende a ler através do desafio de entender o mundo à sua volta. No texto russo, Nivlona começa lentamente a entender os anseios do filho comunista. Alfabetizada tardiamente, lia aos poucos debruçada sobre as páginas e movimentando os lábios. O jovem operário sertanejo também tropeça em termos e frases complicadas que "pareciam um quebra-cabeças", até apreender o sentido das palavras nos livros e jornais. A presença de passagens em Lima que quase se sobrepõem ao livro de Gorki, situam a obra como um trabalho híbrido, uma tentativa de "traduzir" não o texto, mas a sua mensagem[558].

Porém, o autor brasileiro tem uma preocupação a mais: a denúncia do imperialismo inglês. O assassinato de Delmiro é a alegoria do ataque à indústria nacional. Um operário repete: "-Atiraram no homem, a fábrica morrerá também". Morto Gouveia, a fábrica pouco tempo depois é comprada e as mudanças (negativas) não tardam a chegar: "Os portões da Companhia fecharam-se para os moradores da Pedra. Até mesmo as autoridades brasileiras precisavam pedir autorização aos ingleses para ter acesso àqueles locais". Para Cláudio, já homem feito e pai de um bebê – "uma operariazinha" – os problemas só aumentaram. Com a nova administração, ele se viu obrigado a "correr em auxílio da família". O pai, o velho Timbé, homem um dia orgulhoso de sua ascendência, agora "passava os dias bebendo cachaça pelas vendas" (eis aqui o alcoolismo, outro traço nefasto comum entre personagens de Gorki e os do brasileiro). Porém, o que mais indignava Cláudio não era a morte de Delmiro, patrão que ele mesmo desejou matar: "o que doía era aquilo que estava

556 GORKI. **Op. Cit.**p.350
557 LIMA, P. **Op. Cit.** p. 159-160; 121
558 BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2006. (Coleção Aldus, 18).p.27

acontecendo, a Pedra e a cachoeira de Paulo Afonso na mão de estrangeiros"[559]. Ou seja, o problema maior era ver "gente de fora" se intrometer em assuntos sertanejos.

Fábrica da Pedra é uma obra com tragédias, dor, tristeza, ódio, fome, miséria e principalmente esperança. Apesar da morte de Delmiro, da venda da fábrica para os estrangeiros, o tom do livro é otimista: "Mesmo diante da derrota momentânea a classe operária não se abate, não se rende. O inimigo estava ganhando uma batalha. Mas não seria a última nem a decisiva"[560]. Acompanhando as teses da revolução democrático-burguesa, os desígnios da III Internacional, mais próximo de Lênin e Stálin do que de Trotski, Motta Lima enquadrou o operariado nacional como segmento ainda frágil, sem condições de combater sozinho o imperialismo[561]. A aliança com a burguesia nacional, representada por Delmiro, era imprescindível para a vitória. O que parece ser mais importante para o autor, apesar da morte de Horácio nas mãos de capangas patronais, mesmo com a vitória do capital estrangeiro sobre o nacional e da transformação de um burguês que não compreendeu corretamente as regras do jogo do capitalismo em herói nacional, é o fato de haver sido posta a idéia de sertanejos, antes sem uma leitura crítica do mundo, terem despertado para a exploração que os abatia e, aos poucos, irem se erguendo. Havia sido dado o arranque para o surgimento de uma classe operária no sertão. Como Nivlona, que encerra o livro de Gorki sufocada em castigos, mas sem desistir, assim também seriam os operários da Pedra.

4.5. A RECEPÇÃO DA OBRA

Fábrica da Pedra provocou reações dúbias entre os estudiosos de Delmiro Gouveia. Se, por um lado, Francisco Magalhães Martins utilizou diversas passagens do livro para ilustrar e até mesmo para fundamentar seus argumentos (ver, por exemplo, as páginas 85, 176-178, 187-188 e 191 da biografia de sua lavra), José de Alencar Araripe criticou ferozmente a obra. Araripe afirmou que Delmiro não foi compreendido por Motta Lima em uma narrativa considerada falha já por se anunciar como verídica. Outro a mencionar a

559 Ibidem. p. 208-209
560 Ibidem. p. 220
561 REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.p.153

obra de Motta Lima foi Paulo Dantas, que nos tempos de surgimento de *Fábrica da Pedra* realizava pesquisas sobre Delmiro.

Dantas observou que Lima produzira seu romance histórico "escrevendo para ser lido e entendido pelo povo" [562]. No entanto, como não se pode falar em uma "crítica puramente literária"[563], as palavras dirigidas ao romance por seus "rivais" são chaves na compreensão sobre os seus impactos. Em um texto intitulado "Apêndice Curioso: o Delmiro Gouveia de Mauro Mota, o meu e o dos outros", Paulo Dantas lamentou a pouca naturalidade de Motta Lima e seu enfoque político-partidário. Apesar disto, quando comentou o livro, em tempos de ditadura, o mesmo crítico alertou para a importância das suas discussões naquele momento histórico de "procura e entendimento para os reais problemas sociais do Nordeste". Deste modo, mesmo tratando-se da obra de um comunista, que descreve Gouveia como um patrão extremamente severo, ferindo com sua pena a idealização de terra harmoniosa anos depois descrita em conto do próprio Paulo, este último classifica o texto como "romance animado e bem estruturado, trabalho motivado por uma grande causa de amor e justiça"[564]. Porém, o título do trabalho de Dantas evidencia as diferenças entre a sua perspectiva e a de Motta Lima. Na escrita deste último, o Delmiro "de Mauro Mota" não teve a primazia.

Todavia, não se deve estranhar a desconfiança gerada sobre o romance. Porque se por um lado há o elogio ao empreendimento de Gouveia, por outro ele não preocupa Motta Lima como alguns poderiam esperar. O problema em críticas como a de Araripe e Dantas é que elas deixam de lado a militância do romancista. O livro de Motta Lima não se preocupa com a vida de Gouveia, mas com as transformações no cotidiano dos trabalhadores. O partidarismo na obra não é um acessório argumentativo. É parte fundamental, sem a qual ela não tem sentido.

Conforme a obra, Pedra se transformou num feudo de Delmiro, num espaço sem justiça, no qual os operários eram explorados ao máximo, submetidos a castigos humilhantes. O mesmo Delmiro que traz a escola é aquele que se diverte oferecendo moedas a meninos esfomeados; constrangendo casais nas festas da vila; punindo com meia

562 DANTAS, Paulo. O Delmiro Gouveia de Mauro Mota, o meu e o dos outros. In: MOTA, Mauro. **Quem foi Delmiro Gouveia?** São Paulo: Edições Arquimedes, 1967. (coleção Para Todos, 2). p.47
563 Cf.EAGLETON, Terry. Introdução: o que é literatura? In: **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.p.21
564 DANTAS. **Op.Cit**. p. 48; p. 47.

dúzia de bolos os meninos fujões das aulas. Com o tempo, os dias na vila são preenchidos com castigos e sanções.

Uma mulher declara que "-Esta Pedra é uma terra sem justiça!". Motta Lima revela o corolário disto: "nessa mesma noite dois cabras arrastaram a mulher para a calçada, cortaram-lhe o cabelo e a surraram com cipó de boi até reduzir a farrapos a saia e as anáguas que ela vestia". Inocêncio, um operário, reclamou do baixo salário recebido. Como castigo pela audácia teve que

> trabalhar três dias e três noites sem ser rendido no posto nem para comer. De pé, sob a poeira fina do algodão, que entra pela boca, pelo nariz, pelos olhos e os ouvidos, entranha-se na pele, agarra-se aos cabelos e vai transformando os homens em bichos lanzudos, recobertos de uma pasta branca. Era ali mesmo que comia quando a mulher levava a janta. Ali, feito animal, satisfazia outras necessidades a que está obrigado o corpo. Na manhã do quarto dia caiu desfalecido junto à máquina. Dormiu dezesseis horas seguidas e quando acordou a administração o despediu[565].

Dominados pelo medo numa "terra de despotismo", os operários controlavam os ímpetos como podiam. Porém, as demonstrações de insatisfação aparecem. Cláudio picha na parede da Fábrica um protesto pela demissão de Horácio: "Um por todos, todos por um! Contra as demissões injustas"[566]. Os problemas se acumulam. Assim, o herói nacionalista de Motta Lima tem defeitos que não agradam aos seus biógrafos. Na trama de *Fábrica da Pedra*, Delmiro se afasta dos operários e, como observou Octávio Brandão[567], não se apóia nos trabalhadores. A narrativa oferece alegorias sobre as contradições do capitalismo. A cada página, observa-se o maquinário tomando espaço na vida das pessoas. Pouco tempo para a família e os amigos, pouco tempo para as festas. Descrevendo as arbitrariedades cometidas por Gouveia e seus empregados com vistas a manter a disciplina na Pedra, o romance se aproxima da tradição do realismo socialista (embora não deva ser pensado como completamente comprometido com esta proposta), buscando antes descrever questões

565 LIMA, P. **Op.Cit.**p. 158-159
566 Ibidem.p.148
567 BRANDÃO, Octávio. Delmiro Gouveia na indústria nacional. **Leitura**. Rio de Janeiro, n.57, mar.1952.p.25

que atingiam às massas, ainda que não deixe de situar o coronel como um grande homem. Todavia, se ressaltar tal aspecto não foi preocupação de Motta Lima, aqueles que o sucederam não tiveram restrições em mitificar Delmiro Gouveia.

4.6. PAULO DANTAS E A APOLOGIA DE GOUVEIA

Um conto de Paulo Dantas[568] (1922-2007), jornalista sergipano especializado nas obras de Euclides da Cunha, Monteiro Lobato (1882-1948) e Guimarães Rosa (1908-1967), narra a passagem de Jeremias, velho vaqueiro, e seu filho Daniel, tocador de realejo, pela cidade da Pedra. A visita teria se dado no mês de abril, durante a semana santa, em 1917. Pouco tempo, portanto, antes do assassinato de Gouveia, em outubro do mesmo ano. Sugestivamente batizado "Delmiro Gouveia (Aleluia em Pedra)", o texto cita versos recolhidos pelo autor em sua visita à Pedra, em 1955, época em que realizou demorada viagem pelo Nordeste. Como outros escritos aqui mencionados, Dantas entrega ao seu leitor reminiscências, reconstruções fragmentárias suas e de seus depoentes. A epígrafe da narrativa reafirma a originalidade de Delmiro e sua posição entre os "heróis" populares. Diz ela: "Moço, até hoje, estou procurando formar quadra dos grandes homens do Nordeste, mas não acho não. Só conheço é mesmo três: Lampião na valentia; Padre Cícero na oração e Delmiro Gouveia no trabalho" [569]. Na tríade citada, Delmiro aparece como um contraponto. A valentia, a violência, a oração e o misticismo são características menores diante do potencial transformador manejado por Delmiro – o trabalho. A chave para mudar o sertão. Desta maneira, aproximando Delmiro do cangaceiro e do clérigo, o autor se mostra afinado com a concepção de Mauro Mota.

---

568 Nos anos 60 Dantas ganhou dinheiro respondendo a questões sobre Canudos no programa "O céu é o limite", da TV Tupi. Após algumas publicações, lançou aquele que considerava o seu maior sucesso, o livro *Capitão Jagunço*. Anos depois publicaria *Sertão desaparecido*, obra povoada de narrativas sobre os cangaceiros, mas com o acréscimo de um outro texto, este sobre Delmiro Gouveia, provavelmente foi escrito em São Paulo, em julho de 1974. Cf. ROSO, Jayme Vita. Conversando com Paulo Dantas em Recife (entrevista). http://www.migalhas.com.br/mostra_noticia_articuladas.aspx?cod=14604 em 23 fev 2007. Sobre o diretor Fernando de Barros ver: SETTI, Ricardo. Fernando de Barros (1915-2002):Um mestre, na moda e na vida. http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/mem180920021.htm# em 22 fev 2007.

569 Este depoimento é atribuído a Antônio Rodrigues de Andrade, o "Mainha", tendo sido recolhido por Dantas em 1955.Cf. DANTAS, Paulo. Delmiro Gouveia (Aleluia em Pedra). In: **Delmiro Gouveia e outros sertões**. 2 ed. (Sertão Desaparecido). São Paulo: Edições Populares, 1978.p. 111

No decorrer do texto o leitor é avisado de que a personagem da qual se fala com admiração "não é beato, nem cangaceiro"[570]. Delmiro se explica a Daniel lembrando que com água e luz espantara "os fantasmas que rondavam pela região". Todavia, ressalta: "Não sou beato, nem cangaceiro. Sou um homem da indústria. A indústria é quem tem que resolver tudo no Nordeste e no mundo". Deste modo, Dantas blinda o seu personagem contra os estereótipos de beatos e líderes messiânicos que pareciam se amontoar no sertão, bem como o exclui das narrativas violentas sobre o cangaço e das práticas coronelísticas. Aqui, o diálogo com autores como Magalhães Martins pode ser ouvido com clareza muito embora, lembre-se, Dantas não nutria a mesma antipatia do autor cearense pelo cangaço e por Padre Cícero. O que ele pretende destacar é o contraste da Pedra frente a outros sertões, acompanhando assim a tradição interpretativa inaugurada por nomes como Chateubriand e Oliveira Lima ao narrarem as intervenções de Delmiro Gouveia. Certos versos presentes no conto descrevem a situação da vila da Pedra quando da chegada do cearense: "Quando Delmiro chegou/ naquele triste lugar/Aquilo ali era um deserto/De ninguém querer morar,/Não tinha casa nem gente/Nem estrada para passar". Outro trecho diz: "Terra de pedra e espinho/De macambira rasteira/Naquele sertão medonho/Só se ouvia a vida inteira/O ronco do cangacu (sic)/E a queda da cachoeira"[571].

Os personagens de Dantas louvam Delmiro Gouveia e sua obra, principalmente pela transformação que o industrial realizou na paisagem da cidade. Daí, os versos de Jeremias: "Em Pedra estamos chegando/Seu casario já avistando:/Deus vos salve saudação./Foi Delmiro quem iluminou/Todo escuro do sertão". Como se vê, Jeremias se aproxima da Pedra recitando versos, observa a caatinga e o chão maltratado, prevendo mudanças: "sabia que, mais adiante, ao entrar nas terras do coronel, a paisagem se modificaria, com a margem cedendo a um cultivado verdor"[572]. A cena vislumbrada não é um espetáculo apenas aos olhos, mas também ao olfato das personagens: "cavalgando nos belos cavalos, Jeremias e Daniel viram, ao longe, a cidade cheirosa destampar na paisagem como um frasco de progresso e perfume. Pararam extasiados". Tratando do cheiro das coisas, o autor se esmera para ir além de uma impressão visual sobre a vila. Deste modo, realiza o difícil exercício de rememorar pois, como atentou Walter Benjamin, "o odor é o sentido do peso,

570 Ibidem. p.116
571 Ibidem. p. 116,113, 114.
572 Ibidem. p. p. 116;113

para quem lança sua rede no oceano do *temps perdu*"[573]. Na narrativa de Dantas, o progresso tem cheiro. É de suas reminiscências e daquelas fornecidas pelos seus depoentes que Dantas tece o seu trabalho. É deste material denso, muitas vezes indefinido, que ele recolhe os estilhaços e procurar atribuir-lhes um sentido.

Portanto, é com imagens e odores que o leitor conhece a vila da Pedra. Esta conjugação de apelos sensoriais deveria promover uma experiência diferenciada. A narrativa de Dantas seria fruto de alguém que não apenas viu o seu objeto, mas que estivera ali, conhecera a paisagem, sabia das suas cores e dos seus cheiros. O autor parece preocupado em oferecer algo mais profundo do que simples recordações visuais. E assim, os domínios de Gouveia, no conto, funcionam como espaço sagrado. Jeremias anuncia: "-Estamos chegando às abençoadas terras do coronel" [574].

Esta mudança na paisagem recebe ênfase e seu resultado positivo é interpretado como fruto da ação isolada de Delmiro que "desceu a cachoeira com a turbina na mão e fez a ligação para sua branca cidade, muitas léguas distantes"[575]. Dantas fala em modificações operadas com "o simples milagre da vontade e do discernimento de um homem". De certa maneira, sua conclusão se aproxima da crônica de Graciliano Ramos, tantas vezes já mencionada. Dantas escreveu que a "região, deserdada sob esse sopro, havia se feito oásis, virado uma cidade, com um casario uniforme, fábrica de linha, hotel, água encanada até luz elétrica, tudo no lazer da felicidade". Os benefícios trazidos por Gouveia servem para indicar a singularidade do coronel que levara o progresso, o mundo industrial, à Pedra.

A certeza no desenvolvimento através da industrialização e a conseqüente mudança do sertão surgem nas falas dos personagens do conto. Delmiro dirá: "-Estou convencido que somente a industrialização salva o povo da pobreza, da miséria". E, ecoando palavras de Euclides da Cunha, como fizeram outros que estudaram o cearense, Paulo Dantas apresenta a redenção do sertanejo por meio da chegada de maquinários e de práticas modernas. Por isto, ao explicar as razões que o levaram a fixar-se em lugar tão inóspito, Gouveia dirá que resolvera "ficar e fazer alguma coisa pelo povo do sertão". Concluirá: "-Escolhi Pedra como minha morada ideal. Introduzi na cidade a luz elétrica, a indústria, o

573 BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. Pref. Jeanne Marie Gagnebin. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1).p.49
574 DANTAS. **Op. Cit**. p. 115
575 Ibidem. 116.

progresso, a instrução e higiene"[576]. Assim, manejando artefatos da indústria, instruídos e limpos, os sertanejos seriam outros.

Alguns dos versos declamados por Jeremias falam sobre a recepção às intervenções de Gouveia: "Tem duas coisas no mundo/Que eu vejo e me admiro;/É o trem lá de Piranhas/E o carro de Delmiro". Ou seja, dois ícones da modernidade (trem e automóvel) impressionam o sertanejo. Delmiro era dono de carros, objetos rarefeitos nos dias em que viveu nas Alagoas. Os impactos da circulação dos seus veículos, cruzando as estradas do sertão, principalmente à noite, surgem noutras quadras: "Minha mãe o que é aquilo/Que vem assombrando a gente?/- É o carro de Delmiro/Com [o] um fogo aceso na frente"[577]. Os versos oferecem uma instigante leitura do presente da escrita[578]. Afinal de contas, como escreveu Martínez, "não é a memória exata o que importa, e sim o que cada um aproveita dela: a coloração com que a impregna"[579]. As descrições sobre o carro e sua recepção exemplificam a complexa operação de conviver com o novo, analisá-lo e registrar as suas impressões sobre ele. O autor tentou fixar as quadras, até então ditas de memória e passíveis de mutações contínuas.

Todavia, o sertanejo dono destes versos estava em extinção, sugere Dantas. A sua narrativa se justifica, segundo ele, como uma tentativa de fixar trechos da memória de uma gente que não tem como fazê-lo. O sertanejo não percebia como o seu mundo estava em transformação, que Delmiro Gouveia era como um "pavão misterioso de um sertão que ia desaparecer", nem como o que vinha após a experiência de progresso era algo difícil de viver[580].

A interrupção do processo civilizatório levado a cabo por Delmiro é então dimensionada com os versos cantados cuja autoria seria atribuída a Lampião: "Em toda minha vida/Nunca fui cabra de peia,/Antes de ser bandoleiro/Respeitei a vida alheia/Trabalhei e almocrevei/Para seu Delmiro Gouveia"[581]. Conforme os versos, um dos personagens citados como ícone do Nordeste já estivera sob as ordens do coronel,

576 Ibidem.p. 125,124-125.
577 Ibidem. 126,127.
578 PESAVENTO, Sandra J. História & literatura: uma *velha-nova* história , ***Nuevo Mundo Mundos Nuevos***, Número 6 - 2006, mis en ligne le 28 janvier 2006, référence du 17 août 2007, disponible sur : <http://nuevomundo.revues.org/document1560.html.> Acesso em: 17 out. 2007.
579 MARTÍNEZ, Tomás Eloy. **O romance de Péron**. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p. 63
580 DANTAS. **Op. Cit.**p.129
581 Idem

trabalhara para ele. Não sendo nem beato, nem cangaceiro, Delmiro, o "Antônio Conselheiro do Trabalho", como quis Mário de Andrade, "dava" emprego, "pregava" o apego ao mundo produtivo. Até mesmo Virgulino Ferreira experimentou estas benesses. Todavia, a morte do negociante pôs fim ao processo. E Virgulino, desvirtuado, entrou para o cangaço transformado em Lampião [582].

A obra criada por aquele homem sempre vestido de branco que "parecia um Salomão sertanejo" – sábio e conquistador ao mesmo tempo - é descrita no conto como uma experiência harmônica. É o coronel, apresentado como o grande benfeitor do sertão alagoano, que diz ao tocador de realejo: "- Creia, Daniel, que Pedra é um paraíso"[583]. Porém, esta idéia finda contraditória quando uma das personagens deixa escapar: "- Dizem até que o coronel, passeando a cavalo, corta na ponta do chicote os charutos das velhas que fumam nas portas das casas, cuspindo e sujando o chão"[584]. Mário de Andrade e seu texto "O Grande Cearense"[585] são novamente tomados aqui, num esforço para reafirmar o zelo do coronel pela limpeza, ainda que para isto tivesse que utilizar a força como expediente. Mesmo assim, a representação que se quer firmar é a da Pedra como um espaço de comunhão social, um lugar "cheio de luminosidades" no qual Delmiro era um distribuidor de benefícios. O próprio Daniel reforça esta leitura. O moço, sabendo que não poderia tocar seu instrumento na igreja, decidiu "pedir ao padre para deixá-lo tocar o sino, enchendo as caatingas de hosanas e epifanias". Assim ele homenageava ao senhor da Pedra: "Tocaria mil louvores ao homem que transformara o sertão maltratado num paraíso habitado, com conforto, luz elétrica e até com água encanada, que das torneiras caíam, lavando todas as

582 Maria Isaura Pereira de Queiroz informa que "na adolescência, Lampião fora almocreve", mas como explica Billy Jaynes Chandler, "os dados históricos com que se procura recompor a entrada de Virgulino para o cangaço são fragmentários, confusos e, geralmente, contraditórios". Não é impossível que o cangaceiro tenha trabalhado no transporte de courinhos. É sabido que os Ferreira se fixaram em Água Branca, numa fazenda do povoado Olho d'Água, sob a proteção do coronel Ulysses Luna, em 1920. O pai e os irmãos de Virgulino foram almocreves. Todavia, entre ter prestado serviços de almocreve - um entre centenas que inundavam a Pedra nos tempos dos courinhos comandados por Delmiro - e a "fatalidade" da opção pela vida de cangaceiro, há um passo demasiado longo. Ainda assim, não são poucos os estudiosos que atribuem à morte do Rei das peles a transformação de Virgulino em Lampião. Cf.CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião: o rei dos cangaceiros**. 4 ed. Trad. Sarita L. Barsterd. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.p.29; QUEIROZ, Maria I. P. **História do cangaço**. 5 ed. São Paulo: Global, 1997. (História Popular, 11).p.46

583 DANTAS. **Op. Cit.**p. 119.

584 Idem

585 ANDRADE, Mário. O grande cearense. In: **Os Filhos da Candinha**. São Paulo: Martins Editora; Brasília: INL, 1976.p.43-44

sujeiras do mundo" [586]. A perspectiva idílica que permeia o conto de Dantas encontrou, porém, leituras menos idealizadas.

Escrito em 1976 e publicado em 1978, *O Coronel dos Coronéis* de Maurício Segall surpreenderia ao leitor acostumado aos elogios dos biógrafos de Delmiro. Originalmente produzido para uma peça teatral, o texto de Segall investe na comédia para narrar a vida de Gouveia. Além da opção inovadora, há o mérito de, ao contrário de outros trabalhos, considerar as reinterpretações do passado feitas pelas classes subalternas. Neste processo, não há um alinhamento automático com a produção da cultura letrada, mas apropriações da memória oficial e produção de um modo particular de conceber o cearense. Segall evoca repetidas vezes o progresso para o Nordeste. Nele Delmiro Gouveia representa a modernização possível para uma região onde só há miséria e gente desiludida. Todavia, afastando-se da perspectiva de Paulo Dantas, o texto promove uma interpretação mais "anárquica" da história de Gouveia. Exemplo que pode ser visto nas contradições que afloram quando Delmiro tenta justificar para a irmã o modo como conduzia a Pedra. Não há nada de "paraíso" na passagem:

> Mordomo – Coronel, chegaram as fitas de cinema pro pessoal ver.
> Delmiro – O que veio?
> Mordomo – Veio uma que chama *Beijos Proibidos*.
> Delmiro – Essa não. Essa não pode.
> Augusta – Ué, por quê?
> Delmiro – Já disse. Não quero imoralidade na Pedra. (Para mordomo). Já mandou o telegrama para o Recife avisando a cantora do Santa Isabel que vou pra lá a semana que vem?
> Mordomo – Mandei
> Delmiro – E que outra fita, tem?
> Mordomo – *Tiroteio no Texas*.
> Delmiro – Também não pode. Violência não.
> (Ouve-se um tiro fora – entra Bastião correndo como tenente da Polícia de Alagoas)
> Delmiro – Que foi, Tenente Tibúrcio?

586 DANTAS. **Op. Cit.** 130

> Tenente – Foi Patrício que deu um tiro em Zé Maria.
> Delmiro – Põe a volante atrás dele. Dá um pau nele e joga na cadeia. Desordem não aturo.
> Tenente – Mas tem um porém, Coronel. O Zé Maria tava querendo comê a mulher do Patrício, Coronel.
> Delmiro – Ah, bem, crime de honra. Então deixa pra lá. (Sai Bastião/Tenente). Qual é a outra fita que veio?
> Mordomo – Não veio mais nenhuma.
> Delmiro – Então não tem mais cinema pro pessoal esta semana. Põe o projetor ali que depois do jantar você passa as fitas para mim e para D. Augusta[587].

A moral oscilante do dono da Fábrica da Pedra avançava sobre o cotidiano dos seus empregados, delimitando, punindo. As críticas que aparecem no excerto acima vão de encontro às realizações de Delmiro Gouveia narradas por Paulo Dantas, produtor de um reforço às narrativas anteriores, aquelas que emergiram com as biografias. Em Dantas, a ênfase no aspecto desenvolvimentista se dá porque, como ele mesmo explica, "é de homem muito avançado; de gente assim é que o sertão, o Brasil anda carecendo, precisando urgente"[588]. E as transformações tecnológicas promovidas pelo industrial não se destinariam a fins particulares: "- É pra Nação, para o povo inteiro tirar das suas águas o proveito e o conforto da luz elétrica", dirá Gouveia. Por sua vez, Jeremias observa que "homem dessa qualidade só faz bem e só nasce um por vez"[589]. Ressaltando a unicidade de Gouveia e o ineditismo da obra o texto aproxima o coronel de uma personagem hagiográfica.

A admiração que o autor nutria por Delmiro parece ter se ampliado após a visita à Pedra. Ali, Dantas se viu envolto em narrativas fantásticas sobre o cearense. De um evento em que participou no Hotel Delmirópolis, o jornalista registrou que "tinha as vozes de uma

587 SEGALL, Maurício. **O Coronel dos Coronéis. Comédia histórica em duas partes**. Prêmio Serviço Nacional de Teatro. VIII Concurso de Dramaturgia/1976. 3 lugar. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1978. (Coleção Prêmios, 14).p.121-123. Os personagens da peça são atores que preparam uma espetáculo sobre Delmiro. No texto original eles aparecem da seguinte forma : Alegria/Delmiro; Zefa/Augusta; Palhaço/Mordomo. No entanto, preferi manter apenas os nomes de Delmiro e de Maria Augusta.
588 Ibidem.p.116
589 Ibidem.p. 121

região inteira falando em favor do seu grande chefe, cujo exemplo era evocado em termos de parábola de um novo evangelho social do homem nordestino"[590]. E numa tessitura recheada de referências bíblicas, o autor alia imaginação e trabalho de campo. Projetando nos depoentes os relatos positivos que ansiava encontrar, o estudioso traçou um perfil martirizado para o protagonista do seu conto.

Paulo Dantas sacralizou Delmiro Gouveia sem grandes temores. A relação do industrial com a vila da Pedra é transformada em uma relação patriarcal, na qual a dominação se dava para benefício do povo e da cidadela. Segundo Dantas, "ele gostava da sua cidade. Ela lhe pertencia como uma grande amorosa. Reinava sobre ela como um Salomão, misto de sábio e conquistador". A cidade é desenhada como uma amante fervorosa, a namorada ideal. Ela aceita de bom grado tudo aquilo que lhe faz Delmiro, porque ele o faz para o seu bem. Como Deus fizera com o homem, Gouveia criou a vila da Pedra "a sua imagem e semelhança". E as atitudes tomadas visando manter o controle sobre aquela povoação eram atos de quem "sabia dominá-la e só queria o seu progresso, a sua geral felicidade"[591].

Consoante à tradição oral que afirmou acompanhá-lo antes mesmo de chegar pela primeira vez à Pedra, Dantas buscou o máximo de "testemunhos vivos" sobre Delmiro. Segundo o pesquisador, entre as pessoas que consultou, "só ouvira falar bem" de Gouveia[592]. Gouveia é como Salomão, o terceiro rei de Israel, herdeiro escolhido de Davi. Uma comparação curiosa, principalmente considerando-se alguns traços do personagem bíblico: um dos homens mais sábios que já existiu, patrono das artes, comerciante, diplomata. Ele, como Gouveia, teve também "mulheres pagãs" em sua cama[593].

Pelo relato escrito anos depois, foi a visita à Pedra que despertou em Dantas a idéia de narrar os feitos do coronel. O aparecimento do livro de Motta Lima, nos mesmos tempos em que conhecia a Pedra e em que surgia um caloroso debate sobre os sentidos da CHESF, pode ter exercido certo efeito em Dantas. Quando escreveu o seu "apêndice curioso" à biografia publicada por Mauro Mota, o sergipano fez referência ao romance de Motta Lima

590 DANTAS, Paulo. O Delmiro Gouveia de Mauro Mota, o meu e o dos outros. In: MOTA, Mauro. **Quem foi Delmiro Gouveia?** São Paulo: Edições Arquimedes, 1967. (coleção Para Todos, 2). p. 54
591 DANTAS, Paulo. Delmiro Gouveia (Aleluia em Pedra). In: **Delmiro Gouveia e outros sertões**. 2 ed. (Sertão Desaparecido). São Paulo: Edições Populares, 1978.p.
592 Idem
593 II Samuel, 12:24; Reis, 11:43;Neemias 13,26. **Bíblia do Estudante Aplicação Pessoal**. Ver. Almeida Rer. Cor. Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1995.

e destacou o papel que Gouveia poderia cumprir como catalisador de um novo ciclo no romance nordestino. A própria publicação de *Fábrica da Pedra* atestava isto. O romance vinha "desbravar para as letras nacionais, o culto aos homens positivos e representativos da chamada energia e salvação nacionais"[594]. A literatura serviria, deste modo, como um significativo suporte à memória.

Todavia, lembre-se que Dantas não leu *Fábrica da Pedra* com satisfação. Embora admire a mescla entre personagens ficcionais e reais, o autor de "Delmiro Gouveia e os sertões" reprova o partidarismo presente na obra de Motta Lima, permeada de "certos laivos ou chavões do romance político-partidário, bem como de certos recursos fáceis do jornalismo". Faltava à obra "uma maior naturalidade sertaneja de linguagem". Estes problemas, elencados por Dantas, supõem uma leitura incômoda da saga de Gouveia na perspectiva de Motta Lima. Os tais depoentes que só falavam bem de Delmiro, na obra de Motta Lima, disputam com figuras como Aristóbulo e Cláudio Timbé.

Em Paulo Dantas, observa-se o projeto para uma leitura hagiográfica de Gouveia, propondo modificações sem necessariamente implicar uma postura revolucionária. Narrando nos mesmos tempos em que se ventilava a produção do filme *Coronel Delmiro Gouveia*, o jornalista sergipano executa uma leitura harmoniosa das relações entre Gouveia e seus empregados. Ao mesmo tempo, enquadra a paisagem – o sol, as pedras, a cachoeira, a vegetação – como elementos subalternos aos desígnios do coronel, que os manipula em prol dos pobres sertanejos e do Brasil. Em tempos de desenvolvimentismo, Delmiro Gouveia aparece como um herói a quem os brasileiros, como a personagem Daniel, deviam cantar hosanas. Décadas depois do seu texto, uma nova apologia literária foi endereçada ao senhor da Pedra.

---

594 DANTAS, Paulo. O Delmiro Gouveia de Mauro Mota, o meu e o dos outros. In:MOTA, Mauro. **Quem foi Delmiro Gouveia?** São Paulo: Edições Arquimedes, 1967. (coleção Para Todos, 2). p. 48

4.7. O NINHO DA ÁGUIA: NACIONALISMO E REDENÇÃO MODERNIZADORA

O Ninho da Águia, de Adalberon Cavalcanti Lins, foi finalizado em 1987 e publicado no ano seguinte. Na época, o autor já era conhecido por outros romances[595]. Lançado pela Editora Sergasa, o livro de 455 páginas foi publicado com o apoio do então secretário estadual de Cultura e Esporte, João Nascimento, e do governador Fernando Collor de Mello (1986-1989). A obra segue uma ordenação cronológica. Não há, na escrita de Lins, qualquer pretensão em experimentar com os diferentes tempos e espaços vividos por Gouveia (como o fez Pedro Motta Lima). O livro inicia-se com o nascimento de Belo Farias, pai de Delmiro, e se estende até momentos posteriores ao assassinato do protagonista. Este percurso linear e cumulativo, cobrindo um período que vai do primeiro quartel do século XIX até o início do XX, é feito em 3 partes divididas em 62 capítulos. Para escrever aquilo que denominou "Saga Delmiro Gouveia", o autor explorou os biógrafos. Mas quais biógrafos?

Lins utiliza diferentes biografias de Delmiro, porém as que aparecem com maior freqüência são as de Tadeu Rocha, Mauro Mota e Magalhães Martins. Tais autores são usados principalmente na primeira e na segunda parte do seu texto (que vão das páginas 17 a 165). Estas seções iniciais respondem pela forja do herói, ou seja, é nelas que o leitor será apresentado a Gouveia e suas primeiras aventuras. O autor concentra na terceira parte a narrativa sobre a vida do negociante na Pedra e seus empreendimentos no local.

Assim sendo, pode-se dizer que as duas primeiras partes do livro são "documentais". O autor busca autoridade para falar de Delmiro reproduzindo trechos de diferentes biógrafos, num quiproquó que funde documentação oficial e texto ficcional. Tentativa de pouco sucesso. Adalberon parece ficar no meio do caminho. A sua experiência, pouco feliz, finda num livro cansativo e recheado de situações inverossímeis.

O autor embrenha-se numa perspectiva da história factual e limita seu trabalho a enredar cronologicamente a vida de Gouveia. A experiência com as passagens de biógrafos não serve para que Lins ensaie um projeto mais audacioso. Citar para ele é apontar a

595 Algumas outras obras do autor: *Coquetelismo no sertão* (1956); *Curral Novo* (1958); *Caminhos Incertos* (1976); *O Tigre dos Palmares* (1978).

verdade, é estabelecer o *effet de vérité* e reforçar as suas afirmações[596]. Porém, o problema maior não é este, é o funcionamento das citações, que ganham o estatuto de "máximas", teoremas dos quais não se pode duvidar. O romance, sobretudo no início, aproxima-se de uma monografia. Tadeu Rocha, o biógrafo mais citado, com aproximadamente 15 menções, aparece, por exemplo, nas páginas 163, 166, 169-170, 171 e 172.

Por sua vez, na terceira parte do livro, composta por 48 capítulos, Lins praticamente abandona o recurso e desequilibra o ritmo narrativo. Isto, todavia, não melhora a obra, porque o autor teima em repetir informações e, se não cita abertamente os biógrafos[597], "reescreve" passagens inteiras de figuras como Mauro Mota e Gilberto Freyre. São praticamente os mesmos textos, mas deslocados no tempo e no espaço, imersos em outro contexto.

Alguns trechos dos escritos de Mauro Mota percebidos em certas partes da obra evidenciam que embora não tenha sido tão citado quanto Tadeu Rocha, o pesquisador pernambucano permaneceu como referência obrigatória aos estudiosos da vida de Gouveia, bem como indiciam uma das possíveis coordenadas de Adalberon para apresentar seu personagem como um modernizador. Por sua vez, Freyre ecoa pela página 132 na qual a menção do Velho Félix a um alemão abismado com o Derby é explorada[598]. Outro trabalho que parece ter influenciado Lins, embora não seja mencionado em momento algum, foi o filme *Coronel Delmiro Gouveia* de Geraldo Sarno (1977). As observações da página 224 consistem em adaptações da fala que abre a película:

---

596 Cf. GINZBURG, Carlo. Ekphrasis e citação. In: **A micro-história e outros ensaios**. Trad. António Narino. Lisboa: Difel/ Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p.215-232. O mesmo texto foi publicado com algumas modificações sob o título de "Apontar e Citar: a verdade da história". **Revista de História**. Unicamp, n.2/3, inverno,1991. p.91-105.

597 São os seguintes biógrafos citados e as respectivas páginas nas quais eles aparecem no livro de Lins: MARTINS, F. Magalhães. **Delmiro Gouveia: Pioneiro e Nacionalista**. 2 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979 (Coleção Retratos do Brasil, v. 17). Ver páginas 60-61, 152-153; MENEZES, Olympio de. **Itinerário de Delmiro Gouveia**. Recife:Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1963. Ver páginas 71, 10,161; LIMA JÚNIOR, Félix. **Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão alagoano**. 2 ed. Maceió: Federação do Comércio do Estado de Alagoas, 1983. Ver páginas 82-83, 136-137; MOTA, Mauro. **Quem foi Delmiro Gouveia?** São Paulo: Edições Arquimedes, 1967. (coleção Para Todos, 2) na p.128; ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia:o pioneiro de Paulo Afonso**.3ed.Rev.Aum.Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970. Ver páginas 53, 84-85, 91, 100-101,115, 119, 120-121,145, 158, 163, 166, 169-170, 171, 172, 446.

598 Ver por exemplo: LINS. **Op.Cit.**p.127 e 128.

> Não se vê ninguém desocupado, não. É o causo de dizer quem não trabaia não come [II]. Quando o coroné vê um cara vadiando, manda ele juntar pedras pras construção [III]. Quando chega um magote de retirantes, dos bandos do Ceará [I], onde a seca tá tinindo, o coroné dá de-comer trabaio pra eles ganhar dinheiro [IV][599].

No filme:

> com a chegada dele foi mesmo que ter enricado (sic) [IV]. Quando chegava um retirante nu, ele mandava vestir [I]. (...) Se tava com fome, dava de comer [II]. E no outro dia ia trabalhar. Quando o serviço era pouco ele mandava juntar pedra nos mato, nas malhada [III] (...) mas ninguém passava fome, nem tava parado(...)[600].

Apesar de utilizar diversos trabalhos sobre seu protagonista, Adalberon sequer menciona o romance de Pedro Motta Lima. É pouco provável que não o conhecesse, haja vista ter lido cuidadosamente Magalhães Martins que, como já foi dito, utilizou a obra de Lima para fundamentar a sua. O mais provável é que, assim como Paulo Dantas, Lins não tenha gostado do que leu em *Fábrica da Pedra*. Não é de admirar. Sua obra caminha em sentido contrário ao do romance escrito três décadas antes.

Se Motta Lima modula seu olhar entre Gouveia e seus operários, Lins dedica atenção privilegiada ao primeiro. Em sua escrita, as classes subalternas são agentes passivos de uma relação de dominação. É a genealogia do *Rei das Peles* que interessa, a sua psicologia. Embora batizado à maneira da obra de Lima com o nome de um empreendimento de Gouveia, Lins não se ocupa das pessoas em torno deste projeto, mas do seu idealizador. O "Ninho", neste caso, pode ser pensado também como um período, um momento na vida de Delmiro, ou seja, o "tempo do ninho". Foi esta a época da vida de seu protagonista que privilegiou – algo evidenciado nas quase 272 páginas dedicadas ao período. Coincidentemente, também foi este o corte temporal escolhido por Motta Lima.

Quem foi Delmiro Gouveia? Um autêntico herói romântico para Adalberon Lins. Um homem repleto de virtudes e pobre em defeitos. A estrutura de *O Ninho da Águia* em

599 LINS. **Op.Cit.**p.224
600 SARNO, Geraldo e SENNA, Orlando. **Coronel Delmiro Gouveia Roteiro Premiado no Festival de Brasília -1978**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1979.p.104.

sua primeira etapa cumpre, no projeto de memória de Adalberon Cavalcanti, a tarefa estratégica de informar o leitor sobre a linhagem do mártir. Organizado em três partes, este bloco cobre o período que vai do nascimento de Belo Farias até o seu envolvimento com Leonila, o nascimento do herói e de sua irmã, Maria Augusta, passando pela morte de Belo na Guerra do Paraguai (1865-1870), até o casamento de Leonila, no leito de morte, com o advogado Meira Vasconcelos.

Nesta parte Adalberon Lins se esforçou para agregar a Delmiro uma linhagem nobre. O pai, Delmiro Porfírio de Farias, filho do coronel Joaquim Porfírio de Farias, dono da Fazenda São Francisco, em Ipu, Ceará, ganhou logo cedo o apelido de "Belo" já que era "menino bonito como cu de cabrito"[601]. Belo é apresentado como naturalmente pioneiro e líder: "sempre era o primeiro nas bravatas, nas brincadeiras, na escola. Enfim já trazia no berço uma impressionante vocação de líder". Freqüentemente acompanhado do seu primo Zé-de-Fogo, a coisa que Belo mais apreciava na vida era a cachoeira do Ipu[602].

Como ocorria com o eixo paterno, também a mãe de Delmiro trazia virtudes para o herói. O pai da moça, o coronel Ismael da Cruz Gouveia, dono de engenho no Pirauá, era figura de respeito. Um dos seus cavalos, de nome Jereba, serviu ao próprio D. Pedro II (informação repetida mais de uma vez pelo autor), a quem certa vez hospedou. Leonila, por sua vez, é descrita como mocinha bonita, fascinante, prendada, conhecedora do piano e do violão. Todavia, é também lembrada como "filha do pecado", por nascer de uma relação extraconjugal do coronel Ismael. A personagem ressalta para o amante: "Não sou filha legítima". A mãe da moça - portanto avó do herói da saga - era uma mulher conhecida como "Marica Avança", justamente por suas investidas contra os maridos alheios. Mas, se num primeiro momento isto poderia desequilibrar a mitificação de Delmiro, o autor limitou as influências da mulher nefasta sobre Leonila. E se esta última tinha algum defeito, vinha da tara materna, desta viciada, da "puta ordinária", "danada por macho"[603] que era Marica. A moça não tinha culpa.

Já nesta parte do livro aparecem os sinais da predestinação do protagonista. À certa altura Belo declara ao primo que levara o filho para mostrar-lhe a cachoeira do Ipu. E

601 LINS, Adalberon Cavalcanti. **O Ninho da Águia: saga Delmiro Gouveia**. Maceió: SERGASA, 1988. p.18
602 Ibidem. p. 20
603 Ibidem. p. 44

segundo o personagem, "o bichinho olhava, rindo, batendo as mãozinhas, sentado numa pedra"[604]. Deste modo, como o pai, que na juventude venerava a cachoeira, Delmiro foi apresentado ainda criança à queda d'água que, segundo Mauro Mota, ativaria a sua obsessão por Paulo Afonso. O personagem promete ao filho torná-lo um grande homem caso sobreviva aos campos do Paraguai, para onde embarcou em 1865 e foi morto em combate. Seguindo alguns biógrafos, Lins escreve que Belo Farias morreu feito herói, travando luta contra "uma multidão de paraguaios. Em volta do seu cadáver ficaram esticados uns dez inimigos, mortos numa luta corpo a corpo, de espada, lança, punhal, faca, cacete, tudo que foi arma"[605]. Por sua vez, a mãe de Delmiro foi descrita como mulher de moral inabalável, trabalhadora e educada, que morreu dignamente. Deste modo, em ambos os casos, a personagem tinha origens das quais poderia se orgulhar.

Os negócios dominam a segunda parte da saga. Dividida em 11 capítulos, esta seção da obra apresenta Delmiro ao universo mercantil e narra os seus primeiros sucessos e fracassos neste ambiente, bem como seus problemas iniciais com a política, sua ascensão no Recife, seus casos amorosos e as intrigas que levaram à fuga para Alagoas. Lins ressaltou o nacionalismo de Gouveia para destacar as tentativas do protagonista em fazer-se diferente da classe política de sua época, preguiçosa e incompetente. Outro alvo da pena do autor é Iaiá, descrita como mulher encantadora mas que, com o tempo, tornou-se um óbice ao marido. Lins acompanha, portanto, o itinerário sugerido por biógrafos como Magalhães Martins, que atribuem a Anunciada o papel de "vilã" nos episódios responsáveis pelo fim do casamento de Gouveia.

4.7.1. O NACIONALISMO

Delmiro foi educado como um nacionalista e se tornou o patriota ideal. Pelo menos é esta a sugestão de Lins ao leitor. Desde o pai, cuja morte heróica é constantemente evocada, até o padrasto, o jovem Gouveia conviveu com referências patrióticas. Anos depois, ao entrar para o negócio de peles, Delmiro terá diante de si a figura do estrangeiro como alguém ruim, um rival a ser superado. Trabalhando no cais de Ramos para The Keen

604 Ibidem. p. 58
605 Ibidem. p. 61

Sutterly Company, o cearense tinha como superior hierárquico um gerente inglês, beberrão, "um peso morto dentro do armazém", "uma figura de papelão", um homem que deixava todo trabalho para Gouveia e que "só via uma garrafa de whisky na sua frente". Diferente dele, Delmiro Gouveia afirma: "Eu não sei inglês nem beber whisky, mas sei trabalhar". Explorado pelo inglês, empregado dos norte-americanos, mas consciente desta situação, o cearense recusava sujeitar-se e ponderava: "Eles não querem é ter um brasileiro como gerente, isto sim!". E assim, páginas depois, Lins descreve Delmiro, "pobre menino nordestino brasileiro", nas ruas da Filadélfia, enfrentando e vencendo pessoalmente o adversário estrangeiro. Dali, da experiência de conviver com as grandes cidades americanas, teriam nascido idéias como o Mercado do Derby[606].

Quando se ocupa das relações de Delmiro com seus sócios, Lins fala sobre José Clemente Levy, apresentado como "inglês de origem judaica", visto por Iaiá como alguém que não lhe cheirava bem. Afinal, explica Anunciada, "foram os judeus que crucificaram Jesus Cristo. Não posso gostar nunca de tal raça". Assim, os "malvados", os "assassinos" que chicotearam e castigaram o Nazareno mereciam desconfiança. Delmiro repele as críticas da mulher e explica a ela que "o judeu é um homem como outro qualquer. Se ele é inteligente, eu sou muito esperto"[607]. Emerge novamente, a leitura de Magalhães Martins - que em *Delmiro Gouveia: pioneiro e nacionalista* não escondeu a sua desconfiança com os sócios judeus do cearense – na concepção da personagem apresentada por Adalberon Cavalcanti.[608].

A desconfiança de Iaiá será confirmada no decorrer do capítulo. Após certo tempo de sociedade, o protagonista diz: "Como você me disse, este judeu metido a inglês parece que é ladino. Mas estou de olho vivo em cima dele. Não lhe solto o pé"[609]. A dissolução da sociedade, os desentendimentos entre os dois parceiros, serão motivos para que Delmiro enfrente com mais força os comerciantes estrangeiros. O incômodo da personagem, que "no fundo era um grande nacionalista", com o fato de ter que secundar seu nome ao de Levy na sociedade porque este impunha maior respeito no mercado, é motivado pelo desejo de independência frente ao capital estrangeiro. Lins põe na personagem pensamentos de

606 LINS. **Op.Cit.**p. 77, 116, 105, 107.
607 Ibidem. p. 118
608 Cf. MARTINS. **Op.Cit.**
609 LINS.**Op.Cit.** p.119

desabafo xenófobo: “Se dependesse dele enxotaria tudo que fosse estrangeiro para os seus países. O Brasil deveria ser para os brasileiros”[610]. A justificativa para tamanha revolta é fornecida através do argumento de que a personagem já estava acostumada a ver o país estrangulado através de manobras sub-reptícias das economias estrangeiras.

A descrição de Levy como um aliado traidor, interesseiro, primeiro espécime de parceiros ardilosos que Delmiro teria, informa sobre “formas de pensar e agir” de um tempo, sobre como o autor, imerso na cultura dos seus dias, via a relação do cearense com seus parceiros comerciais. Lins reforçou suas idéias via nacionalismo econômico: “Delmiro Gouveia desejava uma independência de verdade para o Brasil, sem dever a nenhum país estrangeiro nem admitir a interferência do poder econômico de qualquer nação”[611]. O autor completa dizendo que do estrangeiro bastavam as técnicas, o conhecimento acumulado por gerações. O mesmo pode ser dito para a função das mulheres na obra. Delas, bastavam os corpos. Como se vê, é farto o grupo de vilões: mulheres, judeus, políticos.

Aliás, o universo da política é outro tema presente no segundo bloco do livro. Aqui, alguns dos principais casos envolvendo Gouveia são narrados, na maioria das vezes tentando afastar a personagem do epicentro dos acontecimentos, transformando a sua participação na vida política em um emaranhado de acasos. Em diferentes passagens, a mesma afirmação é repetida pelo *Rei das Peles*: “Não sou político e nem pretendo ser”; “Não sou político (...) mas estou aprendendo muita coisa neste setor que me dá até náuseas”; “Eu não alimento nenhuma aspiração política”[612]. Deste modo, distanciando Gouveia da política, Adalberon minimiza as relações entre o negociante e os homens de Estado.

O Conselheiro Rosa e Silva, Esmeraldino Bandeira, prefeito do Recife, e o governador de Pernambuco Segismundo Gonçalves são espécimes de um grupo ao qual o herói da saga não deve pertencer. Não têm virtudes. Na escrita de Adalberon eles são covardes, raposas perigosas, praticantes da “politicagem baixa”. O prefeito Esmeraldino, para Lins, odiava ferozmente o “cearense topetudo”. Segismundo Gonçalves, quando agradece a Gouveia por sua generosidade, diz “palavras carinhosas, dessas que só os indivíduos falsos sabem usar com prodigalidade”. Também neste aspecto, reproduzindo um

610 Ibidem. p.118
611 Ibidem. p.131
612 Ibidem. p.147,137,146.

quadro pintado pelos biógrafos, *O Ninho da Águia* chama seu leitor para assistir a lances da luta entre os representantes da inveja, do ciúme, da hostilidade contra Delmiro Gouveia, o "protetor da pobreza, amigo do povo", o homem com os "pés de Satanás". Como um mártir apolítico, ele é descrito sendo carregado pela população do Recife após "libertar" a farinha aprisionada por seus inimigos[613]. Mesmo assim é difícil para o autor livrar Delmiro da incômoda presença dos políticos. Para o seu desapontamento, eles estão por toda parte da obra.

4.7.2. O NINHO DA ÁGUIA

A terceira parte narra a migração compulsória de Gouveia para o sertão alagoano. Esta seção trata da montagem do "Ninho da Águia" – a casa de máquinas da usina de Angiquinho -, da construção da Fábrica de linhas, aprofunda observações sobre o romance de Gouveia com Eulina, seus problemas e a conseqüente separação do casal, ressalta as inovações tecnológicas levadas pelo cearense ao sertão e descreve a chegada dos ícones da modernidade (cinema, automóveis, energia elétrica, geladeira). Em passagens entrecortadas, Lins descreve a arquitetura e execução do assassinato de Gouveia. Este terceiro bloco, o maior do livro, parece ter sido aquele em que o autor procurou se desvencilhar das citações, experimentando menos e investindo numa narrativa de grandes feitos. Não fica clara a justificativa para o "abandono" das citações tão freqüentes no início. A impressão que se tem é a de que, tal qual o autor anônimo mencionado em um ensaio de Robert Darnton, ao chegar a esta parte da obra Lins "parou de repente e mudou de metáforas"[614].

A instalação do "ninho" é a maior das proezas de Gouveia na trama. No momento de descer o abismo petrificado das proximidades de Paulo Afonso para medições e marcações visando confeccionar as plantas da futura usina hidrelétrica, Delmiro se mostra disposto a fazer tudo ele mesmo, pois os trabalhadores temiam a descida, que deveria ser realizada com uma corda amarrada no dorso. Todavia, um aliado se candidata à empreitada.

---

613 Cf. LINS. **Op.Cit.** p. 136, 137, 139, 138.

614 DARNTON, Robert. Um burguês organiza seu mundo: a cidade como texto. In: **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Trad. Sônia Coutinho. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p.162-163

É o coronel Aureliano Menezes, que explica para Gouveia: "- Se eu morrer, nada se perde neste mundo. Mas se o senhor morrer, o Nordeste perderá o maior homem que já vi na minha vida"[615]. Em outra passagem o próprio protagonista avisa: "é justamente com a força hidráulica que eu vou fazer toda essa revolução social e econômica". Deste modo, o nome do empreendimento que batiza o livro funciona como uma metáfora modernizadora. Lins afirma que a adutora construída por Delmiro "seria o primeiro ovo a ser botado no ninho da águia. Daquele ovo metálico sairiam água e energia elétrica"[616]. E assim, como precursor do progresso, chave-mestra para a salvação do sertão nordestino, Delmiro é diversas vezes louvado no livro. O uso de citações, a tentativa de embasar com outros escritos o seu texto conduz ao raciocínio, já demonstrado por Ginzburg, sobre um tipo de autor que traçou uma estratégia com dois caminhos simultâneos e complementares: "de um lado, semear os próprios escritos de detalhes concretos, voltados a comprovar a veracidade dos mesmos, de outro, dar a entender, por vários expedientes, que se tratava de narrativas completamente inventadas"[617].

Não apenas Aureliano Menezes, mas também outros personagens são autênticos admiradores do cearense. Quando da passagem de seus carros por Santana do Ipanema, Delmiro avisou a população sobre os benefícios que a energia elétrica e a fábrica trariam: "todos rodeavam Delmiro Gouveia como se ele fosse um deus (...) Os ouvidos ficaram abismados com tanta novidade. Um homem como aquele devia ser presidente da República". Na inauguração da luz elétrica e do abastecimento de água, em 26 de janeiro de 1913, "ficou assinalado o primeiro passo de redenção econômica do Nordeste". Narrando o episódio de transporte fluvial dos carros comprados por Gouveia, Lins pinta a cena como um espetáculo no qual se viam "as balsas, uma atrás da outra, levando a civilização para a caatinga"[618].

A idéia de transformar o sertão alagoano é anunciada como uma quase obsessão de Gouveia. E a sua relação com o povo, semelhante a maneira como é descrita no tempo do Recife, mostra-se harmônica, patriarcal. O povo endeusa o coronel e dele recebe contínuas benesses. Escrevendo em tempos nos quais pouco se falava dos dias da Pedra, Adalberon

615 LINS. **Op.Cit.** p. 326
616 Ibidem.p.316
617 GINZBURG, Carlo. O Velho e o Novo Mundo vistos de Utopia. In: **Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa**. Trad. Samuel Titan Jr. Companhia das Letras, 2004. p.25
618 LINS. **Op.Cit**. p. 343, 316, 361, 363 e 349

Cavalcanti Lins esmerou-se para retomar Delmiro Gouveia como herói sertanejo. Imbuído deste ideal, o autor findou construindo passagens surreais para um romance que se pretende fidedigno. Eis algumas delas.

Poucos instantes após o assassinato de Delmiro, o coronel Ulisses Luna encontra o chofer do agroindustrial, que avisa: "Avalie o senhor que já andam atribuindo a autoria intelectual aos ingleses da Machine Cotton...O italiano Lionelo Iona teria recebido uma bolada dos galegos para fazer essa desgraça". Ou seja, além de possuir um motorista letrado, Gouveia tinha no mesmo empregado um astuto detetive, um vidente ou coisa parecida. Novamente parece ter sido irresistível para o autor atribuir o crime a uma conspiração estrangeira. Diálogo mais inverossímil ainda ocorre entre o protagonista e Joventina, a sua última amante, pouco tempo antes dele ser assassinado. O cearense informa: "Vou dar uma lida nos jornais, como faço todas as noites"[619]. Isto é, ele explica algo que fazia habitualmente. Uma rápida consulta a *Delmiro Gouveia: pioneiro e nacionalista* mostrará que na noite do assassinato o protagonista preparava-se para "ler, como de costume, os jornais do Recife"[620]. Tais passagens evidenciam o quanto Lins ficou preso ao material que leu antes de confeccionar o seu romance.

O romance é quase uma paródia das biografias. Em ambos os casos acima citados, informações retiradas de outros relatos sobre Gouveia são utilizadas, mas de modo pouco sutil, demasiadamente didático. É assim no trecho em que se discute o uso de certas expressões populares. Joventina, após assustar o herói chamando-o de "bexiguento", explica que somente estava falando "no bom sentido que esta palavra traduz na boca dos sertanejos". A amante se revela, então, uma apaixonada pelo folclore brasileiro e defende eloqüentemente a adoção de brasileirismos na língua de forma a enriquecer o nosso dialeto: "esse manancial impõe que possuamos brasileirismos. São esses brasileirismos que justificam a afirmativa de que não temos língua portuguesa no Brasil. Falamos e escrevemos o dialeto brasileiro" [621]. É quase impossível não retomar a reclamação sobre personagens "terrivelmente sábias" feita por Graciliano Ramos, décadas antes, endereçada

619 LINS. **Op.Cit.** p.448-49 e 432 respectivamente.
620 MARTINS, F. Magalhães. **Delmiro Gouveia: Pioneiro e Nacionalista**. 2 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. (Coleção Retratos do Brasil, v. 17). p. 174
621 LINS. **Op.Cit.** p.430

a outro tipo de obra, mas com o mesmo problema apresentado pelo livro de Lins. Nele, trabalhadores rurais, semi-analfabetos, "expunham temas difíceis"[622].

Discussões deste tipo, sobre questões da nacionalidade, do potencial do trabalhador brasileiro, das dificuldades do negociante local, das maquinações da política, são encontradas em diferentes trechos d'*O Ninho*. Seja na boca de um chofer, de uma amante, de um coronel, de um vaqueiro ou de um operário. Podem ser lidas reflexões que são antes certezas do próprio Lins sobre Delmiro. São personagens que ora se expressam com dificuldade e, poucas páginas depois, parecem verdadeiros literatos. São criminosos que se assumem traiçoeiros, chegando a lamentar o crime que estão para cometer. É assim que Manoel Vaqueiro se comporta antes de encontrar os comparsas que participarão do assassinato do industrial: "Amanhã vai ser o dia do juízo dum home grande" e conclui que "se ele tivesse uns amigos bons juntos dele, não iria morrer". Por sua vez, outros dois indicados como envolvidos no crime, o primeiro na articulação e o segundo na execução, coronel José Rodrigues e Herculano Vilela dirão respectivamente: "- Esse crime vai abalar o mundo todo, e nós, se quisermos viver mais uns dias em liberdade, vamos sacudir a culpa noutras pessoas, espalhando boatos diversos para fazer confusão" e "- O sertão vai ficar sem o seu governador e a cachoeira de Paulo Afonso vai chorar rolos de lágrimas com pena dele..."[623]. É interessante observar que a leitura do assassinato reúne fragmentos de diferentes biógrafos. Os acusados por J.C. Alencar Araripe são indicados como algozes, mas Lins tem o cuidado de reabilitar Delmiro no que se refere à acusação de estupro levantada pelo biógrafo[624].

O herói concebido por Adalberon não foi um capitão da indústria, tampouco um coronel severo. Em seu livro, Delmiro Gouveia está mais próximo da figura do santo, do profeta ou do mártir. Em repetidas ocasiões, a personagem faz referência à grandiosidade da sua obra. Ele mesmo tem consciência de que realiza um feito gigantesco, intervenção modernizadora e que não seria compreendido nos dias em que vivia: ele mesmo prenuncia uma morte trágica, compara-se ao pai, herói em Caimbocá; é comparado a Abraham

622 Cf. SCHNAIDERMAN, Boris. Duas vozes diferentes em Memórias do Cárcere? **Estudos Avançados**, 9, 23, 1995.p.332-337.p.335-336.
623 LINS. **Op.Cit.** p.417 e 419
624 ARARIPE, J.C.Alencar. **A glória de um pioneiro: a vida de Delmiro Gouveia**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.

Lincoln (1809-1865), que também fora assassinado. Seu pioneirismo é continuamente ressaltado. Ora pelo representante do governo estadual: "-Creio, sinceramente, na existência de uma predestinação histórica, porque o senhor, a meu ver, está escrevendo a página mais viva e revolucionária da história econômica do Nordeste". Noutro momento, será um aliado político que elogia a "aposentadoria" concedida pelo negociante aos bois que carregaram o maquinário da usina: "-Eita, coronel...Nunca vi burro aposentado. É a primeira vez que isto acontece no mundo. O senhor é sempre o primeiro a fazer coisas boas". A própria personagem reflete sobre a água e a eletricidade que pretendia levar à Pedra: "Não se justificaria a sua presença naquele lugar se não alimentasse, com muita coragem, esse sonho considerado faraônico pelos descrentes que o ouviam"[625].

"Cada vez que o senhor deixa cair um pensamento, eu o levanto como se fosse um lenço", afirma *El Brujo* José Lopez Rega a Juan Domingo Perón, no romance que Martínez dedicou a este último[626]. Em *O Ninho da Águia*, é possível assistir a um movimento parecido com o do bruxo. Como se almejasse reunir todas as interpretações que julgou válidas sobre Delmiro, como se apanhasse cada deslize do cearense e tentasse oferecer uma leitura idealizada, a obra de Adalberon Lins é um monumento à memória de Delmiro Gouveia. O livro compreende uma tentativa de complementar as biografias conhecidas pelo próprio autor. Deste modo, *O Ninho* assume uma leitura quase escatológica da história. Os tempos, neste livro, são melhores à medida em que se volta. O avanço traz consigo a tragédia modernizadora. Diferente de Pedro Motta Lima, Adalberon Lins investe na recuperação dos feitos de Gouveia, não dos seus trabalhadores, para a história que, na obra, aparece sob as diferentes pátinas de história econômica, história do Nordeste, história do automóvel ou história do Brasil. Na visão de Lins, a história é morada de grandes homens. E o que faz, então, Delmiro desabrigado?

625 LINS. **Op.Cit.** p.372, 325 e 198.
626 MARTÍNEZ. **Op.Cit.**p.57

4.8. UM CORONEL, TRÊS LITERATOS

Três narrativas, três formas de encarar o passado e proceder sínteses para o presente. Sabe-se que o que conta para o historiador voltado à literatura é o valor desta como um problema[627]. A partir desta perspectiva, pode-se dizer que os projetos literários envolvendo Delmiro surgiram em diferentes épocas e lugares. Pertencem, pois, a tradições culturais dessemelhantes e, deste modo, um confronto entre tais textos pode gerar "um olhar profundo sobre a realidade"[628]. Considerando-se os impactos das andanças de Pedro Motta Lima, as coisas parecem ter começado a se delinear ainda nos anos 30, quando o jornalista e escritor percorreu os sertões. Se ele data o início do seu texto em 1942, Paulo Dantas indica 1955 e Adalberon Cavalcanti Lins, embora não declare, parece ter realizado suas pesquisas e produzido o texto em meados dos anos 80, sem grande antecedência. Cada um destes projetos oferece uma leitura do cearense.

Mesmo assim, todos os textos aqui analisados são permeados pela discussão sobre os rumos do sertão, sendo que os livros de Lima e Lins dedicam espaço significativo para debates sobre os vícios e virtudes do capitalismo internacional. Em Lima, ele é apresentado como feitor de empreendedores nacionais – Delmiro seria um caso exemplar – que, em lugar de se unir aos camponeses para quebrar as amarras, se enrolou nos tentáculos do inimigo, atacando e explorando aquele que deveria ser o seu melhor aliado – o operário. A solidão de Gouveia no romance de Motta Lima é marcante. A expectativa de uma aliança entre a burguesia nacional, o campesinato e os operários, esperança presente nas palavras do autor, contrastam com o diagnóstico posterior de que, conforme Reis, "a burguesia age racionalmente e não moralmente – a presença do latifúndio não é incompatível com sua ascensão, enquanto a vitória do proletariado-campesinato significaria o seu fim"[629]. Motta Lima fixa sua lente em figuras menores, camponeses transformados em operários. Por isto, de modo inesperado, *Fábrica da Pedra* propõe Delmiro Gouveia como um "mal necessário". Tê-lo como mártir é melhor do que ter os ingleses como heróis da I Guerra.

---

627 PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma *velha-nova* história, ***Nuevo Mundo Mundos Nuevos***, Número 6 - 2006, mis en ligne le 28 janvier 2006, référence du 17 août 2007, disponible sur : <http://nuevomundo.revues.org/document1560.html> Acesso em: 17 out 2007.

628 GINZBURG, Carlo. Mito: distância e mentira. In: **Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância**. Trad. Eduardo Brandão. Trad. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.p.60

629 REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.p.165

A fé do jornalista no Partido Comunista se espalha pelos parágrafos do seu livro. Ao mesmo tempo, Pedro Motta Lima instiga em seu leitor a reflexão sobre como se moldam os mártires. As reflexões de Aristóbulo diante do caixão de Delmiro, a sua certeza de que os "estrangeiros" tramaram a morte do industrial e o seu plano de iniciar uma apologia o mais rápido possível evidenciam as construções possíveis na história. De certa forma, como Aristóbulo, o autor parece se aproximar e, subitamente, dar as costas para Gouveia. Esta relação tensa é posta à prova em um romance que pretendeu ser uma ferramenta de conscientização política. Porém, como esclarecer as pessoas numa terra em que pouco se lia? Ao tomar Gorki como inspirador, Motta Lima revela parte da forma como ele mesmo leu o autor russo. As suas apropriações, perceptíveis em vários trechos do livro, indiciam usos e ajudam a entender algo da penetração das idéias socialistas em diversos cantos do país. Leituras feitas de forma quebradiça, incompletas. Um marxismo mais "usado do que entendido", dono de problemas interpretativos que geraram tensas discussões nas academias e no PCB[630]. Imerso nestes debates, o romance carrega, como os outros projetos literários aqui analisados, uma inegável preocupação pedagógica.

Embora seja provável o conhecimento da obra de Motta Lima, no caso de Lins, e certo, em se tratando de Dantas, sabemos que contatos de diversos tipos são possíveis entre intelectuais, "sem que o contato signifique adesão"[631]. Enquanto Adalberon Lins e Paulo Dantas parecem lutar por um sertão que vêem desaparecer, Motta luta por um que quer que desapareça: camponeses fugindo da seca, entregues aos desígnios de um capitão da indústria. O texto do comunista questionou as virtudes de Delmiro, acrescentou-lhe defeitos, narrou castigos, sugeriu negociatas.Tornou-o mais humano. Este itinerário não agradou Lins e Dantas, admiradores confessos do coronel.

Paulo Dantas, ainda que não tenha escrito uma hagiografia, movimenta o seu projeto num enfoque muito próximo disto. A influência cristã em sua escrita é facilmente perceptível. Em seu conto, permeado pelas reminiscências da viagem que realizou à Pedra, Delmiro, conhecido por se declarar ateu, é descrito como um êmulo de Salomão. Além

630 Ibidem. p.155

631 Em uma bem-humorada crítica, Umberto Eco ataca a imediatez do escritor e matemático Amir Aczel, autor de *O Enigma Fermat (1998)* e *Descartes's secret notebook (2004)*: "Descartes tivera contato com um matemático e místico como Feulhauer: 'Portanto está demonstrado que Descartes no mínimo tinha trocado idéias com os rosa-cruzes'". Eco discorda: "Mesmo que Feuhauer fosse um rosa-cruz, é como dizer que João Paulo II teve contato com teólogos protestantes e portanto era protestante". ECO, Umberto. Descartes e os rosa-cruzes. **Entre Livros**. Ano 2, n. 17, set. 2006. (Ecco!).p.98

disto, *Aleluia em Pedra* descreve um universo harmônico. As "abençoadas terras" de Gouveia parecem um espaço deslocado geográfica e cronologicamente. Não há conflitos. O que existe é um empreendedor predestinado a espalhar benesses por todos os lados. Alguém digno de hosanas.

O conto dialoga com os textos de Mauro Mota, com quem o autor "dividiu" a autoria de uma outra obra sobre Delmiro (*Quem Foi Delmiro Gouveia?*). Considerando que o escritor não é somente um indivíduo "capaz de exprimir a sua originalidade"[632], algo que o define entre os demais componentes de uma sociedade, mas é também alguém que desempenha um papel social, ocupa uma posição relativa ao seu grupo profissional e corresponde a certas expectativas dos seus leitores e auditores, não se pode desconsiderar os influxos de Mota sobre Dantas. O resultado desta influência é a concepção de um autêntico mártir, um herói romântico, vestido de branco a fazer o bem. Dantas demonstra em seu texto um esforço em fixar a memória sobre Delmiro Gouveia. A sua empreitada pelos sertões não foi, diferente daquela de Motta Lima, para falar em revolução, em organização partidária ou coisa parecida. Dantas foi ao sertão para ouvir memórias sobre o cearense e, deste modo, garantir informações sobre ele. Defensor de um projeto coletivo para a manufatura das narrativas sobre Delmiro, Paulo Dantas procurou dar exemplo. Antes que os sertanejos esquecessem, ele recolheu versos, arrumou fragmentos de lembranças nos cadernos e preparou seu texto com o intuito de servir a posteridade com um suporte da memória. Adalberon Lins caminhou na mesma direção.

O Ninho da Águia, embora não seja uma espécie de memória, apresenta uma perceptível preocupação pedagógica. A própria estratégia autoral de usar uma leva de citações sugere a preocupação em mostrar-se ao leitor como dono de um texto verossímil ou, pelo menos, bem documentado. Porém, diferente de Motta Lima, o autor não concebeu a história como uma luta, como um processo violento, mas como uma sucessão gradativa de nomes e datas. Em seu livro, a apologia a Delmiro convive com um indisfarçável nacionalismo, sentimento que o autor faz pulsar com tanta força que roça a xenofobia. Há, ao mesmo tempo, uma preocupação em manter a memória sobre o que fez Delmiro e o

632 CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 7 ed. São Paulo: Nacional, 1985.p.74

discurso da modernização redentora. Presente e passado dialogam no livro, mas não há confrontamentos.

Conforme Sandra Pesavento, "o texto literário é expressão ou sintoma de formas de pensar e agir". Em um romance, os fatos narrados "não se apresentam como dados acontecidos, mas como possibilidades, como posturas de comportamento e sensibilidade, dotadas de credibilidade e significância"[633]. Sendo assim, talvez Lins tenha produzido uma alegoria do mesmo Fernando Collor que recebeu os seus agradecimentos pelo apoio na publicação da obra. Quando foi governador de Alagoas, Collor talhou a imagem de um novo tipo de político: hábil com os ícones modernos – o Jet-Ski, as motos importadas, o helicóptero –, modernizador da política, inimigo dos preguiçosos, nacionalista e desatrelado dos grandes grupos políticos. Estas mesmas características foram exploradas na campanha que levou o "caçador de marajás" à presidência do país pouco tempo depois.

Os três textos aqui analisados, são escritos que se deslocam do indivíduo e se estendem ao Brasil. Os exemplos que tais obras querem oferecer, não são concebidos como regionais. São lições para o país inteiro. Na pedagogia sobre Delmiro, a nação tem que aprender os ensinamentos de um coronel e, como ele, valorizar o sertão. Ali, sugerem os textos, estavam postos os recursos e a gente para redimir o Nordeste das suas mazelas.

Santo, pioneiro ou demoníaco capitão da indústria, o coronel foi reinterpretado seguidas vezes. Inegavelmente o que se oferece aqui é apenas uma das possibilidades interpretativas. Recorrendo novamente a Terry Eagleton, sabe-se que "todas as obras literárias (...) são ´reescritas', mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as lêem; na verdade, não há leitura de uma obra que não seja também uma 'reescrita'". O mesmo autor afirma ainda que "nenhuma obra, e nenhuma avaliação dela, pode ser simplesmente estendida a novos grupos de pessoas sem que, nesse processo, sofra modificações, talvez imperceptíveis" [634]. E lidas assim, da distância que o tempo produz, as obras aqui analisadas revelam como em distintas épocas Delmiro Gouveia foi narrado, como a sua vida e os acontecimentos a ela relacionados entraram na urdidura de diferentes discursos. A influência destes escritos na retomada de Gouveia como um mártir da industrialização

633 PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma *velha-nova* história, ***Nuevo Mundo Mundos Nuevos***, Número 6 - 2006, mis en ligne le 28 janvier 2006, référence du 17 août 2007, disponible sur : <http://nuevomundo.revues.org/document1560.html> Acesso em: 17 out.2007.

634 EAGLETON, Terry. Introdução: o que é literatura? In: **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.p.17

brasileira e um civilizador dos sertões é significativa. Mas este não foi um trabalho apenas dos biógrafos e literatos. O cinema, tema da próxima parte da pesquisa, também contribuiu na manufatura do mártir.

Capítulo 5

O CORONEL VAI AO CINEMA: MEMÓRIAS DA MODERNIZAÇÃO DO SERTÃO EM DUAS NARRATIVAS FÍLMICAS

A vida de Delmiro Gouveia também chegou ao cinema. Neste capítulo, serão analisados os diálogos existentes entre uma pequena produção cinematográfica (constituída basicamente por um curta e um longa-metragem) e aquela presente nas biografias do *Rei das Peles*. O cinema, uma importante indústria "difusora de sonhos, comportamentos, memórias, versões da história"[635], é tomado como objeto a partir do qual se discutem Delmiro e as narrativas em torno dele. Porém, como nos lembra Marc Ferro, a leitura cinematográfica da história não precede de uma leitura historiográfica do cinema. Transformar filmes em *locus* para refletir sobre a produção da memória não implica necessariamente num mergulho profundo aos aspectos de ordem técnica da produção cinematográfica. Como adverte Ronaldo Vainfas, o historiador não é nem cineasta, nem tampouco um crítico da Sétima Arte (embora possa vir a sê-lo), e ele necessita de "cautela na avaliação de filmes ou livros que tratem de história"[636]. O que se propõe aqui é uma reflexão sobre a construção memorialística de Delmiro a partir de películas consideradas através do olhar do historiador, não do especialista em cinema. Todavia, apesar de explicitar tais limitações, faz-se relevante que, como qualquer outra fonte, o filme seja considerado também em suas particularidades. Porque como o documento escrito, como a pintura rupestre ou qualquer outro registro da ação humana, o filme deve ser pensado dentro das suas particularidades. Ainda que não seja imprescindível tornar-se crítico de cinema ou cineasta, o historiador não está imune a isto.

635 ROSSINI, Miriam de Souza. In: O lugar do audiovisual no fazer histórico: uma discussão sobre outras possibilidades do fazer histórico. LOPES, Antônio Herculano, PESAVENTO, Sandra Jatahy, VELLOSO, Mônica Pimenta (Orgs.). **História e Linguagens: texto, imagem, oralidade e representações**. Rio de Janeiro: 7letras, 2006.p.113

636 VAINFAS, Ronaldo. Carlota: caricatura da história. In: FERREIRA, J. SOARES, Mariza de Carvalho (Orgs.). **A história vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 227-236.p. cit.229

Neste capítulo são estudados dois tipos de narrativas fílmicas: a reconstituição histórica e o documentário. O primeiro pode ser entendido como "filme de narrativa ficcional que busca reconstituir um dado evento ou a biografia de alguém, com base num mínimo de pesquisa histórica"[637]. O segundo tipo, é basicamente uma "produção narrativa não-ficcional"[638]. Para filme documentário, contudo, considera-se a necessidade de expandir este conceito e levar em conta a força dramática que a montagem das imagens, as tomadas cinematográficas podem ter. Afinal, "o próprio gênero documentário é seleção de determinados fatos em detrimento de outros e não é mera reprodução objetiva da realidade"[639]. Todavia, antes de vermos as relações entre a memória de Gouveia e as produções cinematográficas, é conveniente refletir sobre as relações do cinema com a história.

5.1. ALÉM DO QUE SE VÊ: O FILME, OBJETO DA HISTÓRIA

Caçador de imagens, caçador de sons e imagens. Ao se deparar com este objeto durante muito tempo indesejado, o historiador percebia que lhe faltavam as ferramentas para lidar com tão surpreendente caça. Por certo período, o filme era o produto de uma "máquina de idiotização e de dissolução", um legítimo "passatempo de iletrados"[640]. Entretanto, sabe-se que "l'histoire se ferait selon des rythmes différents et devoir de l'historien est avant tout de reconnaître ces rythmes"[641]. Mudaram-se o tempo e os ritmos. A consolidação dos estudos em torno do filme, das produções audiovisuais e as cada vez mais freqüentes visitas dos súditos de Clio aos campos da comunicação, da antropologia, da sociologia, têm possibilitado leituras mais densas sobre o que se vê (ou não se vê) nas telas

637 ROSSINI. **Op. Cit.** p.116

638 Segundo Amir Labaki, o termo foi utilizado inicialmente pelo escritor e fotógrafo etnográfico americano Edward Curtis. Curtis registrou, em 1914, o dia-a-dia dos índios Kwakiutl no Pacífico, no qual misturava cenas naturais e encenadas: "Um ano antes, Curtis usou pela primeira vez o termo 'documentário' para definir a produção narrativa não-ficcional, num texto apócrifo que redigiu para a sua produtora, a Continental Film Company". LABAKI, Amir. **Introdução ao documentário brasileiro**. São Paulo: Francis, 2006. p. 21.

639 SÁ, Antônio Fernando de Araújo. As descobertas do Brasil: o mito da fundação do Brasil nos filmes de Humberto Mauro e Mô Toledo. In: **Combates entre história e memórias**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.p.74

640 DURHAMEL, Georges Apud FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: **Cinema e História**. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.p.83

641 "A história se faz segundo os diferentes ritmos e o dever do historiador é acima de tudo reconhecer estes ritmos". Tradução livre do autor. LE GOFF, Jacques. **Histoire et Mémoire**. Paris: Gallimard, 1988.p.27

de cinema ou na comodidade da sala de TV. Não foi um processo simples, embora logo cedo ele tenha se mostrado necessário e válido.

Marc Ferro, precursor na investida, conclamou os historiadores a participarem do seu projeto. Era preciso pensar a sociedade que produzia o filme e aquela que o recepcionava. É o próprio Ferro quem nos lembra que "Eisentein já havia observado que toda sociedade recebe imagens em função de sua própria cultura"[642].

Anos depois, outros historiadores já analisavam o filme enquanto metáfora. Por exemplo, investigando a recepção e os sentidos de *Danton* (1983), Robert Darnton afirmou que não era possível esvaziar o argumento de que vários episódios da película ganharam um significado especial após a supressão do *Solidariedade:* "Os parisienses nas filas de pão resmungando contra o Comitê de Salvação Pública podiam estar mal dizendo a ditadura militar em Varsóvia", da mesma forma que "Danton lançando desafios ao Tribunal Revolucionário podia ser Walesa nos estaleiros de Gdansk"[643]. Ponderações como esta indicam que lidar com o filme, objeto pertencente a um "estranho mundo simbólico", requer sensibilidade e oferece diferentes leituras. De certa forma, o filme pode funcionar como um poema de Quintana: "A mosca, a debater-se: 'Não! Deus não existe! Somente o Acaso rege a terrena existência!'/ A Aranha: 'Glória a Ti, Divina Providência./ Que à minha humilde teia essa mosca atraíste!'"[644]. Afinal de contas, a poesia e o filme se utilizam da imagem para transmitir sentido, negociam textos, reescrevem em palimpsesto[645]. Assim, a perspectiva diferenciada deve ser observada quando o filme é o objeto do historiador. Por outro lado, casos como os filmes aqui analisados colocam o problema de nossa própria leitura do passado[646]. E este último, alguém já lembrou, "qualquer que tenha sido, foi um passado em processo de desintegração; ansiamos por capturá-lo, mas ele é impalpável e esquivo"[647]. Le Goff, por sua vez, nos diz que "o que

642FERRO, Marc. Coordenadas para uma pesquisa. In: **Cinema e História**. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p.18.
643DARNTON, Robert. Cinema: Danton e o duplo sentido. In: **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.53 e 56
644 QUINTANA, M. Dos Pontos de Vista. In: **Antologia poética de Mário Quintana**. Sel. Apre. Walmir Ayala. Rio de Janeiro: Ediouro, 1989.p.53.
645 VOLPE, Miriam Lídia. **Resgate de um sonho: Cidadão Kane e Kubla Khan**. São Paulo: Editorial Cone Sul, 1998.p.136
646 FERRO, Marc. Coordenadas para uma pesquisa. In: **Cinema e História**. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p19
647 BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p.316

sobrevive (...) não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada" ou por aqueles que se dedicam ao passado, como os historiadores, ou pelas forças que "operam o desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade"[648]. E, inegavelmente, as fontes imagéticas se tornaram a grande memória do século XX. Portanto, como investigá-las?

O que se tem em um filme como *Coronel Delmiro Gouveia*? Indícios a provocar reflexões. A exigi-las. Nesta produção, a forma ambígua conferida ao protagonista não afasta a narrativa de um itinerário pelo qual o destino de um indivíduo é amarrado ao de uma nação. Exemplo é dado por John Bodnar, que escreveu sobre como este sortilégio é comum em filmes de guerra: "narratives that endorser this relationship, such as those found in many wartime films, effectively linked the fate of the individual with the fate of the nation"[649]. E as conseqüências deste tipo de produção não são pequenas, nem inocentes.[650].

Embora descrito pela crítica norte-americana como "provocatively ambiguous", *Coronel Delmiro Gouveia* não parece filme interessado em deixar espaços para tantas dúvidas quanto às suas intenções. O filme nos instiga a questionar, como fez Natalie Zemon Davis sobre *Martin Guerre*: "Nessa bela e forte recriação cinematográfica, onde estavam o espaço para as incertezas, os 'talvez', do 'poderia-ser' a que o historiador tem de recorrer quando as evidências são inadequadas ou geram perplexidades?"[651]. Considerar este terreno é reivindicar o filme enquanto um objeto da história, "decodificando a construção de uma memória das classes dominantes, através de imagens – filmes, fotografias, documentários – , que visam a utilizar determinada visão da história para impor seus valores à sociedade"[652].

Provavelmente, a suposta penumbra de ambigüidade vista por alguns críticos da película não resista a um olhar mais atento. O filme possui uma intenção quase declarada. Ele deverá contar a história do "homem que não vendeu o povo brasileiro". No entanto,

---

648 LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Irene Ferreira. Campinas: ed. UNICAMP, 1991. p.535

649 "Narrativas que endossam esta relação, tal como aquelas encontradas em muitos filmes de Guerra, efetivamente vinculam o destino do indivíduo ao destino da nação". Tradução livre do autor. Cf.BODNAR, J. Saving Private Ryan an Postwar Memory in America. **The American History Review**.106.3.2001 <http://www.historycooperative.org/journals/ahr/106.3/ah000805.html> Acesso em: 12 jun. 2006.

650 Idem

651 DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Oficina da História).p.11

652 SÁ, Antônio Fernando de Araújo. As descobertas do Brasil: o mito da fundação do Brasil nos filmes de Humberto Mauro e Mô Toledo. In: **Combates entre história e memórias**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.p.73.

como em outros registros, o seu deslocamento geográfico, cultural, contextual, provocou leituras diversas. Seria demasiadamente ingênuo considerar possível decodificar o sentido das imagens de maneira imediata. O sentido da imagem não está "naquilo que ela mostra, mas no modo como nos mostra"[653]. Justamente na fresta aberta entre uma interpretação e outra, a análise historiográfica adquire um sentido mais amplo. Ginzburg esclarece que "o emaranhamento entre realidade e ficção, entre verdade e possibilidade", está no centro das elaborações artísticas do século XX[654]. Tal emaranhado cria possibilidades inéditas à sensibilidade do historiador.

Portanto, o trabalho com o filme, objeto de imagens em movimento, sons, representações, compreende um esforço em equilibrar o ficcional e o real. É preciso ir além do que se vê. Faz-se necessário "analisar no filme tanto a narrativa quanto o cenário, a escritura, as relações do filme com aquilo que não é o filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime de governo" [655]. A película deve interessar não apenas por aquilo que testemunha, mas também pela sociedade que autoriza a sua produção. O olhar do historiador deve se deter "no uso que se faz da história pelo filme, evidenciando os interesses, os desejos e as necessidades que estão presentes na representação imagética do passado"[656]. Vale ainda ponderar sobre as três perspectivas possíveis na relação passado-presente e película: a investigação da própria construção cinematográfica; a análise do filme como um documento produtor de discursos e ainda do cinema como recurso pedagógico à história[657].

Aqui, procura-se ressaltar os dois primeiros aspectos. Observa-se o filme *Coronel Delmiro Gouveia* como uma proposta de memória, como um discurso sobre um momento da vida brasileira, procurando analisar os seus ecos, considerando os tempo das filmagens e o tempo da narrativa. Exploram-se as possibilidades deste filme como construtor de representações sobre um indivíduo, de uma biografia talhada por um roteiro cinematográfico, moldada a golpes de câmeras. Não se trata de um trabalho fácil, embora

653 ROSSINI. **Op. Cit.** p.115
654 Ginzburg, Carlo. Provas e possibilidades à margem de "Il ritorno de Martin Guerre" de Natalie Zemon Davis. In: **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand/Difel, 1989. (Memória e Sociedade).p.200
655 FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: **Cinema e História**. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.p.87
656 SÁ. **Op.Cit.**p.75
657 CARRETERO, Pilar A. El Cine como documento social: uma propuesta de análisis. **Ayer**. 24. 1996:113, p. 113-145.

pareça tão simples quanto uma "inofensiva luta de sombras". Mas o há pouco citado Darnton nos avisa: "ainda assim há vida nas sombras"[658].

Os dois filmes estudados são respectivamente *Delmiro Gouveia: o homem e a terra*, de Ruy Santos (1971) e *Coronel Delmiro Gouveia*, de Geraldo Sarno (1977), premiado no Festival de Cannes, em 1978[659]. São produções que aparecem quando já há um corpo denso de biografias sobre Delmiro e participam de um esforço para abordar uma temática central nas discussões historiográficas sobre o Brasil daqueles dias, a saber: os rumos para desenvolver o Nordeste, as tensões provocadas pelos graves problemas da região e pelo nacionalismo econômico.

Cabe, portanto, refletir sobre o contexto de produção destes filmes, pois o cinema, como lembrou Jorge Nóvoa, é filho do seu tempo[660]. E, sendo assim, é cabível apresentar as relações entre a emergência de memórias cinematográficas sobre Delmiro e os diálogos destas produções com experiências significativas do cinema nacional, como o empreendimento batizado pela historiografia de "Caravana Farkas" e o "Cinema Novo". Deste último, sabe-se que foi resultado do trabalho de um grupo que, em seu núcleo, possivelmente não superou duas dezenas de cineastas. Sem grandes recursos financeiros, estes profissionais se destacaram por obras inspiradas na idéia de realizar "filmes de autor", em contraposição ao cinema de "artesão", produções de "funcionários do comércio", como escreveu Ismail Xavier[661]. Películas que apresentassem ao país seus problemas fundamentais, sem "tratar em específico do camponês nordestino ou da violência dos cangaceiros", mas que, segundo Jean-Claude Bernardet, procuravam "dar uma visão abrangente dos problemas básicos da sociedade brasileira e (...) do terceiro mundo em

---

658 DARNTON, Robert. Cinema: Danton e o duplo sentido. In: **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.63

659 FILMES brasileiros em Cannes. **Folha de São Paulo**. 03 de mai. 1997. Caderno Especial. p.8

660 NÓVOA, Jorge. A teoria da relação cinema-história na reconstrução do paradigma histórico. In: Leal, Elisabete (Org.). **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História Simpósio Nacional de História** História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. XXIV Simpósio Nacional de História; Associação Nacional de História - ANPUH. – São Leopoldo: Unisinos, 2007. (CD-ROM).

661 Cf. Xavier, Ismael. O cinema brasileiro moderno. In: **O cinema brasileiro moderno**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001 (Coleção Leitura). p.9 e 10. Segundo Paulo Emílio Gomes, o binômio artesão/autor é questionável, mas pode ter vantagens: "A classificação dos cineastas em artesãos e artistas, ou melhor, autores, é bastante arbitrária mas oferece vantagens expositivas, e apesar de excessivamente simplificadora, reflete razoavelmente a natureza dos homens que fazem filmes". GOMES, Paulo Emílio. Artesãos e autores. In: **Critica de cinema no suplemento literário**. Rio de Janeiro: Paz e Terra/ EMBRAFILME, 1982. v2. (Coleção Cinema; v.9). p.333

geral"[662]. Este modo inquieto de fazer cinema manteve fortes diálogos com outros projetos que, à sua maneira, redescobriam o Brasil.

5.2. O CINEMA, OS ANOS 60 E A REDESCOBERTA DO BRASIL

A proposta de produzir filmes que girassem em torno da identidade nacional alimentou diversos documentários oriundos da "Caravana Farkas"[663], empreitada cinematográfica que pretendia "mostrar o Brasil para os brasileiros"[664]. Os filmes da coleção Farkas deveriam ajudar a desvendar a complexidade da cultura nacional. Como diria Lowenthal, "saber o que fomos confirma o que somos"[665]. Um dos envolvidos neste grupo, assim batizado por ser gerenciado pelo fotógrafo e produtor Thomaz Farkas, foi Geraldo Sarno. A amizade de Farkas com Sarno facilitou o acesso a determinados lugares, temas e pessoas. Nas palavras do próprio produtor: "o Geraldo (...) me trouxe muitas coisas, porque era da Bahia e sabia das coisas. Quando fui para lá com ele, vi coisas muito importantes". Ainda segundo ele, "o primeiro núcleo queria filmar as ligas camponesas nordestinas, que eram lideradas pelo Francisco Julião. Mas a repressão 'caía de pau' nesse tema". Não bastasse isto, a tentativa pouco feliz de Eduardo Coutinho, ao tentar rodar seu *Cabra Marcado para morrer*[666], sinalizava para os riscos de filmar as Ligas e abordar diretamente as questões ligadas à concentração de terras: "Também soubemos do caso de

662 BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2003.p.103

663Considerada "uma experiência cultural sem precedentes na história do cinema brasileiro", a "Caravana Farkas" (1960-1980) consistiu em "reunir cineastas, fotógrafos, roteiristas e produtores em torno de um projeto coletivo". O objetivo era realizar uma série de trabalhos sobre o interior do Brasil: "era uma experiência nova e desafiadora, e teve início em 1964, em pleno momento de ruptura democrática e instalação de um período conservador e autoritário do país". Basicamente, a caravana produziria um conjunto de filmes sobre a cultura brasileira, destinados a funcionar como suportes pedagógicos em escolas, fornecendo ferramentas que ajudariam a motivar discussões entre professores e alunos secundaristas. Daí se afirmar que a série representava uma espécie de "brasiliana de cinema". FARKAS, Thomaz. **Notas de viagem**. Apres. Rubens Fernandes Júnior. Augusto Massi, Álvaro Machado (entrevista e cronologia). São Paulo: Cosac Naify, 2006.il.p.31;12-13

664 GIOIA, Maria. Farkas faz expedição ao Brasil profundo. **Folha de São Paulo**. 25 de julho de 2006. Ilustrada.< http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2507200618.htm > Acesso em: 20 ago. 2006

665 Lowenthal, David. LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. In: **Revista Projeto História**. Trabalhos da Memória. n. 17. São Paulo: PUC, novembro de 1998, p 63-201.

666COUTINHO, Eduardo. **Cabra marcado para morrer**. Globo Vídeo, 1984.120min.P&B. Documentário.

Eduardo Coutinho, que fora devastado pela perseguição militar. Ele foi obrigado a parar de trabalhar e a fugir, perdeu tudo" [667].

Farkas revelou o seu lado empresarial quando viu em risco o seu maquinário importado e, em lugar da aventura arriscada, o grupo optou por mergulhar num projeto que seria tão profundo quanto outros documentários e, ao mesmo tempo, manteria distância da política nacional, além de contar com apoio financeiro estrangeiro: "Então inventamos de fazer 'outros filmes' que pudessem transformar o país, mostrar o Brasil aos brasileiros, já que formariam uma espécie de curso de antropologia, para as escolas"[668]. O documentário, assim, teria a função de atualizar os métodos de informação em curso no país. Aliando-se ao quadro-negro, ao toca-discos, ao retroprojetor, ao gravador, ao projetor de slides, o filme documentário deveria funcionar como um livro visual manipulado pelo professor que levantaria problemas, "obrigando os seus alunos a discutir, pesquisar ou reexaminar temas, propostas"[669].

Fruto deste contexto, o primeiro filme dirigido por Geraldo Sarno foi *Viramundo* "inteiramente rodado em som direto, com exceção da música feita por Capinan e Caetano Veloso, e cantada por Gilberto Gil"[670]. Conforme Amir Labaki, "Viramundo é um dos primeiros exemplos acabados de documentários brasileiros influenciados pelas novas possibilidades técnicas e estéticas do Cinema Direto, lançado por Drew, Leacock e outros nos EUA do início da década de 1960"[671]. O documentário foi premiado em diversas mostras, a exemplo do Festival de Vinã Del Mar (1967), no Chile, Evian (1966), ganhando na França o *Prix Simone* e o *Dubreuilh* (1966), em Mannheim, Alemanha[672]. A estréia *solo* do cineasta baiano tratava do êxodo dos nordestinos para o Sudeste brasileiro devido à seca,

667Eduardo Coutinho, membro do CPC (Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes) planejou e iniciou as filmagens de um longa-metragem, um filme que contaria a história de João Pedro Teixeira, trabalhador rural líder das Ligas Camponesas e assassinado na Paraíba em 2 de abril de 1962. A experiência de filmar utilizando camponeses como atores foi interrompida quando o Engenho Galiléia foi invadido por tropas do Exército em 1964. O material de Coutinho foi apreendido e o filme só foi retomado em 1981. Cf. MONTENEGRO, A. Cabra marcado para morrer entre a memória e a história. In: FERREIRA, J., SOARES, Mariza de Carvalho (Orgs.). **A história vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p.179-192.

668 FARKAS. **Op.Cit.**p.121

669 Ibidem. p. 5

670 FARKAS. **Op.Cit.**p.15

671 LABAKI, Amir. **Introdução ao documentário brasileiro**. São Paulo: Francis, 2006. p.48

672 Viramundo foi considerado um dos 20 documentários mais importantes do cinema brasileiro. Cf. Viramundo (1964). <http://www.cinemando.com.br/200304/filmes/viramundo.htm> Acesso em: 04 jun. 2006.. Ver: SARNO, G.Viramundo. Brasil. 1965.P&B. 40min. 16mm.24q.

destacando as expectativas e as desilusões dos retirantes que idealizavam uma vida melhor ao término da longa viagem rumo a cidades como São Paulo.

O estilo de Sarno chamava a atenção e, em carta enviada a Thomaz Farkas datada de 28 de fevereiro de 1974, Louis Marcourelles comentava: "Geraldo é um artista que amadurecerá, que fará grandes coisas"[673]. E não só o Nordeste foi alvo das lentes de Sarno e Farkas. Ainda em 1974, os dois participaram de uma expedição pelo rio Negro, juntamente com o biólogo e compositor Paulo Vanzolini[674]. Através de expedições como estas, retomando a mesma inspiração que levou Mário de Andrade às regiões Norte e Nordeste entre 1927 e 1928, mas "instrumentalizados com a estética do Cinema Verdade" (*Direct Cinema* ou *Cinema Veritè*)[675], Sarno, Farkas e a tal "Caravana" registraram rituais, festas, processos de fabricação artesanal. Cruzando diferentes pontos do país, eram como "homens de Marte, com aparelhos estranhos, microfones com formas de rifle, fios, gravador, máquina, tripé, teleobjetiva, todos em posição de ataque, 'contra' o nosso personagem"[676]. Com quantas "personagens" os "homens de Marte" conversaram? Sobre o que falaram? Teria a vida de Delmiro temperado algum destes diálogos?

Apesar de semelhanças, os trabalhos dos cineastas envolvidos com o *Cinema Verdade* se diferenciaram daqueles produzidos pelo *Cinema Novo*. Por Cinema Novo, deve ser entendida a produção ficcional, enquanto que o conjunto de trabalhos destes cineastas em documentários vincula-se à segunda escola. São como Prometeu e Io, deuses próximos e ao mesmo tempo distantes da mitologia grega. A Caravana adotou uma postura de distanciamento, presa ao contexto sufocante, enquanto o Cinema Novo, como Io, a deusa condenada ao eterno movimento, jogou-se para o abraço revolucionário, mergulhou decidido nos debates sobre os males do subdesenvolvimento. Esta divisão possibilita rever a leitura dos filmes documentários feita por Paulo Emílio Sales. Os documentários não devem ser vistos como um prolongamento mais sereno e paciente da produção cinemanovista ficcional. "Não seria o inverso?", provoca Labaki. Sem negar que uma produção ilumine a outra, este mesmo autor estabelece outro questionamento: "Não

673 FARKAS. **Op.Cit.**p.143
674 Cf.FERNANDES JUNIOR,, Rubens. Farkas colorido. Viva! In: FARKAS, Thomaz. **Notas de viagem**. Apres. Rubens Fernandes Júnior. Augusto Massi, Álvaro Machado (entrevista e cronologia). São Paulo: Cosac Naify, 2006.il .p.17,18.
675 LABAKI, Amir. **Introdução ao documentário brasileiro**. São Paulo: Francis, 2006. p.57
676 FARKAS, Thomas. **Op.Cit.** p.44

constituiriam as ficções cinemanovistas, elas sim, o prolongamento do enfoque documentarista?"[677]. Ora, parece ser este o caso da produção sobre Delmiro Gouveia existente na filmografia. Aparecendo inicialmente em documentário, ela passará à ficção pelas mãos de Sarno, cineasta formado em idas e vindas pelos sertões do Nordeste.

5.3. A FABRICAÇÃO DA MEMÓRIA NO FILME DELMIRO GOUVEIA

"*Delmiro Gouveia* é tão pornográfico quanto *Gaijin* e *Sete Gatinhos* ou *Pixote*"[678]. Distante do Brasil, recuperando-se de uma periocardite, mas sem conseguir recuperar as finanças, Glauber Rocha despejou a sua habitual acidez em antigos colegas. Mas a apreciação do cineasta foi apressada e amargurada. Uma análise da produção patrocinada pela Embrafilme, algo que certamente desagradou Glauber, e sobre a sua narrativa revelará a influência da película nas interpretações sobre Delmiro, situando-o na história do Brasil. Desta maneira, antes de aceitarmos o desaforo glauberiano, seria conveniente conhecermos melhor a tal peça "pornográfica".

O filme *Coronel Delmiro Gouveia*[679] (1977) concentra as suas atenções nas aventuras do protagonista ao construir a primeira hidrelétrica na região do baixo São Francisco e a sua luta para manter viva a Companhia Agro-Fabril Mercantil, a Fábrica da Pedra. A obra toma este e outros feitos atribuídos a Gouveia para narrar os descaminhos no desenvolvimento do sertão e da indústria nacional a partir do negociante considerado um exemplar da "burguesia nacional estrangulada". Durante este capítulo, utilizam-se alguns recortes narrativos para observar como foi apresentada a biografia de Delmiro e como tais seleções influenciaram na construção da memória deste personagem. Portanto, interessa saber como o filme foi elaborado, os seus diálogos com outras produções já existentes (a literatura e a historiografia, por exemplo).

677 LABAKI, Amir. **Op.Cit.** p.51

678 Em carta a Celso Amorim, Glauber escreveu: 'Creio que a Embrafilme não se justifica como Empresa do MEC apoiando o tipo de cinema que se faz. Na verdade...Figueiredo tinha razão quando falou das ligações da Embra com a pornochanchada porque, à luz da crítica...90 por cento é pornô mesmo, no sentido definido por Straub: DEGRADAÇÃO ESTÉTICA (sic). Enquanto Leon [Hirzman] e seu bando se masturbam com realismo crítico (...) Jabor desde há muito faz pornochicks". ROCHA, Glauber. **Cartas ao mundo**. Org. Ivana Bentes. Companhia das Letras, 1997. p.684-685.

679 SARNO, Geraldo. **Coronel Delmiro Gouveia**. Brasil: Embrafilmes/Saruê Filmes. 1977. 90 min. Color.

Todavia, considerando que, como escreveu Vainfas, um filme ou um romance histórico, "uma vez que não são trabalhos de historiadores, não estão obrigados, por dever do ofício, a ter cuidado na exposição dos fatos e na interpretação deles", interessam neste capítulo basicamente as estratégias escolhidas para apresentar a vida de Delmiro. Eventuais erros cronológicos, enxertos e exclusões são pensados dentro da lógica da produção de um mecanismo de suporte da memória. Procura-se, assim, acompanhar Marc Ferro e sua sugestão aos aspectos "invisíveis" de um filme, ao "não-dito". Informações ligadas aos aspectos factuais serão analisadas dentro desta preocupação. Isto é, considera-se porque determinado fato foi omitido, ou o que levou ao realce que ele recebeu na trama.

Afinal de contas, embora estejamos cronologicamente distantes dos dias em que Ferro disparou suas críticas aos historiadores por seu preconceito frente ao cinema[680], vale salientar a relevância em estabelecer análises historiográficas a partir deste tipo de filme. Especificamente no caso brasileiro, não é recente a preocupação dos cineastas em abordar "temas históricos". Se nos últimos anos o público recebeu filmes como *Olga (2004), Mauá: O Imperador e o* Rei (1999), *O Que é isto, Companheiro?*(1997) e *Carlota Joaquina – Princesa do Brazil* (1995), as contribuições passam por filmes anteriores a este momento. Observe-se que ainda nos anos 30, Humberto Mauro produziu *O descobrimento do Brasil* (1937) e, décadas depois, trabalhos como *Xica da Silva* (1978), *Memórias do Cárcere* (1984) e *O Homem da Capa Preta* (1986) reforçavam a freqüente e frutífera relação entre o cinema e o texto historiográfico. Um recuo ainda maior[681], aos primeiros anos da filmografia nacional, traria outros exemplos. Mas isto foge ao escopo do capítulo.

Na filmografia brasileira, a escolha de personagens ligados à historiografia oficial se dá graças à forma como as suas trajetórias de vidas foram apresentadas. Os cineastas, assim como os poetas e literatos, buscaram neles indivíduos virtuosos para as suas narrativas. Em tempos de ditadura, a história recente do país era algo delicado de ser contado. O mergulho no mar do passado serviu como recurso a muitos artistas. Como escreveu Luiz Zanin Oricchio, entre os anos 1960 e 1970, "era procedimento comum, e não de uso exclusivo dos

680 FERRO, Marc. Coordenadas para uma pesquisa. In: **Cinema e História**. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.p.79-115

681 Ver: GOMES, Paulo Emílio. **Cinema: trajetória no subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

cineastas, buscar temas e personagens exemplares que pudessem se aplicar às condições e aos problemas do presente"[682].

O cinema, com uma linguagem e um vocabulário próprios, é um outro gênero de memória. Conforme Jean-Claude Carrière, "os cineastas perceberam que a memória de imagens pode, às vezes, ser mais forte e duradoura do que as palavras e frases" [683]. Um aspecto importante está em observar que o cinema também pode ser visto como uma arena de lutas em torno da institucionalização de uma memória oficial ou mesmo do estabelecimento de uma leitura alternativa da história. O filme de Geraldo Sarno, assim como o de Ruy Santos, opta pela leitura oficial da vida de Delmiro. Seguindo uma tradição biográfica baseada em Tadeu Rocha, Mauro Mota e Francisco Magalhães, seus mais conhecidos representantes[684], Sarno evitou polêmicas ao narrar a saga de Gouveia.

Tendo Thomaz Farkas como produtor associado, a película contou com uma estratégia de marketing relativamente ampla. Além do lançamento da trilha sonora em Long-Play (LP), uma quadrinização foi elaborada e lançada pela editora EBAL[685]. O filme começou a ser exibido em 19 de março de 1979. Antes disto, em 1978, o roteiro da obra foi premiado no Festival de Cinema de Brasília. A campanha publicitária foi inesperada e criativa.

"Não se pode vender o futuro. Ele pertence ao povo". "O governador e sua quadrilha não me metem medo". "A vida não se escreve em livro-caixa". Estas frases apareceram em jornais no período de divulgação do filme. Assinadas por um certo "Coronel Delmiro Gouveia", as chamadas provocaram curiosidade e atraíram as atenções para o cinema nacional. Pelo que se sabe, os dísticos foram "publicados em órgãos de imprensa, em páginas que tanto podiam ser de política nacional quanto de variedades". E o efeito deste

682 ORICCHIO, Luiz Z. A representação da história. **Cinema de Novo: um balanço crítico da retomada**. Pref.Ismail Xavier. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.p.35

683 CARRIÈRRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**.Trad. Fernando Albagli, Benjamin Albagli. Rio de Janeiro:Nova Fronteira, 1995.p. 21

684 ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia:o pioneiro de Paulo Afonso**.3ed.Rev.Aum.Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970; MARTINS, F. Magalhães. **Delmiro Gouveia: Pioneiro e Nacionalista**. 2 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979 (Coleção Retratos do Brasil, v. 17).

685 A quadrinização foi lançada pela Editora Ebal como número extra da *Cinemin*, em abril de 1979. Utilizando o roteiro de Sarno e Senna, a obra foi ilustrada por Fávio Mascarenhas e teve a produção gráfica de Elso Silva Jr, sendo a arte final de Célio Kouri.

susto proposital não deve ser vilipendiado. Algumas das frases sugeririam subversão e, conforme a *Folha de São Paulo*, "assim foram vistas"[686]. De acordo com diretor:

> Na época da ditadura isto ficou uma coisa estranha danada (...) Nós achávamos que isto era uma coisa que pudesse chamar a atenção. (...) Você imagina, em 77, você com a ditadura, aparecer no jornal chamadas, pequenas chamadas, assim, perdidas nos textos dos jornais dizendo: "não se trai o povo brasileiro. Assinado: Coronel Delmiro Gouveia", ninguém sabia, ninguém até hoje tem a menor idéia de quem foi Delmiro Gouveia...Aquilo pareceria que era um coronel do exército que estava se revoltando contra alguma política...[687]

No período do lançamento, a imprensa ressaltava a ousadia de Delmiro em modernizar uma região inóspita. *O Globo* dedicou quase três páginas ao filme. O texto de abertura convidava o leitor a comparar duas situações. A primeira se passava em 26 de janeiro de 1913. Naquele dia, segundo o periódico, "os homens acordaram mais cedo. As mulheres já estavam na cozinha (...). No fundo todos duvidavam um pouco que a luz brilhasse de noite, pela primeira vez, em pleno sertão de Alagoas". Depois, o contexto era outro. Narrava abril de 1977, tempos de filmagem da película, e atualizava as ambições de Gouveia. Na ocasião, Rubens de Falco, que viveu Delmiro no cinema, devidamente caracterizado de coronel do sertão e "queimado sob a luz de milhares de watts, cercado de 'operários', 'jagunços', 'vaqueiros', 'sócios', 'amantes', 'visitantes', liga a chave que aciona a primeira usina hidrelétrica do Brasil. Palmas, vivas, urras! Corta!". Terminada a comparação, o leitor era informado que aquela história seria contada no cinema "e, com ela, um bom pedaço da história econômica do país" [688]. O *New York Times* ofereceu uma apreciação menos empolgante.

Exibido no *Modern Art's New Directors/New Films Series*, a película intrigou por oferecer uma leitura contraditória do protagonista. "Colonel Delmiro Gouveia is something obscure", reclamava o *Times*. As experiências de Sarno como documentarista seriam um

686 FASSONI, Orlando. Um sertanejo contra o poder. **Folha de São Paulo**. 18 mar. 1979. Ilustrada. 5 Caderno. 61.
687 Geraldo Sarno. Entrevista ao autor. Salvador, 29 de agosto de 2007.
688 DELMIRO Gouveia, a vida em filme do pioneiro da energia. **O Globo**. 24 jun. 1977. p.97- 98,99.

dos motivos para explicar as dificuldades da narrativa. O filme estaria longe de obras como *Limite* (1931), exibido na mesma mostra. As diferentes perspectivas não definiam o cearense. Patriota? Capitalista sem escrúpulos? Defensor da indústria nacional? O periódico criticou o filme afirmando que ele oscilava entre vividez em certas passagens, vislumbrava mudanças, mas divagava e perdia força dramática[689].

Contrapondo-se a isto, a proposta da produção foi elogiada em resenha do jornal *O Globo*. Conforme o periódico, "o ponto de vista do cineasta não é, necessariamente, o mesmo do biógrafo. A arte e a vida se cruzam para gerar uma terceira visão". A nova perspectiva, assim, surgiria da intervenção e dos métodos de Sarno, que naqueles dias avisava em entrevista da opção por estruturar a trama em blocos narrativos: "o tratamento cinematográfico que dei, juntamente com Orlando Senna, procura ver a figura de Delmiro Gouveia através de quatro personagens que tiveram um papel importante junto a ele e que conduzem a ação em quatro fases"[690].

No ambiente brasileiro, a observação sobre as relações entre Gouveia e a vida econômica nacional se encaixavam ao contexto do ano de lançamento do filme. A questão energética estava na ordem do dia, com as dificuldades para construir hidrelétricas e a ameaça de racionamento de energia. Em junho de 1977, as especulações eram de que em quatro anos o Sudeste não seria mais auto-suficiente energeticamente. Para agravar a situação, a hidrelétrica de Itaipu estava com suas obras atrasadas (as previsões mais otimistas apontavam para a inauguração em 1982). Os prognósticos não eram nada positivos: "Já na metade da próxima década o suprimento de energia elétrica das regiões Sudeste e Sul dependerá do desenvolvimento das usinas nucleares"[691].

Ora, nestes tempos difíceis, vinha a público um filme sobre um brasileiro que teria apresentado vias de desenvolvimento para a região mais pobre do país. E se tratava de produção feita por um nordestino, por alguém "ligado ao Nordeste". Geraldo Sarno não escondeu a sua admiração pelo negociante: "-Acho a história de Delmiro exemplar, é uma história que de certa maneira exprime um problema brasileiro, um problema de país periférico, um problema de país em desenvolvimento". Para o diretor, Gouveia seria exemplar "não só pelo seu pioneirismo em defesa de certos princípios, de certas coisas em

689 MASLIN, Janet. Filme: Gouveia, Brazil Folklore. New York Times. May, 1, 1979.
690 DELMIRO Gouveia, a vida em filme do pioneiro da energia. **O Globo**, 24 jun. 1977. p.97-98,99.
691 Idem..

que ele acreditava. Acho que essas coisas o ligam, inclusive, a problemas atuais". Assim, o filme chegava como a celebração das possibilidades do empresariado nacional, da nossa indústria e do povo brasileiro. Até a filmagem desta reconstituição histórica, o cineasta percorreu um longo caminho.

5.3.1. O DIRETOR

Nos anos 60, Geraldo Sarno era estudante de Direito na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Ali, manteve contato com o Centro de Cultura Popular (CPC). As primeiras experiências com filmagens foram feitas ao lado de Orlando Senna, com quem depois dividiria o roteiro de "Coronel", além de Valdemar Lima. Eram documentários que tinham como foco o universo dos camponeses e as mudanças no campo, principalmente a revolução agrária que parecia iminente no início daquela década. Durante um ano, Sarno esteve no Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográficos e, ao retornar, participou da "Caravana Farkas". Mas esta experiência de filmes em torno da cultura popular não é, hoje, interpretada como um projeto da caravana. Aliás, para Sarno, isto nunca existiu: "eu não uso este nome, nunca se usou este nome"[692]. De qualquer modo, sendo caravana ou não, as tais viagens foram importantes para a formação profissional de Sarno e, segundo ele mesmo, inspiraram a empreitada de filmar uma ficção: "o tema de Delmiro Gouveia para uma longa ficção me apareceu enquanto viajava pelo Nordeste fazendo documentários sobre a cultura popular"[693]. Sarno se interessou pela vida do cearense após conhecer Angiquinho, em 1967, e pouco depois, no escritório da CHESF, ver um retrato de Gouveia:

> vendo a cachoeira eu vi as ruínas de Angiquinho, da usina dele. Quando eu vi as ruínas, eu não sabia o que era aquilo. Nunca tinha ouvido falar em Delmiro Gouveia (...) E aí busquei informação. Procurei informação. E a primeira informação que obtive foi justamente na sede da CHESF[694].

692 SARNO, Geraldo. Entrevista ao autor. Salvador, 29 de agosto de 2007.
693 SARNO, Geraldo. Às margens do cinema. In: SARNO, Geraldo e SENNA, Orlando. **Coronel Delmiro Gouveia Roteiro Premiado no Festival de Brasília -1978**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1979.p.7-8.p.7
694 SARNO, Geraldo. Entrevista ao autor. Salvador, 29 de agosto de 2007.

28. *Angiquinho* encravada nas pedras. Explorando a força de Paulo Afonso, as águas do Velho Chico, Delmiro Obteve energia elétrica. Em seu filme, Sarno oferece várias tomadas da usina e da queda d´água. SARNO, G. **Coronel Delmiro Gouveia**, 1977.

29. Sarno não foi o primeiro a narrar Delmiro no cinema. Antes, em 1971, Ruy Santos realizou um documentário. Ao lado, cena registrava a força do rio São Francisco. SANTOS, Ruy. **Delmiro Gouveia (o homem e a terra)**. Recife: FUNDAJ, 1971.

Depois disto, decidiu apresentar a sua versão sobre o cearense:

> Neste momento foi que eu vi que ali tinha alguma coisa. (...) Foi então que eu vi a coisa do Delmiro e pensei em fazer um filme. Mas vi logo que ali tinha densidade para um filme de ficção. E pensei exatamente naquele momento em fazer um filme de ficção[695].

A explicação para a *Folha de São Paulo* foi mais elaborada: "Fui visitar o lugar onde esteve instalada a Fábrica da Companhia Agro-Fabril Mercantil, vi os restos da usina que Delmiro construiu em Paulo Afonso, despertando os cavalos adormecidos durante séculos e descobri, ali, uma grande história"[696]. Impossível não reconhecer aqui os ecos de Graciliano Ramos, para quem, como mencionado em outros trechos deste trabalho, Gouveia teve o mérito de "acordar alguns cavalos da manada que lá dormia o sono dos séculos" [697]. Pelo visto, como outros mediadores culturais, o cineasta se apropriou das palavras de alguns intelectuais quando necessitou justificar a escolha por Delmiro.

Quando filmou *Coronel Delmiro Gouveia* Geraldo Sarno já era conhecido da crítica brasileira. Não bastasse o sucesso de *Viramundo*, outro filme do mesmo diretor chamava a atenção. Era *Viva Cariri!* documentário sobre a devoção dos nordestinos a Padre Cícero. Mas o novo projeto do cineasta trazia em si uma diferença geradora de expectativas na crítica. Sarno agora dirigia uma "ficção", um filme de reconstituição histórica[698]. O resultado, porém, evidencia que ele não se empenhou em abandonar a linguagem documentarista. Ao contrário, dela se apropriou e transformou o seu filme de ficção em um trabalho semelhante a um filme com narrativas "verdadeiras". Porém, ao contrário dos filmes anteriores, Sarno teria que lidar com a necessidade de um roteiro com falas e cenas previamente estabelecidas. Como ele mesmo explicou, enquanto no documentário o tempo é mediado no processo de montagem das imagens, no filme ficcional isto cabe ao roteiro, que delineia "o itinerário, o percurso, a direção (...) dos elementos que podem ser

695 Idem
696 FASSONI, Orlando. Um sertanejo contra o poder. **Folha de São Paulo**. 18 mar. 1979. Ilustrada. 5 Caderno. 61.
697 CF. RAMOS, Graciliano. Recordações de uma indústria morta. **Cultura Política**. Rio de Janeiro: 2 (20): 166, out. 1942.
698 O primeiro projeto de Sarno no âmbito ficcional foi O Pica-Pau Amarelo. Porém, nem o próprio diretor considera, de fato, um "filme" inicial. Trata-o como "obra menor".

transformados ou substituídos durante o período de realização do filme, inclusive improvisados" [699]. Assim, se de um lado o diretor aponta as dificuldades em conceber um roteiro para os documentários, não esconde o desconforto com o uso deste expediente na ficção. Reunindo então as estratégias destas duas perspectivas do cinema, Sarno enveredou por sua primeira ficção.

Coronel Delmiro Gouveia é estruturado em quatro narrativas feitas em *off*, na sua maioria, a partir de *flashbacks*. Sarno apresentou "memórias" sobre o capitalista cearense. Narrativas que foram arrumadas temática e cronologicamente. O filme fornece relatos biográficos sobre Delmiro, mas também sobre aqueles que falam dele. Carmela Eulina Gusmão (Sura Berditchevski), a segunda mulher de Delmiro, narra a vida do empresário entre 1900 e 1904; o Coronel Ulisses Luna (Jofre Soares) conduz os fatos ocorridos entre 1905 e 1910; Lionelo Iona (Nildo Parente) oferece a memória do período de 1911 a 1916 e finalmente, o operário Zé Pó (José Dumont) dá a sua versão sobre o período que vai de 1917 (ano do assassinato de Gouveia) até 1930, época em que o *trust* inglês Machine Cotton comprou a Fábrica da Pedra. O papel de Delmiro Gouveia coube a Rubens de Falco (1931). Paulista, o ator era "mais conhecido no teatro e na TV do que propriamente no cinema"[700]. Havia sido uma das estrelas d`*A Escrava Isaura* (1976), telenovela de sucesso, na qual interpretava o vilão Leôncio Almeida. Antes disto, já atuara em filmes como *Nós, os canalhas* (1975), *O mau caráter* (1974), *O Sósia da Morte* (1975) entre outros[701]. Na seleção dos autores, chama a atenção a escolha de Jofre Soares (1918-1996), profissional que freqüentemente incorporou personagens do imaginário sertanejo como Padre Cícero – interpretado por ele num filme de 1976 e depois, em 1997, em *Baile Perfumado* –, bem como coronéis e cangaceiros, numa tradição cinematográfica que reforçava um conjunto de estereótipos sobre o sertão. Tradição esta que fez de Jofre um dos "tipos ideais" de

699 SARNO, Geraldo. **Op.Cit.**p.8

700 FASSONI,Orlando. Um sertanejo contra o poder. **Folha de São Paulo**. 18 mar. 1979. Ilustrada. 5 Caderno. 61.

701 O ator se notabilizou por interpretar vilões. Rubens de Falco participou de produções para a televisão (novelas, minisséries etc.) como: O Astro (1977); Dona Xepa (1977); Escrava Isaura (1976); Grito, O (1975); Gabriela (1975); Pixote: A Lei do Mais Fraco (1980). Cf. Rubens de Falco <http://us.imdb.com/name/nm0208296/> acesso em: 05 ago.2006. Rubens de Falco. Personalidades. <http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/personalidades/rubens-de-falco/rubens-de-falco.asp> Acesso em: 06 ago.2006.

nordestino[702], da mesma forma que estereotipou José Dummont como "ator do drama da migração" [703].

5.3.2. O FILME

O filme é aberto com o relato de um desconhecido. Um velho, provavelmente um sertanejo, fala sobre alguém que ele conheceu. A narrativa é sobre o protagonista da trama. Sentado, protegido do sol por um chapéu de palha, o velho fala: "com a chegada dele ao sertão a gente nunca mais passou fome. Quando chegava um retirante nu, ele mandava vestir. Se estava com fome, dava de comer. E no outro dia já ia trabalhar". Após uma breve pausa na narrativa sobre o homem que parecia ter "imãs nos olhos", o camponês continua: "o que fizesse mal feito ele mandava embora ou dava umas coirada. E o cabra ia s´imbora. Mas ele nunca mandou matar ninguém"[704]. Deste modo, Sarno usa de um expediente documentarista em seu trabalho ficcional. O filme se aproxima da proposta de um "documentário dramatizado", no qual os fatos são adaptados a uma intenção específica. Como observa Thomas Farkas, neste tipo trabalho o que supõe "é o fato somado à sua interpretação"[705]. O diretor insinua que a história a ser contada não é mera invenção, mas uma saga baseada em fatos reais.

A narrativa inicial, nos moldes de um documentário, cumpre papel estratégico. E assim, sabe-se que o filme falará sobre alguém que "mandava vestir, mandava comer e trabalhar", alguém que recorria à violência para corrigir os mal feitos, mas que jamais mandou matar ninguém. A fala do velho, neste trecho, é quase um eco de Mário de Andrade. José Carlos Avellar observa também que "na expressão tranqüila e na voz mansa

---

702 O obituário do ator feito pela revista *Isto É* exemplifica a força da sua imagem. "Adeus ao cangaceiro", o título do texto, parece ser uma tentativa pouco feliz em resumir os personagens de Jofre conhecidos do grande público. ADEUS ao cangaceiro. Morre aos 77 anos, em São Paulo, o ator Jofre Soares. **Isto É**, 28 de agosto de 1996. Disponível On Line via <http://www.terra.com.br/istoe/datas/140437.htm.> Acesso em: 31 jul. 2006. Ver também: Jofre Soares. Disponível On Line via <http://www.imdb.com/name/nm0811663/> Acesso: em 02 ago.2006.

703 NEVES, Frederico. Armadilhas nordestinas: o homem que virou suco. FERREIRA, Jorge; SOARES, Mariza de. (Orgs.) **A História vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2001.p.87-98

704 SARNO, Geraldo e SENNA, Orlando. **Coronel Delmiro Gouveia Roteiro Premiado no Festival de Brasília -1978**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1979.p.104.

705 FARKAS, Thomas. **Cinema Documentário: um método de trabalho.** São Paulo: Universidade de São Paulo: Escola de Comunicação e Arte, 1972. (Tese de doutorado). p. 12

e pausada do velho existe uma outra coisa percebida: algo na imagem indica que o velho que fala não é um ator"[706].

Talvez, a intenção seja sugerir que "a construção do objeto do discurso não partiu da imaginação de alguém"[707]. A própria realidade (o velho) está ali para atestar tudo. E deste modo, a narrativa cinematográfica parece não descrever o real, mas apreendê-lo para apresentá-lo intacto. O cineasta elaborou o roteiro com Orlando Senna, "mesclando ficção e documentos". Ainda assim, ele esclarece em entrevista que "procura ser o mais fiel possível ao que ocorreu naqueles anos"[708]. Ora, isto remete ao lembrete de Miriam Rossini: "o narrador pré-organiza aquilo que vai mostrar, e por mais que tente dissimular as marcas da sua enunciação elas estão sempre lá e precisam ser apreendidas, assim como fazemos num texto escrito" [709].

A trama propriamente "ficcional" começa no Recife, na virada do ano de 1899 para 1900. Uma festa de réveillon, capitaneada por Delmiro na Vila Anunciada, é interrompida aos gritos por uma mulher: "O Dérbi tá pegando fogo!"[710]. O incêndio provoca a fuga de Delmiro do Recife. Não sem antes apresentar os culpados pelo crime: "Pra me atacar, pra me destruir, os chacais de Rosa e Silva e desse governadozim fi-duma-puta tacaram fogo no único mercado onde o povo podia matar a fome". É o momento de o público ser apresentado a um primeiro traço da personagem: o seu apreço aos mais humildes. Geraldo Sarno explicou a leitura que propôs: "essa oligarquia (...) conflitava com seus interesses de empresário modernizador, introdutor de um mercado novo, de uma relação de venda ao consumidor muito mais barata do que permitiam as estruturas tradicionais"[711]. Além disto, o espectador é levado a perceber que acompanha um momento de transformação na vida do protagonista. Algo representado na resposta que Delmiro dá para Anunciada após esta ameaçar deixar a casa se o marido fosse procurar "aquela mulher": "Melhor assim. Acabou-se Anunciada. Para mim acabou tudo: Recife, o Dérbi, o século dezenove, você, tudo. Entendeu?"[712].

---

706 AVELLAR, José Carlos. **Op.Cit.**p.20
707 ROSSINI, Miriam de Souza. **Op.Cit.**p. 116-117
708 FASSONI,Orlando. Um sertanejo contra o poder. **Folha de São Paulo**. 18 mar. 1979. Ilustrada. 5 Caderno. P.61
709 ROSSINI, Miriam de Souza. **Op. Cit.**p. 115
710 SARNO, Geraldo e SENNA, **Op.Cit.** p.46 e 48
711 FASSONI,Orlando. **Op.Cit.**
712 Ibidem.p. 49-50

A primeira parte é narrada por "aquela mulher" de nome Eulina. Tematicamente, Carmela Eulina representa o universo do século XIX. Delmiro é para ela um autêntico herói romântico. Um defensor dos pobres. Gouveia ocupa a narrativa de Eulina como um homem poderoso, destemido: "Meu sonho, meu irmão, meu protetor, o pai que eu nunca tive. Agora ele que ia tomar conta de mim". No entanto, o seu desencanto com o sertão, com o pragmatismo de Gouveia diante das dificuldades e a sua preocupação com festas revelam o descompasso da mulher com o protagonista: "Água Branca. Pensava que era só por uns tempos. E aí a gente ia voltar pro Recife. Mas Delmiro comprou casa e terras... E os dias foram passando, todos iguais. (...) E com ele as promessas e os sonhos".

Ao construir a personagem de Eulina, Sarno acompanhou a historiografia que apresenta a moça como uma mãe ausente. Nas duas únicas cenas em que aparece com os filhos, ela está afastada deles. Não há espaço para carinhos entre mãe e filhos. A dureza dos sertões se estende ao trato de Eulina com as crianças. Ela não os olha jamais: "Anos depois eu ainda estava lá, com meus filhos. Eu não era mais a mesma, nem Delmiro"[713]. Aliás, Sarno segue não apenas esta leitura da historiografia sobre Delmiro, mas compartilha da quase invisibilidade às figuras femininas nos escritos biográficos sobre o cearense de Ipu:

> O Tadeu [Rocha] me deu algumas informações e pistas importantes, que inclusive ele não publicou no livro. Foi fundamental pra mim o encontro com Tadeu, inclusive pra de uma certa maneira tratar dos temas do Delmiro amoroso, da vida amorosa do Delmiro. (...) Ele não me disse nada, mas uma frase dele (...) ele disse assim: "-ele foi infeliz com as mulheres". A partir desta frase, me veio uma pulga[714]

As mulheres entram no filme como em certos escritos. São um adereço. Ecoando as palavras de Magalhães Martins e Tadeu Rocha, a fala de Iona sintetiza isto: "Anunciada, Eulina, e em quantas outras mulheres Delmiro havia buscado inspiração para sua ação transformadora!"[715]. Mas nem a isto as damas serviram: "na maneira de ser mesquinha e egoísta delas, as mulheres, ele só havia encontrado confusão, perturbação para sua

713 SARNO, Geraldo e SENNA, Orlando. **Op.Cit.** p.110
714 SARNO, Geraldo. Entrevista ao autor. Salvador, 29 de agosto de 2007.
715 SARNO, Geraldo e SENNA, Orlando. **Op.Cit.** p.116.

atividade de empresário dotado de muitas virtudes e grande dose de coragem". Assim, além de não ajudarem a Gouveia, as mulheres "mesquinhas" e "egoístas" o atrapalham. Saem, portanto, rapidamente da trama. E, deste modo, o filme reforça estereótipos gestados nas biografias fundadoras.

O bloco seguinte é narrado pelo coronel Ulisses Luna. Trata-se de uma seção fundamental. Primeiro, porque muda o eixo geográfico do filme. Sarno sai do litoral e mergulha no sertão nordestino, terreno há muito conhecido por ele. Além disto, é por meio da narrativa de Luna que o espectador entenderá que o título de coronel foi uma honraria obtida por Delmiro após a sua chegada ao sertão. Antes do encontro com Luna, apenas duas vezes ele é chamado de coronel (na despedida entre Eulina e a mãe e, depois, por um dos seus capangas, ambas as ocasiões no alvoroço de fugir do Recife). Neste caso, em lugar de seguir a narrativa tradicional sobre o personagem, que indica o uso da patente ainda no Recife, por conta do poder econômico e da influência de Gouveia em Pernambuco (afinal de contas, era assim que ele aparecia nos jornais da época), Sarno situa o sertão como o lugar no qual este tipo de situação pode ser melhor entendida. Aliás, cabe salientar que enquanto viveu no Recife, Gouveia não foi alvo da pena de nenhum intelectual. Conforme mostrado em outros momentos desta pesquisa, foram as suas intervenções em Pedra que atraíram os letrados.

Daí, a afirmação do coronel Ulisses Luna: "Quando ele chegou, pensei na hora: é só um jabuti de cidade, isso não güenta 3 meses de sertão". No entanto, a permanência de Gouveia e seu progresso levaram o alagoano a rever a sua concepção sobre o negociante. Nas palavras de Luna: "Aprovo homem que sabe mandar, que o povo obedece e respeita. Aprovei Delmiro Gouveia". A conversa entre os dois personagens, no meio de uma plantação de algodão, evidencia a antecipação de Delmiro: "Eletricidade. A mola mestra do século XX. Temos que transformar a força da cachoeira em energia elétrica, iluminar isso tudo por aqui, irrigar com bombas, trazer máquinas para cá". O diálogo, simbolicamente, anuncia uma nova etapa da saga de Gouveia: "Agora tenho que seguir por mim mesmo, Coronel", diz Delmiro, "nem o senhor nem eu podemos fazer sozinhos o que eu pretendo fazer agora. O capital é grande". Esta perspectiva do filme, além de amarrar o destino de Gouveia aos rumos do país, aproxima-se da leitura de Delmiro como um "self-made man"

alardeado por Gilberto Freyre. O sociólogo consta, inclusive, entre os autores que tiveram textos reproduzidos na edição do roteiro, feita em 1978[716].

Deste modo, no filme, Delmiro é o autêntico herói solitário em suas empreitadas. Seus aliados não estão à sua altura. Todos são "deixados" pela câmera, que se concentra no cearense. Mas ainda assim, o vanguardismo do protagonista não é o fator crucial para o seu reconhecimento junto ao Coronel Ulisses Luna, junto ao sertão. O próprio Luna afirma que o "jabuti da cidade" era um "exemplo de mau costume", pois havia raptado uma menina e ia se esconder no sertão, coisa que ele não aprovava. Foi outro traço da personalidade do herói que o aproximou do líder sertanejo.

Ao enfrentar Zé Rodrigues, outro poderoso chefe político no sertão, Gouveia se torna um "coronel" aos olhos do seu anfitrião: "Difícil de acreditar. O Zé Rodrigues ficou como um bestalhão no meio da feira pro povo todo ver. Acho que foi naquele dia que Delmiro tomou assento no sertão. Coronel Delmiro Gouveia"[717]. A cena funciona como a metáfora de um batismo, uma prova de bravura imposta ao herói. É a sua forja.

O coronel Zé Rodrigues, que aparece em boa parte das biografias como um dos prováveis mandantes do assassinato[718], serviu de outra maneira a Geraldo Sarno. Através dele, o cineasta contrapôs o sertão antes e após a chegada de Delmiro. O diretor contrasta assim dois tipos de "coronéis", dois mundos. Zé Rodrigues – e o próprio Luna – são os tipos ideais de coronel no sertão. São o mundo arcaico. Em contraste, Delmiro é a modernização daquele lugar narrado sempre como ruim, de pouca serventia. Aflora aqui a influência de interpretações como a de Magalhães Martins e Maria Isaura Pereira de Queiroz, que diferenciaram Delmiro dos demais coronéis. Conforme esta última, "os chefes 'situacionistas', coronel José Gomes e coronel José Rodrigues, não podiam ver com bons olhos a nova estrela que surgia, coronel poderoso 'rodeado de guardas e serviçais'"[719].O diálogo entre os dois personagens, rápido, feito com a câmera em movimento, quase trêmula, acompanhando os atores como num documentário ou reportagem, apresenta Zé Rodrigues colérico e um Gouveia seguro, sereno. A cena foi realizada no meio de uma

716 SARNO, G. SENNA, O.**Op.Cit.**p.134
717 Ibidem.p.114
718 Cf. ROCHA, Tadeu. **Op.Cit**; MARTINS, F. Magalhães. **Op.Cit.**
719 QUEIROZ, Maria Isaura Pereida de. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: CARDOSO, Fernando Henrique et al. **O Brasil Republicano: estrutura de poder e economia (1889-1930)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,1997. p.175

feira, sem maiores truques ou preocupações com a caracterização, em uma proposta próxima do documentário, com as personagens destoando das pessoas que assistiam, curiosas, às filmagens. As duas propostas narrativas – a reconstituição e a documental – se mesclaram.

A sagração acima descrita é complementada por outra seqüência na qual Delmiro, após ser solto da cadeia pelos jagunços do coronel Luna, é ovacionado pela gente do sertão e tem o seu corpo "fechado" por Mãe Filhinha, uma ialorixá da cidade baiana de Cachoeira:

> Ali também é uma sagração, mas ali é do povo (...) a primeira é (...) da classe dele (...) Os pares o aceitam (...). A outra é uma coisa que ele se torna mais que isto. Porque na verdade ele é um modernizador do sertão[720].

Deste modo, não é Recife, cidade portuária, modernizada, cosmopolita, o local que estabelece Gouveia como "coronel". É o sertão, apresentado como lugar inóspito pelo diretor. O filme fornece uma leitura dos motivos para o descompasso daquela região frente ao universo litorâneo. As dessemelhanças regionais aparecem em diversos momentos do filme. Um exemplo se dá quando Delmiro oferece a Eulina vestidos recém-chegados de Paris: "- A última moda!", ele diz. A moça retruca sarcasticamente: "Para irmos hoje à noite ao teatro e depois ao sarau do Governador?". Portanto, estes deslocamentos geográficos da personagem tomam a direção de uma "locação privilegiada" na cinematografia brasileira.

O sertão, em diversas ocasiões, funcionou como universo mítico aos filmes brasileiros. Exemplos desta apropriação são vistos em produções como *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), de Glauber Rocha, *São Bernardo* (1972), de Leon Hirszman, num primeiro momento, e posteriormente no chamado cinema da retomada[721] em filmes como

720 SARNO, Geraldo. Entrevista ao autor. Salvador, 29 de agosto de 2007

721 O termo "cinema da retomada" refere-se ao período que cobre os dois mandatos presidenciais de Fernando Henrique Cardoso. Em 1995, após anos de quase estagnação, o cinema brasileiro voltou a produzir com o apoio de dois mecanismos de renúncia fiscal: a lei Rouanet e a lei do Audiovisual. O resultado disto foram quase 200 longas, 750 curtas – 70 só em 2002 e, ainda assim, dúvidas sobre o papel por ele desenvolvido, pois, se no aspecto quantitativo era evidente o sucesso da iniciativa, há dúvidas no que se refere à qualidade dos filmes. Cf. SENADOR, Daniela Pinto. Um roteiro a ser escrito. **Jornal da USP**. 8-14 set.2003. <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2003/jusp657/pag1213.htm> acesso em: 13 dez.2006. Ver ainda:

Guerra de Canudos, de Sérgio Rezende (1997), *Baile Perfumado* (1998), de Luiz Carlos Vasconcelos, *Central do Brasil* (1998) e *Abril Despedaçado* (2001), estes dois últimos, de Walter Salles[722]. Esta perenidade somente reforça uma afirmação, feita décadas atrás, de que "a temática particular do Nordeste impregnou a imaginação e a sensibilidade do brasileiro"[723]. Na maioria destas produções, o sertão surge como espaço de atraso, da impossibilidade do progresso, contraponto à modernização. No filme de Geraldo Sarno, este espaço possibilitará ao protagonista um salto do comércio de couros à industrialização.

Se o coronelismo aparece através do depoimento de Ulisses Luna, o capitalismo tem em Lionello Iona o seu porta-voz. Iona, italiano, judeu, comerciante responsável por muitas das estripulias financeiras de Gouveia, é apresentado na trama como um capitalista frio. É o lado racional de uma parceria de décadas. No filme, coube a Iona a função de "agir como empresário e não como um sonhador". E os diálogos entre os dois insinuam um duelo entre a fantasia e a razão. De um lado, Delmiro diz a Iona que "a vida não se escreve num livro-caixa". O italiano lembra ter tornado possível as loucuras do sócio manipulando o livro-caixa, "que é onde se escreve a vida e onde se mente". Se Iona sentencia: "- Deixe-se de sonhos. Tudo está perdido". O coronel responde: "Nada está perdido, Iona". O "judeu errante" se defende da acusação de que seria um parasita dizendo ao cearense que "suas idéias quem as realiza sou eu, mentindo, inventando lucros e evitando impostos. Você fica com as idéias, mas o trabalho sujo é meu". A leitura proposta por Sarno reinterpretava os escritos de Magalhães Martins e Tadeu Rocha, promovendo uma nova versão. Para o primeiro, Iona foi um parasita; para o outro, um sócio competente. Sarno parece enxergar os dois aspectos. Porém, é preciso considerar que em Iona o cineasta pretendeu sintetizar outros parceiros, sobretudo estrangeiros, que o cearense teve em vida[724].

O espaço entre a narrativa de Iona e a seguinte comporta o assassinato de Gouveia. Pouco antes, é representada a cena de um jantar do qual participam Delmiro, Iona e Mr.Hallam (Denis Bourke), enviado pela Machine Cotton para adquirir a Fábrica da Pedra.

ORICCHIO, Luiz Z. A representação da história. In: **Cinema de Novo: um balanço crítico da retomada**. Pref.Ismail Xavier. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

722 Cf. ORICCHIO, Luiz. O sertão e a favela. **Op. Cit.**p.121-160. GOMES, Paulo Emílio. Uma revolução inocente. In: **Crítica de cinema no suplemento literário**. Rio de Janeiro: Paz e Terra/ EMBRAFILME, 1982. v2. (Coleção Cinema; v.9). p.336

723 GOMES, Paulo Emílio. Uma revolução inocente. In: **Crítica de cinema no suplemento literário**. Rio de Janeiro: Paz e Terra/ EMBRAFILME, 1982. v2. (Coleção Cinema; v.9). p.336

724 DELMIRO Gouveia, a vida em filme do pioneiro da energia. **O Globo**. 24 jun. 1977. p.97-98,99.

As negociações são mostradas como um jogo cínico de gato e rato. Mr.Hallam ataca: "Alagoas, Sergipe e Pernambuco ficam com o senhor. Nos retiramos dessa parte". Gouveia se defende: "E os senhores ficam com o resto do país? Desculpe, Mr. Hallam, mas a resposta é não". O inglês aparece como frio e metódico, avisando sobre os perigos em desafiar o *trust*: "Teremos que enfrentá-lo. (...) Todo poder da Machine vai ser utilizado contra o senhor. (...) O senhor não pode bater-se conosco. A Machine Company é invencível". E o industrial pondera: "as palavras são doces, Mr. Hallam, mas a verdade é que elas me imprensam contra o muro. Ou dá ou desce". E, conforme Sarno, o cearense optou por "não dar". Uma cena em particular representa esta opção. Gouveia berra para o sócio: "Leva o recado pro teu novo patrão: não vendo! Quer saber de mais uma coisa, Iona? Tá aqui pra esses gringos fi-duma-puta". E manda uma "banana" para Iona e aos demais representantes do capital estrangeiro.

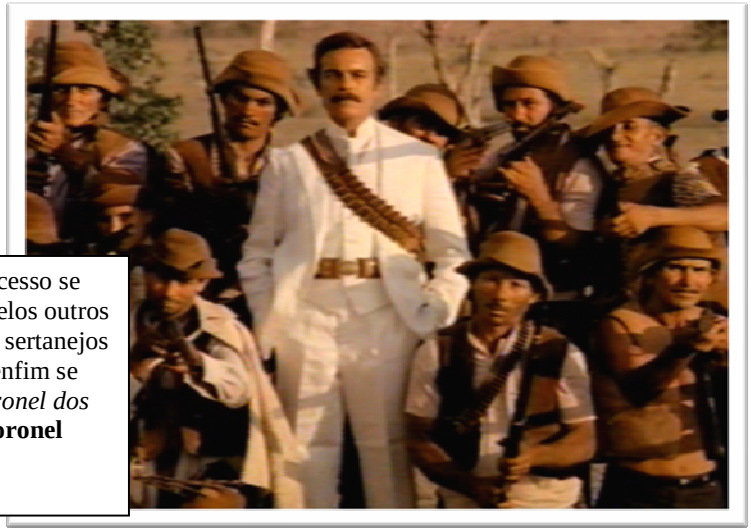
No filme, na noite da sua morte, Delmiro está como é descrito nos livros de memórias e em suas biografias: em seu chalé, sentado numa cadeira, lendo jornais. Três tiros disparados e dois acertaram o industrial (no filme, os três atingem o personagem de De Falco). Porém, em lugar do som convencional das balas, Sarno inseriu o barulho das marretas destruindo a fábrica. Deste modo, a montagem direta, com cenas rapidamente intercaladas, estabelece duas mortes simultâneas. Morre Delmiro, como indicam o sangue nas roupas e o desespero da amante. Morre a fábrica, como sugerem as máquinas destruídas e como descreve o derradeiro narrador da saga. Este momento é importante, por amalgamar a relação entre Delmiro Gouveia e a indústria nacional, encurralada pelo capital estrangeiro. Embora se trate de uma cena rápida, ela ajuda a entender a leitura feita por Sarno do passado brasileiro:

> Porque na verdade eu acho, eu penso isto, o Delmiro é um modernizador do sertão (...) ele seria uma das vertentes possíveis de trajetória para o sertão, entendeu? Entre a trajetória da violência do cangaço, entre o misticismo do Conselheiro ou do Padre Cícero você encontra uma modernizadora, industrializadora (...) Delmiro foi o primeiro nisso, né? E foi esmagado. Abortada. Uma modernização abortada[725].

725 SARNO, Geraldo. Entrevista ao autor. Salvador, 29 de agosto de 2007

30. *A sagração I.* Delmiro enfrenta Zé Rodrigues. Ao fundo, populares assistem curiosos, sem roupas de época, como num documentário, ao confronto. SARNO, G. **Coronel Delmiro Gouveia**, 1977.

31. *A sagração II.* Depois de enfrentar um coronel poderoso e ser reconhecido por seus pares, Delmiro é ovacionado pelo povo e tem o corpo "rezado" por Mãe Filhinha. SARNO, G. **Coronel Delmiro Gouveia**, 1977.



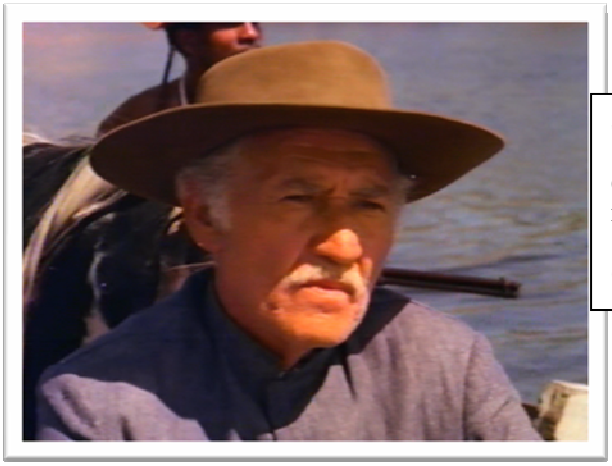
32. *A sagração III.* O processo se completa. Reconhecido pelos outros senhores de terras e pelos sertanejos mais humildes, Delmiro enfim se torna um coronel – *O Coronel dos Coronéis*. SARNO, G. **Coronel Delmiro Gouveia**, 1977

33. Delmiro estava além das mulheres. Na cena acima, Gouveia chega ao Sertão com Eulina, fugindo do Recife. A moça é enquadrada distante do negociante. SARNO, G. **Coronel Delmiro Gouveia**, 1977.

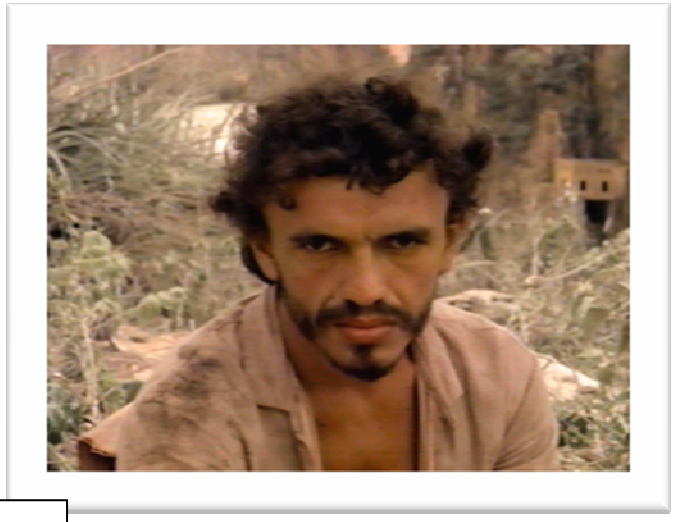
34. Delmiro e Iona (Nildo Parente). SARNO, G. **Coronel Delmiro Gouveia**, 1977.

35. Eulina (Sura Berditchevski) dá as costas aos filhos e ao sertão de Delmiro. . SARNO, G. **Coronel Delmiro Gouveia**, 1977.

36. Cartaz do filme Coronel Delmiro Gouveia. ARNO, G. **Coronel Delmiro Gouveia**, 1977.



37. Coronel Ulisses Luna (Jofre Soares). No filme, ele representa os diversos coronéis e oligarquias que se relacionaram com Delmiro Gouveia. SARNO, G. **Coronel Delmiro Gouveia**, 1977.



38. Zé Pó (José Dumont) encara a câmera. Ao fundo, as ruínas de Angiquinho. SARNO, G. **Coronel Delmiro Gouveia**, 1977.

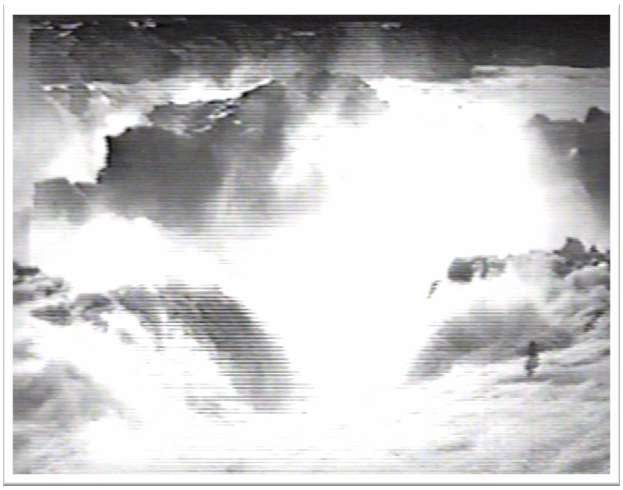
39. O ex-operário que, com seu depoimento, abre o filme de Geraldo Sarno. G. **Coronel Delmiro Gouveia**, 1977.

40. Zé Pó e o patrão Delmiro. No filme, a aliança entre o burguês e o operário não se perpetuou. G. **Coronel Delmiro Gouveia**, 1977.

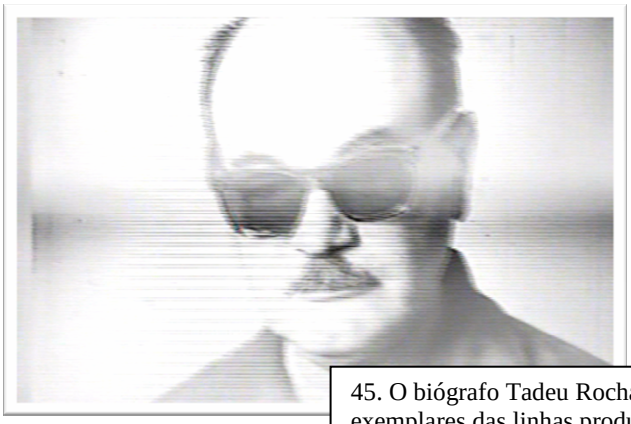
41. Zé Pó ajuda a destruir as máquinas da Fábrica da Pedra. G. **Coronel Delmiro Gouveia**, 1977.

42. Destruída a Fábrica, a desolação retorna. Ao lado, cena que encerra o filme de Ruy Santos. SANTOS, Ruy. **Delmiro Gouveia (o homem e a terra)**. Recife: FUNDAJ, 1971.

43. Abertura do curta-metragem *Delmiro Gouveia: o homem e a terra*. SANTOS, Ruy. **Delmiro Gouveia (o homem e a terra)**. Recife: FUNDAJ, 1971.



44. A Cachoeira de Paulo Afonso no filme de Ruy Santos . SANTOS, Ruy. **Delmiro Gouveia (o homem e a terra)**. Recife: FUNDAJ, 1971.



45. O biógrafo Tadeu Rocha aponta exemplares das linhas produzidas na Fábrica da Pedra. SANTOS, Ruy. **Delmiro Gouveia (o homem e a terra)**. Recife: FUNDAJ,

46. Ilustração da cena do assassinato de Delmiro. SANTOS, Ruy. **Delmiro Gouveia (o homem e a terra)**. Recife: FUNDAJ, 1971.

O diretor aproximou-se das interpretações de Tadeu Rocha, enaltecedor do ethos modernizador de Delmiro, bem como de Magalhães Martins, que fez questão de separar Gouveia de outros "representantes" do Nordeste, pintando-o como um modernizador de hábitos e costumes. Opções de montagem como a mencionada na seqüência acima, da mesma maneira que a escolha do sertão como espaço de clímax no filme, são fundamentais no entendimento da obra, pois como afirmou Marc Ferro, um recurso utilizado para expressar duração, ou mesmo uma outra figura de estilo "transcrevendo um deslocamento no espaço, etc., pode, sem intenção do cineasta, revelar zonas ideológicas e sociais das quais ele não tinha necessariamente consciência, ou que ele acreditava ter rejeitado"[726]. Estes expedientes permanecem na parte final da película.

O último a falar no filme é José Jaceguai Albuquerque Lins Cavalcanti, o Zé Pó. Este personagem é a "voz" do camponês transformado em operário por Delmiro e depois, por conta da destruição da fábrica, novamente apenas camponês. O operário foi inspirado por um ex-empregado da Fábrica. Deste modo, Sarno segue com narrativas de personagens originalmente não-ficcionais. De certa forma, Zé Pó é o catalisador de uma "visão" que Delmiro experimenta no filme.

Tudo ocorre logo após o episódio em que Gouveia teve o seu projeto para eletrificação de Alagoas, Bahia e Pernambuco rejeitado por Dantas Barreto, governador de Pernambuco. Enquanto o carro cruza os sertões empoeirados de volta à Pedra, Delmiro percebe uma construção em suas propriedades. É Zé Pó, com a mulher e os filhos, a erguer uma choupana. O cearense pára o carro e desce irritado: "Que é isso aí? Quem mandou fazer isso? Você não sabe que é proibido invadir minha propriedade?" O camponês, destoando de personagens semelhantes que aparecem noutros filmes em períodos próximos (como Fabiano de *Vidas Secas*, na versão cinematográfica de Nelson Pereira dos Santos), não dá um passo atrás em sua resolução: "Mas o que é que eu podia fazer? Se eu fosse ficar esperando uma licença do senhor pra fazer o rancho ia deixar a mulher e os filhos aí tudo no relento, com sol e chuva". Apesar da irritação de Gouveia, Zé tem a resposta na ponta da língua: "A gente faz pur (sic) a gente mesmo. Casinha pequena. Depois, se o senhor quiser, derruba. Agora, sem casa é que nós num pode fica".

726 FERRO, Marc. Coordenadas para uma pesquisa. **Cinema e História**. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.p.16

A seqüência posterior apresenta Delmiro refletindo em seu carro. Uma imagem dele, nu, diante da Cachoeira de Paulo Afonso, aparece. Nada é dito. O som das águas é tudo que se ouve. De repente, como num estalo, Gouveia desperta para "uma outra força", vinda dos sertanejos: "Se a gente conseguir juntar aqui, ao lado de Paulo Afonso, mil, 2 mil, 5 mil pessoas podem construir uma usina elétrica e fazer funcionar uma fábrica". A idéia reanima o personagem: "Esquece Recife, esquece tudo, pensa só no homem, pensa na força do trabalho, nesse povão que ta aí sem proveito". O resultado desta convicção é a criação da Fábrica da Pedra. E Delmiro repete: "a gente faz, depois quem quiser derruba".

O relato de Zé Pó informa o espectador sobre os rumos da fábrica após a morte de Delmiro. O ambiente mudou depois do assassinato do industrial. Zé nos fala sobre a tensão estabelecida: "Muita conversa, muita reunião, discussão, mas o povo sem saber ao certo". Os possíveis culpados aparecem na narrativa do operário: "Seu Iona já tinha ido embora pro estrangeiro. Dizem que muito rico. E o que se dizia é que os inglês tinha comprado a fábrica pra fechar e despedir todos os trabalhador"[727]. O operário é mostrado, então, juntamente a outros trabalhadores, a destruir a fábrica, carregando partes do maquinário importado, sob os olhos frios de Mr.Hallam. O narrador conta o triste fim da aventura delmiriana, enquanto surgem imagens de operários jogando as peças no leito do São Francisco. Zé fornece a sua versão do acontecido: "Seu Delmiro mandou a gente fazer a fábrica, a gente fez. Os inglês veio e mandou quebrá as máquinas e derrubá no rio. A gente quebrou e derrubou". O ex-operário é uma referência ao velho narrador que, do "presente", abre o filme. O camponês/operário é um arco que abre e fecha a trama. Zé justifica a sua passividade afirmando que eles e os colegas fizeram aquilo que "os dono, os patrão", nas duas ocasiões (construção/destruição) haviam ordenado: "Os patrão manda e os trabalhador obedece"[728].

É da personagem de Dumont, ao final do filme, a fala que sintetiza a interpretação de Sarno. Sentado ao lado dos outros trabalhadores, no chão de um penhasco, Zé Pó divide com os parceiros uma porção de carne seca e farinha. Conversa tendo ao fundo a usina de Angiquinho. Em *off*, ele explica o erro crucial de Delmiro Gouveia: "Agora, o povo daqui nunca esqueceu o Coronel. A fraqueza do Coronel é que ele era só, sozinho mesmo, e aí

727 SARNO, Geraldo e SENNA, Orlando. **Op.Cit.**p.124-125.
728 Ibidem. p.126

atiraram nele e mataram a fábrica. Tenho pra mim que ele foi como um exemplo pra nós tudo".Os problemas e a justificativa indicadas pelo operário aproximam os argumentos de Sarno daqueles defendidos por Octávio Brandão e Pedro Motta Lima. Ou seja, Gouveia foi um "mal necessário" ao desenvolvimento das forças produtivas nos sertões alagoanos. O *close* se desloca para o saco com farinha e carne, visitado por uma mosca. Então, o rosto de Zé Pó preenche a tela. Após olhar para o saco com a comida parca, ele encara a câmera e conclui seu discurso, pronunciado junto ao som da cachoeira: "penso também que o dia em que o povo fizer as fábrica pra ele mesmo aí num tem força no mundo qui (sic) pode quebrá nem derrubá, porque num tem força maior que o do povo trabalhador, que trabalha, como as máquinas, e pensa, que nem gente"[729].

Embora possivelmente não tenha consultado o roteiro da peça de Maurício Segall, o filme oferece um diálogo instigante com aquela produção. No roteiro da peça, Segall inseriu algumas falas para Delmiro que reforçavam o seu ethos civilizador: "Eu sou o Rei das Peles, o Coronel dos Coronéis, trouxe a bonança e o progresso para esse buraco de fim de mundo. Venci rios e cachoeiras, dominei a natureza, acabei com a seca, dobrei inimigos poderosos", afirma empolgado o cearense. No mesmo texto, ele ouve desatento o diagnóstico que a irmã oferece (a proximidade com o que é feito por Zé Pó é perceptível): "Você está isolado de todos e de tudo. O povo da Pedra gosta de você. Mas são só eles. Progresso só tem aqui na Pedra. Tudo que está em volta não tem os mesmos benefícios. É preciso ter muito apoio para fazer o que você está fazendo"[730].

Na edição do roteiro, em 1979, percebe-se que uma cena significativa não compôs a versão final do filme. Conforme o roteiro inicial, após o assassinato, haveria um burburinho e dele surgiriam hipóteses para o crime. Em meio à "incelença" que deveria ser cantada no velório, a beata sugeriria o coronelismo como culpado pela morte de Gouveia: "Quem mandou matá foi os coroné inimigo dele". Depois, os empregados dariam sua opinião. Um primeiro diria que "foram os gringos, todo mundo sabe". Um outro afirmaria: "Rabo de saia. Tem muié no meio disso". O terceiro trabalhador encontrava outro culpado: "Pra mim, foi 'seu' Iona, o sócio. Inveja". Assim, o filme apresentava as quatro motivações que, ora

729 SARNO, Geraldo e SENNA, Orlando. **Op.Cit.**p.126

730 SEGALL, Maurício. **O Coronel dos Coronéis. Comédia histórica em duas partes**. Prêmio Serviço Nacional de Teatro. VIII Concurso de Dramaturgia/1976. 3 lugar. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1978. (Coleção Prêmios, 14).p. 131 ;128.

reunidas, ora separadas aparecem como principais causas para o homicídio de Delmiro. Ao que parece, a cena foi inspirada nas páginas finais de *Fábrica da Pedra* (p.181-186), de Motta Lima. Apesar disto, é interessante observar que Sarno afirmou desconhecer a existência do romance. O que explicaria tais encontros? Talvez o fato de que, embora não tenha lido Motta Lima de primeira mão, o cineasta realizou uma leitura cuidadosa de Magalhães Martins, que se apropriou de diversas passagens da obra. Isto nos coloca um problema, estabelece uma intriga. Se Magalhães Martins, autorizado biógrafo, toma um romance descomprometido com a fidelidade aos fatos como um documento transparente para se chegar à verdade sobre Delmiro; se por outro lado, este mesmo biógrafo é um dos mais freqüentes quando se estuda a vida de Gouveia, então o que temos é uma grande teia, uma estrada de pouca visibilidade, a exigir perícia e cuidados do historiador. Todavia, apesar de ter idealizado a cena, Sarno não filmou tal seqüência. Se o fez, não as incluiu. Por quais motivos isto ocorreu? Talvez o filme tenha assumido uma outra proposta. Talvez, porque a lição de Aristóbulo, o rebelde narrador de *Fábrica da Pedra*, tenha sido aprendida. O próprio Sarno informa sobre o deslocamento de suas intenções. A pergunta feita não é quem matou, mas quem tirou proveito do crime: "é esta a pergunta que a gente tenta responder" [731].

Compreendendo uma narrativa cinematográfica em que a estrutura ficcional e a documental são mixadas, o filme *Coronel Delmiro Gouveia* acabou reforçando, em tempos de desenvolvimentismo, a leitura de seu protagonista como um mártir. Mártir da indústria, mártir da civilização. Ora, se os historiadores já concordam que "filmes baseados em eventos que efetivamente ocorreram podem produzir um efeito de real", devemos colocar a obra de Sarno nesta perspectiva, pois ela toma eventos passados e procura apresentá-los encadeados, explicados, justificados e atuais. Desta forma, a película ajuda a dar "materialidade ao passado"[732]. O filme, se por um lado seguiu parte significativa da historiografia oficial sobre a personagem, algo observável no uso inclusive de documentos sobre a personagem (como os carretéis das linhas que são mostradas, além dos conteúdos dos bilhetes de Gouveia a sua amante), apresenta uma sugestiva leitura de um corpo de operários que deveria ser despertado nos sertões. Uma massa ainda inconsciente do seu

731 FASSONI,Orlando. Um sertanejo contra o poder. **Folha de São Paulo**. 18 mar. 1979. Ilustrada. 5 Caderno. 61
732 ROSSINI, Miriam de Souza. **Op.Cit.** p.117

poder e, por isto, vítima do atraso tecnológico e da violência que, no filme, demarcam o mundo agrário nordestino. História *do* cinema e história *no* cinema nacional, *Coronel Delmiro Gouveia* finda, portanto, sendo um documento fértil sobre a filmografia nacional em tempos de ditadura apodrecida. Todavia, a reconstituição histórica de Geraldo Sarno não foi a única, nem a primeira película a ter o "rei das peles" como assunto.

5.4. DELMIRO GOUVEIA: O HOMEM, A TERRA E O DOCUMENTÁRIO

O curta-metragem *Delmiro Gouveia: o homem e a terra*, de Ruy Santos[733], filmado em 1971, tem apenas nove minutos. Preto e branco, o filme dialoga basicamente com os textos de Mauro Mota e Tadeu Rocha[734]. Não há depoimentos de contemporâneos. O diretor optou por filmar lugares ligados à memória de Delmiro. A paisagem sertaneja é preenchida pelo sol, por bodes e cactus, pela vila operária da Pedra e pela cachoeira de Paulo Afonso. São espaços esvaziados. A impressão que se tem é de que o tempo parou com a morte de Delmiro. O poema de Jorge de Lima, que encerra o filme, também sugere isto. Delmiro é descrito como um civilizador. A imagem do domador de homens, gestada nas biografias e nos relatos jornalísticos, é aceita e reforçada pelo filme. Ao contrário de Geraldo Sarno, Ruy Santos não optou pela dramatização.

A seqüência inicial focaliza uma velha ponte e seus trilhos. Rapidamente a câmera se desloca para as rochas (entra o som da viola). Vários formatos para as pedras. Paredes rochosas. Logo, o barulho das águas no leito do rio abre a narração. Um trecho de um poema é ouvido: "E o cearense desceu com uma turbina na mão./Delmiro viu que o rio era o monge de Assis,/E viu que era preciso descruzar outra vez os braços de Santinho./E os braços edificaram a caatinga,/Iluminaram os capões"[735]. Ao fundo, o som da bachiana

733 SANTOS, Ruy. **Delmiro Gouveia:o homem e a terra**. Recife: FUNDAJ, 1971.P&B. 9min. Documentário (Filmoteca Joaquim Nabuco). R.S. Produções Cinematográficas LTDA. Texto: Cléber Neves de Araújo; Montagem: Jaime Augusto;Animação: Carlos Bastos; Som: Antônio Gomes; Assist. Câmera: Antônio Meleande; Narração: Sandoval Aguiar; Roteiro/direção e fotografia: Ruy Santos; Bibliografia: Mauro Mota e Tadeu Rocha.

734 MOTA, Mauro. A "Estrela" de Pedra: Delmiro Gouveia, civilizador de terras, águas e gentes. **Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**. Recife, n. 9, 1960; MOTA, Mauro. Quem foi Delmiro Gouveia? São Paulo: Edições Arquimedes, 1967. (coleção Para Todos, 2). ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia:o pioneiro de Paulo Afonso**.3ed.Rev.Aum.Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970

735 LIMA, Jorge de. Rio São Francisco (excerto). Apud. LIMA JR, Félix. LIMA JÚNIOR, Félix. **Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão alagoano**. 2 ed. Maceió: Federação do Comércio do Estado de Alagoas, 1983.

número 5, de Heitor Villa-Lobos (1887-1959). A mesma bachiana presente anos antes em *Deus e o Diabo na terra do sol*. A escolha da composição reforçava algo presente nos trabalhos de Villa-Lobos – o nacionalismo. Como Mário de Andrade, o maestro foi um pesquisador do folclore nacional, entendido por ele como "o atraso, o marco zero ou ponto nacional" de uma arte culta e nacionalista. Conforme Contier, para Villa-Lobos "o folclore simbolizava a mentalidade ingênua, primitiva, e ainda infantil do povo brasileiro"[736].

E, assim, a abertura do filme acena para a leitura épica de Gouveia. O público logo é informado que os versos não são de qualquer escritor: "Assim escreveu sobre Delmiro Gouveia o poeta Jorge de Lima, numa clara analogia à sua gigantesca capacidade de realizações". Ressaltado por sua "ousadia industrial", o "gênio nordestino", havia transformado a terra e o homem sertanejo. Depois disto, as rochas não dominam mais a tela, que é preenchida por imagens da vegetação. A caatinga, a palma forrageira e outras plantas aparecem.

Os objetivos da película parecem ser simples. Trata-se de uma versão cinematográfica dos textos de Mauro Mota, de quem se reproduz a idéia do negociante como "a figura máxima, o herói mais autêntico da bacia sanfranciscana", e Tadeu Rocha, que aparece, mas não fala no filme. De certa forma, pode-se dizer que o curta-metragem de Ruy Santos é dividido por imagens que funcionam como temas. Primeiro apenas as pedras, depois cactus e vegetação, com o tempo chega a Fábrica e, por fim, a vila. Sobre tais imagens o cineasta arrumou a sua narrativa.

As pedras são o momento de silêncio no filme. Preenchem solitárias os primeiros instantes. Não há palavras, não há nada a se contar. O barulho da cachoeira, o som da viola e o início da bachiana abrirão espaço para a mudança na paisagem e para a chegada das palavras que, enfim, explicarão o filme. Falarão sobre o cearense "dotado de extraordinária inteligência" que "apesar de sua pouca instrução escolar", era dono de "raro senso administrativo, cedo revelando-se um hábil negociante de peles de cabra e um homem público voltado às grandes iniciativas, dentro e fora do âmbito de sua suprema vocação: o comércio". Como no filme de Sarno, o espectador sabe, então, que está acompanhando a trajetória de um homem diferenciado. Alguém que havia sido rico e famoso em

736 CONTIER, Arnaldo Daraya. **Passarinhada do Brasil: canto orfeônico, educação e getulismo**. Bauru,SP: EDUSC, 1998.p.41

Pernambuco, mas que atingira o ápice da vida em Alagoas. Ali, nos sertões, promoveu "uma verdadeira revolução industrial e hidráulica". Na falta de uma imagem para ilustrar a passagem, Santos usou uma foto de Delmiro feita em Niagara Falls, EUA. Portanto, a imagem é deslocada no tempo e no espaço. Na foto, o cearense cruza os braços, imponente, de costas para as quedas d´água.

Mas quem foi Delmiro? Um verdadeiro nacionalista. Alguém que "tinha um grande espírito patriótico". Para que não haja dúvida, o narrador informa: foi o homem que pela primeira vez, "conseguiu domar as águas do São Francisco, fazendo o rio sair do leito ocioso para irrigar suas terras duras, batidas, que logo se transformaram em um parque verde de lavoura e pecuária". Não apenas isto, o cearense "executou o primeiro plano de eletrificação, descendo a 84m de profundidade e instalando, para espanto de todos, a turbina da primeira usina hidrelétrica com 1500 HPs iniciais de força". Novas imagens são apresentadas. Agora, fotografias da Fábrica, da casa de máquinas de Angiquinho e da linha férrea que ligava Pedra a outros cantos aparecem. Perdem espaço as rochas e a vegetação.

A narrativa tem seqüência com exibição de um mapa que situa a Pedra nos sertões alagoanos, mostrando a localização da vila nas fronteiras entre Alagoas, Pernambuco e Bahia. É o momento de informar que com a energia obtida em Paulo Afonso, "Delmiro construiu a Companhia Agro-Fabril Mercantil, com a qual pretendia libertar o Brasil do monopólio estrangeiro das linhas de coser". A vila operária é descrita enquanto antigas fotografias e registros feitos pelo próprio Ruy Santos aparecem alternadamente: "industrial de larga visão social, Delmiro mandou construir, para seus milhares de empregados, uma vila operária com água encanada e filtrada, luz elétrica, que já em 1914, era a melhor do país".

Ainda dentro da paisagem da fábrica e da vila, deve haver espaço para ressaltar os produtos da Companhia Agro-Fabril Mercantil. As linhas de coser eram variadas "como pode ser constatado ainda hoje através destas amostras pertencentes à coleção particular do biógrafo delmirense Tadeu Rocha". Nesta tomada, Rocha aparece exibindo um estojo. Nele estão guardados diferentes tipos de linhas da Fábrica da Pedra. O biógrafo fala, mas não se ouve o que ele diz. Tudo é silêncio. A câmera volta sua lente para as linhas. É forte nestas seqüências a influência de cineastas como Humberto Mauro (1897-1983), produtor de

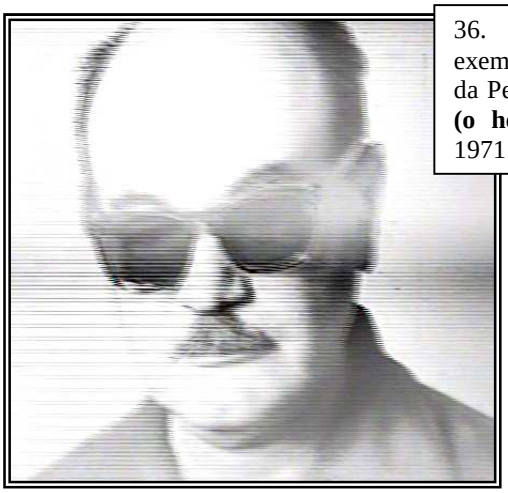
documentários biográficos como *Castro Alves* (1948) para o Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE).

O fabricante das linhas seria um "homem absorvido por uma rotina intensa de trabalho". Ainda assim, um cidadão simples que se "deixava (...) ficar por longos momentos na varanda da sua casa-grande". Uma tomada com alguém na cadeira de balanço é inserida. Abruptamente a cena é suprimida e sabe-se que: "contra o avanço expansionista nacional – que Delmiro representava – o ódio e a cobiça se lançaram com violência". O teor pedagógico da seqüência é complementado pelo som de tiros e por uma ilustração que reproduz a forma como "o grande civilizador de terras, águas e gentes, era assassinado por capangas em 1917". Aparecem aqui novos exemplos da influência de Mauro Mota.

Os últimos trechos do filme são dedicados a explicar o crime e apontar os culpados. A trágica morte de Gouveia fora motivada pelas rivalidades do negociante com José Rodrigues de Lima e José Gomes de Sá, como afirmava Tadeu Rocha. Aliás, pode-se dizer que o roteiro segue a estrutura narrativa de Rocha. As motivações indicadas na película acompanhavam as biografias já lançadas, envolviam questões de terra e interesses políticos. Ruy Santos não esquece de apontar "os executores da chacina": José Ignácio, Róseo Martins e Antônio Félix.

O cineasta insere na película uma foto de Róseo Martins, um dos supostos executores. O diretor não deixa dúvidas: "esse é um dos seus assassinos, o qual posto em liberdade, após cumprimento de pena, continua negando até hoje sua participação no crime". Em seguida, o *close* em Róseo dá lugar a nova panorâmica da cachoeira. Sabe-se, então, que a fábrica fora comprada anos depois pelos concorrentes ingleses da Machine Cotton e "desmontada e destruída a golpes de marreta, e as máquinas lançadas cachoeira abaixo". Imagens do cruzeiro que demarca o lugar em que o cearense foi assassinado aparecem. Por fim, novamente, Jorge de Lima é citado: "E quando o mestiço, inspirado pelo santo/Ia fazer o milagre da multiplicação/E salvar o Nordeste e remir o sertão,/O trabuco do irmão lobo calou o grito da raça". Uma cabra solitária, com a cidade sem vida ao fundo, é mostrada. O fim do filme é anunciado. Os versos de Lima retomam alguns traços da perspectiva euclidiana. O protagonista é um mestiço que fazia milagres. Delmiro é enquadrado como legítimo redentor do Nordeste. Deste modo, as analogias entre o

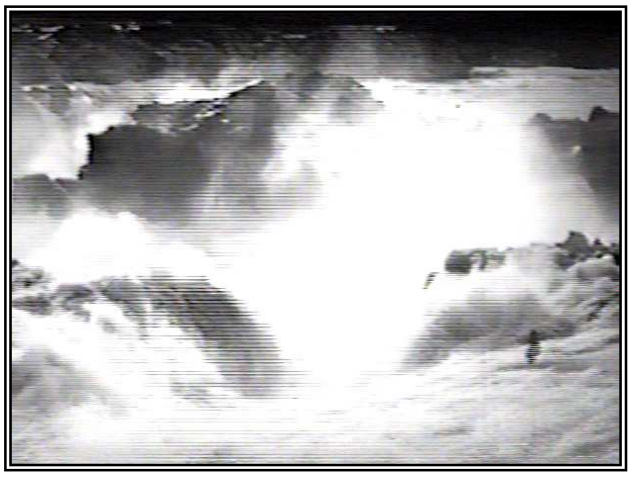
35. Abertura do curta-metragem *Delmiro Gouveia: o homem e a terra*. SANTOS, Ruy. **Delmiro Gouveia (o homem e a terra)**. Recife: FUNDAJ, 1971.



36. O biógrafo Tadeu Rocha aponta exemplares das linhas produzidas na Fábrica da Pedra. SANTOS, Ruy. **Delmiro Gouveia (o homem e a terra)**. Recife: FUNDAJ, 1971.

37. A Cachoeira de Paulo Afonso no filme de Ruy Santos . SANTOS, Ruy. **Delmiro Gouveia (o homem e a terra)**. Recife: FUNDAJ, 1971.

38. Ilustração da cena do assassinato de Delmiro. SANTOS, Ruy. **Delmiro Gouveia (o homem e a terra)**. Recife: FUNDAJ, 1971.



cearense e São Francisco de Assis, presentes em outros textos, são retomadas por Ruy Santos.

5.4.1. ECOS EUCLIDIANOS NA PELÍCULA

O nome do filme já sugere a inspiração euclidiana de Ruy Santos. “Homem”, “terra”. Claro, não há luta. A única batalha de que se fala é contra o subdesenvolvimento. Porém, a seqüência de abertura do *curta* pretende ser uma caracterização geográfica do local. A câmera deve descrever o lugar árido, rochoso, distante, sem cor ou som. Somente com a proximidade das águas, simbolizadas pelo leito do rio São Francisco e a cachoeira de Paulo Afonso, exibidos pouco depois, o espectador saberá de que trata o filme. Mas os ecos de Euclides da Cunha podem ser ouvidos em outros aspectos e trechos da película. A impressão é de que “acredita-se que a região incipiente ainda está preparando-se para a vida: o líquen ainda ataca a pedra, fecundando a terra”[737].

Como em *Os Sertões*, o filme de Santos não propicia a fala do trabalhador. É o narrador que, em *off*, determina o sentido do que se vê. O “irmão lobo”, a um só tempo inocente e ignorante, não tem voz na película. O filme, acompanhando a tradição do livro, se esforça para descrever a região, tornar visíveis os seus contrastes, as suas potencialidades. Como o livro, o documentário delineia o sertanejo bronco que encerra em si a nacionalidade. Mas, diferente do ocorrido com Sarno, que colocou a fala do sertanejo para abrir o seu filme, aqui não há espaço para isto. Se Tadeu Rocha é mostrado em depoimento, embora não seja possível ouvir a sua voz, ele aparece como um índice de autoridade. O filme não foi feito de qualquer maneira. Especialistas foram consultados. Não por acaso ele é aberto com o texto de Jorge de Lima e por uma rápida referência a Mauro Mota. Eles autorizam o cineasta a falar sobre Delmiro. Mas o sertanejo da Pedra, filmado sempre de longe, não saberia nem o que dizer, sugere o diretor.

O filme parece ter sido concebido como uma espécie de biografia visual, rápida e planejada. Um recurso didático. Não há expedientes mais ousados, como em *Coronel Delmiro Gouveia*. Toda a narrativa é ordenada em uma trajetória progressiva e linear. A película, embora curta, é farta em adjetivos a Gouveia: “gênio nordestino”; “herói mais

737 CUNHA, Euclides. **Op.Cit.** p.30

autêntico da bacia sanfranciscana"; "figura máxima"; "dotado de extraordinária inteligência"; "raro senso administrativo"; "hábil negociante"; "homem público voltado às grandes iniciativas"; "industrial de larga visão social"; "um homem absorvido por uma rotina intensa de trabalho"; "grande civilizador de terras, águas e gentes"; "um verdadeiro nacionalista". Portanto, desde o início, a narrativa de Santos já está pré-organizada. Ele reforçará a representação do Delmiro civilizador e mártir. A influência de textos como *Os Sertões* é marcante, embora a obra não seja citada literalmente.

Mas, ao contrário do que o título sugere, ao falar do "homem" e da "terra" Santos não estará preocupado com as pessoas da região. O foco é um indivíduo concebido como digno de participar da galeria de eleitos da história. O filme quer tratar do *homem* Delmiro e da cidade erguida por ele e deste modo, como observou Bodnar, "past, present and future are now contigent on standards of individual behavior"[738]. É apenas assim que um olhar sobre a *terra* tem sentido na película. Embora inspirado, Ruy Santos não está preocupado em avançar numa reflexão sobre o sertanejo. Isto já foi feito por Euclides e ele não tem tempo em seu filme para tanto.

Inspirando-se no trabalho do historiador, Santos utiliza as imagens como documentos para atestar aquilo que diz. A exibição dos carretéis nos indica isto. A fala de Rocha talvez não tenha empolgado ao cineasta, que não via a interferência do escritor como algo vital na curta narrativa. Filmar os carretéis, filmar a autoridade que os possuía já se mostrava suficiente. Esta é uma estratégia repetida por Ruy Santos durante todo o filme. Se for falar sobre eletricidade, o cineasta recorre à filmagem dos fios, enquadra Angiquinho, a casa de máquinas. Se acaso o tema é o assassinato, a reprodução do som das balas, os assassinos, a ilustração do crime, o cruzeiro que sinaliza o local em que tombou o corpo de Delmiro são suficientes.

Porém, sabe-se que "o historiador não deve apenas dar um sentido ao evento, mas deve também certificar-se de que tenha ocorrido mesmo um evento"[739]. Se considerarmos os dois cineastas aqui analisados "cineastas-historiadores", eis uma regra que passou

738 "Passado, presente e futuro são agora parte de um grupo padrão de comportamento individual". Tradução livre do autor. BODNAR, John. Saving Private Ryan an Postwar Memory in America. The American History Review. 106.3.2001< http://www.historycooperative.org/journals/ahr/106.3/ah000805.html> acesso em: 12 jun. 2006

739 MOMIGLIANO, A. Apud GINZBURG, Carlo. Sobre Aristóteles e a história, mais uma vez. **Relações de Força: história, retórica, prova**. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.p.61

desapercebida por Santos. Quando se refere a Róseo o filme narra que ele, "posto em liberdade, após cumprimento de pena, continua negando até hoje sua participação no crime". O "hoje" do filme, o tempo da filmagem, era 1971. Um crime ocorrido em 1917, um suspeito que pagou pelo crime na cadeia e, liberto, ainda assim continuou negando o homicídio. Em lugar de aprofundar as suas reflexões diante de um quadro tão sugestivo, o cineasta se calou e optou por corroborar a idéia de Róseo como um assassino. Ruy Santos se afastou da perspectiva de historiador e tomou o caminho do inquérito judiciário[740]. Se fizesse o contrário, se acaso mencionasse as suspeitas (prontamente refutadas por Tadeu Rocha) de que o crime poderia ter motivação passional ou se acompanhasse a hipótese de que o assassinato compreendeu uma vingança por conta da "desonra" imposta à filha do comerciante Firmino Rodrigues[741] – última pessoa a falar comigo na noite do crime – colocava em situação delicada o seu herói e os próprios estudiosos que autorizavam o seu discurso.

J.C. Alencar Araripe reproduz em *A glória de um pioneiro: a vida de Delmiro Gouveia* trechos da entrevista realizada com Róseo, que levantou o seguinte questionamento: "-Como poderíamos ser nós os assassinos de Delmiro Gouveia se no dia 9 de outubro estávamos em Propriá, que dista de Pedra cerca de 60 quilômetros, em viagem por terra e água?"[742]. Lembre-se que o texto é de 1965. Segundo o autor, o interrogatório foi permeado de ameaças e requintes de crueldade. Como escreveu Magalhães Martins, "eles sofreram as maiores crueldades, açoites e maus tratos"[743]. O resultado foram confissões estranhas, mas providencialmente aceitas. Ainda assim, o interesse do cineasta parece ter sido basicamente transpor para a tela um julgamento sugerido em textos como os de Mota.

A justaposição entre as idéias de Ruy Santos, gestadas das leituras de Rocha e Mota, e a própria informação que ele fornece, realçam o teor panegírico do seu filme. O Documentário é uma peça pedagógica e apologética, fortemente influenciada por uma leitura euclidiana dos sertões brasileiros. Em sua narrativa, ouve-se o eco de um projeto

740 GINZBURG, Carlo. **Il giudice e lo storico: considerazioni in margine al processo Sofri**.Torino: Einaudi, 1991.
741 MARTINS, F. Magalhães. **Op.Cit.**p. 182
742 ARARIPE, J.C.Alencar. **A glória de um pioneiro: a vida de Delmiro Gouveia**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.p.85
743 MARTINS,F. Magalhães. **Op.Cit.**p. 181

interrompido, um futuro perdido. Não há grande interesse no sertanejo Róseo, inocente da sua própria desgraça. Não interessa ao diretor que o ex-trabalhador, tenha cumprido a pena e tenha deixado a cadeia alegando inocência. Assassinos, ele e seu trabuco calaram o herói.

5.5. DELMIRO ENTRE O DOCUMENTÁRIO E A RECONSTITUIÇÃO HISTÓRICA

A produção cinematográfica sobre Delmiro é tímida, se comparada à impressa. Todavia, quando situamos o longa-metragem e o documentário aqui apresentados no contexto dos anos 70, percebemos uma situação dessemelhante. Ser tema de dois filmes num intervalo inferior a uma década não é algo habitual. Quando isto se dá no Brasil, então, o apelo do personagem se amplifica. Embora tenha recebido apoio de órgãos como a Embrafilmes, *Coronel Delmiro Gouveia* teve que disputar espaço nos cinemas com produções como *Tubarão 2*, de Steven Spilberg, e *Superman*, de Richard Donner. Neste último, por apenas dez minutos de aparição no filme, Marlon Brandon recebeu quatro milhões de dólares. Enquanto Sarno lutava com parcos recursos para divulgar o seu filme, um produtor como Donner pôde contar com sete pôsteres promocionais[744]. Mas deixe-se de lado este aspecto e voltem-se as atenções para as películas propriamente ditas. Como entender estes filmes? Uma primeira observação a fazer, é que a chegada de Delmiro ao cinema acompanha um movimento de retomada da memória do cearense, iniciado ainda nos anos 50 e organizado durante as celebrações do seu centenário.

Nos anos 70, em meio a problemas no fornecimento de energia elétrica, enchentes e dúvidas sobre os caminhos do país, o subdesenvolvimento exigia respostas. No âmbito da cultura, a efervescência em torno de um projeto de valorização do nacional e do popular, assim como os argumentos favoráveis ao desenvolvimentismo ganham força. O Pós-Guerra e os anos seguintes são os tempos em que “Lampião, Conselheiro, Padre Cícero abrem caminho para a passagem de Delmiro Gouveia”, concebido a partir de uma perspectiva diferenciada como “o pioneiro da industrialização da região, o nacionalista que enfrentou o imperialismo inglês, que trouxe a energia elétrica para o sertão seco, que domou com a

744 Cf. **Diário de Aracaju**. 18-19 mar.1979.p.05.

técnica a fúria da natureza"[745]. Nos filmes aqui analisados, são perceptíveis duas leituras, duas perspectivas sobre o cearense. Todavia, não é possível dizer que tais interpretações sejam completamente antagônicas. Há, é claro, pontos de convergência entre as películas.

Um primeiro aspecto diz respeito ao sertão. Em ambos os filmes, é neste espaço que se desenvolvem os argumentos centrais – a busca por explicar os descaminhos que mantinham o país no subdesenvolvimento, os hiatos entre o sertão e o litoral, entre o Nordeste e o Brasil. Em *Coronel Delmiro Gouveia*, a experiência acumulada por Geraldo Sarno nas viagens pelo Nordeste, as discussões levantadas em seus documentários anteriores ajudam – e ao mesmo tempo dificultam – na interpretação das vias mais adequadas ao desenvolvimento. É esta possivelmente a maior riqueza do filme, a sua capacidade de oferecer Delmiro como um ser ambíguo, contraditório, complexo. Contrariando uma perspectiva tipicamente romântica, representada no filme por Eulina, Sarno se afasta de uma idealização do protagonista, embora demonstre certeza na sua relevância em um projeto modernizador para o sertão. Por seu turno, Santos acompanha a perspectiva de Mauro Mota e Tadeu Rocha, concebendo Gouveia como um "santo das máquinas". O arranjo desenvolvimentista, no documentário, passa pela inserção das máquinas e da energia elétrica no sertão. Contudo, diferente da reconstituição histórica, *O Homem e a terra*, não deixa brechas para outras interpretações sobre o cearense. Nele Delmiro Gouveia é o mártir da industrialização, o civilizador que deu a vida em holocausto pelo progresso do sertão.

Um outro traço comum aos filmes encontra-se na preocupação em falar sobre a morte do coronel. Porém, Sarno evita discutir a autoria do crime. Demonstra claramente não se interessar por isto, mas pelos desdobramentos do assassinato. Em *Coronel Delmiro*, o fato é atrelado ao fim da Fábrica, à destruição do maquinário, numa metáfora da própria indústria nacional. Manejando sua lente em outra perspectiva, Santos prefere optar não apenas por relacionar a morte de Gouveia ao subdesenvolvimento do país, ao atraso dos sertões, mas demonstra também a pretensão em indicar os culpados pelo crime e, deste jeito, contar uma

745 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Novos planos do olhar. In: **A Invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999. p.263-305

história concatenada, linear e progressiva. Acusa Róseo e vilipendia pesquisas como a de J.C. Araripe Jr, na qual a autoria e a execução do crime eram postas em dúvida[746].

Os filmes de Sarno e Santos dialogam com outros suportes da memória sobre Delmiro. Tomam as biografias "fundadoras" como padrão. Mas enquanto o documentário ficou restrito a um público limitado, dada a própria natureza da película, a ficção de Geraldo Sarno percorreu diversos lugares do Brasil e do exterior, sendo premiada e provocando discussões sobre as escolhas e o destino de Gouveia. Isto, evidentemente, explica o destaque dado aqui para a recepção do filme. A consulta a colunas de jornais permitiu traçar um painel de como a obra foi recebida pela crítica. Por sua vez, a estratégia de divulgação, envolvendo a quadrinização do filme, o lançamento de uma trilha sonora e as chamadas em páginas dos jornais evidencia os esforços típicos de quem faz cinema sem grandes recursos. Neste caso, entrou em cena a astúcia de Sarno, ao transformar uma situação adversa em possibilidade de sucesso. Ao assinar as chamadas enxertadas nas páginas dos jornais como "Coronel Delmiro Gouveia", o diretor provocava um duplo efeito: levantava a falsa hipótese de que um militar de alta patente, um coronel, estava a criticar o Governo (algo que, em certas passagens, o filme realmente faz) e, ao mesmo tempo, se livrava de qualquer acusação de subversão, justamente pela tal assinatura, que correspondia ao título da película.

O caráter documental destas produções também merece ser ressaltado. Nos filmes, tanto os carretéis da linha "Estrela" quanto as pessoas funcionam como fontes, como documentos que atestam a verdade daquilo que os diretores contam. Mesmo com a proposta de ser uma reconstituição histórica, o filme de Sarno mantém um fértil diálogo com a narrativa documentarista. Por sua vez, a preocupação pedagógica de Ruy Santos ajuda a explicar o seu cuidado com registros de locais e objetos ligados a Delmiro Gouveia.

As diferentes representações presentes nos filmes aqui estudados promovem uma discussão sobre a aventura burguesa na indústria nacional e os seus impactos no povo brasileiro. Na peça de Ruy Santos, este povo é cruel com seu Messias. Em Sarno, a derrocada do projeto burguês apenas atordoa, aborta temporariamente um processo que o

746 ARARIPE, J.C.Alencar. **Op.Cit.** Ver também: ROCHA, Tadeu. Erro judiciário no "Processo Delmiro". **Diário de Pernambuco**. Recife, 20 jul.1972.caderno 3.p.03.

próprio diretor, imerso numa certeza típica dos tempos de filmagem, acreditava ser vencedor. O olhar sereno de Zé Pó no final do filme e a sua consciência de que tudo dependia da união dos trabalhadores revela a certeza de dias melhores. Objetos da história, os dois filmes são férteis em se tratando da historiografia do Nordeste. Há, contudo, um outro traço significativo: *Coronel Delmiro Gouveia* e *Delmiro Gouveia: o homem e a terra* têm a capacidade de oferecer algo da sensibilidade de outros tempos. Através destes filmes enxergamos também propostas para o Nordeste, vislumbramos sonhos de sertão moderno, projetos de país desenvolvido. Nos dois filmes, Delmiro é posto como um possível realizador destas fantasias.

CONCLUSÃO

Não sei mas sinto que é como sonhar,
que o esforço pra lembrar
é a vontade de esquecer[747]

Apesar de ter sido alvo de palestras, artigos, eventos, livros e filmes, Delmiro Gouveia ainda aparece como um ilustre desconhecido para uma parte significativa da população. Claro, há referências oficiais que exigem a sua lembrança, como é o caso do *Dia do Empresário Brasileiro*, estabelecido em 10 de outubro, data da sua morte. Há prêmios, escolas e rodovias homenageando-o. Porém não houve, como os delmirólogos sonharam, um reconhecimento dos segmentos populares. O culto à sua memória hoje praticamente se restringe à Semana Delmiro Gouveia, recuperada não em Pernambuco, lugar da sua invenção, mas na antiga Pedra, e a publicações esparsas de admiradores isolados. Então, o *trust* do silêncio finalmente venceu? Não exatamente. Primeiro, porque de fato jamais ocorreu uma trama articulada para "apagar" Delmiro da história. Segundo, pelo fato de que as memórias do cearense têm servido a diversos grupos durante anos. Assumindo várias "peles" Gouveia foi coronel, exportador, modernizador, higienizador, bandeirante, rebelde, dândi e, sobretudo, mártir. As inúmeras representações do seu passado funcionaram como alegorias de momentos da história do Brasil.

Delmiro foi mesmo uma "resposta" a Canudos? Talvez ele tenha se tornado, durante um tempo, um paradigma de parte da intelectualidade nas reflexões sobre como vencer o sertão, lugar concebido como espaço resistente à modernização, um óbice ao progresso do país e à conseqüente inserção das elites nacionais no concerto das nações civilizadas. Entretanto, como diz a epígrafe, "o esforço pra lembrar é a vontade de esquecer". Nas narrativas do mártir civilizador, na labuta de tecer suas memórias, certos aspectos foram eleitos para serem eclipsados: a violência, os lucros suspeitos, as vozes silenciadas e as contradições.

A emergência de Delmiro como um mito civilizador dos sertões se deu entre os anos 1940 e 1950, sendo que a recuperação de textos como os de Assis Chateubriand e

747 AMARANTE, Rodrigo. O vento. In. Los Hermanos. **4**. Sony/BMG, 2005. CD, faixa 7.

Oliveira Lima, produzidos nos anos 1910, foi um artifício recorrente nas narrativas mitificadoras. As memórias produzidas neste intervalo trouxeram marcas da pluralidade interpretativa imposta a Gouveia enquanto mito. As suas representações se alteraram conforme tempos e lugares. Mas se o mito oscilou em diversos caminhos, podem-se delimitar dois traços centrais: o civilizador e o industrial. Cada um destes epítetos esteve ligado a um contexto histórico específico, atendeu aos apelos dos seus dias.

Inicialmente, pode-se dizer que a ênfase recaiu no aspecto civilizador. Aliás, a concepção de Delmiro como um representante deste movimento de salvamento do país através do seu interior não foi um caso isolado. Conhecer e transformar os sertões foram ambições de muitos pensadores entre o final dos oitocentos e o século seguinte. As pretensões de um maior contato com um Brasil "autêntico" motivaram intelectuais como Euclides da Cunha, Mário de Andrade e Graciliano Ramos. Depois, aproximadamente a partir dos anos 1950, as metáforas mudaram. O enfoque transferiu-se para o discurso do desenvolvimento representado pela industrialização do Nordeste, sobretudo do sertão. Delmiro passou a ser descrito como "pioneiro da industrialização", "precursor da CHESF" e, em lugar do coronel ou do "civilizador", sobressaiu o "industrial". Nos anos 60 esta situação se consolidou; se institucionalizou e, ao mesmo tempo, sofreu novamente alterações graças aos impactos do discurso desenvolvimentista e aos "milagres" experimentados por nossa economia na década seguinte.

Sendo assim qual o papel dos centenários de nascimento, celebrados em 1963, na articulação destas memórias? Estes eventos foram responsáveis pela caça estabelecida aos traços deixados por Delmiro. O resultado foi a construção de um acervo que não é amplo, mas forneceu indícios a diversas investigações e, além disto, ajudou a consolidar o valor do mito, ofereceu-lhe suportes de memória. Em Alagoas e Pernambuco, as comemorações possibilitaram revisitar o passado e, a partir disto, selecionar aquilo que deveria ou não fazer parte da narrativa sobre as experiências modernizadoras de Gouveia no Recife e na Pedra. Contudo, os centenários também trouxeram à tona as diferentes recepções que o mito recebeu. Em Pernambuco, ele não rompeu o cordão de isolamento involuntariamente criado pelos intelectuais do Instituto Joaquim Nabuco, que não conseguiram atrair os holofotes para o cearense como pretendiam ao criar a Semana Delmiro Gouveia. Por sua vez, em Alagoas, as celebrações foram ao mesmo tempo mais simples e efetivas na

divulgação do mártir. Isto talvez possa ser entendido pelo fato de que, ao contrário do que ocorreu entre os pernambucanos, o próprio Estado mostrou-se interessado em popularizar as memórias de Delmiro, utilizando-o como inspirador das intervenções planejadas para os sertões alagoanos, fornecendo apoio e possibilitando uma inserção mais ampla dos delmirólogos frente àquela obtida pelo grupo pernambucano que, com dificuldades, conseguiu arrastar alguns letrados à Vila Anunciada para tardes de palestras. A massa que aplaudiu o fogo simbólico em Alagoas contrasta com as reclamações pela ausência de estudantes em Pernambuco. Mas não somente a classe estudantil esteve ausente. O povo também não apareceu nas celebrações do centenário, a não ser como massa inculta, bárbara, feras transformadas pelo "civilizador de terras, águas e gentes" que foi Delmiro Gouveia, como escreveu Mota.

Responsáveis diretos pelas celebrações que ajudaram não só a retomar o mártir, mas a atualizá-lo, Gilberto Freyre e Mauro Mota aplaudiram o arrojo de Delmiro e sua rebeldia à ordem vigente, ao mesmo tempo em que realizaram elogios à "gloriosa revolução" de 1964. Este tipo de atitude não chega ser contraditória. É antes um sinal, um vestígio da postura que parte da elite – e possivelmente não apenas a pernambucana – assumiu diante da "onda comunista" denunciada pela imprensa nacional e estrangeira anos antes dos centenários. A apologia a Delmiro era também a opção pela modernização compulsória, pela força como resposta aos conflitos, pelo castigo em troca do progresso, pela circunscrição da liberdade em nome das benesses do consumo.

Observando os centenários e também o que veio antes deles, percebe-se que pensar Delmiro Gouveia é caminhar pelas discussões acaloradas referentes ao sertão brasileiro. É acompanhar projetos e desilusões experimentados não pelo coronel da Pedra, mas por seus admiradores. Entre estes, Mauro Mota foi provavelmente o artesão que mais efeitos obteve ao recuperar Gouveia. Não foi, repita-se, aquele que mais pesquisou, ou mais publicou ou ainda quem mais entendeu do assunto. Nada disto. Mota foi aquele que melhor percebeu o potencial do mito, dos seus usos. Não se preocupou tanto com o real, com as provas, mas antes com as alegorias dos seus textos. O poeta foi um mediador cultural que conseguiu disseminar o nome de Delmiro em diferentes vetores da memória. Trabalhou anos nisto. Os demais biógrafos, pesquisadores de maior calibre, se viram praticamente obrigados a realizar referências aos textos de Mota, a consultar-lhe, a pedir a sua opinião sobre os

rumos das pesquisas. Outros foram além e beijaram-lhe a mão, solicitando prefácios, citando-o em epígrafes, elegendo-o como modelo de investigador. Pode-se dizer, portanto, que também o "boom" de biografias resultou das celebrações dos centenários. Sinal disto foi o próprio fato de haver, no programa das comemorações em Pernambuco, premiação para estudos biográficos.

Mesmo com o prestígio desfrutado por Mauro Mota, duas biografias de Delmiro permaneceram como referências obrigatórias: *Delmiro Gouveia: pioneiro e nacionalista*, de Francisco Magalhães Martins, e *Delmiro Gouveia: o pioneiro de Paulo Afonso*, de Tadeu Rocha. Pode-se dizer que, de certa forma, estas obras reinventam o mito. Um olhar sobre o itinerário destes dois pesquisadores e logo se percebe que os seus livros foram precedidos por esforços isolados para lembrar o coronel. Por sua vez, as falas de Maria Augusta Gouveia, as suas críticas e "denúncias" de um silêncio proposital sobre o seu pai ecoaram e serviram de ponto de partida para várias investigações. Ao policiar os biógrafos de Delmiro, sua filha demonstrava consciência do poder das biografias na cristalização da memória. Uma imagem desabonadora não permitiria a obtenção de pequenos privilégios, como a pensão que lhe foi concedida pelo Governo Federal em 1974. Portanto, é possível dizer que não houve silêncio, mas desarticulação.

Contudo, considerando as biografias aqui analisadas como parte da historiografia sobre Delmiro percebe-se uma quase periodicidade na publicação destes estudos. Entre 1961 e 1970 uma dezena deles apareceu. Ainda hoje, poucos personagens brasileiros receberam semelhante média de trabalhos (dois deles são, coincidentemente, Padre Cícero e Lampião, figuras das quais Delmiro tanto foi aproximado/afastado no decorrer dos anos). Tais biografias oferecem possibilidades para exemplificar as adaptações feitas por diferentes estudiosos ao inserir a vida do coronel da Pedra num *cursus*. O Padre Sousa, por exemplo, concebeu o biografado como um cristão, embora o cearense fosse conhecido como maçom e ateu. Entretanto, mesmo com perspectivas diferenciadas, estas narrativas foram fundamentais na produção de uma leitura concatenada e heróica do coronel. Com este *corpus* de narrativas, outros tipos de trabalhos ganharam viabilidade.

Porém, a presença de Delmiro em projetos literários não esteve amarrada apenas às celebrações ou às biografias. A antecipação de Pedro Motta Lima, ao recuperar a imagem do "Coronel dos Coronéis" como exemplar do burguês nacional, deu como corolário um

romance e também um dos documentos indiretamente utilizados sobre o senhor da Pedra. Afinal de contas, a biografia de Magalhães Martins, costumeiramente consultada quando se quer falar sobre Delmiro, deve tributos significativos ao tal livro de Motta Lima - sobretudo nas passagens em que Martins ensaia uma interpretação dos feitos de Gouveia. Portanto, não há como negar o influxo de *Fábrica da Pedra* sobre outras narrativas dedicadas ao agroindustrial. A propósito, Paulo Dantas e Adalberon Lins manobraram seus projetos literários para o apagamento das críticas feitas por Motta Lima. Não foram os únicos a dialogar com o texto do líder comunista.

O cineasta Geraldo Sarno afirmou que jamais leu Motta Lima, que desconhecia a sua obra. Porém, há traços daquele romance em *Coronel Delmiro Gouveia*. E, ampliando a complexidade destas correspondências, o filme acabou sendo um dos mais conhecidos recursos para se falar do *Rei das Peles*. A propósito, no concernente ao cinema, em ambas as produções aqui analisadas, como sugere o filme de Ruy Santos, o sertão aparece como um campo simbólico para se pensar as contradições intrínsecas ao Brasil. Ao analisar a pequena filmografia de Delmiro, a pesquisa experimentou também a complexidade de lidar com a hibridez nas perspectivas sobre a modernização do sertão.

Neste aspecto, pode-se dizer que a retomada de Gouveia, feita pelos cineastas nos anos 70, era justificada como uma espécie de acerto de contas com o passado. Em tempos de apologia ao desenvolvimento, aquele surto interrompido a tiros, em 1917, e golpes de marreta, em 1930, precisava ser concretizado. As duas películas insinuam desesperadamente a industrialização como o caminho redentor. Nestas obras, lembrar Gouveia era prever ao contrário e dizer como agir para afinar o sertão com o ritmo do progresso. Voltar ao passado era evitar a morte do futuro.

Não se pode dizer que o projeto pretendido nos anos 60 ofereceu resultados insignificantes. Porém, percebe-se que o mito angariou espaços dessemelhantes e não ocupou, como era esperado, terreno na historiografia nacional. Delmiro Gouveia firmou-se ícone, sim, mas no âmbito regional. É figura conhecida em Pernambuco, onde viveu e provocou espanto com seu sucesso, arrojo empresarial, aventuras românticas e extravagâncias de burguês; em Alagoas, onde nomeia uma cidade, além de ser um dos poucos referenciais de vanguarda industrial em um estado estereotipado como atrasado. Ali, ele aparece como um exemplar preferível diante de uma classe política desacreditada e

de uma elite econômica conhecida por seu conservadorismo. É ainda celebrado em prêmios no Ceará, lugar onde apenas nasceu. Entre as poucas vezes que foi possível encontrar alguma fala do próprio coronel, ele jamais se pronunciou sobre Ipú ou qualquer outra região cearense. Ainda assim, quando passou a ser admirado, quando seus feitos começaram a ser cantados, a "pátria" do pioneiro se moveu para retomá-lo como filho ilustre. Nesta pesquisa, optou-se por trabalhar apenas com os lugares nos quais Gouveia efetivamente viveu, isto é, aqueles espaços em que ele fez fortuna, enfrentou dificuldades, castigou pessoas, derrubou inimigos, praticou negociatas, colecionou amantes, lançou modas, inseriu e normatizou costumes. E nestes espaços, embora não tenha se tornado tão popular, o mito civilizador permaneceu como um explicador para os descompassos regionais frente à modernização do país.

As memórias sobre Gouveia demonstraram correspondências entre si, empréstimos e apropriações. Apareceram em filmes que dialogaram com romances, que por sua vez beberam em biografias tributárias da tradição oral e que, contorcidas, adaptaram-se aos contextos mais díspares. Como desfazer estes nós? Ou, talvez a pergunta seja outra, é preciso mesmo desfazê-los? Desfiar não traria inexoravelmente uma resposta definitiva. Além disto, percebeu-se que o negociante e as narrativas sobre ele só ganharam amplitude e sentido através deste arranjo complexo. As relações entre histórias e memórias do coronel da Pedra não devem ser pensadas como camadas estanques. É na hibridez das fontes e das perspectivas que reside a perenidade do mito Delmiro Gouveia. Por fim, uma última pergunta poderia ser feita: qual a importância de investigar uma figura como o Coronel dos Coronéis? Questionar as memórias de Gouveia, identificar suas metamorfoses, possibilitou desmontar a aparente naturalidade do mito. Exigiu observações sobre as diferentes representações do sertão, principalmente naquele espaço convencionalmente chamado de Nordeste brasileiro. Compreendê-lo é ir além das separações entre a história e a memória, é pensar a história da memória nas lutas entre o litoral e o sertão. E, em meio a tudo isto, um certo coronel, vestido de branco, com imã nos olhos, ainda tem muito a dizer.

BIBLIOGRAFIA

1. DELMIRO GOUVEIA

1.1.FONTES HEMEROGRÁFICAS E BIBLIOGRÁFICAS

25 anos depois. **Inforchesf**. Paulo Afonso: CHESF. Ano I, n. 4, Outubro 1974.

A CHESF é hoje o que Delmiro realizou no começo deste século. **Jornal do Commercio**. 5 jun. 1963.p.8

ALVES, Luiz Nunes. **A vida de Delmiro Gouveia em verso**. Campina Grande, PB: Ed. UFPB, 1979.

ANDRÉ Gide no “Index” da Igreja. **A Ilustração Brasileira**, jul. 1952.p.19

ANTIÓGENES Chaves encerra conferência sobre Delmiro Gouveia. **Diário de Pernambuco**. 11 jun. 1963.p.3.

ARARIPE, J.C.Alencar. **A glória de um pioneiro: a vida de Delmiro Gouveia**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.

ARQUIDIOCESE encerra hoje os atos em memória de João XXIII. **Diário de Pernambuco**. 12 jun. 1963.p.05

ASSASSINATO covarde. **Diário da Manhã**. 12.out.1917. p.02.

AVELLAR, José Carlos. O velho e o novo. In: SARNO, Geraldo e SENNA, Orlando. **Coronel Delmiro Gouveia Roteiro Premiado no Festival de Brasília -1978**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1979.

BARRAGEM Delmiro Gouveia. **Diário de Pernambuco**. 8 jun. 1963.p.5

BIOGRAFIAS de Grandes empresários: Delmiro Gouveia. São Paulo: Editora Três, 1994 (Coleção Dinheiro). p. 26

BRANDÃO, Octávio. Delmiro Gouveia na indústria nacional. **Leitura**. Rio de Janeiro, n.57, mar.1952.p.25

CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: plano e cotidiano operário no sertão**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: Plano e cotidiano operário no Sertão. O projeto urbano de Delmiro Gouveia**. FAU-USP: São Paulo, 1995. (Tese de doutorado).

CÂMARA DOS DEPUTADOS. (Brasil). Sessão de 5 Junho de 1963. *Anais*. Brasília, 1963.

CÂMARA homenageou memória de João XXIII: sessão solene. **Diário de Pernambuco**. 12 jun. 1963.p.01

CÂNDIDO, José. Delmiro e Padre Cícero. **O Povo**. Fortaleza, 5 jun. 1963.

CARVALHO, Félix Pires de. **História da vida e da morte de Delmiro Gouveia**. CEHIBRA – Centro de Documentação de Estudos da História Brasileira "Rodrigues Mello Franco de Andrade", do IJNPS. 28 jun. 1962. 39 fls.

CAVALCANTI, Paulo. Delmiro Gouveia, pró e contra. In: MENEZES, Hildebrando. **Delmiro Gouveia: Vida e Morte**. Recife: CEPE, 1991. (Fac-sím. Rio de Janeiro: Ed. Quipapá, 1966).p.I-VIII.

CAVALCANTI, Plínio. A canaan sertaneja. **Saúde**. Rio de Janeiro, dez.1918

CAVALCANTI, Plínio. **A Chanaan sertaneja da Pedra: escriptos sobre a obra realisada por Delmiro Gouveia no Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro, 1927.

CAVALCANTI, Plínio. A Manchester sertaneja do Norte. **Correio da Pedra**. 15 jun.1919.

CAVALCANTI, Plínio. **A Manchester sertaneja do Norte**. Revista Nacional. Rio de Janeiro, I (I) jun. 1919.

CHATEAUBRIAND sugere três livros nas festas de Delmiro: Tenente, Mendes Lima e Lundgren. **Diário de Pernambuco**. 12 jun. 1963.p.3

CHATEAUBRIAND, Assis. Uma resposta a Canudos. **Diário de Pernambuco**. Recife, 10 set. 1917. p.03.

COMO será eleito o novo vigário de Cristo: a sucessão papal, sua história e peculiaridades. **Diário de Pernambuco**. 11 jun.1963.p.09

COMPROVADA a origem ipuense do pioneiro de Paulo Afonso. **Unitário**. 30 jul. 1961.

DANTAS, Paulo. **Delmiro Gouveia e outros sertões**. 2 ed. São Paulo: Edições Populares, 1978.

DANTAS, Paulo. O Delmiro Gouveia de Mauro Mota, o meu e o dos outros. In: MOTA, Mauro. **Quem foi Delmiro Gouveia?** São Paulo: Edições Arquimedes, 1967. (coleção Para Todos, 2).p.41-61

DELMIRO Gouvêa. **Correio de Aracaju**. 12 out.1917.p.01

DELMIRO Gouveia é nome de um novo grupo escolar. **Diário de Pernambuco**. 8 jun. 1963.p.5 (Ontem, no Palácio).

DELMIRO Gouveia e os estudantes. **Diário de Pernambuco**. 7 de jun.1963.p.04

DELMIRO Gouveia, a vida em filme do pioneiro da energia. **O Globo**, 24 jun. 1977.

DELMIRO Gouveia. **Continente Documento**. Ano I, n.11, jul.2003.

DELMIRO Gouveia. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 20 out. 1917, p.18.

DELMIRO Gouveia: símbolo do dinamismo e gênio realizador do brasileiro do Nordeste. **Diário Oficial do Estado de Alagoas**. 5 jun. 1963

ECO, Umberto. Descartes e os rosa-cruzes. **Entre Livros**. Ano 2, n. 17, set. 2006. (Ecco!).p.98

EM Paulo Afonso. **Diário de Pernambuco**. 8 jun.1963

EXPRESSIVAS solenidades em todo o Estado (4 e 5) para comemorar centenário de Delmiro Gouveia. **Diário Oficial do Estado de Alagoas**. 2 jun. 1963.p.6

FASSONI, Orlando. Um sertanejo contra o poder. **Folha de São Paulo**. 18 mar. 1979. Ilustrada. 5 Caderno. 61

FILMES brasileiros em Cannes. **Folha de São Paulo**. 03 de mai. 1997. Caderno Especial. p.8

FLEISCHHAUER, Gerson. Delmiro Gouveia. <http://www.farolbrasil.com.br/arquivos/fi_delmiro_gouveia.htm> Acesso em: 15 jun.2003

FRANÇA, Jean Marcel. O Historiador Globalizado. **Jornal da Cidade**. Aju, 01set. 2002.p.2. CADERNO MAIS!

FREYRE, Gilberto. A Semana Delmiro Gouveia: Palavras proferidas no salão de conferências do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, ao encerrar-se a "Semana Delmiro Gouveia", de iniciativa do mesmo instituto. **Jornal do Commercio**. 16 jun.1963.p.04.

GIOIA, Maria. Farkas faz expedição ao Brasil profundo. **Folha de São Paulo**. 25 de julho de 2006. Ilustrada. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2507200618.htm> acesso em: 20 ago. 2006

GREAT power plants is opened in Brazil. **The New York Times**. 16 jan. 1955.

IJN encerrou Ciclo de conferências. **Diário de Pernambuco**. 12 jun.1963.p.03

IJNPS iniciou celebrações do centenário de Delmiro Gouveia: exposição e conferências. **Diário de Pernambuco**. 6 jun.1963.p5.

JANGO não se afastará do governo...**Diário de Pernambuco**. 6 jun. 1963.p.1

LIMA JÚNIOR, Félix. **Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão alagoano**. 2ed. Maceió: Departamento Estadual de Cultura/Federação do Comércio do Estado de Alagoas, 1983. (Coleção Vidas e Memórias).

LIMA, Abdias. Estante de Livros. **Correio do Ceará**. Fortaleza, 30 mar. 1977.p.6

LIMA, Manuel de Oliveira. **Um passeio a Paulo Afonso**. Obra Seleta. Org. Barbosa Lima Sobrinho. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971. (Coleção Comentário, 3)

LINS, Adalberon Cavalcanti. **O Ninho da Águia: saga Delmiro Gouveia**. Maceió: SERGASA, 1988.

MARTINS, Francisco Magalhães. Delmiro Gouveia. **Jornal do Povo**. Fortaleza, 12 out. 1960

MARTINS, Francisco Magalhães. **Delmiro Gouveia: Pioneiro e Nacionalista**. 2 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. (Retratos do Brasil, v. 17).

MARTINS, Francisco Magalhães. **Delmiro Gouveia não morreu**. Delmiro Gouveia, AL: Fundação Ormeo Junqueira Botelho/Museu Delmiro Gouveia, 1989.

MASLIN, Janet. Filme: Gouveia, Brazil Folklore. **New York Times**. May, 1, 1979.

MAYNARD, Dilton. Delmiro Gouveia e as alternativas para o desenvolvimento da região do São Francisco. In: BRASIL, Vanessa. & SÁ, Antônio. F. (Orgs.). **Rio sem história?Leituras sobre o São Francisco**. Aracaju: FAPESE, 2005.p.241-259

MELLO, Frederico **Pernambucano de. Delmiro Gouveia: desenvolvimento com impulso de preservação ambiental**. Pref. Fernando de Mello Freyre. 2ed.ampl.Recife:CHESF/FUNDAJ: Ed. Massangana, 1998.

MELLO, Paulo. Nota introdutória. In: MELLO, Virginius de Gama. **O romance nordestino e outros ensaios**. João Pessoa: E. UFPB, 1980.

MELLO, Virginius de Gama. Delmiro Gouveia: criador de riquezas coletivas. In: **O romance nordestino e outros ensaios**. João Pessoa: E. UFPB, 1980.

MENDONÇA JÚNIOR, A. S. de. A Hidrelétrica de Paulo Afonso. **Discursos parlamentares**. Maceió/Alagoas, s/d, p. 93-102; HISTÓRICO da cidade de Delmiro Gouveia.<http://www.estadodealagoas.com.br/delmiroGouveia/hist.htm.> Acesso em: 08 set.1999.

MENEZES, Hildebrando. **Delmiro Gouveia: Vida e Morte**. Apr. Paulo Cavalcanti. Recife:CEPE, 1991. (Fac-sím. Rio de Janeiro: Ed. Quipapá, 1966).

MENEZES, Olympio de. **Itinerário de Delmiro Gouveia**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1963.il

MOTA, Mauro. A "Estrela" de Pedra: Delmiro Gouveia, civilizador de terras, águas e gentes. **Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**. Recife, n. 9, 1960

MOTA, Mauro. Agenda (Batalhão Delmiro Gouveia). Recife, 15 jul 1966. CEHIBRA/FUNDAJ.

MOTA, Mauro. Delmiro Gouveia e o vigário colado. In: SOUSA, J. Machado de. **Vida de Delmiro Gouveia**. Recife: Flos Carmeli, 1964.

MOTA, Mauro. **Quem foi Delmiro Gouveia?** São Paulo: Edições Arquimedes, 1967. (coleção Para Todos, 2).

MULHER delmirense ao túmulo do "Mauá do Sertão" falou sobre a vida e a obra do bravo pioneiro. **Diário Oficial do Estado de Alagoas**. 13 jun. 1963. p.1,4

O CENTENÁRIO de Delmiro Gouvêia será comemorado em Alagoas: programa vasto. **Diário de Alagoas.** 26 mai.1963.

O GLOBO Expedicionário e a morte de Pedro Mota Lima. **O Globo**. 29 nov. 1966.p.6

O ÓDIO e a inveja tramaram e mataram o grande nordestino. **Jornal do Commercio**. 5 jun. 1963.p.8

OS 82 Cardeais que elegerão o sucessor do Papa João XXIII. **Diário de Pernambuco**. 7 jun. 1963.p.01.

PAULO Afonso: não olvidemos a obra de Delmiro Gouveia. **Correio de manhã**. Janeiro de 1955.p.1

PENA de 14 anos para Prestes. **Folha de São Paulo**. 7 jun. 1966.p.1

POR onde passam os atletas que conduzem a "chama do pioneirismo" deixam um rastro de entusiamo: afirma Floriano Ivo. **Diário Oficial do Estado de Alagoas**. 5 jun. 1963.p.01

PORTO parado em Santos; prontidão da força federal. **Diário de Pernambuco**. 6 jun. 1963.p.1

PRESIDENTE do Diário leu a mensagem: "O Rei e Senhor do chifre pequeno". **Diário de Pernambuco**. 12 jun. 1963.p.3

RAMOS, Graciliano. Recordações de uma indústria morta. In: **Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste**. 7 ed. Rio Grande do Sul/ São Paulo: Record/ Martins Fontes, 1977.p. 113-116.

REBELDES BRASILEIROS: homens e mulheres que desafiaram o poder **– João Cândido/Delmiro Gouveia**.São Paulo, Fasc.8, s/d. (Coleções Caros Amigos).

RED editor in Brazil sentenced. **New York Times**. 14 nov. 1951

RITUAIS fúnebres de João XXIII iniciados ontem vão até dia 17. **Diário de Pernambuco**. 8 jun. 1963.p.01

ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia:o pioneiro de Paulo Afonso**.3 ed.Rev.Aum.Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

ROCHA, Tadeu. O homem e a técnica em Paulo Afonso. **Jornal de Alagoas**. 10, 24, 31 mai.; 5 , 19 jul. 1953

ROSO, Jayme Vita. Conversando com Paulo Dantas em Recife (entrevista). <http://www.migalhas.com.br/mostra_noticia_articuladas.aspx?cod=14604> acesso em: 23 fev. 2007.

SÁ, Antônio F. de Araújo. Delmiro Gouveia: Mito e História. **Boletim do Grupo de Pesquisa História Popular do Nordeste da Universidade Federal de Sergipe**. São Cristóvão: UFS, n. 2/3, out. 98 mai. 1999, p. 5.

SANT' ANA, Moacir Medeiros de. **Bibliografia Anotada de Delmiro Gouveia (1917-1944)**. Recife: CHESF, 1996.

SARNO, Geraldo e SENNA, Orlando. Coronel **Delmiro Gouveia Roteiro Premiado no Festival de Brasília -1978**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1979.

SARNO, Geraldo. Depoimento e entrevista com o coronel José Abílio (Bom Conselho, janeiro de 1967). **Cadernos do Sertão**. Salvador: NAU, 2006

SEGALL, Maurício. **O coronel dos coronéis. Comédia histórica em duas partes**. Prêmio Serviço Nacional de Teatro. VIII Concurso de Dramaturgia/1976. 3 lugar. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1978. (Coleção Prêmios, 14).

SETTI, Ricardo. Fernando de Barros (1915-2002):Um mestre, na moda e na vida. <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/mem180920021.htm#> acesso em: 22 fev. 2007.

SUDENE aprova siderúrgica e usina hidrelétrica. **Jornal do Commercio**. 6 jun. 1963.p.3

SZULC, Tad. Marxists are organizing peasants in Brazil. **The New York Times**. nov. 1960

TAPACURÁ estourou.<http://www.pe-az.com.br/especiais/tapacura_estouro.htm> Acesso em: 09 jul. 2007

TEIXEIRA, Duda. Uma guerra pela Internet. **Veja**, 23 de maio de 2007. p. 74-75.

TELEGRAMAS **Jornal de Recife**, 12 out. 1917.

TELEGRAMAS. **Diário de Pernambuco**. 11 de outubro de 1917

UM milhão de fiéis visitarão o corpo de João XXIII. **Diário de Pernambuco**. 6 jun.1963.p.01

VIRAMUNDO. <http://www.cinemateca.com.br> Acesso em: 05 ago.2006

VIRAMUNDO.<http://www.cinemando.com.br/200304/filmes/viramundo.htm> Acesso em: 04 mai. 2006.

1.2 FILMOGRAFIA SOBRE DELMIRO GOUVEIA

SARNO, Geraldo.**Viramundo**. Brasil. 1965.P&B. 40min. 16mm.24q.

SARNO, Geraldo. **Coronel Delmiro Gouveia**. Brasil: Embrafilmes/Saruê Filmes. 1977. 90 min. Color. Fotografia: Lauro Escorel. Trilha sonora: Jaceguay Lins.

SANTOS, Ruy. **Delmiro Gouveia (o homem e a terra)**. Recife: FUNDAJ, 1971. P&B. 9min. Documentário (Filmoteca Joaquim Nabuco). R.S. Produções Cinematográficas LTDA. Texto: Cléber Neves de Araújo; Montagem: Jaime Augusto; Animação: Carlos Bastos; Som: Antônio Gomes; Assist. Câmera: Antônio Meleande; Narração: Sandoval Aguiar; Roteiro/direção e fotografia: Ruy Santos; Bibliografia: Mauro Mota e Tadeu Rocha.

1.2.1 FILMOGRAFIA CONSULTADA

LIMA JR (b), Walter. **Thomaz Farkas, brasileiro**. Brasil, 2004.15 min. Doc. Color.

AMIEL, John**. Sommersby.** EUA, Warner, 1993. 113 min. Color.

ROCHA, Glauber. **Deus e o Diabo na Terra do Sol.** Brasil, 1964. P&B. 125 min.

SOARES, Paulo Gil. **Memória do Cangaço**. Brasil, 1965. P&B.30 min. 35mm

2. HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA & MEMÓRIA

AGOSTINHO, Sto. O Palácio da memória. In: **Confissões**. Trad. Trad. J. Oliveira Santos; A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Os Pensadores, v.4).

ALBUQUERQUE, Severino. Construction and destruction in Macunaíma. **Hispania**, 70, mar 1987.

AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos & Abusos da história oral**. 7 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005

ANDRADE, M. Começo de crítica. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 5 mar. 1939. In: Vida Literária. São Paulo: Edusp, 1993.

ANDRADE, Mário de. Prefácio escrito em dezembro de 1926. Disponível na INTERNET via http://acd.ufrj.br/pacc/macunaima.html. [on line]. Acesso em 20/07/2005

ANDRADE, Mário. O grande cearense. In: **Os Filhos da Candinha**. São Paulo: Martins Editora; Brasília: INL, 1976.p.43-44

ANDRADE, Mário. **Táxi e crônicas do Diário Nacional**. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. Edição crítica Tele Porto Ancona Lopez (Coord.) Paris: Association Archives de la Littérature Latino-américaine, dés Caraïbes et africaine du XX siécle; Brasília, DF: CNPq, 1988 (Coleção Arquivos; v.06).

ARANK, Erwin H. Viajar é preciso. Theodro Koch-Grünberg e a Völkerkunde alemã do século XIX. **Revista de Antropologia**. Dez.2005, v.48,n.2, p.559-584

ARAÚJO, Inácio. Thomaz Farkas, Brasileiro. **Folha de São Paulo**. 28 de agosto de 2004. Ilustrada. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2808200423.htm> acesso em: 20 ago.2006.

AVIÃO cai e mata 84 em Bratislávia.**O Globo**, 25 nov.1966.p.9.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Lisboa: Edições 70/São Paulo: Martins Fontes, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos**. Sel. Apr. Willi Bolle. Trad. Celeste H.M. Ribeiro et. al. São Paulo: Editora Cultrix Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. Pref. Jeanne Marie Gagnebin. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1).

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. **Magia e Técnica, arte e política**. 7 ed. Trad. Sérgio paulo Rouanet. Pref. J.M. Gagnebin. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BODNAR, John. Saving Private Ryan an Postwar Memory in America. **The American HistoryReview**.<http://www.historycooperative.org/journals/ahr/106.3/ah000805.html> 106.3.2001. Acesso em: 12 jun. 2006

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: T.ª Queiroz, 1979.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERRREIRA, M. & AMADO, J. (Orgs.). **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.p. 183-191

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História**. Trad. Magda Lopes**.** São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV**. Trad. Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem**. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Ver. Tec. Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: **Para gostar de ler**. vol.V: crônicas. 14 ed. São Paulo: Àtica, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 7 ed. São Paulo: Nacional, 1985.

CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. Brasília: UnB, 1995.

CARRETERO, Pilar Amador. El Cine como documento social: uma propuesta de análisis. **Ayer**. 24. 1996:113-145.

CASSIRER, Ernst. **O mito do Estado**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1961. (Biblioteca Universitária)

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Orgs.). **A história contada: capítulos de história social da literatura**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **Formas e Sentido: cultura escrita: entre distinção e apropriação**.Trad. Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2003. (Coleção História da Leitura).

CHARTIER, Roger. **Inscrever & Apagar: cultura escrita e literatura (séculos XVI-XVIII)**. Trad.Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Ed. Unesp, 2007.

CHAUSSINAND-NOGARET, G. Biográfica (História).In: BURGUIÈRE, André. Trad. Jayme Salomão. **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p.225. Verbete.

CRIPPA, Adolpho. **Mito e Cultura**. São Paulo: Convívio, 1975.

DANNER, Mário Fernando Passos. Graciliano Ramos e a crônica. In: CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Ogs.). **História em coisas miúdas: capítulos de história social e da crônica no Brasil**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005.p.286-287

DARNTON, Robert. **George Washington's false teeth: na unconventional guide to the eighteenth century**. New York: W.W. Norton, 2003.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. 5 ed. Trad. Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DAVIS, Natalie Zamon. **Nas Margens: três mulheres do século XVII**. Trad. Hildegard Feist.São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Oficina da História).

DAVIS, Natalie Zemon. **The return of Martin Guerre**. Cambridge, Massachusetts/London, England: Harvard University Press, 1983.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ETIEMBLE. **Le mythe de Rimbaud. Struture du mythe**. Paris: Gallimard, 1961

FEBVRE, Lucien. **História**. MOTA, Carlos G.(Org.). 2 ed. São Paulo:Ática, 1992.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FONTANA, Josep. **História depois do fim da História**. Trad. Antonio P. Rocha. Bauru, SP: EDUSC, 1998.

FREUD, Sigmund. .O Moisés de Michelangelo. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XII: Totem e tabu e outros trabalhos.** Rio de janeiro Edição Standard brasileira, Imago, s/d. p.251-280.

FREYRE, Gilberto. "O Estado de Pernambuco e sua expressão no poder nacional: aspectos de um assunto complexo". Recife: Imprensa Universitária, 1964. 18p. <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/frances/obra/opusculos/o_estado.htm.> Acesso em: 12 set.2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O Fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Trad. Rose Freire de Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Cia da Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand/Difel, 1989. (Memória e Sociedade)

GINZBURG, Carlo. **História noturna: decifrando o Sabá**. 2ed. São Paulo:Cia da Letras, 2001.

GINZBURG, Carlo. **Il formaggio e i vermi: Il cosmo di um mugnaio Del '500**. Torino: Einaudi, 1999.

GINZBURG, Carlo. **Il giudice e lo storico: considerazioni in margine al processo Sofri**. Torino: Einaudi, 1991.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. 3 ed. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo:Cia da Letras, 2003.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira: nove ensaios sobre a distância**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova.** Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GINZBURG. **Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa**. Trad. Samuel Titan Jr.Companhia das Letras, 2004.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GUIMARÃES, Valéria. <http://academiadosamba.com.br/memoriasamba/artigos/artigo-017.htm> Acesso em: 6 jan.2007.

HOBSBAWM, Eric, RANGER, Terence (Orgs.) **A invenção das tradições**. 4 ed. Trad. Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. (Coleção Pensamento Crítico, v. 55).

LACAPRA, Dominick. **History and Memory after Auschwitz**. New York: Cornell University Press, 1998.

LE GOFF, Jacques. **Histoire et Mémoire**. Paris: Gallimard, 1988.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Irene Ferreira. Campinas: ed. UNICAMP, 1991.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória. v.II: memória**. Trad. Ruy Oliveira. Lisboa: Edições 70, 2000.

LEVI, Giovanni. Les usages de la biographie. **Annales ESC**, nov-déc., 1989, n.6,1325-1336

LEVI, Giovanni. **A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Pref. Jacques Revel. Trad. Cynthia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LEVILLAIN, Philipe. Os protagonistas: a biografia. In: REMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.p.141-184

LIGA Pro-Saneamento do Brasil. A sua installação hontem. A glorificação da obra de Oswaldo Cruz. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, [12 fev. 1918]. <http://www2.prossiga.br/Ocruz/textocompleto/imprensa_sobre/ligapro.html> Acesso em: 16 fev.2007

LIMA, Nísia, HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor, SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.

LOFTUS, Elizabeth F. Tricked By Memory THOMPSON, Paul. Et al. **Memory and History: essays on recalling and interpreting experience**. United Press of America, 1994.p.17-32.

LOPES, Antônio Herculano, PESAVENTO, Sandra Jatahy, VELLOSO, Mônica Pimenta (Orgs.). **História e Linguagens: texto, imagem, oralidade e representações**. Rio de Janeiro: 7letras, 2006.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Trad.Dora Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.p.225-250.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. In: **Revista Projeto História. Trabalhos da Memória.** Nº 17. São Paulo: PUC, novembro de 1998, pp 63-201

MASCHIETTO, Cármem Cecília Trovatto. **A tradição euclidiana: uma ponte entre a história e a memória**. São Paulo: Arte & Ciência; São Paulo: UNIRIO, 2002.

MONTENEGRO, A. Cabra marcado para morrer entre a memória e a história. In: FERREIRA, J., SOARES, Mariza de Carvalho (Orgs.). **A história vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p.179-192.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

NEVES, Frederico. Armadilhas nordestinas: o homem que virou suco. FERREIRA, Jorge; SOARES, Mariza de. (Orgs.) **A História vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2001.p.87-98

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, 10, dez. 1993.

NÓVOA, Jorge. A teoria da relação cinema-história na reconstrução do paradigma histórico. In: Leal, Elisabete (Org.). **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História Simpósio Nacional de História** História e multidisciplinaridade: territórios e

deslocamentos. XXIV Simpósio Nacional de História; Associação Nacional de História - ANPUH. – São Leopoldo: Unisinos, 2007. (CD-ROM).

PATAI, Raphael. **O mito e o homem moderno**. Trad. Octavio M. Cajado. São Paulo: Cultrix,1974.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma *velha-nova* história , **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Número 6 - 2006, mis en ligne le 28 janvier 2006, référence du 17 août 2007, disponible sur : http://nuevomundo.revues.org/document1560.html.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p. 3-15.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "O Coronelismo numa interpretação sociológica" In: FAUSTO, Boris (org.) **História Geral da Civilização Brasileira.** São Paulo: DIFEL, 1975, T. III, vol 1, p. 155-190

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

REZENDE, A. P. Freyre: as travessias de um diário e as expectativas da volta. In: GOMES, Ângela C. (Org.) GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.p.77-92

ROSSINI, Miriam de Souza. O lugar do audiovisual no fazer histórico: uma discussão sobre outras possibilidades do fazer histórico. LOPES, Antônio Herculano, PESAVENTO, Sandra Jatahy, VELLOSO, Mônica Pimenta (Orgs.). **História e Linguagens: texto, imagem, oralidade e representações**. Rio de Janeiro: 7letras, 2006.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **Combates entre história e memórias**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

SAID, Edward W. **Orientalism**. Nova York: Vintage Books, 1979.

SAID, Edward W. **Orientalismo**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALDANÃ, Margarita. Trauma social y memoria colectiva. ***Historia Actual On-Line***, 6 (2005), [journal on line] Available from Internet at: <http://www.hapress.com/abst.php?a=n06a07> Acesso em: 01 mar.2006.

SCHNAIDERMAN, Boris. Duas vozes diferentes em Memórias do Cárcere? **Estudos Avançados**, 9, 23, 1995.p.332-337.

SENADOR, Daniela Pinto. Um roteiro a ser escrito. **Jornal da USP**. 8-14 set.2003. <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2003/jusp657/pag1213.htm> acesso em: 13 dez.2006.

SEVCENKO, Nicolai. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2 ed. São Paulo Companhia das Letras, 2003.

THIELEN, Eduardo Vilela; SANTOS, Ricardo Augusto dos. Belisário Penna: biographical photos. **Hist. cienc. saude-Manguinhos** , Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2002 . Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702002000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 Aug 2007.

VAINFAS, Ronaldo. Carlota: caricatura da história. In: FERREIRA, J., SOARES, Mariza de Carvalho (Orgs.). **A história vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 227-236.

VELLOSO, Mônica P. Razão e sensibilidade: o tema da amizade na escrita modernista, **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Número 6 - 2006, mis en ligne le 16 mars 2006, référence du 17 août 2007, disponible sur: <http://nuevomundo.revues.org/document1919.html.> Acesso em: 17 out.2007

VELLOSO, Mônica. A literatura como espelho da Nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n.2, 1988, p. 239-263.

VIANY, Alex. **Introdução ao Cinema Brasileiro**. Rio de Janeiro: Revan, 1993.

ZHURZHENKO, Tatiana.The geopolitics of memory. **Eurozine**. 10 de maio de 2007. p. 6 < www.eurozine.com>. Acesso em: 12 abr. 2007.

ZIÓLKOWSKI, Marek.Remembering and forgetting after communism – The Polish case. <www.fl.ulaval.ca/celat/histoire.memoire/histoire/cape1/ziolkowski.htm> Acesso em: 28 jul. 2005

3. OBRAS GERAIS

ABEL, Carlos Alberto dos Santos. **Graciliano Ramos: cidadão e artista**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

ABUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes.** Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

AGUALUSA, José Eduardo. **O Vendedor de Passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

AMADO, Jorge. **Cacau: romance**. 42 ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. 30 ed. Tex.Rev. Tele Porto Ancona Lopez. Belo Horizonte: Vila Rica, 1997.

ANDRADE, Mário. **A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, anotadas pelo destinatário**. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1982.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. O marxismo e a questão cultural. In: TROTSKI, Leon. **Literatura e Revolução**. Trad. Luiz A. Moniz Bandeira. Apres. William Keach. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p.21-32

BARROS, Souza. **Messianismo e violência de massa no Brasi**l. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1986. p.51-52

BATISTA, Paulo Nunes. História do Boi Mansinho e do Beato Zé Lourenço.< http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?cod=6216&cat=Cordel>acesso em: 27 set. 2003.

Berthold. Flávio de Barros, o ilustre cronista anônimo da guerra de Canudos. **Estudos Avançados**, 1999, vol.13, n. 36.

BILHARINHO, Guido. **O cinema brasileiro nos anos 90 – Novos filmes**. Uberaba, SP: Ed. Instituto Triangulino de Cultura, 2004. (Ensaios de crítica cinematográfica). p. 35-37

BRANDÃO, Octávio. **Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasi**l. 2 ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006

BRASIL, Assis. **Cinema e Literatura (Choque de Linguagens)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967. (Temas de todo tempo).

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo,RS: Editora Unisinos, 2006.

CALDEIRA, Jorge. **Mauá: empresário do Império**. 24 reimp. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Trad. Fernando Albagli, Benjamin Albagli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

CASCUDO, L. Câmara. **Dicionário Brasileiro de Folclore**. Ver.Atua. 9 ed. São Paulo: Global Editora, 2000. Macunaíma.p.347

CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Ogs.). **História em coisas miúdas: capítulos de história social e da crônica no Brasil**. Campinas, SP: Editora Unicamp,2005.

CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião: o rei dos cangaceiros**. 4 ed. Trad. Sarita Linhares Barsterd. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COHN, Amélia. **Crise regional e planejamento** (o processo de criação da SUDENE). 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

COSTA, Jurandir Freire. **História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico.** 3ed. rev. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

COUTINHO, Eduardo. **Cabra marcado para morrer**. Globo Vídeo, 1984.120min.P&B. Documentário.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões: campanha de Canudos**. 39 ed.Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1997.

DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou O melhor cavaleiro do mundo**. 2 ed. Trad. Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Ed.Graal, 1998.

DULLES, John W.F. **O comunismo no Brasil (1935-1945)**. 2 ed. Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

ÉSQUILO, SÓFOCLES. **Rei Édipo. Antígone. Prometeu acorrentado**. 16 ed. Pref. Trad. J.B. Mello e Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

FACÓ, R. **Cangaceiros e Fanáticos**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ed.Bertrand Brasil, 1991.

FARKAS, Thomaz. **Notas de viagem**. Apres. Rubens Fernandes Júnior. Augusto Massi, Álvaro Machado (entrevista e cronologia). São Paulo: Cosac Naify, 2006.il.

FERNANDES JUNIOR, Rubens. Farkas colorido. Viva! In: FARKAS, Thomaz. **Notas de viagem**. Apres. Rubens Fernandes Júnior. Augusto Massi, Álvaro Machado (entrevista e cronologia). São Paulo: Cosac Naify, 2006.il .p.17,18.

FISCHER, Louis Et alli. **The God that failed**. New York: Bantam Books, 1965.p.169

FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. 6 ed. São Paulo: Global Editora, 2004.

FREYRE, Gilberto. **O Velho Félix e suas "memórias de um Cavalcanti"**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

FREYRE, Gilberto. **Oliveira Lima, Don Quixote Gordo**. Recife: Imprensa Universitária, 1967.

FREYRE, Gilberto. **Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930)**. 2 ed. Apr. Maria Lúcia G. Pallares-Burke. São Paulo: Global Editora, 2006.

FURTADO, Celso. **Seca e poder: entrevista com Celso Furtado**. 2 ed. São Paulo: Perseu Abramo, 1998 (Ponto de Partida).

GOMES, Ângela Maria de, OLIVEIRA, Lúcia Lippi, VELLOSO, Mônica. **Estado Novo: ideologia e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOMES, Paulo Emílio. **Crítica de cinema no suplemento literário**. Rio de Janeiro: Paz e Terra/ EMBRAFILME, 1982. V.2. (Coleção Cinema; v.9).

GORKI, Máximo. **A Mãe**. 3 ed. Ver. Maria Fernanda de Almeida Prado Campos, Ana Corbisier, Geraldo Martins de Azevedo Filho. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo:Companhia das Letras, 1996.

HOBSBAWM, Eric. **The age of extremes: a history of the world (1914-1991)**. New York:Vintage Books, 1996.

LABAKI, Amir. **Introdução ao documentário brasileiro**. São Paulo: Francis, 2006.

LAGE, Nilson. Delmiro Gouveia: seu crime foi plantar a fartura no Sertão. In: **Os Grandes Enigmas da Nossa História.** Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1981.p.7-26

LIMA, Álvaro Gonçalves da Costa, LIMA, Francisco de Assis, SAMICO, Armando Hermes R. **Aspectos da atividade do comunismo em Pernambuco**. Recife: Secretaria da Segurança Pública/Delegacia Auxiliar, 1958.

LIMA, NísiaTrindade. **Um sertão chamado Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ/UCAM/Editora Revan, 1999.

MALCOLM, Janet. **A mulher calada: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia**. Trad. Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. **O romance de Péron**. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MÁXIMO, Antonio Carlos. **Os intelectuais e a educação das massas: o retrato de uma tormenta**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 76).p.18-19

MEDEIROS NETO, Pe. **História do São Francisco**. Maceió: Casa Ramalho, 1941. (Tese para o concurso da cadeira de História da Brasil do Instituto de Educação).

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOTA, Mauro. **Itinerário: poesia**. Pref. Fausto Cunha. Rio de Janeiro: J.Olympio;Brasília:INL, 1975.

O DNOCS chegou a empregar 400.000 homens e o DNER, contratou 140.000 trabalhadores.

ORICCHIO, Luiz Z. **Cinema de Novo: um balanço crítico da retomada**. Pref.Ismail Xavier. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & identidade nacional**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas: Alexandre e César**. Apr. Voltaire Schilling. TRad. Júlia Rosa Simões. Porto Alegre: LP&M, 2005.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **Roteiro de Macunaíma**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília:INL, 1974.

PROUST, Marcel. **A Fugitiva**. Trad. Carlos Drummond de Andrade. Porto Alegre, 1970.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. De. **História do cangaço**. 5 ed. São Paulo: Global, 1997. (História Popular, 11).

QUINTANA, M. Dos Pontos de Vista. In: **Antologia poética de Mário Quintana**. Sel. Apre. Walmir Ayala. Rio de Janeiro: Ediouro, 1989.p.53.

RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

RAMOS, Graciliano. **Linhas Tortas**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Martins Fontes, 1977.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere (I)**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

RAMOS, Graciliano. Recordações de uma indústria morta. **Cultura Política**. Rio de Janeiro: 2 (20): 166, out. 1942.

RAMOS, Graciliano**. São Bernardo**. 83 ed. Ed. Revista. Rio de Janeiro: Record, 2006.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 37 ed. Posf. Álvaro Lins. Rio de janeiro:Record, 1977.

RAMOS, Graciliano. **Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste**. 7 ed. Rio Grande do Sul/ São Paulo: Record/ Martins Fontes, 1977.

REBELDES BRASILEIROS: homens e mulheres que desafiaram o poder **– João Cândido/Delmiro Gouveia**.São Paulo, Fasc.8, s/d. (Coleções Caros Amigos).

REZENDE, Antônio Paulo. **O Recife: histórias de uma cidade**. 2 ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2005

ROCHA, Glauber. **Cartas ao mundo**. Org. Luana Bentes. Companhia das Letras, 1997.

ROCHA, Melchiades da. **Bandoleiros das caatingas**. Rio de Janeiro: Editora A NOITE, 1940.

SÁ, Antônio Fernando. **Filigranas da memória: história e memória nas comemorações dos centenários de Canudos (1993-1997)**. PPGH/UnB: Brasília, 2006. Tese de Doutorado.

SILVA, Sílvia Cortez. **Tempos de Casa-Grande (1930-1940)**. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo, 1995. Tese de Doutorado. Mimeo.

STEVENSON, Robert Louis. **The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde & Other Tales**. Mumbai, India: Wilco Publishing House, 2003.

TROTSKI, Leon. **Literatura e Revolução**. Trad. Luiz A. Moniz Bandeira. Apres. William Keach. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

VELLOSO, Mônica. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1987.

VILLA, Marco Antônio. **Canudos: o povo da terra**. São Paulo, Ática, 1999.

VOLPE, Miriam Lídia. **Resgate de um sonho: Cidadão Kane e Kubla Khan**. São Paulo: Editorial Cone Sul, 1998.

XAVIER, Ismael. **O cinema brasileiro moderno**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001 (Coleção Leitura).

XAVIER, Ismail. **Alegorias do subdesenvolvimento: cinema novo, tropicalismo, cinema marginal**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.

4. OBRAS DE REFERÊNCIA

Antologia Didática de Poetas Pernambucanos. Recife: Sec. Educação/DSE/DEp.Cultura, 1986.

DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. Editorial Progreso: Moscú, 1984.p.364. Realismo Socialista.

BÍBLIA do Estudante Aplicação Pessoal. Ver. Almeida Rev. Cor. Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1995.

Bittencourt, Circe (Org.). **Dicionário de datas da história do Brasil**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

BURGUIÈRE, André. Trad. Jayme Salomão. **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

5. DISCOGRAFIA CONSULTADA

AMARANTE, Rodrigo. O vento. In. Los Hermanos. **4**. Sony/BMG, 2005. CD, faixa 7.

BRITTO, Sérgio, FROMMER, Marcelo, Palavras. Titãs. **Õ Blesq Blom**. WEA, 1988. CD, faixa 05.

DANTAS, Zé; GONZAGA, Luiz. Paulo Afonso. GONZAGA, Luiz. **Paulo Afonso**. BMG, 1955. LP vinil 78 RPM. (801441a)

ESTEVES, JUNG, ESCANDURRA, VALADÃO. Receita para se fazer um herói. In: Ira! **Psicoacústica**. WEA, 1988. CD, faixa 4.

SALOMÃO, WALLY. In: Intro, pt.5. O Rappa. **O silêncio que precede o esporro**. WEA, 2003. CD, faixa 11.

6. WORLD WIDE WEB

http://arquivoglobo.globo.com

http://globonews.globo.com/Jornalismo/Gnews

http://www.adorocinemabrasileiro.com.br

http://www.chesf.gov.br

http://www.cinemacenter.hpg.ig.com.br

http://www.cpdoc.fgv.br

http://www.crl.edu

http://www.folha.uol.com.br/

http://www.fundaj.gov.br

http://www.marxists.org

http://www.mnemocine.com.br

http://www.mulheresdocinemabrasileiro.com

http://www.nytimes.com

http://www2.camara.gov.br

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo